

HÁ ESCOLHAS IMPOSSÍVEIS DE ESQUECER

ENCRUZILHADA VOL. 2

FRAÇÃO DE SEGUNDO

KASIE WEST

SEGUNDO



FRAÇÃO DE SEGUINDO
ENCRUZILHADA VOL. 2
KASIE WEST

Tradução
FLÁVIA SOUTO MAIOR

SEGUINTE
O selo jovem da Companhia das Letras

*Para Hannah, Autumn, Abby e Donovan,
que enchem os dias com minhas lembranças favoritas.*

1

Addie: Me encontre em casa depois. Se eu já não estiver morta.

Meu carro estava do outro lado do estacionamento, e não consegui chegar até ele rápido o suficiente. O dia tinha sido horrível, assim como o resto da semana de volta às aulas, desde que Duke se revelou um grande cretino que estava me usando. Quase consegui lidar bem com as conversas interrompidas sempre que eu entrava em uma sala. Mas os olhares de pena faziam meu sangue ferver. Eu não precisava de pena. Se a sorte estivesse do meu lado, as férias de inverno que começariam assim que eu saísse do estacionamento fariam as pessoas se esquecerem de tudo aquilo. Caso contrário, talvez Laila pudesse deixar a escola toda com amnésia. Ah, a escola toda com amnésia... Meu primeiro pensamento feliz do dia!

Comecei a sair com o carro e me dei conta, tarde demais, de que não tinha olhado antes. Pneus cantaram no asfalto e instintivamente levantei os braços, me preparando para o impacto. Que não aconteceu. Não imediatamente, pelo menos. A moto derrapou em minha direção em câmera lenta. Tão lenta, que foi fácil sair da frente quando passou por mim. Connor, que dirigia a moto, deixou-a cair no asfalto enquanto tentava se desvencilhar dela. Estilhaços do vidro do retrovisor voaram sobre a minha cabeça. Estendi o braço e esbarrei em um deles com o dedo indicador. Ele despencou como um tijolo sobre o asfalto, onde ficou quicando — era a peça mais rápida à minha volta — até que parou.

Perto da moto, Connor tirou o capacete da cabeça devagar e deu uma volta em torno de si mesmo, procurando o chão. Seus movimentos ganharam velocidade gradualmente, até que ele não parecia mais estar embaixo d'água. Quando nossos olhares finalmente se encontraram, o alívio tomou conta de seu rosto.

— Addie, pensei que tivesse te acertado. Eu ia te acertar.

— Estou bem. — Pelo menos fisicamente. Não tinha ideia do que estava acontecendo com a minha mente. Minha habilidade sempre havia sido a mesma — eu podia ver os dois resultados de qualquer escolha que fizesse. Basicamente, podia ver o futuro. Dois futuros, na verdade. Nunca tinha havido uma variação nesse processo. Era previsível.

Até aquele momento.

Agora minha habilidade se comportava de maneira estranha. Algumas vezes, o tempo desacelerava à minha volta. A mesma coisa havia acontecido na casa do Bobby na semana anterior, e eu não tinha dado bola, considere um incidente isolado — um acaso feliz, ocasionado pelo estresse extremo da situação. Ele tinha dito alguma coisa sobre

emoções extremas. E não era todo dia que alguém tentava te matar. Tudo tinha sido estranho aquele dia — o tempo desacelerando, a visão de Trevor no hospital que parecia uma Investigação. Mas agora não dava mais para considerar que havia sido um caso isolado. Hoje eu não tinha sido quase assassinada. Olhei a moto caída ao lado. Bem, talvez tivesse.

Senti uma dor na nuca que se espalhou pela cabeça. Tentei não me contorcer e pressionei a palma da mão junto às têmporas, procurando um alívio para a dor. Não adiantou.

— Tem certeza de que está bem? — Connor perguntou. — Parece que vai vomitar.

— Estou bem. Sinto muito por sua... — Estava prestes a dizer *moto* quando vi Duke correndo em nossa direção.

Dei meia-volta e andei para o carro o mais rápido que minha cabeça latejante permitia.

— O que aconteceu? — Ouvi Duke perguntar a Connor atrás de mim.

— Eu quase atrolei ela. Era para ter atropelado. Em um segundo ela estava lá, no outro já não estava mais.

Só mais trinta passos e eu estaria no carro. Ergui o polegar, pronta para destravar a porta, assim seria mais rápido quando eu chegasse lá. A dor de cabeça finalmente tinha melhorado, então aumentei minha velocidade. Mas logo ouvi a voz dele bem atrás de mim.

— Addie.

— Não. — Era uma resposta idiota, mas a única que consegui esboçar.

— Você se machucou?

As muitas respostas que eu poderia dar àquela pergunta inundaram meu cérebro: “Não tanto quanto você me machucou”, “Não tanto quanto vou te machucar se você chegar mais perto”, “Por que o interesse?”, “Você esperava ser o único provedor de experiências dolorosas na minha vida?”.

É claro que não disse nada disso. Deixei Duke acreditar que não tinha me magoado. Que eu nunca tinha gostado dele. Que, quando ele parou de manipular minhas emoções, tudo o que eu sentia por ele desaparecera. E era essa a história que eu pretendia manter, não importava o que acontecesse. Essa história me permitia um pinga de dignidade.

— Não. — Cheguei ao carro e pressionei o botão, destravando-o. Abri a porta e a posicionei como uma barreira entre nós quando me virei para ele. — Estou bem. — Abri um sorriso como prova de minha afirmação.

— As fofocas foram brutais hoje. Sinto muito. Logo as pessoas vão esquecer. — Seu sorriso onipresente fazia aquelas palavras soarem como a preparação para alguma piada. Infelizmente, eu devia ser a parte mais engraçada do que ele contaria para os amigos mais tarde: “E então ela se apaixonou por mim novamente. *Tã-nã-nam*”.

Ele passou a mão pelo cabelo desganhado, tirando-o da testa e evidenciando ainda mais seus olhos azuis.

— Você ainda não contou para ninguém, contou?

E lá estava: o motivo pelo qual ele ainda estava falando comigo. Eu sabia de uma coisa que poderia arruiná-lo: ele era Controlador de Humor. Todo mundo ainda achava que Duke Rivers, astro do futebol americano, era Telecinético, exatamente o que ele

queria que todos pensassem para poder continuar jogando. Mais especificamente, para jogar como quarterback, posição que o técnico preencheria apenas com Telecinéticos. Isso só aumentou os olhares de pena que eu tinha recebido durante a semana, porque as pessoas simplesmente deviam ter presumido que eu era a pobre garota sem forças suficientes para resistir ao charme de Duke. Se soubessem que eu não tive escolha...

— Fiz um acordo com você: faça seus amigos pararem de machucar os jogadores Normais que guardo seu segredo. O trato ainda é esse?

Ele assentiu.

— Mas você acha que devo contar mesmo assim.

Sim!

— Isso não me interessa. — Entrei no carro e fechei a porta. *Não olhe para ele, Addie, apenas ligue o carro e saia.* Virei todo o corpo para olhar para trás e dar à ré. Se passasse por cima do pé dele, não era problema meu. Quando desvirei o volante, não conferi se ele ainda estava lá. Simplesmente saí dirigindo. Como Duke Rivers sabia que eu não ia revelar seu segredo, talvez me deixasse em paz.

Eu estava totalmente imóvel, deixando a música tomar conta do meu quarto para tentar abafar todos os meus pensamentos. Observava as palavras no teto, fingindo que a resposta a respeito do que eu deveria fazer da vida estava escrita ali, entre as citações pintadas no decorrer de anos. Depois de uma hora olhando fixamente para o teto, algumas palavras começaram a parecer mais destacadas que outras, então li as mais escuras: “vida”, “outro”, “de vez em quando”, “comer”.

Não ajudou em nada.

Minha porta abriu e Laila entrou.

— Isso é Journey? Você está sofrendo ao som de Journey? — As luzes se acenderam. Não tinha me dado conta de que elas tinham se apagado com a minha falta de movimento, mas meus olhos, que agora ardiam, provavam o contrário. — Há bandas desta era perfeitamente aceitáveis para seu sofrimento.

Esfreguei os olhos. Será que era tão óbvio que eu tinha passado a tarde chorando?

— Ninguém toca uma canção de amor como Journey. — Meu edredom ao meu redor parecia querer me engolir por inteiro. Não me esforcei para impedir.

Precisava fazer algumas coisas: lavar roupa, meditar por meia hora, arrumar a mala para ir para a casa do meu pai e ir ao cabeleireiro, porque minha mãe tinha marcado um horário para mim. Faltavam cinco minutos. E, da mesma forma como havia feito com outras tarefas, estava prestes a me abster dessa última também. Encontrei minha mecha azul de cabelo e fiquei enrolando-a no dedo. Já tinha desbotado bastante, mas eu ainda não estava pronta para desistir da cor.

Laila estava diante do monitor na parede do meu quarto, provavelmente procurando outra música adequada para o meu sofrimento. Esperei para ouvir o que ela ia escolher quando o quarto ficou totalmente em silêncio. Ela sentou à minha escrivaninha e vasculhou as gavetas.

A cada ruído, percebi que a escrivaninha estava ficando cada vez mais desorganizada.

— O que você quer?

— Papel.

— Primeira gaveta da direita.

Ela pegou uma folha em branco e, antes que tivesse tempo de perguntar, respondi:

— Canetas na gaveta do meio.

— Ótimo. Hora de fazer uma lista. — Ela recostou na cadeira, apoiou os saltos vermelhos sobre a mesa e apoiou o papel sobre os joelhos. — O título é *Vingança*. Subtítulo: *Como se vingar de Duke por usar não apenas sua habilidade, mas sua beleza excepcional, contra duas garotas totalmente inocentes que não suspeitavam de nada*.

Antes que eu tivesse a chance de me opor àquele exercício inútil, ela disse:

— Número um: descobrir um jeito de fazer a escola inteira achar que ele ficou feio. Você sabe que isso acabaria com ele. Ah, aposto que podemos conseguir um Perceptivo para nos ajudar. Ele pode simplesmente alterar a percepção que todo mundo tem dele. Vai ser demais. Número dois. O.k., sua vez.

Eu sorri. Talvez fosse um bom ritual de cura, afinal. Imaginar Duke feio me deixou ligeiramente mais feliz.

— Podemos arrumar um Persuasivo para convencê-lo a fazer algo bem idiota na frente de todo mundo.

— Kalan com certeza faria isso. — Ela anotou e ficou mordendo a caneta. — O que mais? — Ela levantou, foi até a estante e começou a ler os títulos. — Você não tem nenhum livro sobre planejamento de vingança?

— Com certeza tem vingança na trama de alguns deles.

Ela se virou para mim, apoiada na estante.

— E se a gente entrasse escondido no quarto do Duke enquanto ele dorme e passasse batom nele?

— Como faríamos para entrar?

— Um Manipulador de Matéria pode atravessar a parede e destrancar a porta da frente para nós.

— Não acha que o sistema de segurança da casa dele prevê essa possibilidade?

— A gente dá um jeito.

— Por quê? Tenho certeza de que ele toma banho de manhã. De que adiantaria passar batom nele?

— Mostraria que estivemos lá, que estamos sempre de olho, capazes de entrar quando quisermos. Além disso, eu sempre quis passar batom nele. Ele tem lábios incríveis. — Assim que ela disse isso, percebeu que não devia ter falado e baixou os olhos.

Eu finalmente sentei e me encolhi junto à cabeceira.

— O que vocês dois fizeram, afinal? — perguntei calmamente, sem ter certeza se queria saber a resposta. — Se beijaram?

— Temos mesmo que falar sobre isso? Ele nos enganou, está bem?

— Ele me traiu e fez você me trair.

— Ele te fez fazer coisas também.

Comecei a concordar, mas parei para pensar no que ele tinha me feito fazer, além de gostar dele. Ele me deu os sentimentos, mas eu tinha quase certeza de que eu controlava

as ações. *Pare*, disse a mim mesma. Já tinha perdido Duke, não ia deixar que ele levasse minha melhor amiga com a traição. Eu tinha que esquecer.

— Não vamos fazer essas coisas de verdade, né? — ela perguntou, mostrando a lista da vingança.

— Não, mas foi divertido imaginar. Obrigada.

Ela deu um longo suspiro e depois jogou o papel na lata de lixo reciclável. Olhou para sua bolsa sobre a escrivaninha e começou a brincar com o zíper.

— Se eu tivesse uma coisa importante para contar, uma coisa que pode te deixar nervosa, você gostaria de saber agora ou quando voltar da casa de seu pai?

Laila provavelmente queria entrar em detalhes a respeito do que aconteceu entre ela e Duke. Tirar o peso de sua consciência e depositá-lo na minha. Suspirei. A leve pressão atrás de meus olhos me lembrava de que as coisas não estavam muito bem. Minha vida estava uma confusão enorme.

— Preciso de um tempo agora. De tudo. Podemos conversar sobre isso quando eu voltar? — Ela soltou o zíper da bolsa, aparentemente aliviada, e se virou para mim.

— Sim. E o que você vai levar para a casa do seu pai? Seis semanas é muito tempo.

2

Laila: Você é irritante. Caso não saiba.

Addie separava as roupas por cor. De propósito. As camisetas, dobradas em quadrados perfeitos, estavam em pilhas sobre a cama. Uma em tons de vermelho, outra de verde e azul, e, finalmente, as de tons neutros. Ela pegou uma camiseta listrada rosa e marrom e ficou olhando de uma pilha para a outra, indecisa. Não me surpreenderia se ela implodisse com o dilema de ter que escolher uma pilha para uma camiseta que podia se enquadrar em duas. Tive o ímpeto de jogar todas aquelas camisetas para cima, fazendo seu mundo de organização chover sobre nós, caoticamente.

— O destino do universo depende da pilha à qual essa camiseta pertence, Addie. Não estrague tudo.

Ela revirou os olhos.

— Não tem nada de errado em ser organizada. Sei que é um conceito estranho para você, mas isso vai me poupar tempo depois.

— É assim que funciona sua habilidade? Você armazena pedaços de tempo e utiliza quando necessário?

— É. Talvez você devesse tentar.

— Não, obrigada. Meu negócio é Apagar o tempo. Confiscar minutos. Pena que eu não posso te dar esses minutos, assim você não sentiria a necessidade de fazer tudo isso. — Gesticulei para as pilhas de roupas.

Ela finalmente decidiu que a camiseta pertencia à pilha “tons de vermelho” e arrumou todas na mala aberta. A mala dela. Aquela simples imagem fazia meu estômago doer. Seria a primeira vez que nos separaríamos em um bom tempo, e eu estava tentando não sofrer com aquilo. A mala abalava meus esforços. Mas como arremessá-la pela janela parecia um pouco drástico, resisti.

— Ainda não acredito que você não vem comigo. Não é tarde demais para mudar de ideia — Addie comentou.

Meu celular vibrou.

Espero que esteja em casa. Faça os meninos lavarem a roupa hoje à noite. Vou trabalhar até mais tarde.

Eu ri.

— Você vai ficar fora por um mês e meio. É muito tempo. — Meus irmãos se matariam

e ateariam fogo na casa em metade desse tempo. — Te vejo em algumas semanas, no jogo. — Peguei minha bolsa que estava sobre a escrivaninha e a joguei sobre o ombro.

A carta que eu carregava nas últimas sete semanas fez a bolsa parecer mais pesada. Eu queria jogá-la para Addie e sair correndo. O problema era que, ao mesmo tempo, não queria. Addie havia escrito aquela carta para si mesma depois da Investigação. Eu tinha visto seu olhar perturbado quando voltara daquela Investigação, antes que eu Apagasse suas lembranças. Ela parecia infeliz. Eu não fazia ideia do que o papel dizia, mas não queria trazer aquele olhar de volta, independentemente do quanto me sentisse culpada guardando aquilo. Talvez ela se sentisse melhor quando voltasse da casa do pai.

— Não vá embora amanhã sem se despedir.

— Nem sonharia em fazer isso.

Dei um abraço nela e saí.

Quando estava na minha picape, peguei o envelope, como havia feito muitas vezes nas últimas semanas. Os cantos do papel até já estavam rasgados. Na frente, com a letra de Addie, estava escrito: “Abrir no dia 14 de novembro”. Já era dia 21 de novembro e o envelope ainda estava lacrado. A data específica me incomodava um pouco. Esperava que não houvesse nada lá dentro que precisasse ser revelado em um momento específico. Mas, considerando que a data era o dia seguinte às revelações na casa de Bobby, imaginei que ela estivesse esperando aquele evento passar para garantir que nada mudaria. A vida de nós duas tinha ficado por um fio naquele dia, e fazia sentido que ela não quisesse que nada piorasse a situação — incluindo a carta. Guardei-a de volta na bolsa e liguei o carro.

Cheguei à porta da frente de casa e meu irmão Eli jogou uma bolinha de papel na minha cabeça.

— Lista de compras. Não temos mais comida e estou faminto.

— Não jogue coisas em mim ou vou te bater. — Peguei o papel, abri e passei os olhos na lista. — Onde está o papai?

— Derrubado.

Olhei para o relógio. Nove da noite.

— Derek já está na cama?

— Já.

— Você o obrigou a tomar banho? Acho que já faz uns dias, ele estava cheirando mal.

— Sim. Ele tomou banho. De nada.

Sentei sobre ele e joguei sua franja sobre os olhos.

— Obrigada. Você é o melhor irmão do mundo. — Ele me empurrou, mas eu não saí do lugar.

— Sai de cima de mim!

Dei um tapa em sua cabeça e me levantei.

— Pense em alguma coisa. Estou praticando — meu irmão pediu. Faltavam três meses para que ele completasse catorze anos, e sua habilidade ainda não havia se manifestado. Agora, todo dia ele sentia a necessidade de olhar fixamente para mim, tentando ler minha

mente.

— Não. — Fui até a cozinha, e ele levantou com um pulo e me seguiu.

— Por favor.

— Odeio quando as pessoas leem minha mente. — Abri a despensa, dei uma olhada e fechei a porta.

— Vamos! Pense em alguma coisa. Estou melhorando.

— Tudo bem. — Pensei na palavra *idiota* com muita vontade, olhando para ele.

Ele franziu o nariz, cerrando os olhos quase pretos. Estava tão parecido com meu pai naquele momento que a pontada que eu sentia no estômago sempre que meu pai estava perto se manifestou. Ele resmungou, frustrado, e sua expressão voltou ao normal, jovem e triste. Usei Transmissão de Pensamento e inseri a palavra na mente dele.

— Idiota! — ele gritou, empolgado.

— Sim, é isso que você é. Uau, está ficando bom! Agora, não leia mais minha mente.

— Saí da cozinha sem comida. Ele estava certo, eu precisava fazer compras.

— Você não devia pensar essas coisas de quem é do seu sangue — ele gritou atrás de mim. Eu ri e fui até o quarto que meus irmãos dividiam. Derek estava dormindo com o cobertor enrolado nas pernas. Eu o estiquei sobre ele.

Peguei o cesto de roupas sujas e as vestimentas espalhadas pelo chão e levei até a máquina de lavar.

Minha mãe mantinha um cartão escondido dentro de uma caixa vazia de sabão em pó. Meu pai nunca lavava roupa, então o esconderijo era totalmente seguro. Quando eu precisava fazer compras com urgência, como naquele caso, era aquele cartão que eu deveria usar. Me debrucei sobre a máquina de lavar para alcançar a prateleira mais alta e peguei a caixa. Tirei o cartão de lá e guardei no bolso. Ao pular para descer, bati meu tórax com força e senti meu estômago revirar.

— O que você está fazendo? — A voz rouca dele incomodava todos os meus nervos.

— Ah, você sabe, resolvendo mistérios da vida, descobrindo novas teorias matemáticas e tudo mais que alguém pode fazer na lavanderia. — Abri a tampa da máquina de lavar e joguei as roupas lá dentro, desejando que meu pai fosse embora. Mas ele não foi. Ficou ali parado, analisando minha expressão.

Meu pai é um fracassado, pensei sem parar. *Não pense em mais nada*, disse a mim mesma. *Fracassado, fracassado, fracassado*.

Às vezes eu ficava feliz pelas drogas de supressão que ele usava todos os dias, porque elas enfraqueciam sua habilidade. Mas, se não fosse por elas, ele não seria o responsável pela ruína financeira de nossa família. Eu não me importava se ele ouvisse esse pensamento.

Ele resmungou e eu sorri, apertando o botão para ligar a máquina de lavar.

— Algum problema? — perguntei enquanto a água subia dentro da máquina. Esperava que ele não percebesse o cartão em meu bolso.

Ele olhou diretamente para a minha calça jeans. Xinguei baixinho.

— Pode me entregar.

— É para comprar comida. Não seja idiota.

Ele agarrou meu punho.

— Entregue o cartão, Laila.

— Me solte. — Contraí os músculos, pronta para dar uma joelhada, mas parei quando ele encarou meus olhos. O olhar dele parecia tão vazio e tão desesperado ao mesmo tempo...

— Sua mãe vai trazer comida hoje à noite. — Ele enfiou a mão no meu bolso e pegou o cartão.

— Você é ridículo.

Ele apertou meu punho e eu puxei o braço, usando o ombro para empurrá-lo e passar por ele. Gostaria de conseguir amar meu pai, mas a pena e o ódio ocupavam muito espaço dentro de mim. Fiquei muito irritada por ter deixado a pena vencer naquela noite.

3

Addie: Entediada. Me distraia.

Eu sabia o que estava acontecendo. Eles estavam tentando me intimidar. A Torre era estruturada para a intimidação psicológica. De fora, parecia uma fortaleza. Com certeza era o edifício mais escuro do Complexo. E o mais alto. Era a única passagem para o Lado de Fora. Havia Paracarros estacionados lá embaixo, e apenas carros aprovados para circular no mundo Normal podiam ir para o outro lado.

O terceiro andar da Torre, onde eu estava com minha mãe, era tão imponente quanto o resto do local. A mobília era excessiva e escura, diferente do estilo clean e suave da maioria dos lugares. E era pouco iluminado. Porém, a consciência de que táticas de intimidação estavam sendo usadas comigo não me impedia de me sentir intimidada. Sequei a palma das mãos suadas na calça. Esperávamos fazer mais de uma hora, forçadas a aceitar que o tempo deles era mais importante que o nosso.

— Quanto tempo ainda temos que esperar? — perguntei à minha mãe.

Ela levantou os olhos em direção à porta fechada.

— Tenho certeza de que não deve ser muito. Por que você não lê um pouco? — Ela apontou para o livro fechado que eu segurava. Não conseguia me concentrar o suficiente para ler.

Dei de ombros e vi uma luz azul piscando no teto.

— Eles estão monitorando a gente?

— São só câmeras de segurança. Por que está tão nervosa? Você foi àquele jogo de futebol há algumas semanas.

— É, mas precisei de autorização só para uma noite. Só tivemos que ler e assinar um contrato. Dessa vez, é uma estadia longa.

— Não é tão diferente: só uma história de disfarce, um curso para relembrar a história Normal e uma avaliação mental, além do contrato de confidencialidade.

— Sua intenção era fazer eu me sentir melhor?

Ela deu uns tapinhas na minha perna.

— Vai dar tudo certo. — A falta de ternura naquela afirmação não me deixava segura. Mas apreciei o fato de ela não me Persuadir a me sentir melhor, afinal, suas palavras podiam ter o efeito que ela quisesse.

A porta abriu com um ruído, e um homem muito intimidador apareceu. Era bonito — alto, cabelo escuro, olhos acinzentados e musculoso. Mas tinha uma grande cicatriz que descia pelo rosto, como se tivesse perseguido pessoalmente um infrator e o silenciado.

Fiquei imaginando por que não procurou um Curador para removê-la. Deve ter se dado conta do valor que ela tinha em seu trabalho.

— Estamos prontos para você, Addison. — A voz rouca não suavizava sua aparência.

Me salve, disse para minha mãe sem emitir sons.

Ela só revirou os olhos. Meu pai teria fingido jogar uma boia salva-vidas.

O Cicatriz me levou para uma sala grande, praticamente sem nada, apenas com uma mesa, duas cadeiras e uma estante cheia de aparelhos eletrônicos e tablets.

— Sente-se. Sou o agente Farley, do Comitê de Contenção. — Ele pegou um tablet e o ligou, depois mudou algumas telas.

Me sentei e senti frio nos braços descobertos.

— Oi. Sou Addie.

— Addison Coleman, por favor, afirme com clareza sua habilidade declarada. — Ele inclinou levemente o tablet na minha direção, provavelmente para registrar minha voz.

— Investigadora de Destinos.

Diferente da maioria das pessoas, ele parecia saber o que aquilo significava, ou pelo menos o tablet sabia, porque não reclamou nem pediu uma descrição. Depois que falei, no entanto, fiquei me perguntando se aquela ainda era a minha habilidade. Sempre presumi que fosse Investigadora de Destinos, porque minha avó também era, mas talvez minha capacidade de ver o futuro tivesse a ver com Manipulação do Tempo. Os acontecimentos recentes somados à minha habilidade estabelecida pareciam se adequar melhor naquela classificação. Era perfeitamente normal que as habilidades aumentassem e se expandissem até a idade adulta, mas, por algum motivo, não quis contar a ele sobre a minha habilidade expandida. E se não fosse normal?

Continuei meu silêncio. De qualquer jeito, o que eu diria? *Bem, eu até posso ter tido esse progresso com a minha habilidade, mas não tenho controle nenhum sobre quando ou como usá-la.* Tenho certeza de que seu tablet emitiria um alerta vermelho de estadia-longa-negada-até-que-haja-mais-estabilidade. Fiquei de boca fechada.

Ele virou o tablet para mim, e o contrato apareceu na tela.

— Você não pode contar a ninguém sobre sua habilidade, não pode usá-la na frente dos Normais, não pode deixar ninguém desconfiar que tem uma habilidade. Fora deste Complexo, deve agir e falar como se fosse Normal. Entendeu?

— Sim.

— Posicione a palma da mão aqui.

Pressionei a palma na tela e esperei o tablet me avaliar. Tentei estabilizar a respiração e os batimentos cardíacos para mostrar ao aparelho que eu estava sendo sincera ao jurar que guardaria os segredos do Complexo; que a Torre não deveria temer nada a meu respeito.

— Se violar as regras, as consequências podem ser tão severas quanto uma limpeza total de memória.

Concordei. Imaginei que ele tinha dito aquelas coisas apenas para me assustar. Será que eles fariam mesmo uma limpeza total de memória em mim apenas por contar a alguém sobre o Complexo?

— Tudo certo, então. — Ele sorriu pela primeira vez. O sorriso parecia deslocado em

seu rosto. — O curso para relembrar a história Normal fica duas portas à esquerda. Por favor, volte aqui quando terminar.

Quando a aula acabou, eu estava com a cabeça sobrecarregada com informações. Tentei organizá-las por ordem de prioridade, deixando as menos importantes no fundo da mente — como operar máquinas de salgadinho ou pegar toalha de papel no banheiro público —, de forma que pudesse me lembrar do que fosse mais essencial, por exemplo, abrir fechaduras e acender luzes.

Voltei à sala da reunião com o agente Farley, que ainda se encontrava lá, sentado atrás da mesa de metal. Ele se virou quando a porta abriu.

— Terminou?

— Acho que sim.

— Ótimo. Espero que tenha achado a aula informativa. É importante que consiga se misturar.

— Foi muito informativa. Minha falta de habilidade para mexer na máquina de chiclete poderia me entregar.

Sem perceber meu sarcasmo, ele assentiu como se concordasse completamente com a afirmação.

— Aproveite seu tempo fora, e não esqueça que, sem o cartão, a entrada no Complexo é praticamente impossível.

— Certo.

— Quem a acompanhou até aqui hoje?

— Minha mãe.

— E ela vai sair com você?

— Não. Vou visitar meu pai.

— Seu pai... — Ele olhou para o tablet. — Bradley Coleman. Mora em Dallas, Texas. — Ele passou o dedo sobre a superfície, mudando as telas várias vezes. — E a memória dele a respeito do Complexo ainda está intacta.

— Está, é claro.

Ele levantou uma sobrancelha como se “é claro” não devesse fazer parte de minha afirmação.

— Vocês... Existem... muitos casos de memórias Apagadas?

— Apenas quando promessas são quebradas.

Aquilo não respondia direito à minha pergunta, mas estava claro que, de qualquer jeito, ele não ia responder.

Seu dedo continuou a descer pela superfície do tablet.

— Apenas dois parentes deixaram o Complexo, então.

Eu levantei, esticando o pescoço para olhar para o tablet.

— Dois?

Seu dedo parou sobre a tela e ele cerrou um pouco os olhos.

— Não. Engano meu. Apenas um. Seu pai.

— Certo... exatamente. Meu pai.

Ele levantou e guardou o aparelho na estante com outros iguais a ele. Observei por um instante, até que o agente bateu as mãos e atraiu minha atenção de volta para ele.

— Tudo certo. Aqui está seu programa mental, em tecnologia compatível com o mundo Normal. — Ele me entregou um pequeno objeto preto e comprido. Parecia um simulador de holograma. Devo ter parecido confusa, porque ele acrescentou: — Isso é um pen drive. Você o conecta em um notebook ou computador. Mas não na televisão.

Assenti. Sêrio? Aquele vídeo idiota a que tinha acabado de assistir falava de vasos sanitários manuais, mas não de pen drives?

— E aqui está sua história de disfarce e alguns lembretes sobre história Normal. — Ele pegou na estante um envelope grosso laranja e me entregou. — Memorize e não fuja do disfarce. Foi criado especialmente para a sua situação.

— Está bem.

— Acho que terminamos.

Minha mãe me esperava no fim do corredor, conversando com um homem de terno. Sua linguagem corporal indicava irritação. Antes de alcançá-la, ela se virou para mim e sua expressão tensa ficou mais suave. Àquela altura, eu já estava perto o bastante para ouvir o homem dizer:

— Tenha um bom dia. — As palavras não combinavam com seu tom de voz.

Quando ele saiu, perguntei:

— Você também teve que ser entrevistada?

— Não. — Ela começou a caminhar em direção à saída.

— Então o que foi aquilo?

Ela suspirou fundo e desviou os olhos para o pen drive que eu segurava.

— Só queria me certificar de que eles te deixariam levar seu programa, na verdade.

— Ah. — Mostrei o pen drive. — Parece que sim.

— Ótimo.

Guardei-o no bolso.

— Quando foi a última vez que saiu, mãe?

— Uau, já faz alguns anos.

— Eles faziam todo esse teatro assustador para as pessoas não falarem nada naquela época?

Ela sorriu.

— Faziam.

— É muito dramático.

— Eles são especialistas em desgraça.

— O papai foi o primeiro de nossa família a sair?

Ela contraiu os músculos de leve. Eu podia nem ter notado se não estivesse esperando por uma reação. Os pais da minha mãe moravam a dez minutos de casa, e a mãe do meu pai tinha morrido fazia cinco anos. Foi enterrada no cemitério do centro, ao lado de meu avô, que morrera quando eu tinha sete anos. Meu pai e eu visitávamos os túmulos uma vez por ano. Será que meus pais tinham irmãos que eu não conhecia? Talvez o Cicatriz não tivesse se enganado. Talvez existisse mesmo uma segunda pessoa naquela tela.

— Sim. O primeiríssimo — ela respondeu.

Por que eu não tinha a habilidade do meu pai, para detectar se ela estava ou não mentindo?

Ela me deu um beijo no rosto e me abraçou um pouco mais do que o necessário. Fiquei imaginando se ela não estaria, assim como eu, pensando que esse seria nosso primeiro feriado separadas. Eu a abracei ainda mais, tentando absorver sua força para as próximas seis semanas no mundo Normal.

4

Laila: Uma hora da manhã. Se tenho que ficar acordada, você também tem.

A data idiota marcada no envelope estava me assombrando. Toda vez que pegava alguma coisa na bolsa, a carta parecia arranhar minha mão. E agora, só de pensar nela, não conseguia dormir. Seis semanas até que Addie voltasse para casa. Eu não conseguiria guardar por mais seis semanas aquela carta que fazia eu me sentir culpada sem nem saber o que dizia. Antes que mudasse de ideia, saí debaixo do cobertor, peguei a bolsa e abri o envelope.

Um bilhete em papel pautado estava dobrado em três partes desiguais, em um ângulo torto. Desamassei e li a carta que Addie havia escrito para si mesma.

Prometi a uma pessoa de que gosto muito que não Apagaria esse caminho, mas preciso Apagá-lo. No entanto, na manhã do dia 14 de novembro, uma sexta-feira, depois de certos acontecimentos, converse com Laila sobre controle avançado de habilidades. Diga que ela pode aprender a Restaurar memórias. É a única forma que conheço de manter minha promessa...

Li duas vezes, chocada demais para entender na primeira. Restaurar a memória? Ela queria que eu Restaurasse sua memória. Eu não sabia como fazer aquilo. Será que tinha conseguido em sua outra vida?

Eu sabia que alguns Apagadores de Lembranças adultos podiam fazer isso. Alguns eram capazes de localizar lembranças, ou Apagar seletivamente certas pessoas da memória. Eu ainda era limitada. Ainda estava me desenvolvendo. Podia apagar alguns períodos de tempo, como dois dias, três semanas. Quando desenvolvesse minha habilidade totalmente, seria capaz de fazer mais coisas. Mas o bilhete dava a entender que eu seria capaz de Restaurar memórias agora. Com a minha idade de hoje.

Ela não podia ter sido mais vaga. Custava ter escrito informações úteis sobre como eu poderia fazer aquilo ou por que ela precisava que fosse feito? Bobby era a única pessoa que eu conhecia que ajudava as pessoas a aprimorar suas habilidades. E Bobby estava totalmente indisponível. De qualquer jeito, eu nunca me relacionaria com ele. Então, com quem mais eu poderia ter aprendido a aprimorar minha habilidade?

Ótimo, abrir aquela carta idiota não tinha sido mais útil do que guardá-la por várias semanas.

Reli tudo.

Então, abri um sorriso. Eu sempre havia incitado minha habilidade um pouco além do limite, com medo dos danos que poderia causar a mim mesma se fosse adiante. Mas o bilhete provava que era possível. Eu não precisava mais me segurar.

Abri a gaveta da minha escrivaninha e tirei o chip eletrônico aprovado pelo DDH. Talvez acrescentar algumas horas nos padrões mentais ajudasse. Mas parei antes de anexá-lo ao meu cartão. Fazer a mesma coisa que sempre fiz produziria os mesmos resultados. Precisava de algo diferente. E sabia exatamente onde encontrar.

A festa estava bombando quando cheguei. Não era como as festas para onde eu arrastava Addie de vez em quando. Até *eu* costumava evitar esse tipo de festa. Programas não testados ocupavam todas as paredes — uma combinação de luzes e imagens —, transmitindo sabe-se lá que tipo de lixo para o cérebro dos espectadores. Em geral, padrões que não eram projetados para o meu tipo de habilidade me causavam mal-estar. Algumas pessoas alegavam que isso as levava para outro nível, mas outro nível de mal-estar não era a minha ideia de esclarecimento.

Porém, o que dizer de um padrão mental não testado criado para a minha habilidade? Era algo que eu estava disposta a tentar. Perambulei pelas salas, procurando alguém que eu conhecesse, ao mesmo tempo que tentava olhar só para a frente. Os padrões de luz dançando nas paredes invadiam a minha visão por todos os lados.

Kalan estava sentada um pouco à frente, encostada à parede, usando fones de ouvido. Parei ao lado dela e cutuquei sua perna com a ponta da minha bota.

— Kalan.

Ela tirou os fones.

— Oi. E aí? Não sabia que você frequentava esses lugares.

— Não frequento.

— Então você é um produto da minha imaginação?

Revirei os olhos.

— Não. — Indiquei a parede diante dela com a cabeça. — Você sabe se existe um programa para Apagadores de Lembranças em algum lugar?

— Não. A gente não coloca rótulos. Essa é a intenção. É libertador não se classificar em uma caixa.

— Certo. — Então são todos idiotas. — Quem fornece o entretenimento para estes eventos?

— Não sei muito bem, mas acho que é alguém que não os frequenta.

Suspirei e me virei para ir embora. Talvez outra pessoa soubesse um pouco mais.

— Espere, Laila. — Sua voz era suave e firme. Me fez querer sentar e me juntar a ela. Quase me fez esquecer que ela era Persuasiva.

— Você acabou mesmo de usar sua habilidade comigo?

Ela sorriu.

— É aqui que praticamos. Tentamos ir mais longe. Você devia tentar.

Me sentei ao lado dela.

— E funciona? Você está progredindo?

Ela jogou a cabeça para trás e riu.

— Na verdade, não. Mas é divertido.

Sacudi a cabeça. Aquilo não ajudava em nada. Ameacei levantar, mas ela agarrou meu braço.

— Preciso de sua ajuda.

Olhei para sua mão em meu braço e ela me soltou.

— Com o quê? — perguntei.

— Preciso Apagar uma lembrança.

— Você quer que eu Apague uma lembrança sua? Tudo bem. Diga quando aconteceu e quanto tempo durou.

Ela pigarreou e olhou para as mãos.

— Não. Não é uma lembrança minha. É de outra pessoa.

Endireitei a postura.

— O quê? Não. — Addie até podia pensar que eu simplesmente Apagava sempre que alguém pedisse, mas eu tinha meus limites.

— Sei que já fez isso antes. Eu te vi outro dia beijando o Patrick perto dos armários. Perguntei a ele no dia seguinte, pensando que estavam juntos, e ele me olhou como se eu estivesse louca. Achou que eu tinha imaginado tudo.

— Bem, isso não é da sua conta, né? São lembranças sobre mim que peguei de volta. Não tirei nada que pertencesse a ele.

— Você estaria Apagando uma lembrança sobre mim. Eu juro.

— Kalan, eu não posso. Não vou fazer isso. Sinto muito. — Eu levantei e a deixei encostada à parede, sozinha com seu padrão mental.

Continuei procurando e parei diante de uma porta aberta. Alguém na sala tinha feito tudo e todos flutuarem a pouco mais de dois centímetros do chão. Aquilo era impressionante, mesmo para um Telecinético. Eu não conhecia muitos que podiam movimentar mais de uma coisa ao mesmo tempo, muito menos tudo que havia em um cômodo. Um cara no centro da sala, o único que não flutuava, olhou para mim. Eu não tinha ideia de quem era, mas, assim que me viu, abriu um grande sorriso, e tudo despencou sobre o chão.

— Foi menos de um minuto — alguém gritou.

— Eu me distraí — ele disse, voltando a sorrir para mim.

Fiz um sinal com a cabeça para ele se aproximar, e ele veio até mim como um cachorrinho ansioso.

— Como fez isso?

Ele deu de ombros e chegou mais perto. Seu hálito exalava cigarro.

— Sou talentoso.

— Quem te vendeu o programa?

— Que programa?

Suspirei.

— O que te ajudou a fazer isso.

O cara olhou para alguém atrás de mim.

— Ótima festa.

Eu me virei para o anfitrião. Não o reconheci — ruivo, cabelo curto —, mas ele teria as respostas.

— Ei. — Eu o alcancei quando ainda estava no corredor. — Onde conseguiu esses programas?

— São do DDH.

— O.k. Não são, não. Quero comprar para mim.

O cara me olhou feio e, pelo jeito que me observava, fiquei me perguntando se não era Discernidor, como o pai de Addie, tentando descobrir se eu dizia a verdade.

Deve ter concluído que sim, porque disse:

— O nome dele é Connor.

— Connor Bradshaw?

— Acho que sim.

Hum. Eu conhecia Connor de vista. Tínhamos feito uma ou duas aulas juntos nos últimos anos. Ele era bonitinho de um jeito meio desarrumado, do tipo “acabei de acordar”. Sabia que ele vendia aprimoradores que eram desencorajados, mas dentro da lei — há algumas semanas ele tinha me oferecido um aprimorador de bloqueio em uma festa. Mas não tinha ideia de que ele também vendia padrões de habilidade ilegais. Ótimo. Connor, como qualquer outro cara, seria fácil de manipular. Eu estava a um dia das respostas.

5

Addie: Festas de adultos são ainda mais idiotas do que de adolescentes.

Eu me acomodei no quarto que meu pai me indicou em sua nova casa — que, apesar de simples, não era ruim. Eu estava com os pés sobre a escrivaninha enquanto pintava as unhas alternando duas cores: preto e laranja. Estava muito entediada, claro. Obviamente, eu não tinha nenhum amigo em Dallas, meu pai não tinha TV a cabo e eu só tinha trazido dois livros, os quais já tinha lido — um no caminho até aqui e o outro no dia anterior. Onde eu estava com a cabeça? Dois livros para seis semanas? Nada esperto. Mas, apesar do tédio, essa viagem tinha exatamente tudo de que eu precisava: tempo para ficar sozinha, descansar minha habilidade do esforço das aulas e descobrir como seguir em frente.

Meu pai apareceu na porta do meu quarto e disse:

— Tenho uma festa pré-Ação de Graças do trabalho hoje à noite. Quer ir?

Vou ter que falar com pessoas?, queria perguntar, mas simplesmente dei de ombros.

— Acho que meu chefe tem uma filha da sua idade. Ou talvez um filho. Não sei, mas, de qualquer modo, vai ter um adolescente por lá. — Ele deve ter visto minha hesitação, porque juntou as mãos e disse:

— Vamos fazer um acordo.

— Que tipo de acordo?

— Se você for comigo, amanhã de manhã eu te levo para a livraria mais incrível que você já viu.

Considerando que a única livraria que eu já tinha visto era uma espelunca de um cômodo só com livros de segunda mão, ele sabia que não seria difícil me impressionar. E também sabia que era uma oferta que eu nunca recusaria. Ele sorriu antes mesmo de eu responder, obviamente usando sua habilidade de Discernimento para ler as expressões no meu rosto.

— Tenho que ir muito arrumada?

Ele me olhou de cima a baixo, demorando-se na barra rasgada do meu jeans.

— Talvez um pouco. Uma saia estaria fora de cogitação?

— Acho que posso usar uma saia.

— Legal. Parece que chegamos a um acordo, então. Consegue ficar pronta em uma hora?

— Claro que sim.

No caminho para a festa, comecei a me perguntar se meu pai tinha me convidado para fazer amigos e, assim, aumentar as chances de eu querer ficar com ele depois do Natal. Ele tinha dado a entender que queria que eu ficasse mais tempo, durante o ano escolar, mas eu tinha escolhido ficar com a minha mãe por algum motivo. Devia haver algo nesta vida de que eu não gostava. Por que motivo mudaria de ideia agora, depois de todo o trabalho que tive para tomar a decisão?

— O que foi, filha? — meu pai perguntou, dando um tapinha em meu joelho.

— Nada.

— Não temos que ficar muito tempo, está bem?

Ele captou a ansiedade errada, mas, de qualquer modo, apreciei a preocupação. E não ficar muito tempo parecia ótimo.

— Obrigada.

Viramos em uma rua onde grandes casas se destacavam na escuridão. Pássaros que eu não conseguia ver piavam em um coro barulhento no alto das árvores. Que tipo de pássaro era tão ativo à noite?

A entrada circular estava cheia de carros quando estacionamos. Minhas mãos suavam só de pensar em ter que conversar. Repeti minha história de disfarce mentalmente quando saímos do carro. A porta da frente, muito mais alta do que o necessário, estava parcialmente aberta, e o barulho da festa fluía até nós. Entramos sozinhos, e meu pai cumprimentou vários grupos de pessoas enquanto caminhávamos até o centro da casa.

— Ah! Coleman! — um homem de cabelo grisalho e ombros largos gritou do outro lado da sala.

Meu pai acenou e se aproximou dele.

— Jenson. Obrigada por nos receber. Esta é minha filha, Addie.

— Oi, Addie. — Ele apertou minha mão várias vezes e depois olhou em volta. — Hum, a minha filha está em algum lugar por aqui e seria uma companhia muito melhor para você do que nós, velhos. — Quanto mais ele procurava pela sala, mais irritado ficava. — Esperem um minuto. — Ele pegou o celular e ligou para alguém. — Você está aí em cima?

Meu pai e eu trocamos olhares; tentei não rir.

— Pode descer aqui, por favor? Quero te apresentar uma pessoa.

Ótimo, eu estava obrigando alguém a frequentar uma festa contra a vontade. A maneira perfeita de começar uma amizade.

Ele desligou o celular.

— Enquanto esperamos, por que vocês não comem alguma coisa? Venham, vou mostrar onde estão as coisas boas. — Ele nos conduziu até uma mesa cheia de comida, e logo eu estava com um prato cheio em uma mão e um copo de refrigerante na outra. Assim, não estava com nenhuma mão livre quando sua filha nos encontrou no andar de baixo e fomos apresentadas. Ela era muito bonita, mais alta do que eu, tinha olhos e cabelos escuros, e um visual elaborado com perfeição.

— Stephanie, quero que conheça a Addie. O pai dela e eu trabalhamos juntos. Por que não mostra a casa a ela?

— Claro. — Ela fez um sinal para que eu a seguisse, e foi o que fiz. Quando nos distanciamos o bastante de nossos pais, ela disse em voz baixa: — Essa comida é nojenta. Meu pai é vegetariano e acha que tudo tem que levar tofu. Acredite, você não vai querer chegar perto disso. — Eu a segui até a cozinha e ela jogou o prato todo no lixo. — Se estiver com fome, posso arrumar comida de verdade.

— Não, estou bem.

Ela sorriu, mostrando dentes perfeitamente brancos.

— Bom, esta é a cozinha. — Ela apontou para uma entrada em forma de arco. — E aquela é a sala, e... você quer mesmo conhecer tudo ou isso foi ideia do meu pai?

— Foi ideia do seu pai.

— Foi o que pensei. Venha, vou mostrar a parte mais importante: meu quarto.

O quarto de Stephanie parecia um anuário de sua vida, com fotografias por todo lado. E onde não havia fotos, havia pompons e troféus por ser líder de torcida. Um pôster grande de futebol americano ocupava uma parede, com um coração desenhado em volta de um dos jogadores. Eu cheguei perto e olhei para o cara, ficando surpresa ao reconhecê-lo. Trevor. Cabelo escuro e ondulado, maçãs do rosto protuberantes, olhos incríveis. Era exatamente como eu me lembrava dele do jogo de futebol havia algumas semanas... e da visão, alucinação ou o que quer que tenha sido o que tive no hospital. Tentei não encasquetar com aquilo. Mas, com a imagem dele no pôster bem à minha frente e meu coração acelerado, era difícil.

Por que eu tinha tido uma visão tão realista de alguém que mal conhecia? *Porque sua habilidade idiota está agindo de forma estranha*, disse a mim mesma.

Passei os dedos sobre a superfície lisa do pôster, percorrendo o rosto dele e o coração vermelho uma vez.

— É seu namorado?

— Trevor? Não. Meu ex. Ficamos indo e voltando por um tempo, mas ele tem algumas questões, e eu estava cansada de lidar com elas.

— Questões? — Tirei a mão do pôster e parei de viajar, voltando a olhar para Stephanie.

— Ele se machucou no ano passado e não consegue superar isso.

Agora meu coração batia acelerado por outros motivos, já que eu me lembrava exatamente por que e como Trevor tinha se machucado. Fiquei de costas para que ela não visse meu rosto corar com uma onda de raiva de Duke.

— Eu o apoiei muito por um bom tempo, até dei uma festona para ajudá-lo a superar as dificuldades. — Ela balançou a cabeça como se não quisesse continuar.

Limpei a garganta, engolindo em seco.

— E o que aconteceu?

— Eu não sei. Ele começou a se afastar depois disso.

— Que droga.

— Pois é. Não quero saber de meninos por um tempo.

Especialmente jogadores de futebol, pensei em acrescentar. Mas, em vez disso, falei:

— Também não quero.

— Sério?

— É uma longa história.

— Quer saber a pior parte? Somos do mesmo grupo de amigos, então sempre encontro com ele.

— Odeio isso. — Encontrar com ex-namorados arrogantes também não estava na lista de coisas que eu gostava. Continuei a observar o quarto dela, procurando mais fotos.

— Ah, este é o Rowan. Conheço ele.

Ela franziu os lábios.

— Você conhece o Rowan?

— Bem, não conheço muito bem, mas minha amiga Laila conhece. — *Ou pelo menos foi bem apresentada* à boca dele.

— Hum. — Ela balançou a cabeça. — Nunca ouvi falar dela. — Ela pegou o notebook que estava sobre a escrivaninha e se jogou na cama com ele. — Você vai estudar na Carter High agora? Nunca te vi antes.

— Não, só vim passar o feriado com meu pai.

— Seus pais são divorciados?

— Acho que ainda não é oficial, mas são.

— Ah, então é bem recente.

— Uns dois meses.

— Sinto muito.

Ia dizer “está tudo bem”, mas não estava tudo bem.

— Obrigada.

— Meus pais se divorciaram há sete anos.

Sentei na beirada da cama.

— As coisas ficam mais fáceis depois?

Ela me encarou com uma empatia que pareceu muito sincera.

— Ficam sim. De verdade. — Ela abaixou a cabeça na direção do computador. — Você tem algum perfil na internet? Vou te passar meu contato.

— Legal.

Apareceu uma mensagem no computador, ela olhou e suspirou.

— É disso que estou falando.

— Do quê?

— Festa na casa do Trevor depois do Dia de Ação de Graças. É uma droga ter os mesmos amigos que seu ex. — Ela digitou uma resposta na janela da mensagem. — Quer ir comigo?

A princípio, achei que ela tinha falado o que digitava, porque não estava olhando para mim. Mas virou a cabeça em seguida, com a sobrancelha erguida e um olhar questionador.

— Eu?

— É. Seria legal ter alguém novo por lá. Uma amiga só minha, que não compartilho com Trevor. Talvez você ajude a aliviar um pouco o clima estranho.

Eu ri.

— Não sou muito boa em aliviar climas estranhos. Eu meio que crio climas estranhos.

— Melhor ainda.

Dei de ombros, e minha repulsa geral a festas quase me fez agradecer e dizer “não”, mas me lembrei das minhas unhas dos pés multicoloridas e do tédio extremo que me esperava na casa do meu pai. Além disso, quando eu não tinha nada com que ocupar a cabeça, ela tratava de se ocupar por conta própria pensando no Duke.

— Claro! Por que não?

6

Laila: Sabe alguma coisa útil sobre motos?

Passei pela entrada até a garagem aberta. Connor olhava para a imagem holográfica de uma moto. Ajeitou o simulador de holograma sobre o balcão para que a imagem brilhante ficasse perfeitamente sobreposta à sua moto de verdade. A réplica fantasmagórica dava uma aparência nebulosa ao metal. Então, ele pegou uma peça do motor que estava ao lado do simulador, sobre o balcão, e a virou, tentando replicar o posicionamento da imagem.

— O que aconteceu com a sua moto?

Ele levantou os olhos com uma surpresa momentânea antes de voltar à tarefa.

— Teve um encontro desfavorável com o asfalto.

— Pobre moto. — Eu o observei mais um pouco. Uma mecha de cabelo caiu sobre a testa, e ele a tirou de cima dos olhos. Pelas manchas de graxa no rosto, era óbvio que tinha passado o dia fazendo aquilo. Ele tinha um cabelo lindo, com a quantidade perfeita de volume e brilho.

Levei as mãos ao quadril. Seria muito melhor se ele olhasse para mim, mas a moto tinha toda sua atenção. Por fim, fiquei impaciente.

— Preciso de uma coisa.

— O quê?

Já que o cara da festa havia hesitado em dar o nome de Connor, imaginei que ele não fosse admitir abertamente que tinha programas de desenvolvimento de habilidades. Eu precisava ter cuidado com a abordagem: começar com o que já sabia que ele fazia, depois abrir caminho para as outras coisas de que precisava.

— Não sei bem. Você me ofereceu um aprimorador de bloqueio há algumas semanas em uma festa. Precisava dele agora. — Precisava mesmo. Depois que meu pai tinha descoberto o cartão das compras, precisava de algo para mantê-lo fora da minha cabeça. Meus próprios bloqueios mentais ainda não eram fortes o bastante.

— Espere um minuto. — Ele destacou uma peça amassada da frente da moto e suspirou. — Essas peças não são fáceis de conseguir por aqui.

— Talvez você devesse parar de brincar com brinquedos Normais, então.

— Não é um brinquedo Normal. É híbrido. Se fosse Normal, seria movido a gasolina. Só tem a carcaça de uma moto Normal. E elas são muito mais bonitas que as nossas.

Olhei novamente para a moto envolta pelo holograma.

— Metal coberto de tinta, tão bonito.

Ele passou a mão pelo assento. A ponta dos dedos brilhava azulada quando a luz batia sobre ela.

— Não consigo pensar em nada mais bonito. — Então ele me encarou com seus olhos verde-escuros, como se esperasse que eu contestasse a afirmação. Não me importava o que ele achava bonito.

— Se me arrumar o bloqueador, posso dar um pouco de privacidade para você e sua moto.

— Muito engraçado.

Dei uma volta pela garagem. Havia uma mistura de coisas velhas e novas. As prateleiras polidas e as ferramentas de alta tecnologia estavam ao lado de peças antigas e sujas de graxa. Uma embalagem de óleo estava sobre a prateleira. A moto não era Normal, mas ele devia ter alguma outra coisa que era. Minhas suspeitas se confirmaram quando vi o pátio lateral pela janela: uma picape surrada. Ele gostava mesmo de brinquedos Normais. Eu não entendia pessoas que colecionavam coisas antigas. Será que não apreciavam todos os avanços que já tínhamos feito? Não importava. Não era da minha conta. Eu só queria a ajuda dele.

Sentei em uma banqueta. Agora ele ia demorar de propósito, para afirmar sua posição. Dava para perceber só pelo jeito como analisava a peça que segurava e em seguida olhava para o holograma. Se olhasse um pouco mais para mim, sei que conseguiria que ele fizesse o que eu queria. Um sorrisinho, uma jogada de cabelo... Homens não eram difíceis de manipular. Estava tentada a Apagar os últimos cinco minutos e entrar na garagem outra vez para começar tudo de novo. Dessa vez ele não estaria no controle. Eu estaria.

— Você nunca fica quieta?

— O quê?

Ele apontou para o meu joelho, que balançava sem parar.

— A maioria das pessoas não me faz esperar. — E com *pessoas* eu queria dizer *caras*. Connor limpou as mãos em uma toalha e disse:

— Já volto. Fique aí.

Revirei os olhos.

Ele voltou com uma caixa e a abriu, revelando várias fileiras organizadas de chips eletrônicos.

— Qual você queria? Esqueci.

— Um bloqueio para Telepatas. — Levantei e espiei o interior da caixa. — Funciona?

Ele deu de ombros.

— Sou só um intermediário, Laila. Não experimentei todos. Mas meus clientes costumam ficar muito satisfeitos.

Tirei o cartão do bolso.

— Só tenho dez.

— Bem, então acho que está sem sorte.

— Quanto é?

— Vinte.

— Pode cobrar. — Entreguei meu cartão a ele, que pressionou o chip na minha mão.

Passou o cartão por uma faixa preta no interior da tampa e me devolveu em seguida. A caixa estava cheia de outros chips e unidades de disco. Era uma boa desculpa para eu começar o assunto que realmente me interessava.

— Você tem alguma coisa para desenvolvimento de habilidades?

Ele me encarou com atenção e depois olhou para baixo novamente.

— Não.

Então ele bancaria o difícil.

— Conhece alguém que tenha?

— Só vendo o que me dão. Não faço perguntas.

— Não faz perguntas? Isso não é muito esperto. Não pensei que fosse tão desmiolado, mas acho que me enganei.

Seus olhos revelavam apenas um certo deboche, não a raiva que eu tinha pensado que meu comentário fosse suscitar. Raiva era muito mais revelador.

— Sei o que preciso saber, o resto não é da minha conta. Muito menos da sua.

— Quem é seu fornecedor?

— Confidencial.

— Não estou tentando roubar seu negócio, Connor. Só preciso de informações.

— Está procurando no lugar errado. — Ele ficou com a mão sobre a tampa da caixa aberta. — Agora, precisa de mais alguma coisa?

Eu tinha feito tudo errado. Estava claro que ele tinha mais informações, e eu o deixei na defensiva. Levantei um pouco a mão e me concentrei bem. Dez minutos. Era tudo o que eu Apagaria para tentar de novo. Eu seria mais doce, ou mais charmosa. Agiria de maneira inocente, sem exigir. Procurei os caminhos da mente dele que precisava bloquear. Parecia rígida. Em geral, eu conseguia bloquear com facilidade e rapidez os poucos caminhos ativos onde sentia que a memória de curto prazo estava armazenada. Mas quando tentei fazer isso com ele, a energia das lembranças não se Apagou. Apenas diminuiu um pouco, e logo voltou à vida.

Ele inclinou a cabeça.

— Isso é um não?

Tentei não reagir fisicamente ao meu fracasso, mesmo desejando perguntar como ele tinha feito aquilo. Disfarcei o choque, analisando os outros itens dentro da caixa.

— O que são essas coisas? — Em uma parte elevada, havia uma variedade de dispositivos de metal. Olhando melhor, vi que um deles parecia uma mosca.

— Estão bem fora do valor que você pode pagar.

— Mas... são dispositivos de escuta?

Ele apontou para uma fileira de insetos alados.

— Estes são dispositivos de escuta. Os desta fileira são de rastreamento.

— Parecem muito reais.

Ele fechou a caixa de vez. Tentei Apagar sua memória de novo, mas não consegui. Guardei o chip no bolso e saí da garagem. O que havia de errado comigo? Estava perdendo minha habilidade? Não. Impossível. Ele devia estar usando alguma proteção contra Apagadores de Lembranças. Será que sabia que a minha habilidade era essa?

Eu ia conseguir tirar as informações dele. Só precisava encontrar outra forma.

Addie: Preciso reler o contrato de confidencialidade do Complexo.

Eu estava embaixo da mesa, porque era o único canto silencioso da livraria. Encontrei três livros que queria, mas, aparentemente, meu pai gostava de olhar tudo. Ele tinha razão: a livraria era incrível, e normalmente não me importaria com a demora dele. Eu pretendia explorar todos os cantos daquele lugar. Mas, pelo jeito, era dia das crianças ou algo desse tipo, porque um milhão de crianças que não sabiam falar em voz baixa haviam tomado conta da loja. Então, usando a bolsa como travesseiro, comecei a ler uma história em quadrinhos deitada debaixo da mesa.

— O que você está fazendo?

Abaixei o livro e vi um garotinho me encarando por entre as ripas de uma cadeira de madeira.

— Estou lendo.

— Esse livro é de menino.

— Livro de menino? Não é, não.

— É, sim.

— Quem falou? — Por que eu estava discutindo?

— Tem um monte de tiros. Meninas não gostam de histórias com tiros.

— Bem, eu gosto e tenho certeza absoluta de que sou menina. — Apontei para o livro que ele segurava. — Qual é o seu?

Pensando que era um convite para se juntar a mim, ele tirou a cadeira do lugar e se jogou no chão para me mostrar o livro. *Espaçonaves*.

— Estou aprendendo a desenhar. Meu irmão está me ensinando.

Pelo menos o garoto tinha bom gosto e parecia capaz de falar em um tom de voz normal.

— Que legal!

Ele me entregou o livro. Folheei algumas páginas, que ilustravam os passos para desenhar vários tipos de espaçonaves.

— Essa aqui parece a *Millennium Falcon*, você não acha?

Ele olhou bem para a imagem.

— É, mas a *Millennium Falcon* tem um tipo de antena parabólica no alto.

— É verdade, mas dá para você acrescentar depois.

Fechei o livro e devolvi a ele.

— Divirta-se. Os desenhos vão ficar bem legais.

— Meninas também não deviam saber o que é *Millennium Falcon*. — Dava para ver que ele estava tentando fazer uma piadinha. Observei-o com atenção. Ele não devia ter mais de oito anos.

— De quem você está se escondendo? — ele perguntou.

— De ninguém. De todo mundo. Só queria um lugar tranquilo para ler. — Olhei em volta. — E você? Aposto que sua mãe está te procurando.

— Minha mãe não está aqui. Ela está trabalhando. Eu vim com o meu irmão. Ele me traz para ouvir histórias toda semana.

— Legal da parte dele. Não acha que ele está preocupado com você?

Ele olhou para cima como se estivesse pensando a respeito, depois franziu a testa.

— Eca! Tem chiclete aqui embaixo.

— Vamos, vou te ajudar a encontrar seu irmão, certo? — A loja era gigantesca, e eu podia imaginar o garoto procurando freneticamente pelo irmãozinho no meio da multidão. Além disso, estava claro que eu não ia conseguir ler nada. Saí do meu esconderijo e segurei meus livros debaixo do braço.

— Como ele é?

— Quem?

— Darth Vader.

— Quê?

— Seu irmão, dâ.

— Ah, hum... — Ele franziu o rosto. — Ele tem cabelo castanho e muitos músculos.

Eu ri.

— Certo, isso deve ajudar. — Andamos por todo o andar de cima e não encontramos o irmão dele em nenhum lugar, então fomos em direção às escadas.

— Ali! — O garotinho apontou sobre o corrimão.

Segui o olhar dele, preparada para ver o cara de cabelo castanho e muitos músculos, e meu queixo caiu. Trevor. Meu coração deu um pulso que me surpreendeu.

Eu não devia ter ficado surpresa. Trevor era ainda mais bonito pessoalmente do que nas fotos de Stephanie, e muito mais bonito do que na lembrança que eu tinha do jogo de futebol. Não era uma beleza óbvia. Na verdade, se analisados separadamente, seus traços eram meio estranhos: cílios longos demais, nariz meio torto, maçãs do rosto muito saltadas... Mas o conjunto fazia com que ele fosse atraente de uma forma singular.

— Trevor! — o garotinho gritou.

Trevor olhou para cima, apontou para ele e depois apontou para o espaço ao seu lado, como se dissesse: “Desça já aqui”.

— Parece que você está encrencado — eu disse.

— Ele finge que está bravo, mas nunca fica de verdade.

Eu ri.

— É melhor eu ir. — Ele deu a volta e desceu as escadas correndo. Na metade do caminho, ele se virou e acenou para se despedir. Vi quando o garotinho pisou em falso e também vi quando perdeu o equilíbrio. Ele ia cair e rolar escada abaixo. Perdi o fôlego, mas tudo o que estava à minha volta desacelerou.

O garoto voou, escorregando lentamente para trás, pronto para cair de costas. Soltei os

livros e, enquanto eles pareciam flutuar, saí correndo e me posicionei logo abaixo dele. Então, o direcionei para o meu colo, envolvendo sua cintura com os braços e fixando os pés nos degraus. Foi bom porque, no instante em que encostei nele, ele caiu no meu colo. A inércia me empurrou um pouco para a frente, mas consegui me manter firme.

Fiquei ali sentada e respirei fundo várias vezes, sem soltá-lo, enquanto o mundo à nossa volta voltava à velocidade normal. Então entrei em pânico. Tinha acabado de usar minha habilidade em uma loja cheia de Normais. Era o fim? Eu estava muito encrocada. Porém, quando olhei em volta, ninguém prestava atenção. Ninguém olhava para nós. Ninguém, a não ser Trevor.

Ele subiu dois degraus de cada vez e, quando chegou até nós, se abaixou.

— Você está bem, Brody? — ele perguntou, tirando o cabelo do garoto do rosto.

— Eu quase caí.

— Sim, eu vi. Você me assustou.

Soltei a cintura de Brody e ele escorregou para o lado, me deixando cara a cara com Trevor. Ele encarou meus olhos, roçando o peito de leve em meus joelhos.

— Você está bem?

Meu coração estava descontrolado e parecia bater na minha garganta. Fiquei olhando para ele, em choque. Era a visão que tive no hospital. A escadaria de madeira, Trevor e a pergunta. Por quê? Agora podia ver o futuro sem Investigar? Por que meu cérebro tinha escolhido justo aquele momento? Eu me inclinei para trás e me apoiei nos cotovelos enquanto uma onda de dor me atingia no fundo dos olhos, fazendo a imagem de Trevor ficar embaçada. Tentei não me encolher.

— Estou bem. Só preciso recuperar o fôlego.

Ele olhou para o topo da escada e voltou a olhar para mim.

— Você apareceu do nada.

— Não, eu estava descendo. Você não deve ter me visto. Estou feliz por ele estar bem.

Trevor continuou ajoelhado diante de mim, mas se esticou um pouco para a direita e pegou minha bolsa. Eu não tinha ideia de como ela tinha ido parar lá. Devo tê-la largado durante a descida. Não sei se senti o cheiro do cabelo ou do desodorante dele quando se esticou, mas o perfume era incrível.

— Obrigada — eu disse, ainda sem fôlego, quando ele me entregou a bolsa.

Ele assentiu, levantou e estendeu a mão. Me segurei nela, deixando-o me ajudar a ficar em pé.

Trevor despenteou os cabelos do irmão mais novo.

— Tem certeza de que está bem, Brody?

Ele olhou para cima com a testa franzida, e eu prendi a respiração. Quando o puxei para o meu colo, será que ele tinha visto o mundo à nossa volta em câmera lenta, como eu?

— E seus livros? — Brody perguntou. — Onde foram parar? — Ele olhou para o fim da escada, como se fosse encontrá-los amontoados lá embaixo. Eu sabia que estavam lá em cima, o que confirmava que eu não estava descendo, mas sim bem distante de Brody para tê-lo segurado daquele jeito.

— Eu deixei lá em cima quando vimos Trevor, lembra? — Apontei para o topo da

escada.

— Não deixou, não.

— Eu pego para você — Trevor disse.

— Não precisa — protestei, mas ele já estava subindo e, provavelmente, percebendo a distância que percorri em menos de um segundo. Quando finalmente chegou até meus livros, os encontrou espalhados como se tivessem sido derrubados em um momento de pressa. Ele abaixou e pegou um por um, alternando olhares para mim, para os livros e para seu irmão antes de descer.

— Obrigada — agradei, pegando os livros da mão dele. O olhar confuso no rosto de Trevor me fez perceber que eu precisava desviar os pensamentos dele do que tinha acabado de acontecer. — Bem, foi um prazer conhecer você, Brody. Divirta-se desenhando suas espaçonaves.

Eu desci, e eles foram atrás.

— Já nos vimos antes? — Trevor perguntou.

Aparentemente, eu não era muito memorável.

— Sim, acho que nos vimos em um jogo de futebol há algumas semanas.

— E como você conhece o meu irmão?

— Acabamos de nos conhecer. — Apontei para o andar de cima.

— Ela estava lendo quadrinhos embaixo da mesa — Brody disse com um sorriso.

Trevor, que já estava com a testa franzida, a franziu ainda mais.

— Ela queria ficar sozinha — Brody sussurrou alto o suficiente para eu ouvir.

Trevor ficou me observando por um instante.

— Jogo de futebol? — Foi quando ele pareceu lembrar. — Você é a namorada do Duke Rivers.

Ele devia ser fã do Duke. Como parecia acontecer com todos os jogadores de futebol, Trevor devia achar que ele era incrível. Eu sabia de algo que o faria odiar aquele cretino em menos de um segundo. Tive muita vontade de dizer a ele.

— Não, não, não... não — disse, tanto para responder sua pergunta quanto para impedir a mim mesma de contar o que queria.

Ele sorriu.

— Tem certeza?

— Desculpe, é que... nós terminamos. — *E ele e os amigos dele ferraram seu ombro*, pensei.

Ele assentiu e olhou para o irmão em seguida.

— Bem, Brody, é melhor deixarmos a... hum...

— Addie.

— Addie?

— Apelido de Addison.

— É melhor deixarmos a Addison ir. Agradeça a ela.

— Obrigado, Addison — Brody agradeceu.

Trevor deu um passo para trás.

— Talvez a gente se veja por aí. — Desconfiado, ele deu uma última olhada para o topo da escada, onde tinha encontrado meus livros. Será que tinha sido por isso que meu

cérebro me alertara sobre esse momento? Porque eu teria que tomar cuidado quando estivesse perto de Trevor? Garantir que não deixaria escapar nada a respeito do Complexo?

— É, talvez. — Acenei, dei meia-volta e fui direto para a estante mais próxima. Assim que estava atrás dela, em segurança, encostei e tentei aliviar a pressão em meu crânio.

Mais tarde, em casa, minha cabeça ainda doía. Tentei alguns padrões mentais que ajudaram um pouco e depois resolvi deitar, pensando que um bom cochilo me curaria completamente. Não adiantou. Tentei analisar quando e por que isso estava acontecendo. Habilidades aumentavam e expandiam o tempo todo, mas a dor de cabeça insuportável estava me fazendo estranhar muito a situação.

Massageei as têmporas e vi a luz dançar no teto enquanto o aquecedor soprava as cortinas. Não tinha Investigado nada desde aquele dia na casa do Bobby. E se eu tentasse fazer uma Investigação simples, de uns dois minutos? A escolha: devo me levantar para pegar água ou ficar na cama olhando para o teto? Investigaria essa escolha fácil.

Respirei fundo e concentrei as energias. Senti o copo gelado na mão e a lembrança da água descendo pela garganta. Ela se sobrepunha à lembrança de ficar onde eu estava, com o travesseiro fofo sob a cabeça. Quando pensei que não havia nada com que me preocupar, uma dor tão intensa irradiou pela minha cabeça que tive que pressionar a palma da mão junto às têmporas.

Virei de bruços e enfiei o rosto no travesseiro. A dor demorou alguns minutos para diminuir. Respirei fundo e me concentrei para relaxar os ombros. Saí da cama em seguida.

Quando entrei na cozinha e tomei o primeiro gole d'água, meu pai chegou pela porta da garagem.

— Você está em casa — comentei. Pareceu mais um suspiro do que a declaração alegre que eu pretendia fazer.

Ele deixou um saco de compras sobre o balcão.

— Não está se sentindo bem? — Devia estar óbvio.

— Dor de cabeça. — Pensei em tudo o que poderia acontecer se eu contasse ao meu pai o que se passava com a minha habilidade. Será que ele me mandaria para casa para fazer exames? Então escolhi as palavras com cuidado. Não queria que ele se preocupasse se realmente não fosse nada. — Ando tendo essas dores ultimamente. É normal?

— Quando elas acontecem?

— Logo depois que eu Investigo. — Deixei de lado a parte sobre ser capaz de desacelerar o tempo.

— Pode ser normal. — Eu podia não ser Discernidora, mas seu olhar indicava o contrário de sua resposta. — Por que não descansa sua habilidade por algumas semanas para vermos como você se sente?

Pensei em pressioná-lo. Mas descansar minhas habilidades parecia uma boa ideia. Eu precisava de um tempo. Isso tinha que se resolver.

8

Laila: Seu ex-namorado gato é irritante.

Segurando firme meu pacote de comida, fui para a porta da lanchonete. Já estava quase lá quando vi seu cabelo loiro pelo canto do olho. Duke. Parei, voltei e me sentei à mesa, bem de frente para ele.

— Cadê seu fã-clube?

Ele me encarou nos olhos e um sorriso se formou em seus lábios. Era apenas seu costume ou ele estava realmente feliz em me ver? Porque, se eu fosse ele, eu seria a última pessoa que gostaria de ver.

— Laila.

— Você lembra meu nome? Achei que eu tinha dado um jeito nisso.

Seu sorriso falhou por uma fração de segundo. Então ele deve ter se convencido de que eu estava brincando, porque voltou a sorrir o máximo que podia. Por que eu não tinha Apagado nenhuma lembrança dele? Culpa. Eu não merecia que Duke me encarasse normalmente depois do que eu tinha feito com a Addie. Ainda assim, ali estava ele, olhando para mim como se nada tivesse acontecido. O garoto era muito descarado.

— Você vai ter um belo futuro trabalhando para o Comitê de Contenção, já que acha normal Apagar as lembranças de pessoas que não suspeitam de nada.

Era o que todos presumiam que um Apagador de Lembranças faria: trabalhar para o Comitê de Contenção. Apagar as lembranças dos Normais que descobrissem sobre o Complexo. “Uma profissão muito nobre”, o sr. Caston havia alegado uma vez, quando fomos obrigados a preencher, durante a aula, um formulário intitulado “Seu futuro”. Eu escrevi designer e ele estalou a língua, fez um gesto de reprovação e disse: “Que desperdício de uma habilidade perfeitamente aproveitável. Não é todo mundo que tem um dom que pode ser traduzido em uma profissão tão nobre”. Blá-blá-blá. Ele podia pegar minha nobre profissão, combinar com a nobre profissão dele e salvar o mundo. Minha habilidade era para mim e para as lembranças que eu queria guardar.

— E quem está dizendo é o cara que teve que implantar emoções na namorada para ficar com ela.

Ele olhou em volta e perguntou:

— Cadê a Addie?

— Foi passar o feriado com o pai dela.

Ele mordeu o hambúrguer que segurava.

— Espero que essa decisão não tenha tido a ver comigo.

Teve tudo a ver com você, cretino. Era o que eu gostaria de dizer, mas preferi não dar essa satisfação a ele.

— Por que teria?

— Então por que ela foi?

Tentei pensar em alguma coisa que realmente fosse incomodá-lo, porque eu sabia que, independentemente do que Addie pensasse, Duke ainda sentia algo por ela. Quando Addie deixava alguém se aproximar, era impossível esquecê-la. Havia alguma coisa que ela transmitia e que se espalhava dentro das pessoas, fixando-se de um jeito agradável; a bondade se expandindo até preencher todas as células. Sem ela, havia apenas um vazio. E eu sabia que Duke sentia aquilo. Pude ver em seu rosto quando disse o nome dela.

Também sabia que Addie ainda sentia algo por ele. E eu não deixaria que ele a magoasse de novo. Porque ele magoaria. Ele era assim. Enroscava-se em uma pessoa até conseguir o que queria, deixando outro tipo de vazio, uma sensação de que algo tinha sido roubado.

— Não que seja da sua conta, mas ela foi visitar um cara que conheceu lá.

— Sério? — Mesmo mantendo o sorriso no rosto, pude ver nos olhos dele que minha afirmação o atingiu em cheio.

Procurei na memória o nome daquele caubói bonitinho em que ela tinha ficado de olho.

— Trevor.

— Trevor? Ela conhece o Trevor?

— Eles conversaram depois daquele jogo. — Addie me mataria se soubesse que eu estava mentindo abertamente daquele jeito, mas não importava, valia a pena só pela derrota no rosto de Duke. Suspirei. Não, eu não estava fazendo aquilo por ela, estava fazendo por mim.

Me levantei.

— Espere.

Ergui um pouco a mão. Falando em guardar minhas lembranças, uma limpeza de cinco minutos devia ser suficiente. Pouco antes de mandar a onda de energia na direção dele, lembrei de como minha habilidade tinha falhado com Connor. Aquela preocupação passou pela minha cabeça por um breve segundo, quando fiz uma tentativa. Senti os caminhos de sua mente muito próximos e sorri. Estava tudo bem. Uma vibração, que há muito tempo passei a associar a poder, percorreu meu corpo. Era uma sensação incrível.

Deixei a mão cair ao lado do corpo. Talvez eu fosse o tipo de pessoa capaz de trabalhar para o Comitê de Contenção: perturbada. Eu tinha mais ou menos três segundos antes de Duke recobrar totalmente a consciência. Sentindo um pouco de náusea, me virei e saí.

Quando cheguei à porta, Duke gritou.

— Laila! Ei!

Eu me virei.

— O quê?

— Nem te vi aí. Onde está a Addie?

— Não está aqui.

A princípio, não notei a desproporção entre as emoções que sentia. Achei que talvez a

raiva que tinha dele tivesse diminuído e se transformado em pena, que talvez eu estivesse me sentindo mal por simplesmente ter Apagado nossa conversa da memória dele. Mas, quando senti uma onda de alegria encher meu peito, rangi os dentes. Fui até a mesa dele.

— Pode parar!

Ele deu de ombros e mostrou o último pedaço do hambúrguer.

— Não lembro de ter dado tantas mordidas no meu hambúrguer, então achei justo pagar na mesma moeda. — O sorriso não saiu de seu rosto, e, novamente, uma onda de felicidade tomou conta de mim. A sensação era tão boa que eu quase me derreti diante dele. Me fez lembrar de como ele havia me manipulado da primeira vez. Essa sensação... Eu amava essa sensação. Logo percebi que ele poderia me ajudar.

— Preciso de sua ajuda.

— Como é? — Ele levou o último pedaço de hambúrguer à boca.

— Você precisa convencer Connor Bradshaw a me contar umas coisas.

— Isso é um pedido?

— Não, você me deve essa.

— Me diga exatamente o que deve convencê-lo a fazer e posso considerar te ajudar.

— Você vai ver. É uma coisa para a Addie. — Era muito baixo da minha parte usar o que Duke sentia por ela contra ele, mas ser baixa não me incomodava. Principalmente se desse resultado. — Me encontre em frente à sua casa no sábado. — Fiquei ali por mais cinco segundos, inundada da felicidade que ele oferecia e que se estendia dos braços até a ponta dos dedos. Depois me afastei e saí da lanchonete. A alegria que contagiava meu peito se foi, e me dei conta do quanto aquela sensação era rara para mim e por que eu estava tão desesperada para mantê-la.

9

Addie: É possível morrer por causa de uma garrafa de água?

— Tem certeza de que o Trevor não vai se importar se você me levar? — Sentei no banco do passageiro do carro de Stephanie no dia seguinte ao de Ação de Graças, imaginando se aquilo seria uma boa ideia. Principalmente depois do espetáculo na livraria.

Ponderei se deveria contar para Stephanie que tinha encontrado com ele outro dia. Era isso que amigas faziam? Mas eu não queria criar caso. Não queria que ela achasse que eu estava tentando chamar a atenção do ex-namorado dela nem nada parecido, não importava o quanto ela dissesse que estava tudo acabado entre eles. E, na verdade, não era nada demais. Tínhamos nos encontrado por acaso, mal conversamos.

— Trevor não vai se importar nem um pouco. Ele é o cara mais legal da face da Terra.

— Achei que ele tivesse umas questões.

— Ah, ele tem. Mas ele não divide com ninguém, lembra? Essa era uma das questões. Ele não conversa com ninguém de verdade, pelo menos não sobre coisas profundas. Nem com o Rowan. E falando no Rowan... — Stephanie comentou. — Você disse que o conhecia.

— Sim.

— Ele vai estar lá, com certeza. Mas já vou avisando: ele não é exatamente a minha pessoa preferida no mundo.

Eu já tinha percebido isso na outra vez que falamos dele. Tentei me lembrar da personalidade de Rowan no jogo de futebol. Ele parecia bem legal, talvez um pouco hiperativo. Laila gostou muito dele.

— Por quê?

— Digamos apenas que, quando eu estava com Trevor, ele não queria que ficássemos juntos. Vivia sabotando nosso relacionamento. Acho que ele tinha ciúmes.

— Sério?

— Ele ficava zangado porque eu afastava o Trevor dos programas dos garotos.

— Entendi.

— Então, se, por acaso, eu virar uma bruxa quando ele estiver por perto, sinto muito. Não consigo me segurar.

Eu ri.

— Entendo completamente.

Não fomos as primeiras a chegar. Vários carros estavam estacionados em frente à casa

de Trevor, o que era bom. Quanto mais gente, menos eu teria que falar. Stephanie teve que estacionar a algumas casas de distância. Ela desligou o motor, ajeitou o cabelo, endireitou a saia, retocou o gloss e saiu do carro. Era muito embelezamento para alguém que dizia ter superado o fim do namoro com a pessoa que estávamos prestes a ver.

Caminhamos até a entrada, e o sol refletiu em alguma coisa numa árvore, chamando minha atenção. A princípio, pensei que fosse um pássaro, mas não fazia sentido, considerando que pássaros não eram metálicos. Quando olhei novamente, não vi mais nada. Stephanie bateu à porta.

Trevor abriu.

— Oi, Stephanie — ele disse, olhando para mim em seguida, surpreso. — Ah, Addison. Oi.

Meu rosto ficou quente.

— Espero que não seja um problema eu ter vindo.

— É claro que não.

— Não sabia que vocês já se conheciam — Stephanie disse, com certa irritação na voz.

— Na verdade, não nos conhecemos — respondi rapidamente. — Temos um conhecido em comum. Duke Rivers.

— Entrem. — Ele abriu caminho e nós entramos. Um aroma de noz-moscada e canela se espalhava pelo ar enquanto Trevor nos conduzia escada abaixo até uma grande sala de jogos. O cheiro me lembrou da triste tentativa minha e de meu pai de preparar o jantar de Ação de Graças na noite anterior.

— Steph! — Rowan gritou de um pufe em que estava sentado. Ele deu uma cambalhota para trás e veio correndo. — Oi. — Ele estendeu a mão para mim. — Eu sou o Rowan.

Apertei a mão dele.

— Eu sei, nos conhecemos em um jogo de futebol há algumas semanas.

Ele pareceu confuso. Revirei os olhos, sabendo que ele devia se lembrar de apenas uma coisa a respeito daquela noite.

— Eu estava com a minha amiga, Laila.

— Laila... — Ele deixou no ar, certamente sem ter a mínima ideia.

Mas o quê...? Ele não tinha beijado Laila a noite toda? Não acho que seria uma coisa fácil de esquecer.

Tentei olhar para Stephanie com cara de “talvez ele seja mesmo meio estranho”, mas ela já tinha saído. Imaginei que fosse por não querer conversar com Rowan.

— Estamos nos preparando para ver o filme — Trevor avisou. — Pode pegar alguma coisa para comer e escolher um lugar para sentar.

— Onde tem água?

— Tem uma geladeira logo depois daquela porta, na garagem. Está cheia de água, Coca-Cola e outras coisas.

— Obrigada.

Entrei na garagem e a porta pesada se fechou automaticamente atrás de mim. Esperei as luzes se acenderem com meu movimento, mas logo me lembrei de que não havia sensores ali. Estava totalmente escuro e eu não conseguia enxergar nada. Bati o joelho em alguns

objetos sólidos, até finalmente me lembrar de ligar o celular para iluminar o ambiente. Encontrei a parede e toquei o interruptor. Com as luzes acesas e o celular na mão, liguei para Laila.

Ela atendeu no segundo toque.

— Está morrendo de saudades de mim?

— O que você fez?

— Quando? Já fiz muitas coisas...

— Você Apagou as lembranças dele, não é?

— Como descobriu?

— Acabei de falar com ele.

Ela resmungou.

— Não acredito que ele te contou. E por que está falando com ele?

— Porque estamos em uma festa... Espere, de quem você está falando? — dissemos ao mesmo tempo que ela. — Laila, o fato de você ter que perguntar realmente me assusta. Quantas lembranças você Apagou? Estou falando do Rowan.

Ela deu uma risadinha.

— Ah, é. Rowan. Como ele está?

— Ele não lembra de nada. De quem você estava falando?

— Talvez do Duke.

— Você Apagou lembranças do Duke? — Tentei não dar atenção à esperança que surgiu dentro de mim ao pensar naquilo. Se ele não conseguisse se lembrar de mim, eu não teria que me sentir uma idiota sempre que o visse. Em vez disso, me concentrei na indignação extrema que senti com a notícia.

— Foram só cinco minutos.

— Por quê, Laila? Por que faria isso sem permissão? É errado em muitos sentidos!

— Ele mereceu. E, quanto a Rowan, foi uma atitude humana. Não podia deixar as lembranças do meu beijo intactas, ou ele teria que percorrer o mundo e mesmo assim voltaria de mãos abanando. Nenhuma garota chegaria aos meus pés. Seria trágico. Desse jeito ele tem uma chance de ser feliz.

— Tem alguma coisa muito errada com você.

Ela riu.

— Pare de Apagar lembranças.

— Você não tem senso de humor.

— Preciso ir. Estou em uma festa chata.

Laila bufou.

— Você acha todas as festas chatas.

— Exatamente. — Sorri e desliguei. Quando me virei, quase perdi o fôlego, porque Trevor estava bem ali. A expressão dele estava relaxada. Fiquei sem saber se tinha escutado a conversa, incluindo a parte sobre Apagar lembranças, ou se tinha acabado de entrar.

— Eu estava procurando a água.

— Está na geladeira. — Ele apontou e foi até lá. Me entregou uma garrafa de água e pegou alguns refrigerantes.

— Obrigada.

— De nada — ele respondeu, indo em direção à porta.

— É uma piada interna — falei sem pensar, certa de que ele tinha escutado pelo menos a última frase da conversa.

Ele se virou.

— O quê?

— Eu acho todas as festas chatas. Sou meio antissocial. Foi apenas uma piada. Sua festa está legal.

Ele concordou.

— Todas as festas são chatas, mas o que eu posso fazer quando as pessoas se convidam para vir à minha casa? — Ele encostou na parede, com os olhos brilhantes e um sorriso provocador.

— Ei! — Eu ri. — Stephanie me convidou! Eu juro!

— Bem, você salvou meu irmão recentemente... — Sua posição relaxada ficou um pouco tensa ao mencionar aquilo. Será que a lembrança do irmão caindo causou a mudança de comportamento ou ele suspeitava do meu segredo? Era difícil acreditar que alguém sem nenhum conhecimento sobre o Complexo pudesse chegar a algum tipo de conclusão. Mas ele havia testemunhado quando eu me movimenteiei mais rápido do que qualquer humano seria capaz, e ainda era possível que tivesse me ouvido falar sobre Apagar lembranças.

Lembrei da Torre, do homem com a cicatriz no rosto. Droga. Será que o fato de Trevor ter escutado por acaso minha conversa com Laila equivalia a eu ter contado a alguém? Olhei em volta como se alguém pudesse estar me observando, naquele exato momento, na garagem mal iluminada de Trevor. Seria possível?

A forma como ele deixou o resto da frase no ar deu a impressão de que ele esperava que eu completasse seu pensamento e preenchesse as lacunas que ele não entendia. Como eu não disse nada, ele abriu a porta.

— O filme já vai começar. — E, com aquelas palavras, ele saiu da garagem.

Fui atrás e procurei por Stephanie. Ela estava apertada entre duas garotas no sofá, rindo e conversando. E ela dizia que se sentia deslocada... Rowan chegou perto de mim, abrindo seu refrigerante e dando um longo gole.

— Oi.

— Olá.

— Como foi seu Dia de Ação de Graças?

— Foi bom. Comi demais, dormi bastante. O de sempre. — Mas, na verdade, não foi o de sempre. Foi estranho. Meu primeiro feriado longe da minha mãe. Meu pai estava esquisito e nervoso e não parava de perguntar se eu queria mais alguma coisa. Talvez eu devesse, por um tempo, passar os feriados longe tanto do meu pai quanto da minha mãe. Uns vinte anos seriam suficientes.

Devo ter soado mais amarga do que pretendia, porque Rowan disse:

— Bem, se você quiser fazer algo fora do comum, talvez deva me deixar te mostrar a cidade.

— Hum... sim, é claro.

— Quer sentar?

Será que ele estava dando em cima de mim?

— Acho que vou ficar um pouco em pé.

Ele me olhou de cima a baixo, quase como se procurasse o motivo de eu não querer sentar ao lado dele escrito em alguma parte do meu corpo.

— Onde você disse que nos conhecemos mesmo?

— Em um jogo de futebol. Eu estudo na Lincoln High.

— Ah! É verdade. Você é a namorada do Duke.

— Não sou mais — eu respondi com certa hostilidade, e Rowan pareceu um pouco surpreso.

— Isso é bom. Eu ia dizer que estava surpreso pelo Trevor ter te convidado para vir aqui. Ele não é muito fã do Duke.

— Não?

— No último jogo, ele descobriu que Duke e alguns de seus amigos estavam jogando sujo. Machucando os rivais de propósito. Trevor foi uma das vítimas. Isso acabou com a carreira dele.

— De propósito? — Quanto será que eles sabiam? Será que sabiam sobre as habilidades? Será que foi por isso que Trevor tirou conclusões precipitadas quando me viu salvar seu irmão?

— Trapaceando. Batendo depois do apito. Jogadas sujas. E Trevor tinha muito respeito por Duke. Então, quando descobriu, ficou incomodado de verdade.

Respirei aliviada. Eram coisas que qualquer Normal podia fazer.

— Então ele não gosta do Duke? — Talvez a desconfiança que eu tinha notado em Trevor fosse, na verdade, apenas o que ele sentia em relação ao meu ex. Talvez se lembrasse dele ao me ver.

— Não gostar é pouco. Mas não se preocupe, ele é um bom rapaz sulista, então vai ser educado com você.

Já ia responder que ele *estava* sendo legal comigo quando me dei conta do que Rowan estava dizendo: o comportamento de Trevor não era sincero. Será que ele estava sendo gentil comigo apenas por educação? Talvez ele preferisse que eu não tivesse sido convidada para a festa.

A tela da TV ficou azul e o filme começou. Depois de um aceno, Rowan voltou a sentar no pufe.

Eu me acomodei em uma cadeira encostada na parede dos fundos, cruzei os braços e tentei assistir ao filme. Sempre que Trevor ria, uma onda de frustração tomava conta de mim. Ele ia me julgar por causa do Duke? Terminei de tomar a água e senti um desejo incontrollável de jogar a garrafa vazia na cabeça dele. Por que estava tendo uma reação tão exagerada em relação ao comportamento dele? Eu não deveria me importar com o que ele pensava a meu respeito. Resisti ao desejo de lançar a garrafa pelos ares e amassei o plástico. Logo, o rótulo de papel estava todo retalhado.

Depois do filme, Stephanie esticou o pescoço e olhou em volta. Apontou para o lugar ao lado dela no sofá, agora vazio, como se estivesse imaginando por que eu não tinha sentado lá. Eu era nova nessa coisa de fazer amizade. Fui até lá e sentei.

— Estava me perguntando onde você tinha ido parar — ela disse.

— Eu sentei lá atrás.

Ela me apresentou para as amigas, e elas retomaram a conversa que estavam tendo antes de eu sentar. Era algo sobre quadrinhos?

— Histórias em quadrinhos são legais — eu disse. Quando as três ficaram em silêncio e olharam para mim, me dei conta de que a minha opinião devia ser oposta à delas, então acrescentei: — O que vocês acharam do filme?

Funcionou, e elas voltaram a conversar. Havia algumas latas vazias de refrigerante na mesa de centro, e fiquei pensando se Stephanie perceberia que eu já estava pronta para ir embora se começasse a recolher tudo.

Juntei algumas latas e fui até a garagem, onde eu tinha visto uma grande lata de lixo reciclável. Quando voltei, Trevor e Stephanie estavam conversando. Observei a linguagem corporal dela por um instante, o modo como se inclinava na direção dele, como enrolava uma mecha de cabelo escuro no dedo e como ria um pouco alto demais de tudo o que ele dizia. Ela não havia superado o fim do namoro. Mas estava mais do que óbvio que ele não sentia mais nada por ela. Ele olhava para todas as direções, menos para ela, com os braços cruzados diante do peito e, a cada pequeno passo que ela dava em sua direção, ele dava um passo para trás. Se conversassem por muito mais tempo, ele acabaria encostado na parede. No entanto, apesar da linguagem corporal, ele fazia exatamente o que Rowan havia dito: era amigável, sorria e acenava com a cabeça a cada palavra que ela dizia. Pobre Stephanie. Era uma droga estar num relacionamento unilateral.

— Addison! — Me virei quando ouvi meu nome e vi Brody correndo em minha direção. Fiquei surpresa quando ele me abraçou.

— Oi! Eu não sabia que você morava aqui — eu disse, brincando.

— É, Trevor é meu irmão, lembra?

— Ah, é! Como pude esquecer? Como estão os desenhos?

Ele pegou minha mão e me puxou para o corredor.

— Venha ver! Desenhei a *Millennium Falcon*. Ficou bem legal.

— Certo, mais devagar. Não queremos que você caia de nenhuma escada.

Ele deu uma risadinha.

— Você foi rápida aquele dia. Muito rápida. Trevor disse que você estava lá em cima. Como fez aquilo?

— Não, ele não lembra direito. Eu já estava descendo.

— Foi o que o meu pai disse, mas o Trevor falou: “Pai, ela é linda. Eu lembro onde ela estava”.

Senti minhas bochechas ficarem quentes com o elogio, ao mesmo tempo que meu estômago revirou.

Trevor não apenas desconfiava de alguma coisa, mas estava contando para outras pessoas. Ótimo.

— Sua memória até que é boa, hein! — Queria saber até que ponto era boa. Será que ele se lembrava do tempo desacelerando? Quando toquei seu corpo, ele entrou naquele momento comigo, enquanto o mundo à nossa volta continuava a flutuar. Seria possível ele

ter visto o que eu vi?

— É — ele disse inocente, me conduzindo pelo corredor.

— Para onde estamos indo, exatamente?

— Para o quarto do Trevor.

Parei, e ele sofreu um tranco com meu movimento abrupto.

— Não pode trazer os desenhos aqui? Acho que não devo entrar no quarto do seu irmão.

— Tudo bem, espere aqui.

— Espero. — O corredor estava cheio de fotos de família tiradas ao longo da vida de Trevor e Brody. Não apenas fotografias formais, posadas, mas também espontâneas. Acampamentos, passeios de barco, churrascos... Uma vida de lembranças. Será que aquelas lembranças poderiam desaparecer em um piscar de olhos se o Complexo descobrisse que Trevor desconfiava de algo? Certamente o Cicatriz não se referia a um Apagamento total de memória. Ele se referia apenas às lembranças relativas ao Complexo, às habilidades. Não? Eu também não estava preparada para que as minhas lembranças fossem Apagadas por um pequeno lapso. Trevor precisava acreditar que eu era completamente Normal. Como eu o convenceria?

10

Laila: Como é mesmo aquele ditado bobo sobre a pena ou caneta ou sei lá e a espada? Deve ser verdade.

A diferença entre Duke e os outros Controladores de Humor era que Connor não tinha como se defender da habilidade dele. E se Connor ainda achasse que Duke era Telecinético — como todos na escola —, poderíamos ter uma vantagem. Essa tinha sido a primeira vez nas últimas duas semanas que me senti feliz por não ter espalhado para a escola inteira quem era Duke de verdade, como gostaria de ter feito desde o princípio.

— Qual a habilidade do Connor? — perguntei a Duke no caminho para a casa dele.

— Não tenho certeza. Ele fez várias aulas com o Bobby, então talvez possa Manipular Matéria.

O modo casual como ele disse o nome de Bobby me fez hesitar um pouco. Como se Bobby ainda fosse apenas seu vizinho e melhor amigo, não um assassino condenado. Limpei a garganta e tentei afastar aquela sensação.

— Achei que soubesse as habilidades de todo mundo. Addie disse que você imprimiu uma lista que achou nos computadores da escola.

— É, mas eu só estava interessado em algumas habilidades. Não prestei atenção às outras.

Ele só estava interessado nas habilidades que o ajudassem a conseguir o que queria: uma visão de seu futuro. Tentei segurar o grunhido que subiu pela minha garganta.

— Quando chegar em casa, veja para mim.

— Até veria, mas destruí a lista.

— Então imprima outra.

— Em primeiro lugar, não é tão fácil quanto você pensa. Em segundo, você teria que me dar mais detalhes para eu poder me empenhar. Da última vez em que me meti em uma conspiração, acabei me dando mal. Tenho certeza de que você se lembra.

Ele estacionou em frente à casa de Connor e desligou o motor.

Como poderia esquecer, sendo que eu era uma das peças da conspiração dele? Meu celular vibrou e li a mensagem na tela. Era de Eli:

Pense em alguma coisa.

Eu sorri. Na noite anterior, tinha dito que, se ele me pedisse aquilo mais uma vez, eu ia pensar na morte dele nos mínimos detalhes. Respondi a mensagem:

Haha. Até parece que você ia conseguir ler a minha mente a oito quilômetros de distância.

Por mais que a ideia de Eli lendo meus pensamentos me incomodasse, eu realmente desejava que ele conseguisse captar uma coisa ou outra.

Olhei para Duke.

— Quando sua habilidade se manifestou?

— Quando eu tinha doze anos. Foi o pior dia da vida do meu pai. Ele queria um Telecinético. E teve que se contentar comigo.

Eu não era o tipo de pessoa que se abria, então não soube direito o que fazer com aquela informação.

— Choramingar te deixa menos atraente. Não faça mais isso.

Ele riu.

Olhei para a entrada da casa. Mais uma vez, a porta da garagem estava aberta. Connor mexia em ferramentas lá dentro. O garoto adorava aquela moto. Respirei fundo e balancei as mãos. Não estava acostumada a falar com um cara sem a certeza de poder Apagar o que quisesse no fim da conversa.

— O que quer mesmo que eu faça? — Duke perguntou.

— Confiança. Ele tem que sentir confiança. Bem-estar. Tranquilidade. — Eu pigarreei.
— E um pouco de atração não faz mal a ninguém.

Duke sacudiu a cabeça.

— Acho que ele não precisa da minha ajuda com isso. Essa não é a única emoção que você consegue controlar?

— Ele não gosta de mim. Prefere namorar a moto.

— É a primeira vez que isso acontece com você?

— Cale a boca e faça logo o que eu pedi. E, pelo amor de qualquer coisa, tente ser sutil.

Ele se aproximou de mim.

— Se me lembro bem, você não suspeitou de nada.

Eu o empurrei.

— Fique fora da minha bolha, querido.

Saímos do carro. Mantive uma distância mínima de trinta centímetros entre nós enquanto caminhávamos até a garagem de Connor. Ele não pareceu tão surpreso ao me ver dessa vez.

— Não dou reembolso — ele disse, lustrando uma peça de metal já bem brilhante de sua moto.

— Não quero reembolso. Só uma conversa amigável.

— Ei, Connor — Duke disse, com aquele sorriso irritante estampado no rosto. — Bela moto.

Eu devia ter dito para ele não falar nada. Para só ficar ao meu lado, como o brinquedinho lustroso que ele era. Nem sei por que tinha me dado ao trabalho de trazer Duke. Connor provavelmente dominava bloqueios para todas as habilidades.

— Obrigado — Connor respondeu, e eu podia jurar que seu tom de voz estava um

pouco menos tenso do que o da primeira saudação. Talvez Duke fosse útil, afinal.

Virei as costas para Connor e sussurrei a palavra “confiança” para Duke, que fez um sinal positivo com a cabeça.

— É uma moto bem legal — afirmei. — Parece que você já consertou todo o estrago do encontro que ela teve com o asfalto. Addie me contou o que aconteceu. Muito louco! Você teve sorte por não a atropelar.

— Acho que não teve nada a ver com sorte — ele disse.

O que ele queria que eu fizesse? Dissesse que ele tinha sido incrível por não atropelar minha amiga por um triz? Passei a mão no banco, testando a reação dele. Quando vi que nem hesitou, subi na moto.

— O que você quer, Laila? — Connor perguntou calmamente.

— Apenas o que sempre quis. — Encarei seus olhos. — Informações. — *Vamos, Duke, faça ele sentir confiança.* — Qual é o problema? Nem vou mencionar como as consegui.

— Eles não são idiotas. Vão deduzir com facilidade.

— Não sou da polícia. Sou apenas uma cliente. Uma cliente pagante.

— Uma cliente parcialmente pagante.

— Vou te pagar. Mas isso não vem ao caso. A questão é que preciso de ajuda e estou disposta a pagar por isso.

— Desenvolvimento de habilidades. É disso que você está atrás?

Senti o olhar de Duke na minha direção, mas não me virei para ele.

— É. Basta um nome. Eu descubro o resto sozinha.

Connor virou a cabeça para Duke e, por um instante, fiquei preocupada com o fato de que ele talvez sentisse que Duke se infiltrava na cabeça dele. Mas, depois, sem olhar para mim, disse:

— Saia da minha moto.

Me apoiei no ombro dele, como se precisasse de ajuda para descer. Ao fazer isso, dei uma olhada rápida para Duke. Dava para ver por seu sorriso permanente e seu olhar intenso que ele estava seriamente concentrado na tarefa. Apertei o ombro de Connor enquanto me ajudava e em seguida tirei uma caneta e um pedaço de papel da bolsa.

— Só um nome.

Ele pegou a caneta e o papel e começou a escrever. Tentei disfarçar as batidas aceleradas do meu coração, mas parecia que elas estavam sendo transmitidas para os confins da terra.

— Vou te dar as informações com uma condição.

— Claro.

— Quando você for, vai ter que me levar junto.

— Tudo bem — respondi, mesmo não pretendendo fazer aquilo. Ele me entregou o papel e eu dei uma olhada. — É só um endereço.

— Eu te passo o nome quando a gente for. — Depois, disse: — Ei, Duke.

— Fal...

Antes que Duke pudesse finalizar a palavra, Connor jogou a caneta na direção dele como uma faca. Ela fincou-se em seu ombro por um segundo e depois caiu no chão.

— Telecinético, né?

— Ai! — Duke exclamou, passando a mão no ombro.

— Não tente mexer com a minha cabeça de novo, ou vou mexer com a sua — ele ameaçou Duke. — E pode acreditar, você não vai me querer dentro da sua cabeça.

Peguei Duke pelo braço e saí antes que Connor mudasse de ideia. Fomos até o carro.

— Chegou a sangrar — Duke afirmou, tirando a mão do ombro e me mostrando a palma ensanguentada.

— Lembre do que eu disse sobre choramingar.

— Nem achei que estivesse funcionando, mas... chegou a sangrar.

Segurei o papel.

— Mas conseguimos o que viemos buscar. — Minha habilidade estava prestes a ser maximizada.

— De nada.

Addie: Salvar os Normais deles mesmos é muito cansativo.

— Addison? — Trevor se aproximou no corredor pouco iluminado. — Está tudo bem?

— Oi. — Interrompi minha análise de seu passado exibido em molduras na parede. — Quero dizer, sim. Está tudo bem.

— O banheiro fica no fim do corredor à direita.

— Quê? Ah, não. Não estou procurando o banheiro. Estou esperando o seu irmão. Ele quer me mostrar uns desenhos.

Ele olhou para a porta atrás de mim, por onde Brody havia entrado, e sorriu.

— Ele gosta de você.

O sorriso de Trevor parecia tão sincero que, apesar do que Rowan havia insinuado e de eu ter testemunhado evidências da prática com Stephanie, sorri também.

— Uma gracinha. — Apontei para o quarto. — Seu irmão. — Mordi o lábio, sem saber por que senti a necessidade de explicar a afirmação. Era óbvio que eu estava falando do irmão dele.

Trevor olhou para as mãos e voltou a me observar, seus olhos com cílios incríveis.

— Ele não gosta de muita gente.

— Bem, eu tenho uma leve vantagem...

— Você o salvou.

— Eu ia dizer que conheço a *Millennium Falcon*, mas acho que salvá-lo também contribuiu.

Ele riu.

— Saber sobre Star Wars é uma grande vantagem. — Ele inclinou a cabeça como se lembrasse de alguma coisa. — Então você estava mesmo embaixo da mesa lendo quadrinhos?

Franzi o nariz.

— Estava. E o fato de eu e seu irmão gostarmos dos mesmos livros não quer dizer que eu seja imatura.

— Não. Estou impressionado. Eu... — Ele hesitou, como se não tivesse certeza de que queria compartilhar o que estava pensando. Stephanie tinha dito que ele era reservado, então fiquei surpresa quando continuou: — Eu desenho quadrinhos. Ou tento, pelo menos.

— Sério? Você publica on-line?

— Não. Nada tão público.

— Uau! Estou impressionada. — Como ele podia ficar impressionado pelo fato de eu

ler quadrinhos se ele *desenhava*?

— Você vai se mudar para Dallas, então? — ele perguntou.

Entendi a deixa: ele estava pronto para mudar de assunto. Eu teria que perguntar mais sobre seus quadrinhos depois.

— Não. Meu pai mora aqui. Só vim passar o feriado com ele. Precisava dar um tempo.

— Regurgitei a história aprovada pelo Complexo como se estivesse lendo em um papel. Por um instante, achei que ele fosse me contestar.

Mas ele apenas assentiu e não pediu nenhum esclarecimento.

— Do Duke. Eu precisava dar um tempo do Duke. — Por que eu estava contando aquilo para ele? Não fazia parte do roteiro. Talvez por querer que ele soubesse que eu também não era fã do Duke. Talvez por ele ter acabado de compartilhar algo pessoal comigo. Talvez porque eu não tinha conseguido falar sobre aquilo com ninguém. Mesmo tentando não responsabilizá-la, Laila tinha me magoado, e eu não me sentia confortável para conversar com ela sobre o assunto. Provavelmente porque, sempre que eu tentava, ela ficava com uma expressão de culpa e não conseguia parar de se desculpar. Era mais fácil falar com um estranho, especialmente este. — Ele estava me usando. — Eu ainda não tinha dito aquilo em voz alta. Ainda doía.

— Para quê?

Droga. *Bem, Trevor, ele queria que eu visse o futuro dele.* Eu não podia dizer isso. Por qual motivo um cara Normal usaria uma garota Normal? Meu rosto ficou vermelho quando pensei na possibilidade principal.

— Não para isso. Não estávamos... Ele só precisava de ajuda... com trabalhos de escola e coisas assim. — Ai, minha nossa, aquilo era ridículo. Tinha acabado de dar a entender que Duke e eu éramos completamente idiotas. — Ele não é um cara legal.

— Não mesmo. Sinto muito.

— Sinto muito por seu ombro.

Ele passou a mão no ombro quando eu disse aquilo.

— E eu não sabia que Duke fazia parte desse esquema de trapaça até pouco tempo. — Eu estava saindo muito do roteiro, mas acho que o Complexo não considerou que alguém pudesse conhecer as mesmas pessoas que eu. Não dava para fingir que elas não existiam. Mas eu devia ter evitado o assunto, porque deu para ver que Trevor tinha ficado tenso pelo olhar dele.

— Esquema?

— Quero dizer, o plano, seja lá o que for.

— De machucar as pessoas de propósito.

— Isso. — Luzes de alerta piscaram na minha cabeça. Eu estava simplesmente falando sobre o que Rowan tinha me contado: jogadas sujas, bater depois do apito. Mas Trevor parecia achar que eu estava insinuando algo mais. O que ele achava que sabia exatamente? E como eu podia fazê-lo parar de achar o que achava que sabia? De repente, percebi por que Laila era tão rápida com sua habilidade. — Eles são imaturos. Precisam crescer.

Ele ficou me olhando por tanto tempo que tive vontade de me contorcer, de dizer: “Provavelmente o que você está pensando é verdade. Alguém piorou sua lesão usando

uma habilidade especial”. Por fim, ele disse:

— Duke pode ir...

Brody saiu do quarto com um caderno de desenhos. Olhei para Trevor por um instante, tentando passar a mensagem de que eu entendia o que ele sentia em relação a Duke. Brody puxou meu braço, interrompendo o olhar.

— Uau! Você desenha muito bem.

Trevor despenteou o cabelo do irmão.

— Ele é o melhor.

Na manhã seguinte, sentei em um banco alto na cozinha com o notebook aberto e o pen drive conectado, pronta para iniciar uma sessão. Mas me distraí com um lápis. Derrubei-o de propósito várias vezes, tentando desacelerar sua queda. Desacelerar o tempo não parecia ter a ver com concentração, porque, independentemente do quanto eu olhasse fixamente para o lápis, a gravidade ainda o atraía para o chão com a mesma velocidade de sempre. Eu sabia que meu pai queria que eu descansasse minha habilidade por algumas semanas, mas, quanto mais eu pensava naquele conselho, pior ele parecia. Eu nunca tinha deixado de exercitar meu cérebro nem por um dia desde os cinco anos. Só precisava entender tudo aquilo.

Fiquei encarando o lápis. Talvez não tenha funcionado porque ele não estava em perigo. Essa parecia ser a característica comum a todos os momentos em que o tempo desacelerou à minha volta. Bobby havia dito algo sobre emoções intensas serem capazes de fazer uma habilidade se desenvolver. Talvez minha habilidade estivesse se desenvolvendo em momentos de emoções exaltadas.

Levantei, fui até a pia, abri a torneira e liguei o triturador de alimentos.

— Certo, lápis, sua morte é iminente. — Segurei o lápis sobre a pia. Assim que o soltei, meu pai entrou e meu coração começou a bater duas vezes mais rápido. A queda do lápis em direção ao triturador desacelerou e eu o segurei no ar. Coloquei-o sobre a bancada e desliguei o triturador. Contraí os músculos e fiquei de costas para ele. Será que ele tinha visto que me movimenteí mais rápido do que deveria? Eu devia ter deixado o lápis cair. Pela janela, vi uma garotinha passar de bicicleta em velocidade normal. Senti uma forte dor de cabeça. Me apoiei na bancada.

— O que você está fazendo? — A voz dele parecia normal, e eu soltei o ar e voltei a respirar.

Com os dentes cerrados de dor, peguei um prato sujo dentro da pia e passei a esponja sobre ele algumas vezes.

— Lavando este prato. — Se tivesse falado logo, meu pai perceberia a mentira.

Fechei a torneira e voltei para o computador antes que ele tivesse muito tempo para me avaliar. Cliquei duas vezes no ícone do cérebro e me preparei para um pouco de expansão mental, tentando ignorar quanto minha cabeça latejava.

— Você está bem?

— Estou. — Minha mãe sempre me disse para não forçar demais minha habilidade antes do tempo. Ela estava certa. Era óbvio que eu tinha danificado alguma coisa. Isso

não era bom. Relaxei os ombros e tentei me acalmar. Se emoções exaltadas estavam trazendo essa nova habilidade à tona, eu só precisava aprender a não deixar minhas emoções assumirem o controle.

— Sua cabeça ainda está doendo?

— Está.

— Você está descansando sua habilidade?

— Na verdade, não.

Ele soltou um suspiro frustrado.

— Eu sei. Vou fazer isso. — A partir de agora. Meu programa apareceu na tela.

— O que é isso?

— Ah, só um protocolo matutino. A mamãe me mandou trazer.

A expressão dele ficou séria por um instante.

— É um programa novo?

— Mais ou menos. Peguei algumas semanas antes de vir para cá.

— Você nem devia ter trazido isso.

— Foi aprovado. — Apontei para o objeto preto no computador. — Por isso está em um pen drive.

— Isso não é descansar.

— Não encaro isso como trabalho. É parte da minha rotina diária.

— Você tem feito isso todo dia desde que chegou aqui?

— Nem todo dia.

— Posso ver?

Desconectei o pen drive e entreguei a ele. Ele o virou várias vezes e levantou para ver na luz. Não entendi o que estava procurando. Então ele disse:

— Eu posso... Você vai...

Esperei. Meu pai raramente hesitava para dizer alguma coisa.

— Gostaria de falar com a sua mãe sobre isso. — Ele guardou o pen drive no bolso sem pedir minha permissão e pegou o celular enquanto se afastava. Não havia nada pior do que pais impondo autoridade sem explicação.

Sentei por um instante, frustrada, depois fui atrás dele. Já que não ia me dizer por que tinha feito aquilo, eu descobriria por conta própria. E “por conta própria” queria dizer “escutando atrás da porta”.

Encostei a orelha na porta fechada e prestei atenção. Ele estava no meio de uma frase:

— ... tínhamos discutido isso. Chega de programas experimentais. Deixe isso para lá, Marissa. Ela está se desenvolvendo bem. — Longa pausa. — Não, mas eu quero. Ainda acho que devemos. — Outra longa pausa. — É claro que ela vai ficar zangada, mas é melhor agora do que depois. — Ele resmungou alguma coisa. — Isso não é verdade. E se vamos falar sobre vantagens, acho que você tem todas, dos amigos dela até a escola.

Eu estava totalmente confusa, mas não ia deixar de escutar.

— Não, eu disse que esperaria, e vou esperar. Mas temos que contar logo a ela... encontrar por acaso? Acho que não vai acontecer. Mexi uns pauzinhos e transferi para a Pioneer Plaza, caso ela fosse parar no cemitério local com algum amigo por algum motivo.

Cemitério? O que estava acontecendo? Eu queria entrar no cômodo e obrigar meu pai a me contar o que estava falando. Mas, ao mesmo tempo, fiquei paralisada só de pensar que ele escondia algo muito importante de mim. Da última vez que me chamaram para conversar, foi para dizer que iam se divorciar. Eu não sabia mais se conseguiria lidar com seus segredos, sob suas condições. Meu pai desligou o celular e me afastei da porta.

Liguei para Stephanie e entrei no meu quarto.

— Oi, Addie.

— Oi. — Eu me fechei no armário para me isolar mais acusticamente. Mesmo não achando que meu pai fosse me espionar, era melhor prevenir.

— Tudo bem?

— Tudo. Queria fazer uma pergunta. O que é Pioneer Plaza?

— Pioneer Plaza? No centro?

Toquei a manga de uma das camisetas penduradas.

— Acho que sim.

— É um parque com um monte de estátuas de bronze de caubóis e touros. Acho que a ideia é ser um tributo aos pioneiros que se estabeleceram em Dallas, algo assim.

O quê?

— Será que você poderia me levar lá algum dia desta semana?

— Tenho treino com as líderes de torcida a semana toda. Poderia te levar depois do treino, mas acho que não é boa ideia ir ao centro depois que escurece. Que tal semana que vem?

— Certo. Combinado. — Mas a semana seguinte demoraria muito para chegar. Talvez eu pudesse pegar o carro do meu pai emprestado e ir sozinha... e me perder, ser assaltada e sequestrada. Bem, talvez os dois últimos não acontecessem, mas o primeiro era certo.

Levei um minuto para perceber que Stephanie estava no meio de uma frase. Tentei acompanhar. Ela estava contando uma história sobre líderes de torcida e uma garota chamada Lindsey. Eu estava completamente perdida no assunto até que ela disse:

— Lindsey acha que o Trevor ainda pode gostar de mim. O que você acha?

— Você ainda gosta dele? — Eu já sabia a resposta, mas queria saber se ela tinha admitido para si mesma.

— Não sei mais. Não quero gostar, mas temos uma história juntos, sabe? E é difícil simplesmente apagar uma história.

— Tem razão. — *Na verdade é bem fácil*, pensei. — Quer minha opinião sincera?

— Sim, claro.

— Acho que você deveria se afastar um pouco dele. Se permitir viver sem ele por um tempo. Aposto que vai perceber que é mais feliz assim. — Não queria dizer: “Eu vi como ele agiu com você e não parece nada promissor”. Isso seria cruel. Mas ela tinha que perceber. Não me parecia certo investir em um relacionamento unilateral. E ela saberia isso assim que estivesse em um relacionamento com alguém que a valorizasse mais.

Ela suspirou.

— Acho que você tem razão. Obrigada por me ouvir.

— Sempre que precisar.

— Preciso ir. Meu pai está me ligando na outra linha.

— Ele está no andar de baixo? — perguntei com uma risada.

— É, ele é muito estranho — ela respondeu, rindo também.

— Divirta-se.

— Tchau, Addie. E obrigada mais uma vez.

Desliguei e fiquei olhando para o celular por um minuto, então liguei para Laila. Já fazia alguns dias que eu não falava com ela.

— Addie. Oi.

— Meu pai acabou de roubar meu pen drive e está escondendo um segredo de mim em um parque cheio de estátuas de touros de bronze — eu disse, sem cumprimentá-la direito.

— Uau. O quê?

— Meu pai está escondendo alguma coisa de mim. Alguma coisa que tem a ver com um programa do DDH, um cemitério e estátuas dos primeiros moradores de Dallas.

— Que tipo de segredo?

— Se eu soubesse, não seria segredo.

— Ah, segredo secreto. Por que não disse antes?

Eu sorri.

— Tenho que descobrir. Por acaso você ainda tem o telefone do Rowan?

— Rowan... — Ela deixou no ar, e percebi que estava tentando lembrar de novo quem ele era.

— Você sabe, o cara cuja memória você Apagou.

— Ah, o Rowan Normal que beija excepcionalmente bem.

— Não precisa entrar em detalhes, mas é.

— Sim. Por quê? Você não faz o tipo dele.

— Não estou a fim dele, mas vou ver se ele me leva até os touros de bronze. — Eu não tinha pensado em pedir para Rowan, mal tinha falado com o garoto. Mas ele havia se oferecido para me mostrar a cidade, e decidi aceitar.

— Boa ideia. — Laila me passou o número. — E já que estamos falando nesse assunto, estou pensando em tentar desenvolver minha habilidade.

— Hum, não estávamos falando sobre nada do tipo.

— Espere um pouco. Realmente tem a ver. Connor.

— O cara que quase me atropelou com a moto?

— É.

— O que Connor tem a ver com programas do DDH e parques com touros?

— Bem, ele não tem nada a ver com parques, mas é o Connor que sempre me vende os programas do mercado negro.

— Você quis dizer que ele tenta e não consegue te vender aqueles programas.

— Hum, claro, isso mesmo. Consegui fazer o Connor me contar quem é o criador desses programas de desenvolvimento. Agora só preciso conhecê-lo... ou conhecê-la.

Fechei os olhos.

— Você tem noção do que está falando? O Bobby desenvolveu as habilidades dele e quase nos matou, Laila! *Matou!* E agora você está me dizendo que vai conhecer outra

pessoa como o Bobby, com o mesmo pensamento “danem-se-o-sistema-e-as-regras”, e pedir ajuda para ela? É isso mesmo que está dizendo?

Ela hesitou por apenas um segundo antes de responder:

— Sim. É isso que estou dizendo. Qual a chance de ele ser como Bobby?

Às vezes, falar com a Laila fazia eu me sentir adulta, porque tinha um desejo incontrolável de repreendê-la. Respirei fundo.

— E por que você quer desenvolver sua habilidade?

— Quem não quer desenvolver sua habilidade?

— Acho que estraguei a minha — deixei escapar. O medo tomou conta de mim quando admiti em voz alta.

— O quê?

— Eu não sei... Tem alguma coisa acontecendo com a minha habilidade. É estranho e, quando eu forço, minha cabeça dói muito. Agora eu nem consigo Investigar sem ter a pior dor de cabeça do mundo. E se eu perder minha habilidade? E se minha habilidade se desenvolveu cedo demais e agora está com defeito?

— Calma. Deve ser apenas estresse.

— E se não for? E se eu forcei demais? Você precisa esperar, Laila. O programa do DDH foi pensado para ser o mais natural possível. Sua habilidade vai se desenvolver quando chegar a hora certa.

— Eu posso ou não usar de fato o programa do DDH diariamente... ou semanalmente. Há outros meios mais rápidos. As pessoas fazem isso o tempo todo.

— Eu consigo desacelerar o tempo.

— O quê?

— Começou na casa do Bobby. Agora, em situações aleatórias, do nada, o tempo desacelera. Não posso controlá-lo. Quando passa, sinto uma dor de cabeça horrível.

— Desacelerar o tempo? Que incrível! Então esse deve ser o desenvolvimento da sua habilidade. Faz sentido, porque você sempre foi capaz de manipular o tempo, de certo modo. Analisá-lo em direção ao futuro.

— Não é incrível. Não consigo mais Investigar e não tenho controle sobre isso.

— São só dores de crescimento. Você vai ficar bem quando sua mente se acostumar. Está vendo? É disso que estou falando! Eu quero isso.

— Você quer desacelerar o tempo?

— Não, quero Restaurar memórias.

— Restaurar memórias? Como você sabe que é assim que a sua habilidade vai se desenvolver?

— Não sei — ela respondeu, mas percebi a hesitação em sua voz, o que significava que estava mentindo.

— Você sabe. Como?

— Não sei. Só acho que seria legal.

— Por que está mentindo para mim? Estou tão cansada das pessoas mentirem para mim. Não mereço a verdade? Pareço alguém que não consegue lidar com a verdade?

— Você me contou que eu podia Restaurar memórias antes de eu Apagar a sua.

12

Laila: Da próxima vez, lembre de pensar bem antes de falar.

Só conseguia ouvir a respiração baixa de Addie. Inspirando. Expirando. Eu não devia ter falado aquilo pelo celular. Onde eu estava com a cabeça?

— Addie?

— Eu te disse? Como assim? Por que eu diria uma coisa dessas?

Hesitei. Era melhor parar e esperar para contar o resto quando a encontrasse pessoalmente.

— Diga — ela pediu com voz firme.

— Porque você queria que eu Restaurasse a sua. Mas não explicou o motivo. Na verdade, você não chegou a me dizer que eu podia Restaurar memórias. Você escreveu um bilhete para si mesma. No bilhete, você contou.

— Se eu escrevi um bilhete para mim, por que você sabe o que está escrito e eu não? Porque sou egoísta.

— Porque não quis te estressar ainda mais. Só queria aprender a Restaurar memórias e te surpreender quando fosse te visitar na semana que vem.

— Me surpreender com o fato de você ter danificado sua mente andando com criminosos da laia do Bobby?

— Parece que danos cerebrais podem acontecer independentemente das companhias. Addie ficou em completo silêncio e eu fechei os olhos.

— Desculpa, seu cérebro não está danificado. Vai ficar tudo bem. Converse com seu pai sobre isso. Ele deve saber o que fazer.

— Ele me disse para descansar.

— Está vendo. Resolvido. Descanse. — Ela não parecia achar que ia ajudar, mas o pai dela era esperto. Ela provavelmente precisava mesmo descansar.

O incidente com Bobby a havia afetado mais do que a mim. As dores de cabeça deviam ter mais a ver com isso do que com qualquer outra coisa. Eu não havia tido nenhuma dor de cabeça desde aquela noite. Além disso, o bilhete que ela tinha deixado era uma prova de que eu tinha ficado bem quando minha habilidade se desenvolvera na outra versão de sua vida. Eu ficaria bem nessa também.

— Apenas confie em mim. Você queria que eu Restaurasse sua memória. Vou descobrir como. Você confia em mim? — Eu não devia ter feito essa pergunta, porque não tinha certeza se ela confiava. Não desde o que tinha acontecido com Duke.

— Não quero que você se machuque. Pode usar o programa do DDH? Posso esperar

mesmo que demore um pouco mais, Laila.

Não deixei de reparar que ela não tinha respondido à pergunta.

— Sim, vou usar.

— E o bilhete?

— Entrego quando for te visitar.

— Está bem.

— Falo com você depois.

Addie desligou. Ela sabia tão bem quanto eu que eu não ia esperar. Não tinha todo o tempo do mundo para esperar o programa do DDH funcionar. Queria desenvolver minha habilidade agora. Amarrei o cadarço das botas de salto e passei um pouco de gloss.

Quando parei a picape, ouvi o barulho de uma moto atrás de mim. Imaginei quem era pelo modo confiante com que desceu da moto, mas não deu para ter certeza até que tirou o capacete e passou os dedos pelos fios de cabelo brilhantes.

Saí do carro.

— Até o barulho ficou igual ao de uma moto Normal.

— Sabia que você viria sem mim, mesmo eu pedindo para não vir — Connor afirmou, ignorando meu comentário.

— Como você sabia que eu viria hoje à noite?

Ele tirou um pequeno dispositivo de metal da beirada da caçamba da minha picape.

— Rastreador. — Ele guardou o aparelho no bolso. — É caro, então fiquei feliz por não ter perdido.

Fui tomada pela raiva.

— Você estava me rastreando?

— Isso te incomoda, princesa? — Ele tirou as luvas e guardou no bolso de trás. — Não confio em você.

— Da próxima vez, enfie o rastreador na minha garganta para ter dados mais precisos.

— Até poderia, mas não tinha certeza se você viria até aqui dentro de quarenta e oito horas, e, como disse, essas coisas são caras.

— Bem, para sua informação, também não confio em você. — Era uma resposta infantil, mas não consegui pensar em mais nada. — E não preciso de você aqui hoje.

— Não estou aqui por você. Estou aqui para você não destruir meu relacionamento com meu fornecedor.

— Eu nem ia mencionar seu nome. Mas tenho certeza de que agora ele vai saber quem me mandou vir aqui, já que, você sabe, ele vai te ver.

— Deixe a parte da conversa comigo e fique com essa boquinha linda fechada.

— Boquinha? Tenho lábios bem carnudos, o que dificulta muito deixar a boca fechada.

— Você é irritante.

— Estava pensando o mesmo de você.

A essa altura, já estávamos na porta. Connor bateu. Como ninguém atendeu, ele virou as costas para ir embora.

— Acho que ele não está aqui.

— Tudo bem, vejo você depois. — Toquei a campainha várias vezes, e Connor suspirou e voltou a se juntar a mim na entrada. Depois de um tempo, a porta se abriu. Um homem de vinte e poucos anos atendeu. Ele não tinha nada a ver com o que eu pensava. Era bem-apegoado, estava barbeado e sem cicatrizes. Primeiro, olhou para mim, e percebi que gostou do que viu. Ótimo. Depois, olhou para Connor e relaxou.

— Ah. Oi, cara. E aí?

— Podemos conversar aí dentro?

— Claro. — Ele abriu espaço e eu entrei primeiro. Não precisava de Connor ali, e queria que ele soubesse disso.

— Já veio pegar outro pacote? Dessa vez foi rápido.

— Não. — Ele apontou para mim. — Estou aqui por causa dela.

— Dá para ver que ela pode ser convincente, mas você sabe que não é assim que funciona.

— Sei.

Eu pigarreei.

— Olha só, eu vinha te encontrar com ou sem o garoto maravilhoso aqui. Vim atrás de informações. Quero desenvolver minha habilidade. Quero que você me ajude. Simples.

Ele riu.

— Acho que você confundiu este lugar com o DDH. Acha que aqui parece o DDH?

Sabia que era uma pergunta retórica, mas olhei ao redor mesmo assim. Caixas como a de Connor ocupavam as mesas, e havia vários notebooks abertos processando padrões mentais.

— Parece uma operação ilegal de que o DDH não ia gostar. Que eu saiba, eles gostam de ser os únicos fornecedores de programas de desenvolvimento de habilidades. A Agência parece concordar com eles.

Ele olhou feio para Connor.

— Você trouxe uma policial para a minha casa?

— Ela é só uma garotinha mimada procurando alguma coisa para passar o tempo.

Mimada? Tive que conter uma gargalhada. Até parece. Dane-se. Era melhor do que ele saber a verdade e sentir pena de mim.

Ele voltou para a porta.

— Isso é uma briguinha de namorados? Não sei por que sentiram a necessidade de uma testemunha. Saiam. — De repente, a cara dele pareceu mais a de um homem mais velho com cabelo enebado e cavanhaque.

Inclinei a cabeça.

— Você é Perceptivo. — Ele tinha me feito enxergá-lo do jeito que ele queria. Agora, eu me perguntava qual dos rostos era real.

— Muito bem. Você tem um cérebro nessa cabecinha linda. Agora, use-o para sair da minha casa.

Cruzei os braços.

— Não. Não vou te entregar para nenhuma autoridade. Só quero desenvolver minha habilidade. Está claro que a sua é excepcionalmente desenvolvida. Me ensine.

Nesse momento, Connor me pegou pelo braço e me arrastou em direção à porta. Me

desvencilhei.

— Não toque em mim.

— Você está ferrando a minha vida.

— Espere — disse o Perceptivo. Agora ele tinha acrescentado uma tatuagem em forma de cruz ao pescoço... ou talvez retirado a ilusão que encobria a tatuagem, ainda não sabia dizer. — Qual é a sua habilidade?

— Não é da sua conta.

— Agora é.

— Sério? Está chegando a um acordo comigo? — Me acomodei na cadeira mais próxima. — Ótimo. Quando começamos o treinamento?

O homem encarou Connor como se ele pudesse ter algum tipo de controle sobre mim.

— Venha aqui. — Eu o segui sem nem olhar para Connor.

O Perceptivo me levou até uma sala cheia de imagens digitais projetadas nas paredes. Pessoas, lugares, palavras. Era impressionante e me deixava um pouco tonta. Me apoiei na parede.

— O que é tudo isso? — Havia um pássaro de metal empoleirado sobre uma mesa, que fiquei observando. — Aquilo é um dispositivo de escuta? Você está gravando nossa conversa?

— Sente — ele me disse.

Eu sentei.

— Posicione a palma da mão no tablet preto. — Ele apontou para um leitor sobre a mesa.

— Por quê?

Ele ergueu uma sobrancelha e eu posicionei a mão sobre o tablet preto. Nada aconteceu. Fiquei olhando para as imagens em volta da sala. Não reconheci ninguém e, enquanto observava, percebi que os lugares tampouco me pareciam familiares. Eram imagens do Lado de Fora.

— Você invadiu o sistema de vigilância do Comitê de Contenção?

Ele não respondeu. Depois de alguns minutos, disse:

— Você está limpa.

— Eu podia ter te contado. Não precisava de tanto drama.

— Certo, vou dizer quais as condições. São quinhentos paus por aula. Qualquer indício, mesmo a mínima insinuação, de que vai contar para alguém, isso — ele apontou para o próprio rosto — vai desaparecer com seu dinheiro.

— Quinhentos? Impossível. Não posso.

Connor soltou uma risada e eu o fuzilei com o olhar.

— Essas são as minhas condições — ele afirmou. — É pegar ou largar.

A sala tinha muitos equipamentos de alta tecnologia, possivelmente parecida com uma das salas da Agência. Talvez ele tivesse hackeado informações do Departamento de Desenvolvimento de Habilidades também. A habilidade dele era mais avançada do que a de qualquer Perceptivo que eu já tinha visto. Queria que me ensinasse. Ele era bom.

— Meu irmão tem quase catorze anos e a habilidade dele ainda não se manifestou. Se puder ajudá-lo também, estamos de acordo.

Seu olhar escuro era intenso e estava fixo no meu. Ele foi o primeiro a interromper o contato visual, abrindo uma gaveta e pegando um chip eletrônico.

— Ele não pode vir aqui, mas vou te fazer um favor. Diga para o seu irmão parar de usar o programa do DDH e usar este no lugar por uma semana. Será meu presentinho bem-intencionado para você. — Ele me entregou o chip. — Meu nome é Rosto, aliás.

Peguei o objeto.

— O meu é Laila.

Quando estávamos saindo, olhei novamente para a porta. Estava bem fechada. Fiquei me perguntando qual dos rostos era o verdadeiro. Isso certamente seria um problema em ter-alguma-coisa-para-chantagear.

Connor riu.

— O que foi?

— Nada.

— Acha que não consigo arranjar quinhentos dólares?

— Sei que não consegue. Você está dura. — Ele disse a palavra *dura* enfatizando as duas sílabas. Pegou o capacete que estava sobre o assento da moto. — Talvez possa pedir dinheiro para seu papai.

Considerando que meu pai me pedia dinheiro toda semana, isso não ia ser possível.

Ele apontou para o meu bolso, onde tinha guardado o chip eletrônico que o Rosto havia me dado.

— Vai deixar seu irmão usar isso?

Ainda não tinha certeza. Addie havia dito que o programa do DDH ajudava. Talvez eu devesse apenas ter paciência e deixá-lo continuar.

— Está insinuando que não devo?

Ele deu de ombros.

— Ah, é mesmo, você é apenas o intermediário. Você não faz perguntas.

— Eu só ia me oferecer para comprá-lo de você. Já que está precisando de dinheiro.

Era tentador. Eu estava muito longe de ter quinhentos dólares, e qualquer quantia ajudaria. Mas eu queria ajudar meu irmão.

— Não, obrigada.

— Então, qual é o próximo passo?

— Nada que envolva a sua presença. — Abri a porta da picape e entrei sem esperar nenhuma resposta. Eu não tinha ideia de qual seria o próximo passo. Eu estava *mesmo* dura.

13

Addie: Há *muitos* touros de bronze.

Fiquei encarando a tela apagada do celular por um bom tempo depois que desligamos. Eu queria que Laila Restaurasse minha memória? Por quê? Será que eu tinha descoberto na outra vida alguma coisa de que precisaria agora? Talvez fosse o que meus pais escondiam de mim. Ou talvez por que minha cabeça parecia que ia explodir toda vez que usava minha habilidade.

Passei o dedo sobre a tela. Não podia fazer nada a respeito daquilo. Só tinha controle sobre uma coisa: tentar descobrir o que estavam escondendo de mim agora. Fiz outra ligação.

— Alô — Rowan atendeu, e deu para perceber pelo tom de voz que ele não fazia ideia de quem estava ligando.

— Oi, Rowan. É a Addie.

— Addie! Oi. A resposta é sim. Que horas passo aí?

Eu ri. Como Stephanie podia odiar tanto aquele cara? Ele era hilário.

— Preciso que alguém me leve até a Pioneer Plaza.

— Pioneer Plaza? Nem sei se sei como chegar lá. Ei — ele chamou alguém que devia estar com ele —, sabe onde fica a Pioneer Plaza?

— Sei — respondeu a pessoa, cuja voz se parecia muito com a de Trevor.

— Addie quer ir lá.

— Por quê? — Trevor perguntou.

— Porque ela é engraçada.

Sorri. Raramente alguém me descrevia como engraçada — essa característica era da Laila. Estranha, sim. Engraçada, não.

— Podemos levá-la, não é?

— Claro — Trevor respondeu.

Mordi o lábio, tentando conter um sorriso.

Voltando a falar comigo, Rowan disse:

— Passamos para te pegar em dez minutos. Mande uma mensagem com seu endereço.

— Dez minutos? Não precisa ser hoje.

— Bem, mas vai ser hoje.

Desliguei o celular, mandei a mensagem com meu endereço e corri para o banheiro.

— Por favor, sr. Touro, não passe por cima de mim — Rowan disse. Ele tinha se enfiado embaixo do casco de bronze de uma das muitas estátuas de touro espalhadas pelo parque no centro de Dallas.

— Queria que esse touro fosse de verdade — Trevor comentou.

— Ei, foi a Addison que nos arrastou até aqui, lembra?

Trevor ergueu as sobrancelhas e olhou para mim.

— É verdade.

Empurrei o ombro dele de leve, e ele riu.

— Certo. Tire outra foto, Addie — Rowan pediu.

— Pode deixar. — Tirei a foto com o celular e Rowan saiu correndo até a próxima estátua.

Não conseguia imaginar de jeito nenhum o que eu não podia descobrir ou ver naquele lugar. Eram apenas estátuas de bronze. Eu tinha analisado cada uma delas discretamente enquanto passávamos, mas não havia nada fora do comum — se estátuas de bronze pudessem ser consideradas “comuns”.

— Acho que ele nasceu com mais energia do que as outras pessoas — Trevor disse, indicando Rowan com a cabeça. O amigo agora tentava montar em um cavalo.

— Parece que sim.

Ele olhou a mecha azul em meu cabelo e perguntou:

— Qual é a história do cabelo colorido?

Dei uma risada que pareceu mais um suspiro.

— É uma longa história. Foi minha única tentativa de me rebelar. — Enrolei-a no dedo algumas vezes, deixando a mecha lisa como não ficava havia semanas, pois a umidade deixava meu cabelo levemente ondulado. — Já fez alguma coisa idiota?

— Hoje? Ou na vida?

Eu ri.

— Isso significa que sim?

— Todos nós já fizemos, não?

— Mas algo que tenha se arrependido de ter feito, que gostaria de poder desfazer.

Subimos um morro, e um campo de lápides se estendeu diante de nós. Fiquei sem fôlego. Era disso que meu pai estava falando. Não dava para ver nada da rua.

— Sou bem cauteloso. A maioria dos meus arrependimentos tem a ver com coisas que deixei de fazer, não com as que fiz.

Levei um instante para me lembrar do que estávamos falando e outro para me acalmar. Droga. Tínhamos que ficar até que eu olhasse todas as lápides. Como eu faria aquilo para parecer natural? Precisava mantê-lo falando.

— E o que você não fez ultimamente que desejava ter feito?

— A coisa mais recente deve ter sido quando fui falar com Duke depois do jogo de futebol há algumas semanas...

Ah, lá vinha ele novamente: o assunto desagradável que eu não queria que Trevor associasse a mim.

— Como assim?

— Eu ouvi, sem querer, umas coisas que Duke disse no vestiário.

— Certo. Então você provavelmente quis dar uma surra nele.

Ele sorriu. O primeiro sorriso da noite que ele dirigia a mim, o que fez meu estômago revirar. Ele tinha um sorriso incrível.

— Algo do tipo.

Me lembrei daquela noite.

— Mas, em vez disso, você foi superlegal? Não faz nenhum sentido.

— Minha mãe sempre me diz que, se eu tiver vontade de socar alguém, primeiro tenho que dizer alguma coisa legal para essa pessoa. Em voz alta. Se a vontade não desaparecer, a pessoa provavelmente merece apanhar.

— Mas o Duke merecia.

— Mas você estava lá. Eu não contava com isso.

Meu estômago revirou novamente. Eu não sabia muito bem o que aquilo significava, mas parecia bom. Fiz uma careta. Precisava dar um fim na ligeira queda que eu parecia desenvolver pelo ex-namorado da Stephanie. Principalmente considerando que ela queria esquecê-lo. Eu estava sendo idiota. Duke tinha sido um babaca, e agora parecia que meu coração queria se apaixonar pelo primeiro cara que era legal comigo. Lembrei a mim mesma que Trevor só estava sendo educado. Ele era legal com todo mundo.

Mas, de qualquer modo, o arrependimento dele agora também era meu. Duke precisava levar uma surra. Não apenas como a tentativa de Laila, que terminou apenas em um corte no lábio, mas uma surra para valer, dada pelo Trevor. Duke era um cara grande. Observei os braços de Trevor, me perguntando se ele daria conta. Difícil dizer. Ele estava com uma jaqueta, mas parecia bem forte. Quando voltei a olhar para a frente, percebi que ele tinha percebido que estava analisando seu corpo. Meu rosto começou a queimar.

— Desculpe, só estava me perguntando se você daria conta. — Por que eu tinha que dizer tudo o que me vinha à cabeça? Podia simplesmente ter fingido que tinha um fio na jaqueta dele ou algo do tipo, mas eu sempre pensava nessas alternativas quando já era tarde demais.

— Daria. — Foi tudo o que ele disse.

Confiança silenciosa. Transbordava de Trevor.

Meu celular vibrou e eu o peguei.

Por acaso você tem quinhentos dólares sobrando?

Respondi a mensagem:

No momento, não. Seu pai se meteu em confusão de novo?

Não. É para um investimento.

Claro que era. Eu sabia que ela não me daria ouvidos quando pedi que abandonasse o plano de desenvolver sua habilidade.

— Desculpe — eu disse para Trevor.

Ele deu de ombros.

— Não tem problema. — Ele apontou para uma lápide a uns quinze metros de distância. — Rowan vai pular de trás daquela lápide quando chegarmos perto. Ele ganharia o dia se você gritasse de verdade.

— Se você não tivesse falado, eu com certeza seria mais convincente.

Ele levou a mão ao peito.

— Meu grande arrependimento do dia.

Sorri. Li todas as lápides pelas quais passávamos.

— Este é um cemitério histórico ou algo do tipo?

— É.

Um cemitério histórico.

— Tem alguma pessoa famosa enterrada aqui?

— Principalmente heróis da Guerra Civil. Mas há outros. — Ele apontou para uma das maiores lápidas do cemitério, com uma cruz enorme. — Aquele cara foi um escritor famoso.

— Sério? Que máximo! Quem? — Eu me virei e assim fomos em direção àquele túmulo.

— Um escritor morto.

— Haha. — Quando estávamos quase chegando ao túmulo do escritor, parei. Um arrepio percorreu meu corpo quando li um nome em outra lápide. Adeline Coleman. O nome da minha avó. Ela havia falecido cinco anos atrás: o mesmo ano escrito na pedra para a qual eu olhava. Não era possível. Eu tinha visitado o túmulo dela no cemitério do Complexo muitas vezes nos últimos cinco anos. Não podia ser dela. Devia ser de outra pessoa com o mesmo nome... e que morreu no mesmo ano... e foi enterrada na mesma cidade onde meu pai morava. Era apenas coincidência. Uma grande, quase impossível, coincidência. Droga. Não era coincidência coisa nenhuma. Era o segredo que meu pai estava escondendo. Ele havia tirado o corpo da mãe dele do Complexo.

— E eu que pensei que Rowan era a única coisa que ia te assustar aqui — Trevor disse. Ele tocou de leve meu braço, como se pudesse me manter calma apenas com seu toque. — Você está bem?

Tive a sensação de que todo o sangue do meu corpo se esvaía pelos meus pés. Apontei para a lápide.

— Isso não é histórico.

Trevor voltou sua atenção para as palavras escritas ali.

— Adeline Coleman — ele leu em voz alta.

— É o nome da minha avó.

— Sua avó está enterrada aqui? — Trevor parecia tão confuso quanto eu.

— Não... Eu... — As palavras sumiram.

Ele observou a lápide novamente.

— Seu nome foi uma homenagem à sua avó?

Uma lembrança ressoou em minha mente. Eu sentada no sofá com a minha avó no sábado seguinte à manifestação da minha habilidade. Seu braço envolvia meus ombros enquanto ela olhava para o resultado dos meus testes.

Um sorriso tomou conta de meu rosto.

— Meu pai devia saber que eu seria Investigadora de Destinos. Foi por isso que me deu um nome parecido com o seu.

Ela deixou o papel sobre a mesa de centro e se virou para mim.

— Não é fácil conviver com essa habilidade. Você vai saber de coisas que outras pessoas possivelmente nunca saberão. Mas você é forte, Addie. Sei que vai conseguir lidar com isso. Eu não podia estar mais feliz por compartilhar minha habilidade com você.

— E seu nome.

— Não são exatamente iguais.

Meu coração de menina de dez anos acelerou.

— Nossas habilidades? Você pode fazer alguma coisa diferente?

— Não, nossos nomes.

— Ah, verdade. — Às vezes eu esquecia, porque todo mundo a chamava de Addie também. Mas ela tinha razão, nossos nomes não eram exatamente iguais.

Um BU! bem alto no meu ouvido, me despertou daquela lembrança. Rowan riu quando eu pulei, mas o grito que Trevor tinha pedido ficou preso sob tanta descrença em meu peito.

— Ah, vocês não têm senso de humor — Rowan afirmou, apoiando o braço em meu ombro. — O que vocês estão olhando? Adeline Coleman. A gente conhece?

— É o nome da avó dela — Trevor explicou.

— É o túmulo da sua avó? — Rowan perguntou. — Então você já esteve aqui antes. E a gente achando que estava te apresentando o lugar...

— Não, não estive. Eu...

Trevor passou a mão sobre a minha e me dei conta de que estava apertando o antebraço dele com toda força.

— Está tudo bem? — ele perguntou.

Eu rapidamente me desvencilhei, dei meia-volta e comecei a caminhar no sentido de onde tínhamos vindo. Peguei o celular e disquei o número do meu pai.

— Oi, querida. Está ficando tarde. Onde você está?

— No cemitério da Pioneer Plaza.

Ele ficou em silêncio.

— O que aconteceu, pai?

— Addie, vamos falar sobre isso mais tarde. Não é o tipo de conversa para se ter ao telefone. Preciso conversar com sua mãe. Isso é algo que requer explicações.

— É ela? É a vovó? É tudo o que preciso saber agora.

— Mais tarde.

— Pai. Só uma resposta.

— Addie...

— Eu não mereço saber?

— Sim.

O ar frio beliscava minhas bochechas.

— Sim, eu mereço saber, ou sim, é ela?

— As duas coisas.

Desliguei o celular. Nunca tinha desligado na cara do meu pai, mas não me importava. Me lembrei do funeral da minha avó. Vi o caixão descendo no solo. Me lembro de ter jogado uma rosa para ela lá embaixo, mal conseguindo enxergar a flor cair por entre as lágrimas. Então a trouxeram para cá? Por quê? Ele estava tentando provar alguma coisa? Afirmar algo como: “Não vou mais voltar?”.

Precisava falar com a Laila. Ela saberia o que fazer. Andei mais meia quadra e liguei para ela. Pássaros piavam no alto de uma árvore e saí de baixo dela: não precisava acrescentar cocô de passarinho ao meu dia. Laila não atendeu.

Guardei o celular no bolso.

— O que está acontecendo? — Rowan perguntou quando cheguei ao carro, onde eles me esperavam.

— Está tudo bem? — Trevor questionou.

— Não sei.

— Você não sabia que ela estava enterrada aqui?

Encarei Trevor nos olhos. Os meus ardiam de frustração, tristeza ou qualquer outra coisa que não fosse boa. Ele deu um passo à frente como se estivesse tentando a me consolar, mas parou.

— Venha, vamos te levar para casa.

14

Laila: Acho que me subestimei.

Eli me cutucou com o cotovelo.

— Por que só consigo ler a sua mente? Você não está trapaceando, está?

Cortamos pelo parque e seguimos para a arena de jogos, onde eu tinha pedido para Kalan me encontrar. Só esperava que ela ainda precisasse daquele favor.

— Por que eu trapacearia?

Ele suspirou, sabendo, de certo modo, que minha falta de resposta era a resposta.

— Isso não vai me ajudar, então pode parar.

— Talvez você esteja tentando desenvolver a habilidade errada. Já pensou nisso?

— Meus primeiros indicadores disseram que tenho tendência para a Telepatia.

— É, bem, talvez seus primeiros indicadores estejam errados. Quer testar alguns dos meus programas e ver se você se sente bem?

— Não demonstrei nenhum traço de bloqueio mental.

Eu sabia disso. Só estava tentando fazê-lo se sentir melhor com a falta de progresso.

— É só relaxar. Vai acontecer quando chegar a hora.

Ele chutou uma pedrinha no chão enquanto caminhávamos.

— Ou talvez não aconteça nunca.

Suspirei.

— Tenho uma coisa para você. Me lembre quando chegarmos em casa. — Eu não tinha dado a ele o programa do Rosto porque não sabia muito bem se podia confiar. Uma coisa era correr o risco com a minha própria habilidade, mas fazer isso com meu irmão era completamente diferente. Mas como eu poderia estragar uma habilidade que nem havia se manifestado ainda? Eu diria do que se tratava e o deixaria decidir.

— Olha, lá está o Leonard — Eli disse quando nos aproximamos.

Olhei para onde ele apontava e vi seu amigo, irmão de Kalan. Ela estava ao lado dele. Só tinha concordado em trazer Eli porque sabia que ela estaria aqui.

— Divirta-se — eu disse. — Vou esperar no banco. E não demore a noite toda. Está ficando tarde e não sou sua motorista.

— Então qual é a definição de alguém que me leva de carro para onde eu quiser?

Dei um tapa nas costas dele e o empurrei. Ele riu e saiu correndo.

— Kalan! — Eu acenei. Ela me viu e veio em minha direção.

— Oi. Você queria conversar? — ela perguntou.

Fomos até o banco e nos sentamos.

— Duas coisas. Primeiro, preciso de uma lista de todos os alunos e suas habilidades. Bem, na verdade, apenas um aluno me interessa. — Kalan trabalhava na secretaria da escola. Sabia que ela poderia conseguir isso para mim.

— Laila, estamos em férias. A escola está fechada.

— Então deve ser mais fácil. Ninguém vai estar lá para fazer perguntas.

— “Fecho” faz parte da palavra “fechada” por um motivo.

— E se eu conseguir a senha da secretaria?

— A senha da secretaria é a menor das minhas preocupações.

Suspirei e vi meu irmão e o irmão dela subirem na plataforma e serem escaneados para entrar no jogo. Um enorme monstro holográfico de três cabeças surgiu entre Eli e Leonard. Eles imediatamente começaram a lutar com ele.

— Você quer saber a habilidade de quem?

— Do Connor.

— Connor Bradshaw?

— Sim. Você sabe qual é?

— Não. Se fosse qualquer outro, até poderia saber. Mas o Connor... está sempre sozinho.

Resmunguei. Era para ser fácil. Eu desenvolveria minha habilidade. Eu devolveria as lembranças de Addie. Eu deixaria de me sentir culpada. Fim.

— E qual é a outra coisa? — ela perguntou.

— Ainda quer Apagar a memória de alguém?

Ela respirou fundo. Em seguida, fez que sim com a cabeça, os olhos brilhando ao conter as lágrimas. Eu tinha pensado muito sobre aquilo. Ela estava pedindo uma lembrança de si mesma de volta. Eu podia fazer isso por ela. Mas eu não era de fazer caridade. Precisava de algo em troca, é claro.

— Apago por quinhentos dólares.

Ela ficou em silêncio por um momento, depois disse:

— Trezentos dólares e a lista da secretaria. É o melhor que posso fazer.

Estalei os dedos. Fui eu que toquei no assunto, mas, por menos que o valor total, será que valia a pena? As lágrimas nos olhos dela mexeram com minha culpa. O que será que tinha acontecido?

— Alguém te magoou?

Ela apertou as mãos com tanta força que sua pele ficou vermelha.

— Ele não merece lembrar o quanto.

Trezentos paus. Era mais da metade do dinheiro de que eu precisava para a primeira aula com o Rosto. Kalan tinha razão. A lembrança era dela. Ela estava me pedindo para pegá-la de volta, para ajudá-la, só isso.

— Está bem. Memória de quem?

Addie: Eu seria uma péssima espiã.

Dei tchau para Rowan e Trevor e entrei em casa. Meu pai não estava na sala, então bati à porta do quarto e entrei. A torneira da pia estava aberta. Sentei na cama e esperei de braços cruzados.

Suas chaves, carteira e seu celular estavam sobre a cômoda, o que me fez lembrar de que ele estava com uma coisa minha. Mexi nos objetos, procurando meu pen drive. Não estava lá. Fui até o criado-mudo e procurei na primeira gaveta, vasculhando embaixo de um caderno. Não queria invadir a privacidade do meu pai, mas estava enfurecida por encontrar o túmulo da minha avó e cansada dos segredos que meus pais escondiam de mim. Queria meu programa do DDH de volta.

A maçaneta da porta do banheiro fez um barulho, e eu fechei rapidamente a gaveta, de mãos vazias, e me virei. Teria que encontrar depois. Me apoiei no criado-mudo, tentando agir de maneira casual, sabendo que “atuar” era impossível de se fazer perto de um detector de mentiras.

Ele xingou em voz baixa.

— Você me assustou.

Eu não disse nada. Não precisava mentir sobre o quanto estava irritada.

Ele sentou na cama e indicou que eu me sentasse ao seu lado. Fiquei onde estava.

— Sua avó está enterrada aqui.

— Por quê?

— Porque não vou voltar para lá. Ela é minha mãe. Eu quis que ela ficasse aqui.

Ele não ia voltar. Aquela ideia me fez parar por um instante. Tinha sido minha primeira suposição de justificativa para que ele tivesse levado o corpo dela para Dallas, mas ainda não conseguia acreditar que alguém, principalmente meu pai, desejasse deixar o Complexo para sempre.

— Você não vai voltar?

Seu olhar determinado ficou mais suave.

— Se você precisar de mim para alguma coisa, estarei lá. Mas, fora isso, minha casa agora é aqui.

Concordei. Aquela afirmação tornava o divórcio muito mais real para mim.

— Não vi o túmulo do vovô. Por que não o trouxe para cá também?

Ele olhou para as mãos.

— O dele pode demorar um pouco.

Ele devia ter me contado antes.

— Você achou que eu ficaria brava?

— Não é isso.

— Então é o quê? Porque estou me esforçando muito para entender por que não me contou nada disso.

— É complicado.

— Não, na verdade não é. Basta abrir a boca e dizer: “Addie, resolvi transferir o túmulo dos meus pais para o mundo Normal, onde posso visitá-los regularmente”. É fácil.

— Você queria que eu contasse isso antes ou depois de anunciar o divórcio?

Abri a boca para falar, depois voltei a fechá-la soltando um suspiro. Ele estava certo. Era complicado.

— Estou perdoado?

Minha mente voltou à Torre e ao homem com a cicatriz no rosto, com o tablet que dizia que dois membros da minha família estavam do Lado de Fora. Seria possível que ele estivesse se referindo à minha avó?

— Se essa for toda a verdade, sim. — Encarei seus olhos. — É?

— Sim.

— Sério, pai, não suporto descobrir as coisas desse jeito. Se tiver alguma outra coisa, me conte de uma vez. Juro que consigo lidar com muito mais do que você pensa.

— Eu sei. — Ele pegou a minha mão e a apertou.

— Fico feliz por ela estar aqui. Sei que você e a vovó eram muito próximos. — Apertei a mão dele também. — Como a gente, não é?

Ele sorriu.

— É.

Levantei para sair, mas percebi que estava sentada sobre o criado-mudo e que tinha procurado uma coisa na gaveta dele.

— E meu pen drive? Por que você pegou?

— Você não precisa daquilo.

— Por quê?

— Prometo que sua habilidade vai se desenvolver perfeita e naturalmente sem ele.

Suspirei.

— Está bem.

Só que não estava. Eu queria aquele programa do DDH. Quando cheguei ao meu quarto, peguei o celular e liguei para a minha mãe. Estava um pouco tarde, mas imaginei que não teria problema, mesmo se eu a acordasse.

— Alô. — Ela atendeu depois do terceiro toque.

— Oi, mãe.

— Addie — ela disse com um suspiro alegre. — Como você está?

— Estou bem. Acabei de descobrir sobre a vovó.

— É, seu pai me ligou agora há pouco. Sinto muito por não termos contado. Foi muito difícil. — Ela devia ter notado minha inquietação, porque acrescentou: — Mas tivemos um bom motivo. Queríamos esperar até a transferência dos dois túmulos ser aprovada,

depois seu pai ia levar você para visitá-los.

— Por que o túmulo do vovô ainda não foi aprovado?

— Porque ele era membro da Agência, e a burocracia é maior se a pessoa teve o título de agente.

— Ah... — Eu tinha quase esquecido que meu avô tinha trabalhado para a Agência. Havia muitas coisas de que não me lembrava sobre ele. Ele tinha morrido fazia dez anos, no exercício da função. Certamente o Complexo não queria abrir mão de um herói, mesmo depois de morto. Olhei para a porta fechada. — O papai pegou meu pen drive.

— Eu sei. Estou tentando falar com ele sobre isso.

— O que ele tem contra o programa?

— Ele sempre achou que o desenvolvimento natural era melhor. Vamos dar um jeito nisso logo, está bem? Por que não vai dormir?

— Certo. Boa noite, mãe.

— Boa noite.

Uma hora depois, eu estava na cama olhando para o teto, com o cérebro fervilhando. Não ia conseguir descansar. “Apenas dois parentes imediatos deixaram o Complexo”, o homem na Torre havia dito. Ele tinha dito “deixaram”. Como se fosse por vontade própria. Não podia estar se referindo à minha avó falecida.

O Cicatriz tinha deixado a informação escapar e sabia disso. Era difícil acreditar que meu pai tivesse mentido para mim novamente, na maior cara de pau, mas era a única coisa que fazia sentido. Então, quem mais estaria vivendo do Lado de Fora? Algum parente do meu pai? Seria possível que ele tivesse um irmão ou algo do tipo? Levantei e fui até a porta do quarto dele. A respiração profunda e ritmada de sono reverberava pela madeira fina. Diferente do pai de Laila, o meu tinha o sono leve. Mas eu precisava tentar.

Girei a maçaneta com cuidado, mas as dobradiças rangeram alto quando abri a porta. Parei, prendendo a respiração. Ele ainda respirava de maneira ritmada. Senti o carpete denso sob os pés descalços quando entrei no quarto. O celular ainda estava sobre a cômoda. Eu só precisava ver a lista de contatos na agenda. A escuridão do quarto e a tarefa pareciam pesar sobre a minha cabeça, e tudo o que eu conseguia escutar era o meu coração batendo acelerado. Tentei manter a calma. Não precisava que minha habilidade entrasse em ação bem agora.

Dei mais dez passos até o celular e o peguei antes que me convencesse do contrário. Depois voltei rapidamente para o corredor. Esperei um minuto até recuperar o fôlego e levei o celular roubado para a sala.

Passei o dedo pela tela preta e quatro quadrados vazios apareceram como um tapa na cara. A senha. Laila tinha feito parecer tão fácil quando pegara o número do Veneno no celular do pai dela, algumas semanas atrás.

Que combinação de números meu pai usaria? Comecei com os quatro números que ficavam nos cantos — um, três, sete e nove —, mas a tela ficou vermelha. Tentei meu aniversário. Nada. O aniversário dele. Depois, respirando fundo, tentei o aniversário da minha mãe. Não funcionou, e o celular ficou travado por quinze minutos. Ótimo. Isso

poderia levar a noite toda.

Eu estava certa. Duas horas mais tarde, ainda não tinha conseguido descobrir aquela senha idiota, e já tinha caído no sono duas vezes no sofá. Agora, o aparelho estava travado de novo. Apoiei a cabeça no braço do sofá e fechei os olhos só por um minuto. Quando voltei a abrir, a luz acinzentada do início da manhã já tomava conta da sala. Eu teria mesmo que esperar até ele decidir abrir o jogo?

Devolvi o celular e fui para a cama.

Laila: Mexer nos meus sapatos é motivo suficiente para matar um cara?

No dia seguinte, Kalan apareceu na minha casa. Abri a porta, esperando que ela dissesse que tinha mudado de ideia sobre querer que eu Apagasse as lembranças de alguém. Em vez disso, ela me entregou um envelope. Olhei o que tinha dentro.

— Dinheiro? Não prefere cartão?

Ela olhou para trás e respondeu:

— É mais difícil de rastrear desse jeito.

Naquele momento, me senti tão miserável quanto meu pai, e um arrepio percorreu meu corpo.

— A lista também está aí dentro, mas não é culpa minha que o Connor não tenha declarado nenhuma habilidade.

— O quê? — Peguei a lista e virei as páginas até encontrar Connor Bradshaw. Ao lado do nome dele, estava escrito “habilidade não declarada”.

— Talvez ele não tenha nenhuma.

Encarei a garota.

— É claro que tem. Ele é Paranormal.

Ela roeu a unha do polegar.

— Talvez ele não tenha nascido com o potencial para desenvolver uma habilidade.

Dei uma única gargalhada, que saiu mais trêmula do que eu pretendia. Aquela declaração me deixou nervosa.

— Já ouviu falar de alguém assim?

— Não. Mas olhei o histórico escolar dele para tentar deduzir a habilidade pelas matérias em que está matriculado.

— E conseguiu alguma coisa?

— Não. Ele vai muito mal nas matérias Paranormais e só tira dez nas matérias Normais. Esse garoto tem problemas.

— Isso é óbvio. — Dobrei a lista e a guardei de volta no envelope. Era inútil.

— Bem, de qualquer modo, cumpri minha parte do acordo. Aqui está a sua parte. — Ela me entregou um pedaço de papel com um nome, um endereço e uma data. — O quarto dele fica no segundo andar, segunda janela à direita quando você olha para a casa de frente.

— Pais? Irmãos? Eles ficam muito em casa?

— Sim. Ele mora com os pais e tem duas irmãs. — Ela deu de ombros quando eu

suspirei. — Boa sorte.

— Isso não tem nada a ver com sorte. É uma questão de talento.

Ela sorriu.

— Foi por isso mesmo que pedi para você.

Olhei para a janela. Ele tinha acabado de fechar as persianas. Mike Petty. Ele fazia aula de ciências comigo. Parecia legal, mas não importava. Eu precisava entrar e sair envolvendo o menor número de pessoas possível: era a forma mais fácil de Apagar uma lembrança. Isso significava não encontrar com os pais ou as irmãs dele.

A árvore em frente à casa dele parecia fácil de escalar, se eu tivesse o hábito de subir em árvores. Olhei para os meus pés. Por que eu estava de botas de salto?

Fui até a árvore e a chutei de leve com o bico da bota. Dava para alcançar o galho mais baixo, então me pendurei nele e tentei suspender o corpo. Meus sapatos escorregavam pelo tronco.

Não ia dar para subir daquele jeito. Abri o zíper das botas e as tirei junto com as meias, deixando-as ao pé da árvore. A grama gelada tocou meus pés, provocando arrepios nas minhas pernas. Respirei fundo e estiquei os braços. Mãos arranhadas, um corte no tornozelo e muitos xingamentos ofegantes depois, eu estava sobre o galho mais próximo da janela. Bati no vidro.

O rosto de Mike apareceu e eu acenei. Ele abriu a janela.

— Laila?

— Me deixe entrar antes que eu caia.

Ele suspendeu a tela elétrica e estendeu a mão para mim para me ajudar a entrar.

— O que você está fazendo aqui? — ele perguntou quando eu já estava dentro de seu quarto. Estava cheio de roupas espalhadas e tinha cheiro de grama mofada.

— Eu preciso da tarefa de férias da aula de ciências.

— E não podia ter ligado?

— Teria sido mais fácil.

Ele riu e me examinou dos pés à cabeça.

— Se já terminou de me observar, pegue para eu poder ir embora, por favor. — Seria muito mais fácil se ele estivesse de costas para mim, procurando o trabalho na mochila ou algo assim. Desse modo, eu poderia passar um tempinho vasculhando em busca de caminhos cerebrais mais antigos. As lembranças mais fáceis de Apagar eram as mais recentes. Kalan queria que ele esquecesse algo que acontecera três semanas atrás. Eu teria que ir mais fundo para isso.

— E se eu não terminei de observar? — Ele deu um passo em minha direção. Revirei os olhos.

— Nem pense nisso.

Ele deu outro passo à frente.

— Argh. — Suspirei, frustrada. — Sério? — Com uma habilidade como a minha, saber deixar alguém inconsciente em menos de dez segundos era útil quando eu precisava de tempo para dar o fora depois de Apagar as lembranças da pessoa. Devia ter usado

esse método logo que cheguei.

Deixei que ele se aproximasse. Até deixei que segurasse minha cintura, quando aproveitei para apertar com força um ponto entre o pescoço e o ombro, aumentando o efeito com minha habilidade de interromper conexões cerebrais. Ele apagou. Eu podia ter tentado suavizar a queda, mas ele não merecia.

Não era necessário encostar na cabeça da pessoa para Apagar sua memória, mas facilitava. Por ter que me concentrar um pouco mais nesse caso e ter certeza de que havia chegado ao caminho certo, pus as mãos sobre a cabeça dele. Três semanas atrás. As lembranças de curto prazo estavam agitadas, e tive que passar por elas para chegar à memória armazenada. Encontrar e Apagar uma memória de longo prazo podia ser complicado, mas encobrir o feito não era tão difícil. As pessoas normalmente não percebiam quando se esqueciam de fatos que tinham acontecido num determinado dia, várias semanas antes. Não achavam esquisito. No entanto, se perdiam os últimos cinco minutos, estranhavam muito. Fiz os dois tipos de serviço em Mike, porque ele não podia lembrar que eu tinha estado ali.

Abri uma das revistas que estavam ao lado da cama e deixei ao lado dele. Com sorte, ele pensaria que caiu no sono lendo. Era por isso que eu tinha esperado anoitecer para ir até lá, assim seu cérebro o faria pensar que simplesmente tinha esquecido.

Dei uma última olhada no corpo inconsciente de Mike e em seguida olhei a janela e minhas mãos esfoladas. Devia ter insistido nos quinhentos dólares. Subi no galho, enfiei o braço pela janela e apertei o botão para fechar a tela. Enquanto ela descia, me segurei no galho que estava no alto e fui até o tronco. Chegando lá, sentei e tentei me balançar para saltar para o chão. Foi quando vi Connor parado sob a árvore, segurando minhas botas.

— Achei que conhecia isso de algum lugar — ele disse.

— Você repara nos meus sapatos?

— Mike é meu cliente.

— Isso não explica o fetiche por sapatos. — Sentei no galho. — Faça uma coisa útil e me segure. — Sem esperar a resposta, me joguei da árvore. Achei que isso me daria uma pista para descobrir sua habilidade. O impacto da minha queda o derrubou, mas ele suavizou a aterrissagem.

— Ai — ele resmungou, me empurrando e voltando a ficar em pé. Ele chacoalhou a calça para tirar a terra. — Para alguém que não confia em mim, você não teve nenhum problema em se atirar na minha direção.

— Me atirar? Até parece! E isso não requer confiança. Requer mira. Só precisava cair em cima de você. — Fiz questão de falar o encarando. — Além disso, imaginei que, com a sua habilidade, eu ficaria bem.

A expressão dele não deixou transparecer nada, nem um pinga de surpresa ou confusão. Então ele tinha uma habilidade que podia ajudá-lo em uma situação como aquela? Qual seria? Manipulação de tempo? Talvez ele pudesse acelerar seu tempo de reação aos acontecimentos. Já tinha ouvido falar de um cara que era capaz de aumentar o fluxo sanguíneo para os músculos, tornando-se mais forte quando necessário. Talvez ele tivesse uma habilidade obscura como essa.

— Você e Mike, hein? — Ele indicou a janela com a cabeça.

— Eca. Não.

— Então o quê?

— Não é da sua conta.

Connor se aproximou da árvore e agarrou o galho mais baixo.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei. — Me rastreando de novo?

— Como eu disse, tenho uma entrega para fazer.

— Acho que vai ter que esperar. Ele não está muito disponível para visitas no momento.

Connor subiu na árvore como se já estivesse habituado. Calcei uma bota, fechei o zíper e me apoiei na árvore para calçar a outra. Fui até o carro, mas, antes de entrar, Connor me chamou.

Virei e o vi em pé perto da árvore.

— O que foi?

— O que você fez com ele?

— Ele está bem. Estou surpresa por não ter acordado ainda. Foi só um toque no ponto de pressão.

— Ele vai lembrar que você esteve aqui?

Ele sabia qual era minha habilidade? Fiquei furiosa.

— Quem te contou?

— Você não faz muita questão de guardar segredo — ele disse, andando em direção à moto. Empurrei as costas dele, que se virou e agarrou meu punho. — Não comece o que você não pode terminar, princesa.

— Eu termino tudo que começo.

Ele deu um sorrisinho.

Me desvencilhei e controlei o ímpeto de dar um chute na canela dele, como uma menina de quatro anos faria.

— Por que não consigo Apagar sua memória?

O sorrisinho condescendente se foi e deu lugar a um olhar furioso: o primeiro olhar de raiva que ele já tinha demonstrado na minha frente. Era mais intimidador do que tinha pensado que ele seria capaz.

— Você tentou Apagar minha memória?

Como se ele não soubesse! Ele tinha bloqueado a minha tentativa com facilidade.

— Por que você não morre, Connor? — Me virei e entrei no carro, batendo a porta. Por que eu permitia que ele me afetasse tanto? Talvez por ser o único cara que eu conhecia sobre o qual nenhuma das minhas habilidades funcionava: nem minha capacidade de Apagar lembranças nem minha aparência. Ele era o único cara que eu não conseguia controlar.

Addie: Preciso aprender o que é considerado uma situação de vida ou morte.

Acordei com meu celular tocando. Resmunguei e tirei o cabelo do rosto.

— Alô.

— Addie, oi. É a Stephanie.

Eu sorri.

— Oi, Stephanie. Como está o treino das líderes de torcida?

— Bem. Só mais duas semanas e entramos em férias. Estou mesmo precisando de um tempo.

— As férias de vocês são muito curtas.

— As da Lincoln High são mais longas?

— Temos seis semanas de férias de inverno. Mas as de verão não são tão longas quanto as de vocês.

— O ano letivo de vocês é um pouco diferente, então?

— É — eu bocejei. — Como estão as coisas?

— Eu queria tentar te arrastar para fazer compras comigo hoje.

— O que você quer comprar?

— Um vestido para o baile de inverno.

— Ah. Claro. Com quem você vai?

— Ninguém me convidou ainda, mas não perdi as esperanças. Se ninguém me chamar, posso ir com algumas amigas e me divertir. Você também devia ir.

Virei de bruços e olhei para o relógio no criado-mudo. Dez da manhã.

— Ao baile de inverno da sua escola?

— É, vamos! Podemos comprar um vestido para você também.

— Parece terrível.

Ela riu.

— Vou passar para te pegar. Esteja pronta em meia hora.

— Você sabia que ele ia estar aqui? — Não sei por que me dei ao trabalho de perguntar. Devia ter acusado logo de uma vez, porque já sabia que a resposta era “sim”.

— Talvez. — Ela tomou um gole da bebida que segurava e ficou observando Trevor de onde estávamos, perto de uma fonte no meio do shopping. — O time o convenceu a participar de uma ação para arrecadar dinheiro. Estão vendendo calendários ou algo do

tipo para levantar fundos para uniformes novos.

Ele estava em uma mesa montada em frente a uma loja de artigos esportivos, com mais uns oito caras, pegando dinheiro e guardando em uma caixa de metal quando as pessoas compravam calendários.

— Como você sabe que o time o convenceu? Tem falado com ele?

Ela sorriu como se tivesse sido pega fazendo algo que não devia.

— Talvez eu tenha falado com ele ontem à noite. Sei que você me disse que a gente devia se afastar, mas não consegui. Sinto saudade dele.

Senti uma pontada de ciúmes ao tentar adivinhar quem havia ligado para quem. Repreendi a mim mesma pelo pensamento. Eu não tinha nada com Trevor e nenhum direito de ter ciúmes. Talvez eu o tivesse interpretado mal na festa. Se ele continuava falando com Stephanie pelo celular, talvez ainda gostasse dela.

— Você pode fazer o que quiser, Steph. Aquilo foi só uma sugestão.

Ela deu um grito de animação.

— E o que vamos fazer agora? Será que devíamos ir lá falar com ele? Comprar um calendário ou algo assim?

Eu ri.

— Não, acho melhor a gente ficar aqui, olhando fixamente para ele do outro lado do shopping, como se estivesse espionando sua vida.

— Você acha que tem fotos dos jogadores sem camisa nos calendários?

Dei uma olhada nos jogadores da mesa, vários dos quais eram branquelos e estavam muitos quilos acima do peso.

— Ai. Espero que não.

Ela riu.

— É mesmo! — Stephanie levantou, aparentemente decidindo que era hora de parar de olhar e começar a agir. — Vamos. — Ela estendeu a mão para mim, e permiti que me ajudasse a levantar. Depois ela enganchou o braço no meu. — Isso é tão divertido! Obrigada por ter vindo comigo.

— De nada.

— Ainda acho que você devia comprar aquele vestido azul. Ficou incrível em você!

— Bom, depois de te ver com aquele preto — apontei para a sacola que ela segurava —, acho que nunca mais vou usar nenhum vestido.

— Até parece!

Chegamos à mesa e esperamos numa fila de várias pessoas até finalmente ficarmos diante de Trevor. Ele olhou como se não estivesse surpreso em nos ver. Devia ter percebido que o encaramos à distância por meia hora.

— Oi — Stephanie disse.

— Oi. Como vocês estão?

— Comprando vestidos para o baile de inverno. — Ela levantou um pouco a sacola. Eu sabia o que ela esperava que ele fizesse. Que perguntasse com quem ela iria ao baile. Era óbvio.

Ele não mordeu a isca, e não consegui perceber se tinha sido intencional ou não.

— Legal.

— Vocês estão indo bem? Arrecadando muito dinheiro?

— Está bem movimentado. Acho que o time vai se dar bem. — Ele ficou girando uma caneta entre os dedos. Não era um bom sinal para Stephanie: ele nem a olhava diretamente. No entanto, também não era um bom sinal para mim: ele olhava para uma caneta. *Pare de analisá-lo*, disse a mim mesma. Não era da minha conta.

— Bom, quero comprar um. — Stephanie pôs o copo de bebida que segurava sobre a mesa e começou a vasculhar a bolsa.

Ele tirou um calendário de uma caixa no chão ao seu lado, e o deixou sobre a mesa.

— Você descobriu por que o túmulo da sua avó está na Pioneer Plaza? — Trevor perguntou, olhando para mim.

Aquele único olhar fez meu coração bater um milhão de vezes por minuto. Stephanie lançou um olhar para mim. Droga! Sabia que devia ter contado a ela, mas não quis causar alvoroço à toa.

— Aparentemente, ela sempre esteve enterrada lá. Só não me dei conta de que era tão perto. — Não dava para contar a verdade sem explicar mais, considerando que a maioria das pessoas não era transferida de um túmulo para outro.

A carteira de Stephanie era um pouco grande demais para a abertura estreita da bolsa e, quando ela finalmente conseguiu tirá-la, derrubou sua bebida. Enquanto o copo caía, Trevor tentou salvar o calendário que estava logo embaixo e acabou acertando a caixa de metal cheia de dinheiro sobre a mesa.

A caixa voou para o chão, e o dinheiro começou a flutuar devagar, porque o tempo tinha desacelerado. Eu não devia ter feito aquilo, mas minha reação imediata foi pegar a caixa, fechar a tampa e colocá-la de volta sobre a mesa. Apenas algumas moedas perdidas caíram no chão. Tirei as mãos da caixa rapidamente, mas já era tarde demais. Vi o olhar espantado de Trevor.

Stephanie estava muito ocupada para notar, jogando o gelo de volta no copo tombado.

— Sinto muito. O calendário ficou todo molhado. Vou pagar por ele.

Mas Trevor ainda me encarava.

— Foi por um triz — eu disse.

Ele franziu a testa e em seguida olhou para as moedas no chão, perto do meu pé. Abaixei para pegá-las e as deixei em cima da caixa de dinheiro.

— Como você fez isso?

— Fiz o quê? — perguntei. — Vi que seu cotovelo ia bater na caixa. Só impedi que ela caísse. — Minha cabeça latejava e me esforcei para não ter que me apoiar na mesa.

— Não. Eu derrubei a caixa com o cotovelo.

Stephanie pegou uma nota de dez dólares.

— Aqui está. Pelo calendário.

— Você não precisa comprar um calendário estragado, Stephanie. Não tem problema. — Ele entregou a ela um que não estava molhado e pegou o dinheiro, retirando com cuidado as duas moedas de cima da caixa e levantando a tampa. Lá dentro, o dinheiro estava todo bagunçado e fora de ordem. Ele ajeitou algumas pilhas. Logo depois, olhou novamente para o chão e para mim.

— Bom, é melhor a gente ir. — Puxei Stephanie pelo braço, mas ela me olhou como se

quisesse ficar para conversar e eu não estivesse ajudando. — Tem gente esperando para comprar os calendários. — Havia outros sete caras sentados à mesa, prontos para vender, mas, ainda assim, eu só queria ir embora. Não acreditava que não tinha deixado a porcaria da caixa cair no chão. Que bom que tinha usado minha habilidade para salvar uma caixa de metal da destruição.

— É, acho melhor a gente ir — Stephanie concordou. Quando saímos, ela mordeu o lábio. — Tem alguma coisa entre vocês dois?

— O quê? Não! Pedi ajuda para o Rowan e o Trevor foi junto. Não foi nada de mais. Ela passou a mão sobre uma parte da camiseta molhada pela bebida.

— Eu devia ter ficado e conversado mais com ele. Tinha esperança de que me convidasse para ir ao baile.

— Você precisa deixá-lo querendo mais — eu disse, lembrando que Laila tinha me dado esse conselho no passado. — Sempre fique um pouco menos do que ele gostaria.

— O que isso significa?

Eu ri.

— Não faço ideia. — Quando estávamos prestes a entrar em outro corredor, ouvi meu nome.

— Addison!

Eu me virei e vi Trevor vindo em nossa direção.

— Posso falar com você a sós por um instante? — ele perguntou ao nos alcançar.

— Sim, é claro — Stephanie respondeu, cheia de esperança.

— Hum. — Ele olhou para ela, e dava para ver que não queria magoá-la quando disse em voz baixa: — Na verdade, a pergunta era para a Addison.

Foi um daqueles momentos dramáticos dos livros em que a personagem principal deveria dizer: “Tudo que tiver para me dizer, pode dizer na frente da minha amiga”. Mas esse era o problema. Eu sabia o que ele queria dizer, e não dava para dizer na frente da minha amiga. Então, em vez disso, tentei dissuadi-lo para não deixar Stephanie mais chateada do que já estava.

— Estamos com um pouco de pressa.

Mas Trevor aproveitou a deixa.

— Só vai levar um minuto, mas posso perguntar aqui mesmo. O que você...

— Não! — Ótimo. Agora eu ia parecer a maior babaca do mundo. — Desculpe, Stephanie, já volto. — Passei por ele e fui até o corredor vazio que levava aos banheiros. Olhei para ele.

Ele se preparou para falar, sério.

— O que você é?

— Como?

— Me diga que estou louco. — Ele me encarou, e a intensidade daquele olhar, a posição de sua boca, a testa franzida... tudo parecia muito familiar. Como se eu já tivesse estado ali antes, com ele me encarando daquele jeito. Fiquei sem reação, com a determinação abalada, e hesitei. Tinha que desviar o olhar. Sabia o que meu pai dizia sobre mentir, que um dos indicadores era quando alguém não conseguia encarar você nos olhos.

— Você está louco — disse olhando para a parede atrás dele.

— Diga olhando para mim.

Ele devia conhecer a regra da mentira também.

— Tenho que ir. Stephanie está esperando. Por sinal, você devia convidá-la para ir ao baile de inverno. Ela ganharia o dia.

— Addison. — Por que ele me chamava assim? E por que eu gostava?

Ele apoiou a mão sobre meu ombro. Encarei os olhos dele, com o coração na boca. Sua aparência amigável de sempre tinha desaparecido, substituída por uma vulnerabilidade que me fazia querer contar tudo a ele.

— Você está louco — sussurrei e me afastei.

Laila: Nunca dê a ninguém o benefício da dúvida.

Contei o dinheiro outra vez, mesmo sabendo que ele não tinha se multiplicado magicamente durante a noite. Suspirei, guardei-o dentro de uma bota e a joguei no armário. Teria que ser suficiente. Eu daria um jeito de ser suficiente. O Rosto não era imune a manipulações.

Ouvi um grito vindo do quintal. Sorri e olhei pela janela. Uma pequena quantidade de neve tinha caído à noite, e meus irmãos acharam que podiam andar de trenó no montinho que havia se formado ali.

Peguei meu cachecol, calcei um salto anabela e fui observá-los. Como as primeiras tentativas não deram certo, eles decidiram juntar o máximo de neve possível para formar um corredor de largura suficiente apenas para o trenó. Depois de uma hora de trabalho duro, com a irmã tirando onda da cara deles, conseguiram escorregar algumas vezes.

— Olha, Laila! Apesar de você não ter ajudado, somos os mestres da neve — Derek gritou.

— Quando toda essa maestria aconteceu? Eu perdi isso.

Eli jogou uma bola de neve em mim e acertou em cheio, de modo que o gelo entrou por baixo do meu cachecol. Dei um pulo, sacudindo a neve.

— Você consegue ler a minha mente agora, Eli?

— Nem preciso, mas você vai ter que me pegar primeiro, e acho que não vai conseguir correr com esse sapato.

Ele tinha um argumento válido. Levantei, fingindo que pretendia persegui-lo, e ri quando ele e Derek gritaram como menininhas e saíram correndo.

Era uma da tarde. Disse a mim mesma que iria até a casa do Rosto às duas e tentaria a sorte. Entrei para fazer chocolate quente.

— Vou sair — meu pai disse, fechando a porta em seguida e impedindo qualquer possibilidade de argumentação.

— Está bem, foi bom te ver também — respondi para o vazio.

Enchi a chaleira e a levei ao fogo. Peguei meu celular no bolso e olhei para ele, contrariada. Não queria ligar para Connor. Não era da conta dele o que eu ia fazer. Sim, ele tinha me ajudado quando me apresentara para o Rosto, mas tinha certeza de que eu não precisaria dele dessa vez. Então por que tinha a sensação de que deveria ligar e avisar que iria até lá hoje?

Meu celular tocou. Por um instante, achei que era Connor, como se ele tivesse lido

minha mente e soubesse o que eu ia fazer. Mas o identificador de chamadas mostrou o número da minha mãe.

— Alô.

— Oi. Achei que ia dar para passar em casa entre meus turnos, mas a Susan ficou doente e teve que faltar. E as horas extras pagam nossas contas.

— Tudo bem. A que horas você vai chegar?

— Tarde. Como estão as coisas aí?

— Tudo bem. Os meninos são mestres da neve.

— Achei mesmo que eles iam gostar. Precisamos de alguma coisa em casa?

— Não.

— Passe o celular para o seu pai. Não consegui ligar no dele.

Olhei pela janela, mas o carro dele já não estava mais lá.

— Eu passaria, mas ele acabou de sair, exatamente como um pai responsável como ele faria.

— Laila, pegue leve com ele.

— Você já pega leve por todos nós.

— Se você tivesse a habilidade dele...

— Muitas pessoas têm a habilidade dele e parecem lidar com isso cem vezes melhor. E ele nem está tentando acabar com o vício. Se fizesse pelo menos um programa para isso... — Minha mãe suspirou e me senti culpada. Ela já tinha muito com o que se preocupar. — Você tem razão. Não tenho ideia de como é ouvir o pensamento das pessoas. — Dizer em voz alta me fez lembrar que era verdade. Talvez eu fosse exatamente como meu pai se vivesse bombardeada pelos pensamentos mais íntimos dos outros.

— Obrigada por tentar entender. Preciso ir.

— Tchau, mãe.

Coloquei chocolate em pó em três canecas e joguei leite quente por cima.

— Mestres da neve, venham tomar chocolate quente — gritei pela porta dos fundos.

Eles entraram correndo e atacaram o chocolate. Puxei o braço de Eli.

— E...?

Ele sabia o que eu queria dizer. Tinha dado o novo chip eletrônico para ele na noite anterior, e queria saber se estava funcionando.

— Não experimentei ainda.

— E o que está esperando?

— Coragem.

Eu tinha avisado sobre os riscos dos programas não aprovados pelo DDH. Aparentemente, fazer vista grossa tinha sido mais difícil para ele do que para mim.

— Bem, não se esqueça de me avisar se resolver usar.

Ele concordou e tomou outro gole de chocolate quente.

— Vou sair. — Segui pelo corredor e o rosto de Connor me veio à cabeça de novo. Certo, culpa, aja como uma praga estúpida. Liguei para ele.

— O que foi? — Ele atendeu e eu quase desliguei, já desprovida de qualquer senso de obrigação.

— Vou passar na casa do Rosto hoje. Às duas. Não preciso de você lá. — Então desliguei e ignorei os toques do celular. Fui para o meu quarto e parei na porta, horrorizada. Tudo estava revirado. Todas as minhas roupas estavam fora das gavetas, o colchão, torto sobre a cama; o conteúdo da escrivaninha, espalhado pelo chão; o cesto de roupa suja, virado para baixo.

— Não... não, não, não, não. — Entrei. Sabia que não estaria lá, mas isso não me impediu de abrir o armário, pegar minha bota preta e enfiar a mão dentro. Vazia. Mesmo sabendo exatamente em qual dos pés o dinheiro estava, verifiquei o outro. Nada. Joguei a bota com força na parede, e ela ricocheteou e me atingiu na perna.

Eu odiava meu pai. Mais do que ódio, sentia desprezo por ele.

Voltei correndo e parei na cozinha.

— Se o papai der as caras por aqui na próxima hora, me ligue.

Eli deixou o chocolate quente sobre a mesa.

— O que aconteceu?

— Nada.

No carro, comecei a ligar para meu pai a cada minuto. Na terceira tentativa, tive certeza de que ele tinha deixado o celular no silencioso, mas continuei mesmo assim. Então, comecei a ligar para os lugares que ele costumava frequentar. Depois, resolvi ir até os lugares que ele costumava frequentar. Aparentemente, ele tinha sido esperto o bastante para ir a um lugar diferente naquele dia. Não consegui encontrá-lo em lugar nenhum. Quando apareci na casa do Rosto, uma hora depois, Connor estava lá. Ótimo.

Devo ter pensado naquele dinheiro em algum momento quando meu pai estava por perto. A culpa era minha. Precisava me proteger melhor. Manter meu pai fora da minha mente. Manter todo mundo fora da minha mente.

Pelo menos, agora eu sabia que podia ganhar dinheiro com a minha habilidade. Olhei para a casa. Talvez pudesse prometer um pagamento futuro para o Rosto. Meu tempo estava acabando. Eu encontraria Addie em uma semana. Esperava já ter desenvolvido minha habilidade até lá para Restaurar a memória dela. Talvez não fosse tarde demais para começar o programa do DDH.

Respirei fundo e saí do carro. Connor devia estar lá dentro, pois sua moto estava estacionada no meio-fio, com o capacete pendurado no guidão. Bati à porta e fiz uma cara sedutora. Dessa vez, um homem ruivo, de cabelos encaracolados, abriu. Três argolas perfuravam uma sobrancelha.

— O Rosto está?

— Você está olhando para ele.

— Ah, certo. — Notei duas coisas que não tinha notado antes. Uma era uma pequena mancha embaçada do lado direito do pescoço. A imagem estava um pouco falha. A menos que estivesse prestando atenção, ninguém notaria, mas isso me lembrou que havia meios de detectar mentiras.

— Não é seu melhor visual.

— Eu não perguntei.

A segunda coisa que notei foi...

— Sua voz continua a mesma.

— É. Dá muito trabalho mudar. Preciso me familiarizar com outra voz, e o esforço não compensa. A maioria das pessoas acha que a voz é diferente só porque o rosto está diferente.

— A maioria das pessoas é meio lerda. É óbvio.

Não vi Connor em lugar nenhum, mas não me importei. Eu trabalhava melhor sozinha. Principalmente quando não tinha nada com o que trabalhar, exceto meu charme.

— Que bom te ver — ele disse. — Estou com pouco dinheiro.

— Bom, aí é que está. Eu estava com o dinheiro, mas fui roubada. Esperava que você pudesse dar a primeira aula na base da confiança e eu pagaria na semana que vem.

— Bem, temos um problema aí. Não confio em ninguém além do sr. Dinheiro. Me dou muito bem com ele. E, até ele aparecer, não vou fazer nada.

Apaguei a memória dele duas vezes e recomecei, usando uma tática ligeiramente diferente a cada vez, sem sucesso. No final, me Apaguei completamente do dia dele e saí. Parecia que uma mão invisível tentava tirar minha vida, apertando minha garganta. Me arrastei para a traseira da minha picape e deitei, olhando para o céu sem nuvens. Talvez tudo aquilo fosse inútil.

Ouvi o som dos passos antes da voz.

— E, de uma hora para outra, é como se você não existisse. — A cabeça de Connor apareceu na lateral da picape.

Não me mexi.

— O Rosto não lembra que você esteve aqui. É a coisa mais louca que já testemunhei.

— Você precisa ver mais coisas.

— Por que precisa desenvolver sua habilidade se pode fazer isso?

— Está me zoando? Porque não estou no clima pra isso.

— Teve um dia ruim?

Fechei as mãos em punho.

— Vá embora. Não vou voltar lá, então não precisa se preocupar que eu possa arruinar sua vida.

— Por que você quer tanto desenvolver sua habilidade?

Finalmente olhei para ele. A expressão presunçosa em seu rosto só me deixou mais irritada.

— Que parte de “vá embora” você não entendeu?

— Praticamente nenhuma.

— Certo. Então eu vou. — Me levantei e achei que poderia sair do mesmo jeito que entrei, pela lateral. Mas meu pé errou o pneu e eu caí com tudo, de joelhos. Minha leggings rasgou e senti a umidade do sangue antes mesmo de vê-lo. Com o joelho latejando, levantei e abri a porta do carro. Antes de fechar, no entanto, Connor já estava lá, segurando-a.

— Me deixe em paz. — Minhas mãos tremiam, e eu as fechei para que ele não percebesse.

Sem dizer nada, ele pegou minha perna e a usou para me virar em sua direção.

— Vou te dar uma cabeçada. Já fiz isso antes.

— Você é muito teimosa. — Ele enfiou a mão no buraco que havia no joelho da minha

calça e o rasgou ainda mais.

Pôs os dedos sobre o ferimento ensanguentado no meu joelho e me encarou. Senti um formigamento quente na perna e, antes de me dar conta do que ele estava fazendo, quase afastei sua mão. Mas, quando levei minha mão sobre a dele, percebi. Ele era Curador.

O formigamento quente se transformou em dor abrasadora, como fogo rasgando a pele. Apertei a mão dele e rangi os dentes. A dor passou e eu rapidamente o soltei.

Fora o sangue e a calça rasgada, meu joelho parecia perfeito. Ele havia regenerado minha pele. Curar era uma habilidade rara. Não era de estranhar que Connor a mantivesse em segredo. Mas aquilo ainda não explicava por que ia mal em todas as matérias Paranormais se obviamente era muito bom com sua habilidade. Afastei minha perna dele.

— Você devia pedir permissão antes de usar sua habilidade nas pessoas.

— De nada.

— Saia para eu fechar a porta.

— Quem roubou seu dinheiro?

— Não é educado escutar a conversa dos outros, sabia?

— Você fala tanto que fica meio difícil evitar.

Apoiei o pé sobre o peito dele e estava prestes a empurrá-lo para longe e fechar a porta quando ele o segurou e me arrancou do banco. Caí sentada no estribo da minha picape, e tinha que olhar para cima para vê-lo.

— Você acha que é durona, princesa? — Ele estava tão perto que dava para sentir o perfume almiscarado de seu desodorante. Olhei feio para ele. Como se ainda precisasse de alguém para me mostrar que eu não tinha nada sob controle naquele dia.

Mostraria a ele quanto controle eu tinha.

Olhei para baixo e depois novamente para cima.

— Desculpe. Obrigada por me Curar. Meu dia foi realmente horrível. — Primeiro passo: parecer vulnerável. Feito. Juntei as mãos e encostei “sem querer” na parte de baixo da camiseta dele. Recuei quando percebi, dando uma risadinha. — Sinto muito. — Toquei no peito dele ao me desculpar, fingindo hesitar, depois coloquei a mão de volta e a deixei lá. Segundo passo: contato. Feito. — Foi o meu pai.

— O que o seu pai fez? — A respiração dele estava acelerada, e dava para sentir o movimento do peito sob minha mão.

— Ele roubou meu dinheiro. Para comprar supressores.

— Seu pai roubou seu dinheiro?

Assenti. Terceiro passo: compartilhar algo pessoal. Feito. Ele se aproximou de mim. Então o impenetrável Connor não era tão imune a mim quanto eu pensava.

Quarto passo: chamar a atenção dele para a minha boca. Mordi o lábio. Ele olhou direto para lá, depois de volta para os meus olhos. Feito. O quinto passo normalmente seria: atraí-lo para uma divertida sessão de pegação, capaz de me fazer esquecer todos os meus problemas. Mas, como eu não podia usar o sexto passo com ele — Apagar suas lembranças —, teria que parar por ali. Ele voltou a olhar para a minha boca, e dessa vez foi o meu coração que acelerou. Respirei fundo para tentar me controlar.

— Qual a habilidade do seu pai? — ele perguntou.

Droga. Na tentativa de manipulá-lo, tinha contado um detalhe que era verdade.

Me alonguei um pouco, de frente para ele. Ele se aproximou um pouco mais. Senti sua respiração em meu rosto. Era quente e doce. Pisquei e lembrei a mim mesma que estava provando que tinha controle sobre ele; não o contrário.

Eu sabia que Connor era muito orgulhoso. Se quisesse afirmar meu controle e garantir que ele nunca, jamais chegaria tão perto de me beijar novamente, só precisava de uma coisa. Fazê-lo se sentir um idiota.

— Meu pai não roubou meu dinheiro. — Dei uma única gargalhada. — Mas você devia ter visto a sua cara. Caiu direitinho.

Achei que ele fosse se afastar, ficar zangado, mas a presunção em seu olhar me fez pensar que era ele quem estava me manipulando.

— Posso te pedir uma coisa? — Connor perguntou, ainda sem sair do espaço onde nossa respiração se misturava.

Senti minha cabeça dizer que sim, embora pretendesse ficar impassível.

Ele se aproximou mais um milímetro. Seu lábio inferior roçou bem suavemente no meu e me fez arrepiar.

— Pode soltar minha camiseta para eu ir embora?

Horrorizada, olhei para minha mão. Eu estava agarrando a camiseta dele com força. Então eu o havia puxado na minha direção o tempo todo? Soltei e entrei no carro, engolindo o sabor amargo da humilhação.

— Laila — ele disse, mas eu não o deixei terminar. Bati a porta e pressionei o polegar contra o painel para dar a partida.

Addie: Papelão pode ter propriedades bloqueadoras?

Passei dois dias observando meu pai toda vez que ele pegava o celular, até finalmente descobrir sua senha. Então, em uma noite, depois de esperar bastante tempo para que ele caísse no sono, peguei seu celular de novo e levei o aparelho para o meu quarto. Sentei de pernas cruzadas sobre a cama e digitei o código. A imagem de fundo da tela era uma foto minha mostrando a língua. Quase senti remorso por ter roubado o celular para conseguir informações. Quase.

Cliquei em “contatos” e respirei fundo. Meu nome era o primeiro da lista, seguido por vários nomes que não reconheci. Deviam ser colegas de trabalho. Mas, só para garantir, anotei nome e endereço de todas as pessoas que eu não conhecia. Depois apareceram alguns nomes conhecidos, de amigos dos meus pais do Complexo. O nome da minha mãe estava lá, o que não devia parecer estranho, mas era. Quando cheguei ao fim da lista, tinha anotado cinco nomes. Eu podia lidar com a investigação de cinco pessoas.

Fechei o zíper do moletom até o fim porque o ar estava frio e olhei para os dois lados da rua novamente à procura do ônibus. O quadro de horários dizia que passava um a cada quinze minutos, mas eu estava esperando fazia vinte. Considerando que estávamos no meio do inverno, poderia estar muito mais frio. Mas eu estava em Dallas, afinal de contas. Ficar na ventania ao ar livre com um casaco fino estava me congelando. Peguei o celular e verifiquei o mapa novamente. Talvez pudesse caminhar até um dos endereços. Os pequenos pontos vermelhos no mapa, indicando cada uma das localizações, garantiam que não podia.

O som de um carro que passava devagar pela rua me fez levantar os olhos. O vidro do lado do passageiro estava aberto, e Trevor esticou o corpo.

— Addison. Oi.

— Oi.

— Precisa de carona?

— Não. Está tudo bem.

Ele olhou para o poste ao meu lado, e eu fiz o mesmo. Havia uma placa com o itinerário do ônibus.

— Esse ônibus vai para o centro.

Assenti. Dois dos endereços ficavam no centro, e achei que seria melhor começar por

lá.

— Vai até o cemitério de novo?

O cemitério ficava no centro. Talvez Trevor pudesse me deixar lá e eu continuaria a pé.

— Vou.

Ele sinalizou com a cabeça para eu entrar no carro.

Hesitei por um segundo, depois abri a porta. Ele tirou uma sacola de tecido do banco do passageiro e pôs no banco de trás para eu poder sentar.

— Obrigada. — Afivelei o cinto de segurança e passei as mãos nas pernas, tentando me aquecer.

— De nada. — Ele ligou a seta e retomou o caminho.

Senti um arrepio no corpo. Ele esticou o braço, girou um botão no painel e virou as saídas de ar para mim. Senti o ar quente no pescoço e nas bochechas.

Escolhi um assunto antes que ele tivesse a chance.

— Como está indo sua história em quadrinhos?

Ele deu de ombros.

— Estou pensando em deixar meu irmão assumir. Ele já desenha melhor do que eu.

— Ele é bom. Mas eu teria que ver seu trabalho para comparar.

— Você já disse que ficou impressionada só por eu desenhar quadrinhos. Não posso arriscar te fazer mudar de ideia mostrando o produto.

— É verdade. Minha opinião equivale a dos maiores críticos de quadrinhos do mundo.

— Fiz uma pausa. — Espera: existem críticos de quadrinhos?

Ele riu.

— Sim, na verdade, existem.

O sorriso dele era contagiante. Tive vontade de sorrir também. Ele olhou para mim depois de mudar de faixa, e eu desviei o olhar rapidamente. Vi a sacola de tecido no banco de trás.

— Ah, não. Você estava indo para algum lugar, não estava? Sinto muito. Pode me deixar no ponto de ônibus. É sério, não me importo de esperar.

Ele não diminuiu nem um pouco a velocidade quando eu disse isso.

— Não tem problema. Eu estava indo para a academia. Posso ir mais tarde.

Olhei para os braços dele quando mencionou a academia. Dessa vez, ele estava de camiseta, e dava para ver claramente que exercícios deviam fazer parte de sua rotina diária. Parei de olhar antes que ele me pegasse analisando seus braços de novo.

— Não está com frio?

— Meu agasalho está no banco de trás. — Ficamos em silêncio por um tempo. Ele entrou na via expressa. Depois de dirigir quieto por vários quilômetros, ele disse: — Eu não sou louco.

— Eu sei. — Ah, não, aquela conversa de novo! Senti a tensão se espalhar em meu peito no mesmo instante. — Você trouxe um agasalho, então com certeza não é.

— Não foi isso o que eu quis dizer. Eu sei o que vi. Você consegue se movimentar rápido. Mais do que rápido.

— Rápido? — Usei um tom de voz cético. — Do que você está falando?

Ele respirou fundo duas vezes e olhou fixamente para a frente.

— Eu sei o que vi.

Meus olhos ardiam. Por que tinha entrado no carro com ele? Não estava gostando nada daquilo. Trevor era um cara legal, e me sentia péssima confundindo ele daquele jeito.

— Não sei o que dizer.

— A verdade seria uma boa. — Ele pegou a pista da direita e saiu da via expressa.

Eu queria poder dizer a verdade. Mas sabia que não podia.

— Se você acredita que viu uma coisa dessas, não há muito o que eu possa dizer.

Já dava para ver as estátuas. Ele estacionou o carro e se virou para mim, parecendo implorar com os olhos.

Aquele olhar quase me desmanchou, quase me fez confessar todas as mentiras que eu já tinha contado na vida. Quando comecei a me sentir zozza, me dei conta de que não respirava desde que ele tinha começado a me encarar. Procurei pela maçaneta às cegas, tateei-a por alguns segundos e saí do carro.

— Obrigada pela carona. Vejo você depois — eu disse, fechando a porta e caminhando em direção ao cemitério. Andei até a primeira árvore, fiquei atrás dela e deixei minha respiração voltar ao normal. Trevor exercia algum tipo de poder sobre mim, e eu não conseguia descobrir o que era.

O primeiro endereço na minha lista era o de um colega de trabalho do meu pai. Lembrei dele da festa de Ação de Graças. Depois de dizer educadamente que tinha errado o endereço, segui para o segundo ponto vermelho do mapa em meu celular: um prédio a dez quadras do cemitério.

O número do apartamento era 314, então esperei perto dos elevadores para subir ao terceiro andar. Eles estavam demorando uma eternidade e eu já estava impaciente quando encontrei a porta que dava para as escadas. A escadaria era pouco iluminada e precisava de uma pintura — talvez por isso fosse pouco iluminada. Cada passo que eu dava reverberava nas paredes. Cheguei ao terceiro andar e saí para o corredor.

Uma placa na parede indicava que o 314 ficava à esquerda. Segui a indicação. Bati à porta. Ninguém atendeu. Bati de novo, com mais força. Quando me virei, a porta se abriu.

— Oi, eu estava... — Interrompi a frase ao me deparar com o homem que estava diante de mim: meu avô.

Meu avô que teoricamente estava morto.

Contive um grito, e meu coração começou a bater duas vezes mais rápido. Gaguejei qualquer coisa incompreensível.

Ele deu um sorriso e disse delicadamente:

— Addie. — Me puxou em sua direção, dando um abraço bem apertado.

Sem saber o que fazer, primeiro mantive os braços rígidos, colados na lateral do corpo. Mas, quando minha cabeça foi tomada pelas lembranças e meus olhos se encheram de lágrimas, abracei sua cintura.

— Você está... — *Vivo*, eu quis dizer, mas minha garganta se fechou e as lágrimas começaram a escorrer dos meus olhos.

Ele me afastou e segurou meu rosto, observando cada centímetro dele.

— Olhe só para você. Está tão linda! Tão, tão linda.

Minhas bochechas ficaram quentes. Ele estava exatamente como eu me lembrava: cabelo branco e olhos azuis, sorridente. Mais algumas lágrimas correram pelo meu rosto.

Percebi um movimento pelo canto do olho, que também o fez soltar meu rosto. Nós dois nos viramos.

— E quem é esse? — ele perguntou.

Sequei rapidamente o rosto. Trevor estava parado no fim do corredor.

Ele se aproximou.

— Desculpe, não quis te deixar sozinha no centro. Está tudo bem?

— Sim. Estou bem. Você já pode ir.

Meu avô perguntou:

— Seu pai sabe que você está aqui, Addie?

— Não.

— Espere aí. — Ele fechou a porta na minha cara.

Ótimo. Será que ele ia ligar para o meu pai? Me virei para Trevor.

— Obrigada pela carona. Está tudo bem, sério.

Ele olhou para o lugar onde meu avô tinha estado logo antes, como se pensasse que as coisas não pareciam nada bem se eu estava ali, encarando uma porta fechada.

— Quem é aquele?

— Meu avô.

— Quando o viu pela última vez?

Por que Trevor tinha que ser tão observador?

— Já faz um tempo.

A porta se abriu novamente, revelando meu avô com uma bengala na mão e fones de ouvido que não estavam ligados a nenhum aparelho. Ele usou a bengala como um detector de metal, segurando-a a poucos centímetros de mim e passando-a pelos dois lados do meu corpo. Fez o mesmo com Trevor. Muito estranho.

— Tudo certo com vocês. Entrem. — Ele fez sinal para entrarmos.

— Na verdade, o Trevor já está de saída.

— Não, por favor, entrem os dois.

Trevor não esperou ser convidado duas vezes e entrou no apartamento do meu avô. Suspirei e entrei atrás dele. Meu avô olhou para os dois lados do corredor, fechou a porta e acionou várias travas. Notei que havia um teclado numérico de alarme ao lado da porta, mas ele não o ativou.

— Addie, é tão bom te ver!

Eu estava muito confusa e começava a sentir a raiva aumentar em meu peito. Meu pai também tinha escondido isso de mim.

Ele nos levou para a sala de estar, repleta de pilhas de livros, jornais e equipamentos de cozinha modificados. Havia um computador sobre a mesa, no canto, e uma foto minha recente com meu pai preenchia a tela. Eu tinha tantas perguntas para fazer, mas Trevor estava lá, observando tudo.

— Ah, esse é o Trevor. Eu o conheci aqui em Dallas. — Esperava que meu avô

entendesse o que eu queria dizer, já que eu não podia falar: “Ele é Normal, então não diga nada comprometedor”. Não que isso importasse muito. Eu já tinha feito coisas comprometedoras o bastante.

— Trevor. — Meu avô apertou a mão dele. — Não podemos conversar abertamente. Se tiver perguntas, faça-as na caixa.

— Caixa? — Trevor questionou.

Ele apontou para a varanda dos fundos e, atrás da porta corrediça de vidro, vi uma grande caixa de geladeira de papelão. Uma espécie de porta estava cortada na lateral da caixa. Eu tinha lembranças dele com minha avó, quando eu era mais nova, antes da minha habilidade se manifestar. Lembro que era muito divertido. Mas será que o que uma menina de seis anos consideraria divertido não poderia ser o que uma de dezessete consideraria meio fora do usual? Eu não tinha certeza. Pensar nisso me deixou com um peso no coração.

— Eu tenho perguntas — Trevor disse, caminhando em direção à porta.

Segurei-o pela jaqueta.

— Não, você não tem. — *Eu* tinha perguntas. Podia começar com as mais fáceis. — Há quanto tempo você mora aqui?

— Há dez anos.

Ele havia morrido dez anos atrás. Tinha morado aqui desde então? Ele era o membro da família a quem o Cicatriz tinha se referido, aquele dia na Torre. Tinha que ser. Então o Complexo sabia que ele tinha partido. Mas será que sabia que ele estava aqui?

— Querem beber alguma coisa? Só tem água. Tenho meu próprio filtro especial para retirar as coisas que o governo adiciona.

— Não estou com sede — Trevor respondeu.

Ficamos olhando um para o outro. Meu avô sorria com orgulho para mim enquanto mexia nos fones de ouvido.

Olhei para a caixa e voltei a olhar para o meu avô. Se aquilo o fizesse responder algumas perguntas, eu até podia ficar dentro daquela caixa por alguns minutos.

— Acho que quero entrar na caixa. — Trevor tentou ir atrás, e me virei para ele. — Preciso falar com ele sozinha.

Ele concordou e sentou.

Quando cheguei à varanda, meu avô já estava lá dentro, com a frágil porta de papelão entreaberta. Entrei e ele fechou a porta. Por um instante, pensei que veria fios e luzes, algo que mostrasse que a caixa realmente nos protegia de supostos espiões, mas era apenas uma caixa bem grande. Olhei para cima. Não tinha nem teto. Ótimo. Respirei fundo.

— Você está vivo. — Não sabia por que estava afirmando o óbvio, mas me pareceu importante dizer em voz alta.

Ele ficou envergonhado.

— Estou.

— Mas por quê? Por que fingiu estar morto? Por que veio para cá? — perguntei.

— Eu precisava sair de lá. Aquele lugar controla tudo. Toda a sua memória pertence a eles. Como é possível saber quais partes da sua vida são reais?

— O quê?

— Sou Curador. Eles não podem Apagar minhas lembranças. Meu cérebro se regenera sozinho quando tentam bloquear os caminhos. Não podem me dar novas lembranças. Então eu sei de algumas coisas. Sei o que eles fazem. Não pude mais viver lá.

— Eles quem?

— O Comitê de Contenção. O DDH. Estão atrás deles.

— Atrás de quem?

— Das pessoas sem habilidades.

— Normais?

— Não. Pessoas sem habilidades do Complexo. Eles não querem que elas diluam a linhagem. Eles as capturam e as transferem.

Ele estava maluco. Eu estava dentro de uma caixa, conversando com meu avô maluco, que supostamente estava morto. Tentava distinguir o que era loucura do pouco que era realidade.

Ele olhou atrás de mim.

— Você contou ao Trevor?

— Conteí o quê?

— Sobre o Complexo?

— Claro que não. Isso é ilegal.

— Se quiser minha caixa emprestada para contar a ele, pode usar. Porque eles podem estar ouvindo. Eles seguem todos os Paranormais que vivem do Lado de Fora.

— Acho que eles não têm recursos para isso, vô. — Suspirei. Era inútil. Meu avô era paranoico e delirante. Era esse o verdadeiro motivo que o tinha levado a se aposentar da Agência, o verdadeiro motivo para ter vindo morar do Lado de Fora? Porque era louco?

— O Complexo sabe que você não está morto.

— Eu sei.

— Eles sabem que você está aqui?

— Já morei em vários lugares. Estou em segurança agora. Consegui me esquivar deles faz alguns anos.

Assenti. Fiquei me perguntando se ele tinha mesmo conseguido ou se o Complexo sabia exatamente onde ele estava e o considerava inofensivo.

— Foi bom te ver.

— Você vem me ver de novo?

— Sim, é claro. — Então me dei conta de uma coisa. — Meu pai trouxe o corpo da vovó para cá por sua causa.

— Eu falei para ele não fazer isso. Ela amava o Complexo. Era como você. Investigadora de Destinos.

— Eu sei. — Já ia saindo, mas parei. — Vô?

— Sim?

— Ela tinha algum outro poder? — Talvez ela também tivesse escondido coisas de mim. Como meu pai.

— Como o quê?

— Não sei. Alguma coisa a ver com manipulação do tempo? Quando ela ficou mais

avançada?

— Ela podia ver dois futuros — ele disse, impressionado.

— Eu sei. Investigar. Mas tinha mais alguma coisa?

— Por quê? Você consegue fazer mais do que isso?

— Ia dizer que sim. Queria contar a ele, contar a um adulto que pudesse me ajudar a entender. Mas, ao olhar meu avô e a caixa que nos cercava, não achei que ele seria realmente capaz de me ajudar a entender alguma coisa.

— Não. Só o lance dos dois futuros.

Saí da caixa. Já estava começando a anoitecer, e nuvens rosadas marcavam o céu. Eu achava que os Perceptivos podiam fazer o pôr do sol ficar mais bonito do que realmente era, mas observar o fenômeno nas últimas semanas tinha me feito perceber que nem tudo o que era belo era ilusão.

Dentro do apartamento, Trevor estava debruçado sobre um jornal. Achei que ele estivesse lendo, mas vi que, na verdade, estava desenhando. Quando me viu, soltou o lápis.

— É a minha vez de entrar na caixa? — ele perguntou com um sorrisinho no rosto. Do tipo que indicava que sabia que eu não ia deixar aquilo acontecer.

Retribuí o sorriso.

— Bela tentativa.

Meu avô fechou a porta.

— Meninos, me deixem preparar um lanche antes de vocês irem. — A esperança nos olhos dele me deixou cheia de culpa.

— Certo. Acho que podemos ficar mais uns minutos.

Ele sorriu, pediu licença e foi para a cozinha.

Fiquei sentada no sofá ao lado de Trevor e apoiei a cabeça na almofada, fechando os olhos.

Podia sentir Trevor me encarando, provavelmente esperando que eu explicasse o que estava acontecendo. Mas era impossível. Mesmo que eu quisesse, não podia. Abri os olhos para dizer a ele mais uma vez que não podia, mas ele não estava olhando para mim. Estava desenhando de novo. Ai. Ótimo.

Ele pigarreou.

— Homem resgata criança. Em um ato de heroísmo que alguns gostam de atribuir a uma descarga de adrenalina, um homem em Dallas subiu cinco andares e resgatou um bebê de um prédio tomado por chamas em menos de cinco minutos.

— Do que está falando?

— É a matéria. No jornal. Seu avô sublinhou a manchete. — Ele levantou a página para eu poder ver. Só vi a cabeça que Trevor tinha desenhado, com a boca bem aberta, comendo o H de “homem”. Ele desenhava muito bem. Eu nem precisava ler a matéria, porém. Talvez fosse um Paranormal, mas não necessariamente. Pessoas comuns faziam coisas extraordinárias todos os dias.

— O que você quer dizer?

— Quero dizer que você também consegue fazer isso. Eu vi na livraria, com meu irmão. Você o salvou.

Eu levantei, fui até a janela e olhei para a rua.

— Olha, o que quer que você pense que viu, precisa esquecer, porque só vai causar problemas para nós dois.

— Não dá. Eu ouvi uns jogadores da Lincoln High conversando no vestiário há algumas semanas sobre controlar emoções, romper músculos, e tentei encontrar uma justificativa. Depois você, aluna da Lincoln High, vem para cá, e é capaz de fazer aquilo.

— Ele apontou para mim como se “aquilo” fosse algo visível em meu corpo. — Não consigo deixar de pensar que o que eles disseram é verdade. — Ele passou a mão no ombro. — É pessoal. Preciso de respostas.

Por isso era tão difícil desencorajar Trevor. Ele tinha escutado coisas inexplicáveis. Eu havia trazido uma explicação para ele. Olhei para seu ombro e pensei no que Duke e seus amiguinhos de time tinham feito.

— Sinto muito por seu ombro — afirmei, voltando a sentar. — Duke é um idiota. Mas não posso te dar respostas. É muito... perigoso.

Frustrado, ele passou a mão no cabelo.

Meu avô entrou na sala trazendo uma bandeja com legumes cortados. Peguei um palitinho de cenoura e morde.

— Eu mesmo cultivei esses vegetais com meu próprio fertilizante especial.

Resisti ao ímpeto de cuspir o pedaço de cenoura mastigado que tinha na boca. Trevor se virou para mim com as sobrancelhas levantadas e disse baixinho:

— *Seu próprio fertilizante?*

Tentei não rir.

Trevor levantou.

— Agradeço a hospitalidade, senhor, mas preciso ir. Precisa de carona, Addison?

Olhei para meu avô e balancei a cabeça para Trevor. Não queria que ele adiasse mais ainda seus planos. Eu podia pegar o ônibus para voltar.

— Não, obrigada.

Meu avô segurou o prato na direção de Trevor.

— Leve um pouco de comida para a viagem.

Sua mão pairou sobre a bandeja de legumes. Finalmente, pegou bem rápido algumas fatias de pepino. Abriu todas as trancas da porta e saiu.

Observei-o enquanto ia embora. Então, percebi o desenho que Trevor tinha feito no jornal. Será que aquela matéria era sobre um Paranormal? Aquele era o tipo de notícia que alertaria o Comitê de Contenção. Por que meu avô tinha sublinhado a matéria? E se ele trazia outras pessoas para a caixa para alertá-las sobre suas teorias malucas? Ele não faria isso. Faria? Se o Comitê de Contenção achava que ele era inofensivo, esse era o tipo de coisa que os faria mudar de ideia e os traria diretamente para a sua porta. Ou talvez ele tivesse conseguido se esquivar deles de verdade.

A torradeira começou a apitar sobre a mesa. Não, ele era inofensivo. Meu avô olhou para ela.

— Acho que você devia ir atrás dele.

— Por quê?

— Porque ele pareceu chateado. — Ele indicou a torradeira com a cabeça. — E

porque tem um carro do Comitê de Contenção lá embaixo esperando para interceptá-lo.

Podia ser conversa de maluco, mas era melhor prevenir do que remediar. Saí correndo atrás de Trevor.

20

Laila: Autotortura soa melhor sem a palavra “auto”.

Fazia três dias que meu pai tinha roubado meu dinheiro. Três dias que eu tinha encontrado Connor e passado por aquela humilhação. Nesses últimos três dias, tentei convencer a mim mesma de que não teria que olhar para ele novamente. Porém, eu tinha uma teoria: talvez não precisasse aprender a desenvolver minha habilidade. Connor era Curador. Talvez ele pudesse Curar os caminhos bloqueados de Addie e reabrir a mente dela para suas memórias. Talvez ela não precisasse de mim para isso, afinal.

Concluí que eu devia ser uma fã de autoflagelação. Especialmente porque a última coisa que eu gostaria de fazer na vida era pedir um favor a Connor. Se não fosse pela Addie, eu já teria caído fora.

Só que ele não estava em casa nem na garagem. Mandeí uma mensagem de texto:

Onde você está?

Ele me fez esperar cinco minutos antes de responder:

Parque dos Fundadores. Perto do metrô.

Dirigi vinte minutos até o Parque dos Fundadores, saí do carro e tentei parecer indiferente. Gostava de estar no controle de todas as situações possíveis. Meu pai já havia afirmado seu poder inúmeras vezes. Eu não abria mão de exercer o meu quando tinha a chance. Muito menos para um cara.

Passei pelas estátuas que ficavam em uma das esquinas do quarteirão. À medida que o Complexo começou a mudar cada vez mais rápido, alguém — muito sentimental, na minha opinião — determinou que as partes mais antigas da cidade deveriam ficar inalteradas para sempre. Carros antigos, casas antigas, postes de luz antigos e estátuas de nossos fundadores. Essencialmente, um quarteirão inteiro desperdiçado. Propriedades e áreas sem uso e antiquadas. O lugar havia se transformado numa espécie de museu, ocupado principalmente por alunos de colégio em excursões — um estudo prático sobre o mundo do Lado de Fora. Nem mesmo esses alunos se importavam. Na maior parte do tempo, aquilo ficava abandonado, como agora. Principalmente durante as férias escolares.

Encontrei Connor sentado em um banco do parque, em frente a um vagão de trem

antigo.

— Não venho aqui desde que tinha oito anos. Pensei que alguém tivesse sido esperto e ateado fogo em tudo. Acho que estava errada.

Ele não olhou para mim.

— Muito engraçado.

— Eu achei. Foi o jeito de contar ou o assunto que não te agradou?

— Foi mais a natureza ofensiva do que qualquer outra coisa.

— Entendi. — Sentei ao lado dele e fiquei olhando para aquela caixa de metal que costumava ser utilizada como transporte público. Não conseguia imaginar andar por aí dentro daquela coisa. Todo mundo amontoado, com um monte de gente invadindo seu espaço. — Preciso de um favor.

— Essas são as únicas palavras que você conhece?

— Essa piada não foi nem um pouco boa porque eu já tinha dito muitas palavras antes dessas. Se tivesse começado com isso, talvez fosse melhor.

Ele esfregou os olhos e levantou.

— A resposta é “não”.

— Você nem me deixou falar.

Ele não disse nada e caminhou até a exposição seguinte: uma fileira de motos.

— De onde vem essa sua obsessão com coisas Normais?

— É bom conhecer as coisas. Nunca se sabe se você vai acabar indo para o Lado de Fora.

— Nunca vou acabar indo para o Lado de Fora.

Ele pegou o celular e tirou uma foto de uma moto.

— Agora você é Clarividente?

— Não, mas algumas coisas não são negociáveis comigo. Eu morar do Lado de Fora é uma delas. Não consigo imaginar estar sempre cercada de...

— Eu sou metade Normal.

Comecei a rir, mas me dei conta de que ele estava falando sério.

— Você é metade Normal?

— Meu pai é Normal, minha mãe é Manipuladora de Matéria.

— Sério? E você é Curador. Isso é... incrível. — Não só pelo fato de ser Curador, o que era raro, mas por desempenhar tão bem sua habilidade. Ela não parecia nem um pouco diluída.

Ele levantou uma sobrancelha e olhou para mim.

— E como você soube?

— Como soube o quê?

— Que eu sou Curador.

— Bem, meu joelho estava machucado e você colocou a mão sobre ele e regenerou a minha pele. Sei que muita gente talvez nem percebesse, mas sou bem observadora.

— Não. Naquela noite, em frente à casa de Mike Petty. Você estava na árvore. Pulou em cima de mim e disse que não estava preocupada por causa da minha habilidade.

Soquei o ar.

— Ah. Aquilo. É, eu não sabia. Esperava que a sua reação à minha afirmação

revelasse alguma coisa.

Ele soltou um gemido de frustração.

— Como eu sou burro!

— Não. Eu é que sou incrivelmente esperta. — Fiquei batendo com os dedos em meu braço. — Então... Vamos voltar ao meu fav... — Espere. Não podia deixar de lado o fato de que ele era metade Normal. — Então seu pai mora do Lado de Fora?

— Sim, claro.

— Hum — exclamei admirada. Eu não fazia ideia. — Você ficou preocupado com a possibilidade de sua habilidade não se manifestar?

— Pode pedir logo o favor para irmos embora? — Ele tirou mais um monte de fotos das motos e guardou o celular no bolso. O lado esquerdo de seu nariz estava um pouco sujo de graxa, e me dei conta de que ele devia estar consertando a própria moto antes de ir para lá.

— Que idade você tinha?

— Quando minha habilidade se manifestou?

Assenti.

— Doze.

Meus ombros desabaram. Até um cara metade Normal manifestou sua habilidade aos doze anos.

— Seu irmão ainda não mostrou nenhum sinal?

— Ele vai chegar lá.

— Ele está usando o programa do Rosto?

— Está.

Ele ficou tenso.

— Por quê? — perguntei.

— Por nada. — Ele alcançou a barreira que servia para evitar que as pessoas tocassem nas antiguidades e pegou um molho de chaves de uma moto.

— Fico imaginando se ela ainda corre...

— Não deve ter gasolina por aqui, ainda que seja tudo histórico. — Peguei as chaves da mão dele e pulei a barreira, que dava na altura da minha cintura.

— O que você está fazendo?

— Testando minha teoria. — Coloquei a chave no contato da moto antiga e girei. Nada aconteceu.

— Não é assim que se dá a partida em uma moto Normal.

— Bem, então venha aqui e me mostre como se dá a partida em uma moto Normal, senhor especialista em coisas Normais.

Ele pulou a barreira e me empurrou para o lado pela cintura. Senti um arrepio subir pelas costas. Ele girou a chave no contato e pisou em uma barra de metal perto da perna, depois fez alguma coisa no guidão. O motor roncou um pouco e silenciou em seguida.

— Há! — Um sorriso iluminou o rosto dele. — Isso foi incrível.

Eu ri.

— Você não deu a partida.

— Mas o motor funcionou. — Ele desceu da moto e voltou a apreciá-la.

Connor ficava bem sorrindo, e eu não sabia se era por se tratar de uma ocorrência muito rara ou porque seu rosto ficava todo iluminado. Percebi que o encarava fixamente e me obriguei a desviar os olhos.

— Estou surpresa por ainda não termos sido expulsos.

— Está brincando, não é? Este lugar tem tão poucos funcionários que chega a ser ridículo. Além disso, é tombado. É proibido instalar os sistemas de segurança Paranormais aqui. Eles querem manter tudo original.

— Mas você nunca tentou dar a partida em uma moto antes?

— Não.

— Sagrado demais?

Em vez de pular a barreira de volta como eu esperava, ele caminhou mais para dentro do espaço. Nos fundos, havia um trem sobre trilhos enferrujados. Ele deu um sorrisinho e entrou por uma porta aberta.

— Do que você precisa, Laila? — ele perguntou lá de dentro.

— Preciso que você Restaure as lembranças da Addie. Se isso for possível. Quero dizer, você meio que deve isso a ela, já que quase a atropelou e tudo mais.

A cabeça dele reapareceu na porta.

— O quê? — Porém, ele não esperou pela minha resposta e simplesmente desapareceu outra vez.

Ele ia mesmo me fazer entrar naquela coisa velha e enferrujada? Será que o trem aguentaria nosso peso sem desabar? Resmungando, me debrucei sobre a barra vertical e pulei para dentro. Ele estava bem na porta e eu quase caí em cima dele. Estava meio escuro: só a luz de um poste antigo brilhava do lado de fora da única porta aberta.

— Preciso que você... — Me interrompi porque ele olhava intensamente para mim, e eu não estava entendendo o motivo. Me certifiquei de que não estava agarrando sua camisa sem querer de novo: minhas duas mãos estavam ao lado do meu corpo, bem comportadas. Já meu coração não estava assim tão comportado, e batia bem rápido. Quando olhei de novo para ele, me dei conta de que tinha parado no meio da frase e continuei rapidamente:

— Me ajude. A ajudar a Addie.

Ele deu um passo para trás e pareceu perdido por um instante, como se não lembrasse o que estava fazendo. Contive um sorriso. Será que eu exercia mesmo algum efeito sobre ele?

Ele finalmente sentou sobre uma cama embutida na parede. Devíamos estar em um vagão-dormitório.

— Ela está ferida?

— Não. Eu Apaguei as lembranças dela e ela as quer de volta. Você pode fazer isso, não pode? Pode reabrir caminhos bloqueados no cérebro, regenerar memórias estagnadas.

— Não, eu não posso.

— Sei que pode. Quer dizer que não vai? — Na verdade, eu não sabia se ele podia, mas minha convicção já tinha feito muita gente admitir muita coisa para mim.

— É exatamente isso que quero dizer.

— Você é um idiota às vezes.

— Às vezes? Achei que era sempre. O que mais tenho que fazer? — Ele levantou e foi adentrando o trem. Meu salto ficou preso em uma espécie de parafuso no chão, e quase tropecei. Peguei o celular para iluminar o caminho e o segui. Quando o alcancei, me apoiei em seu braço para tirar os sapatos. Joguei-os sobre um assento.

— Não me deixe esquecer isso na volta.

Ele olhou várias vezes para mim enquanto andávamos.

— O que foi?

— Você é mais baixa do que eu pensava.

— Eu não sou baixa.

— Eu disse “mais baixa”.

— Estou sempre de salto. — Suspirei. Ele não ia mesmo ajudar a Addie. — Então tenho que tentar desenvolver minha habilidade outra vez.

— O que te faz pensar que desenvolver sua habilidade vai tornar você capaz de Restaurar memórias?

O braço dele tocou acidentalmente o meu, e meu coração acelerou. Coração idiota e traiçoeiro.

— Um bilhete. É uma longa história. Mas vai dar certo. — Parei, surpresa. Tínhamos chegado à frente do trem, e as janelas que nos cercavam tinham vista para o rio. Na outra margem, as luzes da cidade brilhavam. Os trilhos deviam ir até o outro lado no passado, mas agora não passavam de um monte de metal retorcido. O trem estava parado no último, seu progresso interrompido pela água. Estávamos no velho, olhando para o novo. Com Connor tão perto, a escuridão no vagão e as luzes de fora refletindo na água diante de nós, senti uma energia no ar. Uma energia que parecia exercer pressão sobre mim.

— Você já tentou Restaurar memórias? — ele perguntou.

— Não. — Sentei em uma das cadeiras grandes, atrás de milhares de alavancas e botões. — Mas não há nada como o presente.

O único problema é que Connor não ia ajudar. Eu não podia Apagar as lembranças dele e depois tentar trazê-las de volta. Olhei em volta e tirei o celular do bolso.

— Casa da Addie — disse para o aparelho. Imediatamente apareceram as coordenadas para a casa dela, uma linha vermelha mostrando o caminho. Levantei as mãos e me concentrei. Um computador era diferente de um cérebro, mas eu ainda conseguia sentir os componentes mais ativos. Bloqueei-os e abri os olhos. As coordenadas tinham desaparecido. Incrível.

Connor estava sentado em outra cadeira.

— Você consegue Apagar a memória de um computador — ele disse com um tom tão monótono que não entendi se ele estava impressionado ou não.

Agora, a parte difícil. Tentei me concentrar, forçar minha mente a reacender sua energia. Minha cabeça começou a zunir e me lembrei do quanto Addie estava preocupada com as minhas tentativas. Do quanto ela achava que tinha danificado sua habilidade por forçá-la demais. Tentei não pensar naquilo. Outras pessoas desenvolviam suas habilidades o tempo todo; não podia ser tão ruim. Mas nada estava acontecendo. Rangi os dentes e tentei novamente.

— Está tentando Restaurar a memória do celular desenvolvendo sua habilidade?

— Estou.

— Precisa de alguma emoção forte?

Parei para refletir. Emoção forte? Não deixei transparecer o quanto estava surpresa com aquela revelação, com a lembrança de minutos antes, quando senti aquela energia se formando ao meu redor. Aquilo era útil? Então Connor sabia mais sobre desenvolvimento de habilidades do que parecia.

— Sim.

— Você deve parar com o programa do DDH, então. Se estiver usando aquilo, não vai funcionar.

Muito mais.

— Estou usando. — Engoli em seco. — Você pode apenas...

— Posso apenas o quê? — Ele se virou para mim, me encarando. Seus olhos pareciam eletrificados, como se uma tempestade de raios se formasse atrás deles. Eu precisava sentir aquela energia. Virei minha cadeira para ele, apoiei a mão em meu joelho e virei a palma para cima. Esse era o risco máximo que eu podia correr. Agora era a vez dele.

21

Addie: Preciso de um equipamento para proteger o rosto.

— Trevor, espere! — Gritei pelas escadas. Ele estava pelo menos um andar abaixo de mim. Eu conseguia ouvir seus passos, mas não consegui vê-lo quando me inclinei sobre o corrimão. — Espere!

Os passos cessaram, e desci até nos aproximarmos.

— Seu avô é meio diferente, né?

— Você está sendo bonzinho.

Ele sorriu.

— O que era aquela coisa em cima da mesa de centro que parecia muito com uma torradeira?

Provavelmente a maneira pela qual ele conseguiu se esconder por todos esses anos.

— Acho que era uma torradeira modificada. Talvez ele receba transmissões de Marte nela. Sei lá.

— Talvez ela preveja o futuro.

— Não vamos exagerar.

— Então... — Ele começou a caminhar novamente. — Por que veio atrás de mim?

— Acha que tem algum outro jeito de sair deste prédio? Além do saguão?

— Deve ter uma saída pelos fundos. Acho que tem um estacionamento lá atrás.

— Então podemos escolher?

— Meu carro está parado em frente ao prédio, então minha escolha é fácil.

— Você pode apenas... — Segurei seu braço e ele parou. — Podemos apenas sentar um minuto? — Um minuto devia bastar para uma Investigação rápida. — Estou sentindo um pouco de tontura.

— Claro. — Ele me ajudou a sentar em um degrau e me encostei à parede. — Parece que você não via seu avô há muito tempo.

Isso não ia funcionar se ele ficasse falando comigo.

— É verdade. Não sabia que ele morava aqui. Estou descobrindo várias coisas interessantes ultimamente.

Havia um tênis de criança esquecido no degrau, perto do pé de Trevor. Ele o empurrou várias vezes com a ponta do sapato, virando e revirando o objeto. Imaginei quantas vezes alguma mãe devia ter revirado o apartamento procurando por uma coisa que não estava lá. Tentando encontrar um sapato que estava ali, na escada. Ela talvez nunca o encontrasse, porque obviamente não se lembrava de que tinha caído ali.

Encostei a testa nos joelhos, assim ele não ficaria surpreso quando eu ficasse catatônica por um minuto, durante a Investigação. Me preparei para a dor de cabeça que viria em seguida, imaginando se devia mesmo usar minha habilidade naquele momento. Estava preocupada com os efeitos permanentes daquelas dores. Ou com o que as causava, para começo de conversa.

— Addison — ele me chamou, interrompendo minha Investigação antes mesmo de começar.

Levantei a cabeça e mal vi a sombra de um objeto atingindo meu rosto.

— Ai! — O tênis tinha ido parar um degrau abaixo, depois de ricocheteiar forte. — Você acabou de jogar um sapato em mim?

— Desculpa. — Ele se apressou e sentou no degrau debaixo. — Pensei que você fosse se mover rápido para pegar.

Passei a mão na bochecha, tentando esconder um sorriso. Ele era implacável. E engraçado. Por que era tão fácil conviver com ele?

— Sinto muito. Você está bem? — Ele apoiou a mão em meu cotovelo enquanto inspecionava meu rosto. Se encolheu em seguida. — Ficou uma marca vermelha. — Trevor pegou o tênis e o entregou para mim. — Você tem permissão para jogar isso na minha cara com toda a sua força.

Eu ri.

— Não vou jogar um sapato na sua cara.

— Isso faria eu me sentir menos idiota.

— Está tudo bem. Nem está doendo.

Ele jogou o tênis de lado e passou os dedos de leve sobre meu rosto, que, na verdade, estava ardendo um pouco. Ele ficou olhando concentrado para a marca.

— Não sei o que me deu. Não sou de fazer esse tipo de coisa. Não fico seguindo as pessoas. E não jogo coisas em garotas.

— O que você faz?

— Eu... — Ele parou, e percebi que o peguei desprevenido com aquela pergunta.

— Me conta mais sobre sua história em quadrinhos. É sobre o quê?

— Minha *tentativa* de história em quadrinhos.

Olhei para as mãos dele e notei um calo no dedo médio, além de manchas de grafite. Pretendia apenas apontar para o dedo dele, mas acabei encostando nele.

— Não se ganha um calo desses apenas *tentando*.

Ele virou as mãos para cima e as inspecionou.

— Estou tentando arremessar com a mão esquerda.

Percebi que ele estava falando de futebol.

— E como está indo?

— Como já sabia, sou muito melhor com a direita.

Eu ri.

Ele passou os olhos por meu cabelo e parou no meu pescoço.

— Seu cabelo está encaracolando embaixo. Ele é cacheado?

Passei a mão no cabelo.

— É. Eu aliso todo dia.

Ele puxou um dos cachos de leve. Meu coração acelerou ao mesmo tempo que tive aquela sensação familiar com sua proximidade outra vez. Talvez estivesse apenas me lembrando da Investigação no hospital. Ou do jeito que ele olhou para mim no shopping. No shopping. Com Stephanie.

Pigarreei e cruzei os braços, tentando criar uma barreira entre nós. Ele estava tão perto. E tinha um perfume tão bom. E eu... precisava parar aquilo.

— Stephanie comprou um vestido incrível para o baile de inverno. Você devia convidá-la para ir com você.

Ele riu um pouco e se afastou, apoiando a cabeça na parede.

— Você e Rowan se juntaram para me convencer?

— Rowan?

— Ele fica me falando o tempo todo para eu convidar a Stephanie. Mas, como disse a ele outro dia, estou um pouco cansado do drama que ela faz. Sei que vocês são amigas, mas eu e ela não damos muito certo juntos.

Senti um formigamento subir pelo meu braço. Apesar de meu corpo achar que era uma coisa boa, não era. Stephanie era minha amiga, e ela gostava muito dele.

— Você devia dar mais uma chance a ela. Ela está se esforçando para não ser tão dramática.

— Vamos ver.

Enterrei a cabeça entre os braços novamente, lembrando que ainda precisava Investigar. Ele parecia perdido em pensamentos, então era um bom momento. Respirei fundo e me concentrei.

— Você está bem? Seu rosto está doendo? — Trevor pergunta.

— Está tudo bem. Não está doendo. — Levanto a cabeça, encarando-o nos olhos, cheios de preocupação.

— Tem certeza?

Levanto.

— Sim. Você pode me dar uma carona até em casa?

— Claro.

Olho para trás, escadaria acima, na direção do apartamento do meu avô. Vou voltar amanhã. Descemos o resto da escada e espio pela porta do saguão, ainda sem saber se meu avô só estava sendo paranoico. Não vejo ninguém “esperando para interceptar” Trevor, mas é sempre melhor confirmar.

— Você vai achar ridículo, mas podemos dar a volta pelos fundos? — Assim eu posso observar a rua.

— Por quê?

— Quando cheguei, tinha uns caras na rua que me deixaram desconfortável. Não queria passar por eles de novo.

Ele endireita as costas, ficando um pouco mais alto.

— Não vamos ter problemas. — Ele dá um passo em direção ao saguão e, quando quase aparece pela janela, pego sua mão.

— Não. Por favor. Podemos simplesmente ir por aqui? — Eu o puxo em direção à placa vermelha que diz “saída” no fim do corredor. Ele não questiona, só me deixa levá-lo para os fundos. Espero que ele solte minha mão, mas ele não solta. Sua mão é quente e acolhedora. Envolve a minha. Eu deveria soltar, mas não solto.

Lá dentro, damos a volta no prédio, e espio a rua. Há vários carros estacionados, mas nenhum com pessoas dentro. Não parece haver ninguém atrás de Trevor. Relaxo ao pensar nisso.

Trevor solta a minha mão e aponta.

— Estacionei algumas quadras para baixo.

Perfeito. Assim que chegamos ao carro, ele abre a porta para mim.

Começo a entrar, mas paro.

— Obrigada.

Ele está com uma das mãos na porta aberta, e a outra em cima do carro, perto da minha cabeça, me cercando.

— Por quê?

Levanto a mão e meu primeiro instinto é apoiá-la sobre o peito dele, mas hesito e pego uma mecha do cabelo.

— Por não insistir em sair pela frente.

Ele não se mexe, só fica me olhando por entre os cílios densos. Meu coração palpita. De repente, ele parece muito perto, mesmo que nenhum de nós tenha se movido. Ele olha o meu rosto, provavelmente verificando a marca vermelha que deixou ali, mas em seguida seus olhos se desviam para os meus lábios. Respiro pela boca, deixando-a levemente aberta.

A mão que segurava a mecha de cabelo está paralisada, e os fios escorregam lentamente entre meus dedos. Minha mão fica parada no ar, vazia. Como se tivesse vontade própria, vai parar sobre o coração dele. Cada batida rápida pulsa junto à minha palma. Ele se aproxima e sua respiração me envolve; eu fecho os olhos. Ele hesita um segundo além do que deveria, e eu rapidamente abaixo a mão e a deixo sobre a porta aberta do carro, sem fôlego. Ele olha para mim por um instante, depois fecha a porta.

As lembranças da primeira opção fluíam junto das lembranças da segunda.

— Você está bem? Seu rosto está doendo? — Trevor pergunta.

— Está tudo bem. Não está doendo. — Levanto a cabeça, encarando-o nos olhos, cheios de preocupação.

— Tem certeza?

Levanto.

— Sim. Você pode me dar uma carona até em casa?

— Claro.

Olho para trás, escadaria acima, na direção do apartamento do meu avô. Vou voltar amanhã. Descemos o resto da escada e espio pela porta do saguão, ainda sem saber se

meu avô só estava sendo paranoico. Não vejo ninguém tentando “interceptar” Trevor. Então a torradeira modificada não funciona, no fim das contas. Meu avô é simplesmente louco. É por isso que meu pai não quis me contar sobre ele? Ele não queria que eu o visse daquele jeito? Sinto um aperto no estômago. Seja qual for o motivo, ainda estou zangada por meu pai ter mantido uma coisa tão importante em segredo. Principalmente depois de ter prometido que não esconderia mais nada de mim.

Não interrompo Trevor quando ele segue para as portas do saguão, apenas vou atrás dele. Ao sair, ele aponta para a direita.

— Estacionei algumas quadras para baixo.

Apesar de ter a sensação de que Trevor está em segurança, olho para os dois lados da rua. Não tem ninguém.

Caminhamos em silêncio por alguns minutos e ele diz:

— Ainda acho que está acontecendo alguma coisa. E, como você já percebeu, não sou muito bom detetive. Então talvez fosse mais fácil você simplesmente me contar.

— Trevor. Sério. Não é nada. — Nunca gostei de não poder ser sincera com ele, mas essa é a primeira vez que meu estômago se revira com uma mentira.

Chegamos ao carro e ele suspira. Destranca a porta e dá a volta até o lado do motorista.

— Sinto muito por você ter faltado na academia por minha causa — digo quando entramos no carro.

Ele passa a mão no rosto, com uma expressão que parece dizer: “E tudo isso por nada”.

Saio da Investigação e continuo com o rosto sobre os joelhos, esperando a dor aguda tomar conta da minha cabeça, mas sinto apenas uma pressão incômoda. Parecia um bom sinal. Talvez descansar minha habilidade tivesse ajudado.

— Addison?

O que eu tinha perdido?

— Sim?

— Você está bem? Seu rosto está doendo?

— Está tudo bem. Não está doendo. — Levantei a cabeça, encarando-o nos olhos, cheios de preocupação.

— Tem certeza?

Levantei.

— Sim. Você pode me dar uma carona até em casa?

— Claro.

Olhei para trás, escadaria acima, na direção do apartamento do meu avô. Voltaria no dia seguinte. Descemos o resto da escada e, quando chegamos lá embaixo, olhei para os dois lados: primeiro para o saguão, depois para a placa vermelha que dizia “saída” no fim do corredor. Por que todo o meu ser queria ir em direção à placa vermelha de saída? Tentei me convencer de que não era pelo fato de Trevor quase ter me beijado quando fomos por ali. Não era pelo fato de que eu podia mudar aquela parte do futuro e permitir

que ele me beijasse.

Ele deu alguns passos em direção ao saguão e olhou para mim.

— Você não vem?

Senti uma dor no coração, mas me obriguei a dar um passo na direção dele.

— Sim.

Modifiquei uma pequena coisa em relação ao modo como tinha visto a cena se desenrolar. Em vez de me forçar a andar um passo atrás dele até o carro, como na minha Investigação, deixei nossos braços se tocarem até chegarmos à porta do passageiro. Isso não mudou o fato de que ele ainda estava chateado porque não lhe contei nada. Ele me levou para casa em silêncio. Ao vê-lo ir embora, fiquei desejando ter seguido pelo outro caminho.

Laila: Não é bom ficar no escuro.

Connor olhou para minha mão virada para cima.

— Achei que a emoção que você estava canalizando com a minha presença era ódio.

Foi preciso todo o meu autocontrole para não fechar a mão. Foi preciso toda a frieza que aprendi a ter no decorrer dos anos para manter minha expressão indiferente.

— E é, mas quanto mais perto você está, mais me sinto irritada. — Flexionei os dedos. — Rápido.

Não sei ao certo se ele acreditou na mentira que contei com perfeição, mas agarrou minha mão. O problema é que agora eu estava irritada com ele de verdade. Dessa vez, meu coração não acelerou como fazia normalmente quando o braço dele tocava o meu de leve. Naquele momento, eu só queria ir embora.

Ele mudou a posição com que segurava minha mão e, um por um, entrelaçou os dedos nos meus. A tela de meu celular apagou devido ao tempo de inatividade, e o rosto de Connor foi envolvido pelas sombras.

— Seu pai roubou mesmo seu dinheiro, não é?

Parecia mais fácil contar a verdade no escuro.

— Sim.

— Por quê?

— Ele é viciado em supressores. É Telepata. — Senti o corpo dele se mexer como se assentisse.

— Por que você está fazendo isso pela Addie?

As luzes da cidade pareciam tremeluzir do outro lado do rio.

— Porque ela é minha melhor amiga.

Ele pigarreou.

— Não me convenceu.

— Não estou tentando te convencer. É a verdade.

— Tem mais alguma coisa.

— Eu dei uma mancada. Beije o namorado dela quando eles ainda estavam juntos. Devo isso a ela.

— Duke.

— É.

Ele ficou um instante em silêncio, parecendo considerar se queria ou não me dizer alguma coisa.

— Sei que você quer que eu Restaure a memória dela, mas, acredite, nem você nem ela iam querer isso.

— Mas eu quero. E, na verdade, ela escreveu um bilhete para si mesma... Ela também quer.

Ele suspirou.

— Não é cansativo?

— O quê?

— Sempre achar que está certa.

Eu sorri.

— Na verdade, não. O que cansa é quando as outras pessoas não percebem que estou certa. Agora, fale. Por que não íamos querer?

— Se eu Curasse a mente da Addie, tudo que já foi Apagado voltaria.

— Tudo bem. As lembranças que ela quer de volta são as únicas que eu Apaguei.

— As únicas que *você* Apagou. Você não é a única Apagadora de Lembranças do Complexo.

— Ela não conhece nenhum outro Apagador de Lembranças.

— Mas tenho certeza de que os pais dela conhecem.

— Você acha que os pais da Addie mandaram Apagar algumas memórias dela?

— Acho que a maioria dos pais altera a experiência de vida dos filhos. Eles acham que estão nos fazendo um favor. Mas, de qualquer modo, não são só lembranças Apagadas que a minha habilidade restaura. São lembranças suprimidas, esquecidas, lembranças de toda imagem que ela já viu. Há um motivo para Curadores serem considerados bons torturadores. Nem mesmo uma mente forte seria capaz de lidar com tudo isso.

Eu não fazia ideia daquilo, mas fazia sentido.

— É, acho que não quero submeter Addie à tortura... quero?

— Acredite em mim, você não quer.

Por um instante, tinha esquecido que nossas mãos estavam entrelaçadas, mas naquele momento, no silêncio, eu parecia totalmente concentrada nelas. Tentei usar aquela energia, mas só me senti dispersa e confusa. Precisava me concentrar, pensar em outra coisa. E não queria compartilhar mais nada pessoal, então agora era a vez dele.

— E você? Qual é sua história? Por que vende programas de expansão ilegais?

— Porque não deveriam ser ilegais. Acho que o DDH deveria permitir alguma competição. O resultado são produtos melhores.

— Está fazendo isso de boa vontade? Connor, o porta-voz da sociedade do livre-mercado? Bela tentativa.

A mão dele se contorceu um pouco junto à minha. Foi o suficiente para eu saber que estava blefando.

— Qual é o verdadeiro motivo?

Meus olhos já tinham se acostumado um pouco à escuridão, e vi o maxilar dele ficar tenso quando perguntei.

— Talvez eu queira ser expulso.

Por *essa* eu não esperava.

— O quê? Por quê?

— Assim eu não teria que escolher.

— Escolher o quê?

— Ir ou ficar.

Nossa respiração seguia o mesmo ritmo enquanto eu olhava para ele, esperando que explicasse. Ele não disse nada, então falei por ele:

— Está esperando que alguém tire seu poder de escolha, obrigando você a deixar o Complexo?

— Se eu não tiver escolha, não será minha culpa.

— Então você quer ir embora. Essa é a questão. Quer ficar com seu pai?

— Não conheço meu pai, então, não. Mas me sinto preso aqui. Limitado.

— Será que você não se sentiria do mesmo jeito lá fora? Não ia poder dizer a ninguém o que é capaz de fazer. Teria que viver cercado de segredos. Seria um pesadelo.

Connor virou nossas mãos, de modo que a minha ficou por cima, e analisou o dorso dela.

— E... se você se sente horrível pelo que fez com Addie, por que fez? Por que ainda anda com o Duke?

Certo, aparentemente eu era o assunto de novo.

— Não ando tanto com... — Deixei a frase pela metade porque Connor me encarou como se dissesse que eu não estava respondendo sua pergunta. Então contei o verdadeiro motivo: — Ele é Controlador de Humor.

— Imaginei.

— Ele é muito bom no que faz.

Ele apertou minha mão.

— Ele te proporciona emoções falsas.

— Não parecem falsas quando estou perto dele. Quando ele está lá, sinto só felicidade. E isso eu não encontro em nenhum outro lugar. — Por que eu estava contando tudo aquilo para ele? Toquei o celular para que a luz voltasse a acender. Era perigoso demais conversar no escuro.

— Mas são emoções falsas — ele disse em voz baixa.

Dei de ombros.

— Mas parecem reais.

— Então você nunca sentiu de verdade, porque felicidade forçada não é a mesma coisa que felicidade real.

Me virei para ele.

— E escolhas forçadas não são a mesma coisa que escolhas reais — eu argumentei, explodindo de raiva.

Ficamos nos encarando e, sem ter a intenção, me aproximei um pouco dele. Ele estendeu um dos braços, me segurou pela nuca e me puxou em sua direção. Nossos lábios colidiram com aspereza. O beijo foi ávido e bruto, como se anos de emoções reprimidas tivessem explodido. Nossas mãos se soltaram; as minhas encontraram o cabelo dele e se emaranharam ali. A outra mão dele foi parar na minha cintura, me puxando da minha cadeira para a dele. Meu peito se expandiu, mas ao mesmo tempo eu não conseguia

respirar direito. Também não precisava de ar. Precisava apenas dele. No meio de tudo, um medo terrível tomou conta de mim, porque eu não poderia Apagar aquilo. Ele se lembraria da minha vulnerabilidade. Do meu desejo. Da minha necessidade.

Me afastei.

— Isso deve bastar — eu disse.

Voltei para a minha cadeira e olhei para o celular. Minha respiração quase acelerou, mas forcei o movimento do meu peito a parecer minimamente calmo e controlado, pelo menos. Tentei ignorar minha boca, que formigava por causa do beijo. Me concentrei em canalizar as emoções para reabrir os caminhos que havia bloqueado no celular. Até fechei os olhos para evitar me distrair com Connor. Foi quando senti aquele zumbido que me envolveu. A energia parecia vibrar junto do meu corpo. Canaliciei-a completamente na direção do celular. Uma voz monótona disse: “Aproximadamente vinte minutos com trânsito”. Abri os olhos. A linha vermelha estava de volta. O ponto que representava a casa de Addie piscava.

Eu tinha conseguido.

Com a ajuda de Connor.

Minha dúvida era se conseguiria sem ele. Quando fosse para Dallas, em três dias, seria capaz de devolver as lembranças de Addie?

Não queria olhar para Connor. Tinha medo do que poderia — ou não poderia — ver. Quando ele levantou e sua cadeira se mexeu, não olhei.

— Se eu pudesse Apagar aquilo, Apagaria — afirmei.

— Considere esquecido. — Os passos dele ecoaram até sair da pequena cabine.

Fiquei olhando as luzes ao longe. A voz monótona em meu celular me lembrou de que a casa de Addie ficava a vinte minutos, com trânsito. Queria mesmo ir para a casa dela. Ela ia me dizer que eu era uma idiota. Ela ia me dizer o que fazer dali em diante.

Finalmente me permiti olhar para trás, mas havia apenas escuridão.

23

Addie: Odeio mentirosos.

Quando entrei em casa, estava com tanta raiva que meus olhos latejavam. Um bilhete sobre o balcão dizia que meu pai tinha saído para comprar alguma coisa para o jantar. Cada minuto que ele passava fora intensificava minha raiva.

— Oi, querida — meu pai disse quando finalmente chegou.

Tive vontade de gritar: “Adivinhe quem eu vi hoje?”. Quase fiz isso, mas interrompi meu ímpeto, com a garganta apertada. A única forma de conseguir perdoar meu pai seria ele me contar a verdade sem ser pressionado. Precisava ouvir da boca dele que meu avô ainda estava vivo. Então, dei a ele a chance de ser sincero por conta própria.

— Comprei nossa comida. — Ele segurava uma sacola que, pelo cheiro, carregava comida chinesa.

— Não estou com fome.

— Ah. — Ele pegou um prato e tirou as caixas da sacola. — O que você fez hoje?

— Nada.

— Nada? — Ele teve a audácia de ficar irritado por eu não ser completamente sincera com ele.

— Como está o processo de “transferir o túmulo do vovô para cá”?

— Como eu disse, pode demorar um pouco.

— Sério? — *Tipo, você está esperando ele morrer?*

Ele estava transferindo o arroz para um prato, mas parou. Eu estava soltando fumaça de tanta raiva, apesar da minha intenção de parecer calma.

— O que está acontecendo, Addie?

— Nada. Estou cansada.

Deixei-o com a comida chinesa e fui para o quarto. Meu celular vibrou sobre a cômoda. Era uma mensagem da Stephanie.

Ei, Addie! Adivinha quem acabou de me ligar?! Trevor! Ele me convidou para ir ao baile de inverno. Eeeeeee!

Fiquei olhando para a mensagem. Senti um peso no coração. Qual era o meu problema? Aquilo era exatamente o que eu queria que acontecesse quando abri a boca e disse: “Você devia convidar a Stephanie para ir com você”. Então por que esperava que ele não me desse ouvidos? Por que aquela mensagem tinha me magoado tanto? Digitei:

Tem certeza de que está pronta para dar outra chance a ele? Você não disse que ele tinha questões?

Parei antes de apertar ENVIAR. Com um suspiro, apaguei o texto e escrevi:

Que ótimo, Steph. Me liga amanhã.

Meu quarto parecia mais frio naquela noite, e puxei o cobertor até o queixo. Ainda assim, senti um arrepio ao lembrar da mensagem de Stephanie, ao desejar ter optado pelo futuro que envolvia o quase beijo, assim Trevor também teria aquela lembrança, não apenas eu. Ele não teria convidado Stephanie para o baile se tivesse aquela lembrança. Virei de lado e gemi. Tentei pensar em outra coisa, qualquer coisa, mas quase podia sentir a respiração dele em meus lábios. Passei o dedo sobre a boca. Qual era o meu problema? Por que estava tão atraída por Trevor?

Sentei de repente, peguei o celular e procurei entre as mensagens. Levei alguns minutos para perceber que Laila não tinha me contado sobre a carta que escrevi para mim mesma depois da minha Investigação por mensagem. Ela tinha ligado. O que havia dito mesmo? Que eu queria Restaurar minha memória? Eu achava que era por ter descoberto alguns dos segredos que meus pais escondiam de mim. Mas e se eu quisesse me lembrar de alguma outra coisa? Ou de alguém?

Um desejo imenso de ter minhas lembranças restauradas para que eu pudesse entender por que tinha escrito aquele bilhete tomou conta de mim. Como poderia fazer aquilo? Tentei pensar em opções, mas descartei-as rapidamente. Será que eu conhecia outro Apagador de Lembranças, alguém mais experiente que Laila? Mesmo que conhecesse, essa pessoa estaria a centenas de quilômetros de distância. As únicas habilidades disponíveis para uso imediato eram as minhas — que eram inúteis — e as do meu pai — ainda mais inúteis. Me joguei na cama e fechei os olhos. Mas logo voltei a abri-los ao pensar: meu avô. Ele era Curador. Será que podia Curar minha mente? Reabrir os caminhos?

Olhei imediatamente para o relógio digital no criado-mudo. Duas da manhã. Cedo demais para ir correndo para a casa dele. A noite seria longa.

De manhã, depois de tomar banho e trocar de roupa, fui determinada até a sala. Era sábado; meu pai me deixaria usar o carro. Abri a boca para pedir, mas vi que ele não estava sozinho. Havia dois homens vestindo jeans e camisa polo sentados no sofá. Pensei que eram os novos vizinhos ou algo do tipo, até que eles levantaram e eu vi a cicatriz na lateral do rosto de um deles. Paralisei.

— Addison — disse o Cicatriz. — Que bom rever você.

— O que você está fazendo aqui? — Eu não pretendia ser tão grossa, mas fiquei

preocupada. Na noite anterior, havia descoberto que meu avô estava vivo, e agora o Comitê de Contenção estava na minha sala. Será que tinha feito algo errado?

— Addie, esses são os agentes Farley e Miller. Só estão fazendo uma visita de rotina em nome do Complexo. São os agentes designados para Dallas e região.

Visita de rotina. Meu pai acreditava mesmo naquilo ou estava apenas cooperando? Ele saberia se estivessem mentindo.

— Ah, oi. Bom ver vocês.

— Viemos aqui para ver se você tem alguma dúvida. Se está se adaptando bem.

— Está tudo bem. — Fiquei na porta, sem querer me comprometer com a sala.

— Soubemos que ficou amiga de Trevor Davis.

Meu coração parou por um segundo. Não estavam ali por causa do meu avô. Era por causa de Trevor. Que ótimo. Ele devia ter falado com as pessoas erradas. Será que estava contando aos outros o que tinha ouvido no vestiário?

— Sim.

— Parece que Trevor ficou sabendo de alguns segredos do Complexo. Ele falou sobre isso com você?

— Não. — Parei de falar, caso um deles fosse um detector de mentiras como meu pai.

— Quero dizer, ele falou alguma coisa sobre nossos jogadores de futebol o terem machucado de propósito, mas eu disse que não era verdade. — Pronto. Agora ninguém, nem mesmo meu pai, podia alegar que eu tinha mentido.

— Muito bem. Queríamos ter certeza de que você estava firme no disfarce e honrando seu contrato.

— Sim, estou.

Meu pai foi até a porta, quase como se estivesse tão ansioso quanto eu para que eles fossem embora.

O Cicatriz fez um sinal positivo com a cabeça e me entregou um cartão.

— Se tiver alguma dúvida, como seu pai mencionou, estaremos por perto.

Aquilo pareceu uma ameaça.

— Então há muitos Paranormais em Dallas?

— Há alguns. Mas cobrimos uma área maior do Texas.

Alguns. Três? Meu pai, meu avô e eu? Olhei para o cartão e o guardei no bolso.

— Está bem, obrigada.

Quando eles saíram, meu pai e eu ficamos em silêncio. Eu não o deixaria escapar ileso da mentira. Ele precisava ser sincero. Fiquei pensando se ele faria isso agora. Mas tudo o que disse foi:

— Tenha cuidado.

— Eles vieram aqui porque fiz algo errado?

— Não necessariamente. Mas tome cuidado. Fique longe desse tal de Trevor. Eles têm muito poder quando se trata de proteger o Complexo.

— Protegê-lo de mim?

Ele sorriu.

— Não de você. Mas de qualquer pessoa.

Com isso, entendi que ele se referia aos Normais. Como se Trevor tivesse o poder de

destruir o Complexo sozinho. Suspirei. Acho que, de certo modo, ele tinha. Todos eles tinham. Se contassem às pessoas, se nosso segredo não pudesse mais ser contido, poderíamos ficar em perigo. Mas Trevor nunca faria isso. Se soubesse o quanto era importante manter tudo em segredo, ele nunca falaria sobre o Complexo. Senti um aperto no peito.

— Eles não vão machucá-lo, vão?

— Machucar quem?

— O Trevor.

— É claro que não. Eles farão o melhor para mantê-lo em segurança e para nos manter em segurança. É a função deles.

Concordei. Ele estava certo. Eles lidavam com Normais há centenas de anos. Sabiam o que era melhor.

— Pode me emprestar o carro?

— Para quê?

— Dirigir.

— Aonde você vai?

— Visitar um amigo. — *Recuperar minha memória.* Meu pai me entregou as chaves do carro sem questionar.

Laila: Tem falado com sua mãe ultimamente?

— Eli, seja minha cobaia.

Meu irmão tirou os olhos da tigela de cereais.

— Falar assim não é o melhor jeito de vender sua ideia.

— Vamos, preciso de sua ajuda.

— O que exatamente tenho que fazer?

— Só me deixe Apagar essa conversa da sua mente e depois tentar Restaurá-la. — Eu já tinha tentado fazer isso com meu celular, em meu quarto, durante boa parte da noite, mas não tinha funcionado desde aquela única vez no trem, com Connor. Tinha tentado sentir as mesmas emoções que tomaram conta de mim quando ele estava comigo pensando nele. Até me forcei a pensar em beijá-lo. Não funcionou. Talvez precisasse treinar com um humano. Então ali estava eu, pedindo para Eli.

Ele comeu mais uma colherada.

— Certo, pode ser. Só cinco minutos.

— Claro. — Levantei as mãos e Apaguei cinco minutos da memória dele.

Comecei a invocar imagens do beijo de Connor antes mesmo de Eli recobrar totalmente a consciência. A sensação de sua mão na minha cintura. Meus dedos em seu cabelo. Uma leve agitação de energia começou a exercer pressão sobre mim. Mas não tão forte quanto na noite anterior.

— O que você quer? — Eli perguntou.

— Preciso que você seja minha cobaia. — Talvez devesse tentar outras emoções. Como a raiva que tinha de meu pai ou o amor que sentia por meu irmão. Também não funcionou. Chutei a cadeira e fiz Eli dar um pulo.

— Qual é o seu problema? — ele perguntou.

— Nada. Estou irritada.

— Deu para ver.

— Vólto mais tarde.

Hora do plano B. Peguei minha jaqueta pendurada na cadeira e saí.

Era estranho estar em frente à casa da Addie sem a desculpa de visitá-la. Bati à porta e olhei para o scanner de retina, que anunciaria à mãe dela quem era. Alguns instantes depois, a porta se abriu.

— Laila. — Ela parecia sinceramente feliz em me ver.

— Oi, sra. Coleman. — Fiz uma pausa. Talvez ela não usasse mais esse sobrenome, mas eu não fazia ideia de qual era seu sobrenome de solteira. — Esperava que pudesse me ajudar.

Ela saiu da frente da porta, fazendo um gesto para eu entrar.

— Como você está? — Ela me acompanhou até a sala.

— Bem, obrigada. — Queria perguntar diretamente à sra. Coleman como controlar melhor minha habilidade avançada. Ela saberia. Trabalhava para o Departamento de Desenvolvimento de Habilidades. Era isso que ela fazia: ajudava pessoas a desenvolver suas habilidades. Mas eu tinha quase certeza de que ela não concordaria comigo. Porque ela também era responsável por garantir que pessoas com menos de dezoito anos não se forçassem demais. E, se eu tentasse implorar, ela ia descobrir o que eu queria e não ia gostar da minha outra ideia. Minha outra ideia idiota. Mas eu estava desesperada.

— Como posso ajudar?

Fiz minha melhor cara de pidona.

— Estou tendo uns pesadelos.

— Posso te arrumar um programa para ajudar você com isso.

— Não. Quero dizer, acho que isso só mascararia o problema, mas não resolveria.

— Qual é a sua ideia?

— Queria ver Bobby Baker.

Fez-se uma longa pausa. Não necessariamente causada por choque ou descrença, mas, talvez, pelas tentativas dela de tentar avaliar meus motivos. Ela tinha razão em presumir que havia motivos. Como o sr. Coleman era um detector de mentiras, era mais difícil esconder minhas tramas deles. Mas agora, como ele não estava mais ali, eu tinha quase certeza de que conseguiria enganar a mãe de Addie.

— Se eu pudesse vê-lo, perceber que não passa de um cara qualquer, talvez parasse de ter tantos pesadelos.

— Os padrões cerebrais de Bobby estão sendo estudados nesse momento para criarmos o melhor programa de recuperação.

— Não vão Apagar toda a memória dele? — Eu não pretendia dizer aquilo tão alto, mas fiquei surpresa.

— Ele é menor de idade. Tivemos grande sucesso na reabilitação cerebral completa.

Como, exatamente, eles qualificavam como “grande sucesso” se a taxa de criminalidade era tão baixa? A maioria das pessoas como Bobby tinha sido curada muito antes de atingir aquele nível de loucura. Será que havia funcionado em algum outro assassino, anos atrás?

— Ele está no DDH, então? — Melhor ainda. Eu tinha pensado que teria que fazê-la usar suas conexões com a Agência para que eu pudesse me encontrar com ele, mas ela poderia me levar ao DDH a qualquer hora.

Ela assentiu.

— Tudo bem.

— Tudo bem? — Minha descrença ficou evidente pela minha voz. Achei que demoraria muito mais para convencê-la. Talvez tivesse até que lançar mão de algumas

lágrimas. *Tudo bem?*

— Quer ir agora?

Será que eu não era a única com um plano? Não planejava questionar a disposição dela. Levantei com um salto e fui direto para a garagem.

— Só um aviso — ela disse enquanto caminhávamos pelos corredores do DDH. — Ele está em um quarto que bloqueia todas as habilidades. A sua também estará indisponível.

Fomos até outro posto de segurança, ela pressionou a palma da mão no painel e me orientou a fazer o mesmo.

— Visitante para Bobby Baker — ela disse.

Passamos por uma porta com duas câmeras com luzes piscantes.

— O quarto dele também é monitorado vinte e quatro horas por dia. — Ela me lançou um olhar ao afirmar aquilo, como se dissesse: “Preste atenção ao que diz, porque vai ser ouvido por alguém”.

Paramos em frente a uma porta grossa e ela deslizou um painel, revelando uma janela. E lá estava ele, sentado em uma cama. Tive a sensação de que meu coração paralisou por um instante. Não estava preparada para aquilo. Não achei que seria grande coisa. Mas era grande coisa. Ele quase tinha me matado algumas semanas atrás, e acho que eu ainda não tinha processado por completo. O corte já totalmente Curado em meu pescoço parecia coçar em sua presença.

Minha respiração estava curta. Tentei puxar o ar sem deixar transparecer o quanto ele me afetava. Endireitei os ombros. Bobby não tinha controle sobre mim. Eu era mais forte do que ele.

— Está pronta? — ela perguntou.

— Estou.

Ela apertou um botão no teclado anexo à porta.

— Bobby. Tem uma visita para você.

Ele levantou a cabeça e encarou meus olhos através do vidro. Observei-o, me recusando a desviar o olhar. Ele vestia camiseta e jeans, e estava descalço. Havia pequenos dispositivos redondos presos em suas têmporas. Encostou os pés no chão, mas não levantou.

A sra. Coleman digitou um código no teclado e uma parede de vidro desceu do teto, efetivamente dividindo o quarto pela metade. Então, a porta diante de nós se abriu. Não me mexi. Tinha que me lembrar do motivo que me trouxera até ali. Precisava controlar minha habilidade avançada. Bobby sabia como fazer isso. Ou, pelo menos, soube como. A sra. Coleman tinha dito que a memória dele não havia sido completamente Apagada, mas será que tinha passado por uma limpeza parcial?

— Quer que eu entre com você? — ela perguntou, me fazendo perceber que eu não havia dado nem um passo à frente.

— Não, está tudo bem. Posso ir sozinha.

— Esta porta vai ficar aberta. Estarei bem aqui. — Ela apontou para uma mesa de trabalho no fim do corredor, a menos de três metros de distância.

— Ótimo. — Dei o primeiro passo.

Bobby ainda estava sentado na cama com uma expressão meio sorridente no rosto.

— Laila. — Dava para ouvir perfeitamente a voz dele desse lado da parede. Clara, precisa, confiante. Como sempre tinha sido. Ele ainda estava com a memória totalmente intacta. — Bem-vinda ao meu lar.

Havia uma cadeira de metal no canto, na metade do quarto onde eu estava. Arrastei-a com o pé até o mais próximo possível da barreira, para provar que ele não me assustava.

— E aí, Bobby? Tudo bem?

— O que você quer?

— Precisava te ver aqui. Indefeso. — Minha cabeça começou a zumbir um pouco, e me lembrei do que a sra. Coleman tinha falado sobre bloqueadores de habilidade ali.

— Já me viu. Está liberada para ir embora.

Estiquei o braço e passei o dedo pelo vidro.

— Deve ser péssimo saber que, se eu pudesse usar sua habilidade, você poderia sair desse lugar em menos de um segundo.

A pálpebra de um dos olhos dele estremeceu.

— Ouvi dizer que logo, logo a Addie pode virar minha vizinha.

Aquela frase me paralisou.

— O quê?

Ele apenas deu um sorriso assustador, satisfeito porque sua declaração havia me atingido.

No mesmo instante, ouvi vozes no corredor. Sem poder aprimorar minha audição, mal podia distingui-las.

— Parece que você quer alertá-la, Marissa.

— Laila me procurou. Eu não disse nada a ela.

— Muito bem, porque isso tem que acontecer sem interferência para o acordo ser válido. Uma palavra sua e vamos executar a cláusula de Ameaça ao Complexo e trazê-la para cá.

Bobby ergueu uma sobrancelha para mim.

— Como eu disse.

— O que você disse a eles?

— Por que acha que fui eu?

— Porque você é um psicopata mentiroso. — A sra. Coleman disse que a visita estava sendo monitorada, então tomei cuidado para não dizer nada que indicasse que eu tinha escutado a conversa do corredor. — Como você fez?

— Como fiz o quê?

Eu odiava ter que dizer aquilo, mas esperava que fosse vago o bastante para quem estivesse ouvindo e específico o bastante para Bobby.

— Como se tornou o mestre?

O sorriso que tomou conta de seu rosto me fez lembrar por que não queria dizer aquilo. Mas ele entendeu a referência.

— Se você tivesse sido uma aluna melhor antes disso... — Ele bateu no vidro. — Agora é tarde demais. — Ele se recostou na cama, me dispensando.

— Bobby. Seja um bom cidadão.

Ele apenas riu. Sua risada era extremamente irritante.

A sra. Coleman apareceu no quarto.

— Está tudo bem por aqui?

Levantei. Era óbvio que Bobby não ia me ajudar.

— Sim. Já estou pronta para ir embora.

Depois que ele foi trancado e já estávamos saindo do prédio, eu disse:

— Achei que vocês iam consertá-lo. Mas ele continua totalmente maluco.

— No momento, estamos apenas reunindo dados. Depois vamos desenvolver o programa. É um estudo muito esclarecedor para nós. Podemos identificar padrões cerebrais e esperamos evitar que isso aconteça com outros jovens no futuro. Pode até ser contra a vontade dele, mas Bobby está sendo um bom cidadão. — Aquelas palavras me fizeram perceber que ela tinha escutado tudo o que havíamos dito. Será que ela sabia que eu também tinha escutado a conversa dela?

— Onde estamos indo? — perguntei quando ela virou à direita e não à esquerda na rua principal. — Sua casa não fica do outro lado?

— Tenho uma coisa para fazer desse lado da cidade. Tudo bem? Não deve demorar.

— Claro.

Entramos no túnel comprido que passava debaixo do rio que separava a cidade velha da nova. Eu odiava aquele túnel. Evitava passar ali a todo custo. Não só porque passava sob o rio, mas porque marcava o início do Parque dos Fundadores: nosso pedaço de história preservada. Sempre tinha achado que o túnel podia ruir a qualquer momento, já que tinha sido feito com engenharia de séculos atrás. Observei as luzes passarem, notando como eram diferentes da parte revitalizada da cidade. De repente, a sra. Coleman parou o carro e ligou o pisca-alerta. Então, se virou para mim.

— Preciso que alerte Addie quando a vir. Não pode ser pelo celular.

— Sobre o quê, exatamente?

— Apenas diga para ela tomar cuidado. Não contar nada para ninguém. Eles não podem saber que Bobby a afetou de nenhum modo que resulte em detenção. Eles acham que agora ela tem um pouco da habilidade do Bobby. — Ela estava falando rápido, e me peguei observando sua boca para não perder nenhuma palavra. — Estão com medo dele. É o primeiro assassino em série do Complexo em mais de cem anos. Achamos que os programas haviam curado esse tipo de anormalidade mental há muito tempo.

— Addie não é, nem de longe, como o Bobby. — Ficou claro que ela quis que eu ouvisse a conversa no corredor.

— Eu sei. — Ela olhou para o relógio do painel do carro. — Diga para ela voltar a usar o programa que eu mandei. Vai suprimir qualquer desenvolvimento da habilidade dela. Mas vai mantê-la em segurança. — A sra. Coleman pisou no acelerador e passou rapidamente pelo túnel, obviamente tentando compensar os minutos que tinha ficado parada. — Fiquei feliz que você veio hoje. Seria muito óbvio se eu te procurasse — ela afirmou pouco antes de sairmos. O sol entrou pelo vidro quando saímos do túnel. Ela riu.

— E é por isso que nunca vou ter um cachorro.

Pisquei os olhos. Ah. Claro. Ela estava inventando uma história para justificar a demora no túnel.

— Que bom que não o atropelou — comentei, fazendo minha parte. Engoli em seco e olhei pela janela. A mãe de Addie era durona. Eu não fazia ideia.

25

Addie: Encontrei uma solução.

— Addie. Oi de novo. — Ele colocou os fones de ouvido e passou o detector de metal imaginário ao meu redor outra vez antes de me deixar entrar. — Que bom te ver.

Depois que os agentes tinham aparecido em casa pela manhã, entendi um pouco a paranoia dele.

— Tem certeza de que o Complexo não sabe que você mora aqui?

Ele fechou a porta e se virou. Seus olhos animados ficaram sérios por um instante.

— O único jeito de ficar realmente livre do Complexo é desaparecer.

— Como assim? Eles acham que você está morto ou algo assim?

— É o único jeito.

Não era uma resposta direta à minha pergunta, mas imaginei que significasse “sim”. Pelo menos na cabeça dele. E, se ele estava feliz, eu não tentaria mudar aquilo.

Os agentes tinham me feito desviar um pouco do assunto principal, mas havia um motivo para eu estar de volta ao apartamento do meu avô. Queria minhas lembranças de volta. O desespero para recuperá-las tinha me atormentado a noite toda. Mal consegui dormir.

— Você consegue Restaurar memórias? — perguntei de uma vez.

Ele arregalou os olhos, mas assentiu devagar.

— Pode Restaurar a minha?

Ele pegou uma caneca cheia de um líquido fumegante que estava sobre a mesa e a levou à boca. Colocou-a de volta ao lado de seus aparelhos esquisitos, que me lembravam que ele não era muito equilibrado.

— Vamos até a caixa.

Meus olhos se demoraram sobre a torradeira, e eu hesitei. Devia mesmo deixá-lo fazer aquilo? Ele abriu a porta dos fundos. Meu avô era Curador. O pior que podia acontecer era que ele não fosse capaz de Curar minhas lembranças. Segui-o até a varanda dos fundos. A caixa ocupava quase todo o espaço, mas pude ver que a outra metade era tomada por uma horta em vasos grandes. O cheiro de terra com fertilizante revirou meu estômago.

Ele abriu a frágil porta de papelão para mim. O celular em meu bolso notificou que havia uma mensagem de texto. Entrei na caixa.

— O que, exatamente, está querendo Restaurar? — ele perguntou.

— Não tenho certeza, na verdade. Minha melhor amiga é Apagadora de Lembranças,

então...

— Acha que ela roubou algumas de suas memórias? Não confia nela?

Demorei tempo demais para responder.

— Confio nela. E não, ela não roubou nada. — Deixou todas as lembranças de sua traição com Duke perfeitamente intactas, e podia muito bem tê-las Apagado. Mas optou por não fazer isso.

— Eu fazia isso para a Agência o tempo todo — meu avô afirmou.

— Fazia o quê?

— Restaurava memórias.

— Foi por isso que meu pai quis trabalhar lá? Porque você também trabalhou?

— Sim.

Se ele fazia isso para a Agência, devia ser um Curador muito competente. Eu não tinha com o que me preocupar. E estávamos conversando normalmente sobre isso. O que significava que ele não era completamente louco, era?

— Nunca vou me esquecer dos gritos assombrados.

— O quê?

— Por que não senta enquanto faço isso?

— Não. Espere. É seguro?

— É claro. Sou especialista.

Sentei e, pela primeira vez, percebi que não havia piso na caixa. O frio do cimento subia pela minha calça, deixando minhas pernas dormentes. Meu avô tocou minha cabeça com as duas mãos. Fiquei imaginando que lembranças recuperaria. Laila havia dito que só tinha Apagado minha memória uma vez, mas talvez eu descobrisse que não era verdade.

Meu avô acariciou meu cabelo e firmou mais as mãos sobre minha cabeça. Respirei fundo e meu celular vibrou de novo.

Meu nervosismo e aquela pessoa insistente me fizeram soltar a cabeça das mãos dele e pegar o aparelho no bolso.

— Espere um minuto. Só preciso ver o que é.

Li a mensagem de Laila:

Consegui. Apreendi a Restaurar memórias... mais ou menos. Bem a tempo da minha visita.

Ah, falei com o Bobby.

— O quê?! — Levantei. — Desculpe, espere um instante, vô. Preciso falar com minha amiga.

— Tenho o dia todo.

Eu sorri.

— Está bem. Só espere um pouco. — Saí da caixa e liguei para Laila.

Ela atendeu depois de meio toque.

— Achei que isso te faria me ligar.

Entre no apartamento e fechei a porta de vidro.

— Ah, que bom. Então isso quer dizer que você não falou com o Bobby?

— Não, eu falei. Só precisava que você me ligasse. Tem muita coisa acontecendo aqui. Não está animada? Posso Restaurar sua memória! Não precisa me elogiar muito, mas um pouco não faria mal.

Olhei para a varanda, onde meu avô regava as plantas com a parte errada do regador, não com o bico.

— Talvez eu não precise que você Restaure minha memória.

— Bem, é bom que alguém precise da memória restaurada, porque tive muito trabalho para descobrir como fazer isso. Precisei beijar caras que eu não queria beijar e uma série de outras coisas.

— Existe algum cara no mundo que você não queira beijar? Isso é novidade! Ele deve ter mais de cinquenta anos.

— Muito engraçado. Ele tem a nossa idade, se quer saber.

— É alguém que eu conheço?

Ela demorou um pouco e tentou dizer casualmente.

— Acho que sim. Connor Bradshaw.

— Espere. Connor? Aquele que quase me atropelou com a moto?

— Ele mesmo.

— Por que você não ia querer beijá-lo? Ele é lindo!

— Porque ele é um idiota convencido, incontrolável e frustrante. Nunca me ouve. É irritante. Além disso, ele se acha muito esperto. E até que ele é, o que me incomoda ainda mais.

Não sei por que demorei tanto, mas assim que percebi, meu peito quase explodiu.

— Minha nossa!

— O quê? O que aconteceu?

Laila nunca tinha sentido nada muito intenso por ninguém. Se alguém a deixava irritada, ela partia para outra.

— Você gosta dele. Você ama Connor Bradshaw!

— Pare de gritar! Amo nada! Estou irritada porque não posso Apagar as lembranças dele, não porque gosto dele.

— Ama. Que loucura. Nunca pensei que esse dia fosse chegar. Minha Lailinha tão fechada finalmente abriu o coração.

— Sabe, se você estivesse aqui, estaria prestes a levar um soco.

— Que fofura.

— Voltando ao que interessa, por que não quer que eu Restaure sua memória?

— É uma longa história, mas encontrei meu avô. Ele está vivo. E é Curador. Então acho que ele consegue fazer isso.

— Uau! Preciso comentar sobre muitas coisas que você acabou de dizer, mas, primeiro e mais importante, não deixe seu avô tocar no seu cérebro.

— Por que não?

— Porque o Connor disse que, quando um Curador recupera sua memória, é como uma tortura. Parece que outras coisas além das lembranças voltam, e é muito intenso, terrível. Eles fazem isso em interrogatórios e coisas assim.

De repente, o comentário de meu avô sobre “gritos assombrados” começou a fazer mais sentido. Era difícil acreditar que ele estava disposto a fazer aquilo comigo. Me virei para ele, que olhava o regador obviamente vazio, chacoalhando-o. Minha raiva inicial arrefeceu. Ele não estava totalmente são. Acho que não poderia culpá-lo por isso.

— Que bom que você é insistente quando quer falar comigo, porque eu estava literalmente a segundos de passar pela restauração.

— Mais uma vez meu egoísmo é recompensado. Nunca aprenderei a lição.

— Te ligo mais tarde para saber dessa história do Bobby. E conto tudo sobre vovô-retorna-dos-mortos e sobre o Trevor. É melhor eu ir antes que ele me ofereça comida de novo.

— Tá bom. Me ligue quando chegar em casa.

Desliguei e dei de cara com meu avô na sala, olhando para mim. Dei um pulo. Estava muito quieto.

— Está pronta?

— Mudei de ideia. Minha amiga vai me ajudar.

— Não confia em mim?

— Não é isso. É só que... — Minha visão ficou embaçada por um segundo e eu esfreguei os olhos. Meu cérebro estava cansado. Eu estava zangada por meu pai ter escondido algo tão importante de mim. Estava cansada de mentiras, cansada de me preocupar com minha habilidade.

— É só o quê?

— Não te conheço mais tão bem.

Ele olhou para a mesa de centro e vi a torradeira modificada. Havia alguns fios metálicos enrolados em botões e outros esticados como uma antena.

— O que é isso? — perguntei.

— Isso me mostra se os equipamentos deles estão por perto.

Eu não acreditava que quase o havia deixado Curar meu cérebro.

— E estão? Por perto?

— Hoje não.

— Que bom. É melhor eu ir para casa.

Ele me deu um abraço apertado e me senti culpada por ir embora. Culpada por ele parecer tão solitário. Fiquei me perguntando se meu pai o visitava com frequência.

Laila: Prepare-se. Estou indo.

A fila de pessoas andava rápido, mas, pela primeira vez, não queria que uma fila andasse rápido. Pelo menos não andava tão rápido quanto a fila de autorização por doze horas. As pessoas daquela fila só precisavam indicar o motivo para sair e ter a palma da mão escaneada. A maioria devia trabalhar do Lado de Fora. A autorização para todo o fim de semana era um pouco mais burocrática.

Voltei a olhar para o celular. Nenhuma nova mensagem. Digitei rapidamente:

E aí? Você vem ou não?

— Estou aqui — Connor respondeu atrás de mim.

O modo como meu corpo reagiu àquela única declaração confirmou o motivo pelo qual eu precisava que ele fosse comigo. Ele era o único capaz de despertar em mim todo o poder emocional para que eu Restaurasse a memória de Addie. Tentei controlar aquelas emoções. Eu não parava de pensar na última vez que o tinha visto, no trem, e essa vulnerabilidade me deixava irritada. Mordi com força minha bochecha e virei.

Ele estava parado, de braços cruzados, mochila no ombro. O cabelo estava um pouco despenteado, mas o rosto estava sem as manchas de graxa de sempre, o que chamou minha atenção para seus olhos verde-escuros.

— Então você vai?

Ele levantou o celular, com minha mensagem de texto na tela.

— “Traga sua picape velha e me encontre na Torre às nove. Leve mala para um fim de semana.”

Hum. Quando ele leu em voz alta, me dei conta de que não tinha dado muitas explicações.

— Na verdade, só precisava da picape, mas imaginei que você não fosse me emprestar, então acho que vai ter que ir junto.

Ele enfiou a mão no bolso e me entregou um chaveiro. Peguei as chaves, e ele se preparou para ir embora. Por que ele tinha que pagar para ver? Garoto idiota.

— Não, espere! — Ele parou. — Eu... — *Preciso de você também.* — ... não sei dirigir esse carro. — Mentira. Eu tinha certeza de que aprenderia rapidamente. Devia ser automático, mas eu até já tinha praticado a troca de marcha em um simulador na escola outro dia, quando estava entediada.

— Para onde você vai, exatamente?

— Visitar a Addie. Tem um jogo de futebol importante amanhã.

Ele parecia querer que eu explicasse por que aquilo era tão importante.

— Não a vejo há semanas.

Ele deu um sorrisinho satisfeito.

— Você não consegue fazer sem mim.

— Fazer o quê?

— Restaurar a memória dela.

— Só porque ninguém me deixa tão frustrada quanto você. — Totalmente verdade. —

Em breve só de lembrar da sua cara já vou conseguir, mas por enquanto parece que ainda preciso da sua presença irritante.

Ele estendeu o braço, e eu joguei as chaves sobre a mão aberta.

— Essa viagem vai ser boa para minha pesquisa — ele afirmou, ainda com o sorrisinho no rosto.

Por que eu não conseguia deixá-lo irritado? Ele estava sempre tão calmo...

— Só estou fazendo isso pela Addie.

Ele me encarou e assentiu.

Ficamos em silêncio enquanto a fila andava aos poucos. Ele virou para o lado e eu acompanhei seu olhar até uma placa que dizia AUTORIZAÇÕES PARA PERÍODOS LONGOS E AUTORIZAÇÕES PERMANENTES, TERCEIRO ANDAR. APENAS COM AGENDAMENTO. Será que ele gostaria de estar lá?

Ele dirigia com uma mão no volante e a outra apoiada na janela aberta. O vento assobiava dentro do carro e era quase impossível conversar quando ele atingia altas velocidades. Eu não estava nem um pouco ansiosa por ter que passar quatro horas daquele jeito.

Quando estávamos quase chegando à casa do pai de Addie, me dei conta de uma coisa.

— Você nunca esteve do Lado de Fora. — O modo como ele observava tudo como se estivesse vendo pela primeira vez me fez perceber aquilo.

Os ossinhos da mão dele ficaram brancos sobre o volante, mas ele não disse nada para negar ou confirmar minha observação.

— Olha só para mim, realizando o sonho de um de nós! Você e sua picape Normal, dirigindo pela Normalândia.

— Você é praticamente uma deusa.

Empurrei o ombro dele, fazendo surgir um sorriso em seu rosto.

— Semideusa, mas tudo bem.

Paramos em frente à casa de Addie, e Connor descarregou as malas. Bati à porta e ela abriu. Um pedacinho de mim voltou para o lugar. Ela me deu um grande abraço que demorou um pouco mais do que o normal. Talvez ela também precisasse de mim em sua vida.

— Oi, Connor.

— Oi. Bom te ver quando não estou prestes a te atropelar.

Ela riu.

— É verdade! Entrem. Vou mostrar onde vocês vão ficar. — Ela levou Connor para um quarto na outra ponta do corredor e, enquanto ele se acomodava, nós duas fomos para o quarto dela.

Ela se virou para mim.

— Então você tem uma carta para mim?

Tirei o papel da bolsa e entreguei a ela. Um peso enorme saiu de meus ombros. Addie observou a escrita na parte da frente do envelope. Até passou a mão sobre os números. E abriu. Eu já sabia o que dizia, então só observei sua reação. Ela mordeu o lábio.

— Eu prometi a uma pessoa, alguém de que gostava muito, que não Apagaria meu caminho Normal. Você não tinha me contado essa parte. — Ela também não pareceu surpresa com aquela parte.

— Achei que não importava. Você não se lembrava de ninguém. Acha que sabe para quem fez essa promessa?

Havia esperança no olhar de Addie, como se ela tivesse alguém em mente.

Balancei as mãos.

— Certo, e quando você quer fazer?

— A restauração de memória?

— É. Vim praticando no caminho. Não vou mentir, sou muito boa. — Deixei de lado a parte de que tinha praticado com o celular e que Connor tinha que estar junto para eu conseguir.

Addie riu.

— Acho que quanto antes melhor. — Ela respirou fundo e olhou para o quarto, como se estivesse procurando algum lugar para sentar naquele instante.

— Podemos esperar até amanhã depois do jogo. Quando você quiser.

— Acho que agora seria legal.

— Está bem. Agora. — Esfreguei as mãos. — Preciso chamar o Connor.

— Por quê?

— Ele ajuda.

Ela levantou a sobrancelha.

— Ah, é?

Peguei um travesseiro e atirei nela.

Ela riu e o abraçou.

— Como você ampliou sua habilidade, afinal? Quero tentar. Eu contei sobre o lance de desacelerar o tempo, não contei? Mas não tenho controle nenhum sobre ele e sobre quando isso acontece.

Levantei uma sobrancelha. Addie devia ter sentido emoções muito fortes para desencadear aquilo sem nem tentar. Ou será que aquilo não tinha nada a ver com habilidade aprimorada?

— Tenho que te contar uma coisa. Uma coisa sobre a qual sua mãe me pediu para te alertar. — Contei a ela o que tinha descoberto no dia em que tinha visitado a sra. Coleman.

— Então, espere aí! O pen drive que meu pai tirou de mim estava suprimindo minhas

habilidades?

— Tentando, eu acho. Se algo que Bobby fez te afetou, sua mãe esperava que o programa desse uma suavizada.

Ela respirou fundo, aliviada.

— Então era o programa que causava as dores de cabeça. Minha mãe estava tentando bloquear minha habilidade. É por isso que as dores diminuíram desde que meu pai pegou.

— Ela quer que você volte ao programa.

— Sem chance — Addie afirmou, com os punhos cerrados. — Não sou como Bobby.

— Eu sei. — Segurei a mão dela. — Sua mãe também. Mas o estúpido do DDH e do Comitê de Contenção não.

— Essa habilidade avançada é minha. Não foi ele que me deu. Ele não alterou minha mente. Deixe o Comitê me observar. Vão ver que não sou como ele.

Suas convicções me surpreenderam um pouco, mas depois eu sorri.

— Isso aí, Addie!

— Acho que o fato de meu pai ter confiscado o programa acabou ajudando.

— Então talvez você deva agradecer a ele.

Ela deu uma risada curta.

— Vai demorar um pouco até eu conseguir agradecê-lo por alguma coisa.

Nunca tinha ouvido Addie falar daquele jeito sobre o pai. Precisava mudar de assunto. Se ela queria manter a habilidade extra que havia adquirido, não importava como, eu a ajudaria a aprender a controlá-la.

— A chave para desenvolver sua habilidade é canalizar emoções fortes. Pense em alguma coisa que faça seu coração acelerar.

— Tem que ser uma coisa boa?

— Não. Por quê? O que está fazendo seu coração acelerar de um jeito ruim?

— Meu pai não admitir que meu avô está vivo.

— Isso é uma droga. Parece tão errado que o detector de mentiras esteja mentindo...

Era uma droga mesmo, porque, diferente de mim e meu pai, Addie e o pai dela tinham um bom relacionamento. Do tipo em que descobrir que ele estava mentindo para ela era surpreendente, não apenas corriqueiro. Pela expressão dela, no entanto, não achei que aquela lembrança faria seu coração acelerar, mas a levaria a um coma depressivo.

— Isso não vai funcionar. — Puxei-a da cama pelo braço. — Nada de pais mentirosos na programação de hoje. Algo diferente. O que mais te deixa irritada?

— Não sei.

— Ou feliz?

Ela sorriu.

— O que, exatamente, eu preciso sentir?

— Quase como se alguma coisa física te envolvesse. Daí você espera que essa energia se acumule e a canaliza em um impulso.

Alguém bateu à porta e meu coração deu um salto. Addie abriu. Connor tirou o cabelo da testa e olhou para mim atrás de Addie. Sim. Funcionaria muito bem.

— Ouvi dizer que vamos precisar de você — Addie afirmou com um sorriso, dando

espaço para ele passar.

Ele entrou no quarto.

— Aparentemente, Laila não sabe canalizar raiva sem a minha presença.

— Ah, é isso que você provoca nela?

Fuzilei Addie com os olhos, e ela riu. Puxei a cadeira da escrivaninha e fiz sinal para ela sentar. Ela obedeceu. Connor foi até a janela e ficou olhando para o cordão ao lado das cortinas. Addie ia dizer alguma coisa, mas ele puxou o cordão. As cortinas se abriram e o quarto se encheu de luz.

Como ele sabia abrir cortinas? Acho que aprendia rápido. Me posicionei atrás de Addie. Fazia mais ou menos dez semanas que eu havia apagado as lembranças dela. Encontrei facilmente o caminho até as memórias que eu tinha bloqueado. Agora era questão de abri-lo. Me concentrei bem, mas nada aconteceu. Connor estava a três metros de distância, olhando pela janela. Por um instante, achei que teria que pedir para ele chegar mais perto. Ele se virou, como se sentisse que eu precisava dele. Seus olhos ardentes me trouxeram a imagem da noite no trem, e senti a energia. Concentrei-a e, com uma explosão de força mental, canalizei-a para o caminho. Todo o corpo de Addie ficou tenso.

Tirei as mãos da cabeça dela, mas ela ficou ali parada, catatônica, como se alguém tivesse acabado de matar seu cachorro na sua frente. Como se *eu* tivesse acabado de matar seu cachorro. Addie nunca teve cachorro, então talvez não fosse uma boa analogia. Foi quando me dei conta. Me concentrei tanto em aprender como executar aquilo que quase me esqueci do que mais me atemorizava: ela poderia descobrir alguma coisa que a faria me odiar. O olhar dela me fez perceber que devia ser isso mesmo. Minhas mãos tremiam, querendo muito bloquear o caminho que eu tinha acabado de abrir. Precisava dela em minha vida. Ela fazia com que fosse mais fácil respirar.

Addie levantou e logo se apoiou na escrivaninha, como se fosse cair. Connor a segurou pelo braço.

— Addie, você precisa sentar antes que desmaie. Está muito abalada.

Ela sentou na cadeira e começou a rir. Uma risada horripilante. Como se alguém tivesse matado seu cachorro e o trazido de volta à vida. A risada de uma pessoa à beira da insanidade.

— Vou pegar alguma coisa para ela beber — Connor me disse, e saiu do quarto.

— Uau — ela finalmente falou.

Eu nunca tinha visto Addie daquele jeito. E, francamente, era assustador.

— Você me odeia.

Seus olhos vidrados encontraram os meus e, de repente, ela levantou, me segurou pelos ombros e me deu um abraço bem apertado.

— Não. Você está viva.

— Estou viva.

— Parecia tão real.

— Eu... — Minha mente começou a rodar. — Eu morri na sua outra vida?

Ela assentiu, esfregando o rosto no meu cabelo. Então ela sussurrou tão baixinho que quase não ouvi:

— Eu amo o Trevor.

— O quê? — Só entendi depois. — Você o amava no outro futuro.

Addie sentou novamente. Seus olhos estavam tão vidrados que era perceptível que ela ia chorar.

— Não consigo separar as duas coisas. Você não entende? Essas lembranças... é como se tivessem acontecido de verdade. Parecem tão reais quanto você sentada aqui na minha frente.

Eu não entendia. Não mesmo. Para mim, era estranho pensar que uma visão pudesse criar sensações tão sólidas quanto a realidade, mas o olhar em seu rosto não deixava dúvidas: seus sentimentos eram reais.

— Então você ama o Trevor... Isso deve ser bem estranho.

Ela balançou a cabeça de uma maneira quase violenta.

— Não. Ele é... — E as lágrimas vieram, acumulando-se nos olhos dela e escorrendo pelo rosto. — Não importa. Achei que quisesse essas lembranças de volta, mas agora percebi que ele mal me conhece.

Addie: Não saber parecia mais fácil.

Ele mal me conhece. A ideia me deixou arrasada. Porque eu o conhecia. Sabia tudo a seu respeito. Do sorriso fácil a como sua mão deslizava pelo papel quando ele desenhava. O timbre de sua voz, o tom exato da cor de seus olhos, a sensação de sua respiração em meu rosto. E as lembranças eram tão reais quanto ele. Conhecê-lo no jogo de futebol americano, conversar na seção de clássicos da biblioteca, ficar presa com ele no carro do diretor, nosso primeiro beijo... O que eu tinha feito? Não era tarde demais. Podia pedir para Laila Apagar minhas lembranças novamente, excluí-lo de vez, porque isso era pior que tortura.

E Stephanie. Ela foi tão horrível comigo na outra versão da minha vida que eu estava com dificuldade para reconciliar os dois lados dela. Eu tinha empurrado Trevor de volta para ela. Ela não merecia o Trevor. Era melodramática. Uma garota melodramática terrível, odiosa. Suspirei. Ela não era assim. Era linda e agradável. Eu tinha visto outro lado dela, em que não se sentia ameaçada por mim, e tinha gostado desse lado. Esse lado era vulnerável, feliz, gentil. Que droga.

Encostei a testa na escrivaninha e gemi.

— Você quer esse garoto Normal? — Laila ainda parecia confusa.

Se eu fosse altruísta, diria que não. Diria: “Vamos ver como as coisas acontecem. Vamos ver se Stephanie e Trevor conseguem se entender”. Mas ela já tinha tido as chances dela com Trevor. E, no que dizia respeito a ele, eu era muito egoísta.

— Sim. Quero ele de volta.

— Então vamos dar um jeito de você ficar com ele.

— Ah. — Eu sentei, secando os olhos com as costas da mão e me virando para Laila.

— Tenho o número dele. Devo ligar?

— É claro que não. É melhor ir com calma.

— Eu contei a ele na outra versão. Contei sobre o Complexo, as habilidades. E não aconteceu nada. Ninguém foi atrás de mim... nem dele.

— Certo. Isso é bom. Mas, espera aí... Você quer contar a ele sobre o Complexo e as habilidades?

Eu tinha que contar. Ele tinha ficado muito chateado da última vez, quando eu não disse nada. E eu queria. Queria que ele me conhecesse.

— Quero. E ele praticamente já descobriu sozinho.

— Ainda bem que ninguém veio atrás de você... você tinha a habilidade de

desacelerar o tempo na outra versão?

Mordi o lábio. Não tinha. Minha avó nunca havia dado nenhum indício de ter feito esse avanço. Isso significava que Bobby tinha mesmo passado aquilo para mim?

— Não. Minha habilidade ainda não tinha se desenvolvido tanto. Vai fazer alguma diferença?

— Talvez. Se acharem que tem a ver com o que aconteceu com o Bobby.

Me lembrei do processo pelo qual passei na Torre.

— Mas ninguém sabe. Não aleguei essa habilidade.

Ela sorriu como se estivesse orgulhosa de mim por não avisar a Torre.

— Isso é ótimo! Mas você é uma péssima mentirosa. Tenho certeza de que os computadores captaram que você estava escondendo alguma coisa. E, por causa do Bobby, eles estão te observando com mais atenção desta vez.

Ela mordeu o lábio.

— E quando você contou ao Trevor? Logo de cara?

— Não. Contei alguns dias antes da Investigação terminar.

— Então, em outras palavras, se você tivesse estendido a Investigação, é possível que visse o Comitê de Contenção aparecer na porta de Trevor.

Pressionei a ponta dos dedos em meus olhos fechados.

— Sim. É possível. Por que não pensei nisso?

— Porque você sempre espera pelo melhor, e eu sempre me preparo para o pior. Mas não tem problema. Vamos dar um jeito. A melhor hora para abordar Trevor vai ser no jogo de futebol amanhã. É barulhento. Tem muitas distrações. Se o Comitê de Contenção mandou alguém seguir você ou ele, vai ser bem difícil conseguir isso no meio de tanta gente e tanto barulho.

Concordei e a encarei.

— Acha que eles podem nos ouvir?

— Não. Com certeza seu pai fez uma varredura na casa. Afinal, ele trabalhava para a Agência. Deve ser por isso que sua mãe me pediu para falar com você pessoalmente, não pelo celular.

Mesmo querendo ver Trevor imediatamente, ela tinha razão. Precisávamos tomar cuidado com isso. Se o Comitê de Contenção estava observando, seria suspeito convidá-lo para vir à minha casa logo depois de Laila ter chegado. Mas eu sabia que aquele vazio enorme em meu peito não seria preenchido até Trevor voltar a ser parte de mim.

— A operação de reconquista do Trevor começa agora. — Laila sentou de frente para mim na cama. — E o que você sabe sobre ele que pode ser útil em nossa missão?

— Tudo. Eu o conheço.

— Então vai ser fácil.

A porta do quarto abriu e Connor voltou com um copo d'água para mim.

— Está tudo bem?

— Vai ficar — Laila disse.

Ele fez um sinal positivo com a cabeça.

— Ótimo. Então estou caindo fora.

— Como assim, *caindo fora*? — Laila perguntou.

— Vou ficar fora do seu caminho. — Ele foi em direção à porta. — Vamos embora no domingo, não é? — Laila assentiu e ele foi embora.

Tomei um gole de água e olhei para Laila, ainda virada para a porta.

— Por que não contou ao Connor que está apaixonada por ele?

Ela revirou os olhos.

— Ah, até parece! E eu sou de me apaixonar? Agora, voltando ao Trevor... Conte tudo o que sabe.

O cimento estava frio sob meus pés descalços enquanto eu me apoiava na grade da varanda, mas não queria entrar. Enrolei várias vezes a barra da minha camisola de manga comprida no dedo e fiquei olhando para a lua. Era crescente, como na noite em que conheci Trevor. Tinha ficado maravilhada com ela naquela noite, pois a vida toda só tinha visto luas cheias. Mas agora tinha a lembrança completa da lua em diferentes fases. Gostava das mudanças. Havia tantas coisas do Lado de Fora de que eu gostava...

A porta corrediça se abriu e eu me virei, esperando ver Laila, que eu tinha deixado dormindo em meu quarto. Mas era Connor.

— Ei, Addie, posso pegar seu computador emprestado?

— Claro.

Ele não voltou para dentro de casa. Em vez disso, fechou a porta e perguntou:

— Você está bem?

Dei de ombros.

— Vou ficar. Acho. É estranho recuperar todas essas lembranças que ninguém mais tem. Queria que existisse um jeito de passá-las para o Trevor. Mas ele não viveu essas coisas nem teve a memória Apagada. Ele não passou por nada disso. — Parei antes que começasse a chorar de novo. Não queria chorar na frente de um quase estranho, independentemente do quanto Laila gostasse dele.

Ele cruzou os braços e se aproximou de mim perto da grade. Depois, assim como eu, ficou observando a lua. Esperei que ele fosse dizer algo sobre como era estranho ver a lua tão pequena, mas ele não disse. Não parecia achar estranho. Já devia ter passado um tempo fora do Complexo antes.

Ele ficou em silêncio por um tempo, e fiquei feliz por ele não tentar dar garantias falsas ou soluções mirabolantes para o meu problema. Parecia saber que nada que dissesse mudaria a realidade. Essa compreensão silenciosa fez com que eu me sentisse melhor. Também me fez perceber por que ele fazia tão bem a Laila. Ela odiava quando as pessoas tentavam resolver seus problemas. Sua presença era tranquilizadora.

Dei um pequeno suspiro ao perceber o quanto me sentia melhor e pensei no que ele podia estar fazendo.

— Você não é Controlador de Humor, é? — perguntei.

— Não. — Ele se virou para mim, parecendo confuso. — A Laila não te contou qual é a minha habilidade?

— Não. Ela não contou. — Relaxei, feliz por ele não estar me manipulando. Minha cota de experiências desse tipo tinha se esgotado com Duke. — A Laila é muito boa em

guardar segredos. Se você pediu para ela não falar nada, ela não vai contar nem para mim.

— Não pedi para ela não contar.

Eu sorri. *Bem, você é diferente*, tive vontade de dizer. *Ela te ama*. Se ela achava que era importante para ele que as pessoas não soubessem, dava para entender por que não tinha me contado. Isso apenas confirmava minhas suspeitas em relação ao que ela sentia por ele.

— Ela deve ter achado que você não queria que ninguém soubesse.

Ele olhou para a porta de vidro, como se esperasse vê-la do outro lado.

— Ela está dormindo — disse, mesmo sem ele perguntar. — Vamos. Vou te mostrar onde está o computador.

Ele me acompanhou. O computador ficava sobre uma mesa no canto da sala. Liguei-o na tomada e puxei uma cadeira para Connor. Ele sentou e ficou esperando a máquina ligar.

— Precisa de ajuda com alguma coisa? Aqui não tem todos os sites que temos no Complexo. — Agora, com a memória restaurada, sabia muitas coisas.

— Eu sei. — Ele clicou no ícone da internet e deixou as mãos pairando sobre o teclado. — Obrigado.

Achei que ele estava me esperando sair, mas, quando me virei para ir, vi que ele entrou em um site de mapas.

— Precisa usar a impressora também? — perguntei, imaginando que ele fosse imprimir algum endereço.

— Não, só estou refrescando a memória.

Olhei para a tela, na qual ele tinha digitado “Bowie, Texas”. O site informava que ficava a aproximadamente uma hora e quarenta minutos de Dallas. O que havia lá que interessava tanto a Connor? Respirei fundo e engoli a pergunta. Não era da minha conta. Se Connor quisesse, contaria. Já devia ter contado a Laila.

— Certo. Boa noite, então.

— Boa noite.

Fiz uma pausa.

— Acho que não vamos nos ver amanhã, não é? — Indiquei o computador com a cabeça.

— Provavelmente não.

Não me importava se Laila era boa em guardar segredos. Perguntaria a ela sobre aquilo no dia seguinte.

Laila: Existe algum padrão mental para bloquear o olfato?

Passei um pouco de gloss nos lábios e suspirei.

— Bowie, Texas?

— É.

— Não imagino por que ele iria para lá. E também não me interessa. Ele pode fazer o que quiser. — Era isso que eu tinha que repetir para mim mesma quando o assunto era Connor. Que eu não me interessava. Senão teria que admitir que ele exercia muito mais controle sobre mim do que eu gostaria.

Addie passou um pouco de mousse no cabelo. Pela primeira vez em dois meses, desde que tínhamos feito a mecha azul, ela deixou o cabelo cacheado.

— Qual é o plano? — O jogo de futebol era só à noite, e me perguntei se era preciso algum tipo de preparação.

— Estou tentando me lembrar de tudo que Trevor gostava. — Ela apontou para os cachos. — Tinha um bilhete sobre zumbis. Acho que não consigo reproduzir isso, mas talvez consiga reproduzir outras coisas.

— Bilhete sobre zumbis?

— É. Tinha a ver com livros e com Charles Dickens.

Eu ri.

— Claro que tinha. E agora? Quer ensaiar alguma cena?

— Não, vamos para algum lugar para eu parar de pensar nessas coisas, senão vou ter um colapso mental.

— Tudo bem. Só preciso ligar para casa rapidinho.

— Te encontro na cozinha. Vou tomar café da manhã.

Ela saiu. Peguei o celular e me fechei no quarto dela. Eli atendeu no terceiro toque.

— Você estava dormindo? — perguntei.

— Não, mas estou comendo — ele respondeu com a boca cheia.

— Está tudo bem?

— Está. Você sabe. Como sempre. — Ele continuou mastigando, o que abafava sua voz.

— A mamãe está no trabalho?

— Está.

— E o papai?

Ele murmurou alguma coisa que parecia: “Eu não sei”.

— Bem, você não ajudou em nada.

Ele pigarreou e, com a voz clara, disse:

— Comecei ontem à noite.

Senti os músculos do rosto ficarem entorpecidos. Mesmo tendo entendido perfeitamente o que ele queria dizer, perguntei:

— O quê?

— Comecei ontem à noite. O programa que você me deu.

— Eli, eu preferia que você tivesse me esperado voltar para casa.

— Por quê? Além do mais, não funcionou. Não aconteceu nada.

— Deve demorar algumas sessões. Mas me espere voltar para usar de novo.

— Você não confia mesmo nesse programa, não é? Por que me deu, se não confia nele?

Senti minhas entranhas revirarem de culpa. Ele tinha razão. Podia ter usado Eli como cobaia algumas vezes, mas não devia tê-lo transformado em cobaia do Rosto.

— Apenas espere.

— Certo, tudo bem. Posso terminar de comer agora? Meu cereal está ficando murcho.

Fui em direção à porta para me juntar a Addie na cozinha.

— Estarei em casa amanhã à noite.

— Obrigada por ligar, mocinha. Espero que não se meta em confusão — ele disse, tentando imitar a voz de um adulto.

— Haha. — Abri a porta e fui para o corredor.

— Ah, espere um pouco. Derek quer dizer “oi”.

Ouvi o aparelho sendo passado de um irmão para o outro.

— Oi, Laila. Acho que vai nevar hoje à noite de novo, e nós vamos construir uma casa de neve.

Eu sorri.

— Acha que vai ter neve suficiente para isso?

— Vai. E quando você chegar em casa, vamos te atacar com bolas de neve.

— Você entregou o plano de vocês. Agora vou estar preparada.

— É o que veremos. Tchau. Até amanhã.

— Tchau, menino. — Desliguei o celular e me virei para continuar pelo corredor quando Connor saiu do banheiro. Quase trombamos. Ele estava com aquele cheiro gostoso de quem acabou de sair do banho: sabonete, pasta de dente e desodorante. Vestia jeans e camiseta, estava descalço, com uma toalha pendurada no ombro, que ele passou no cabelo molhado algumas vezes.

— Oi — eu disse onde tinha parado, a poucos centímetros dele.

— Ei. — Ele analisou meu rosto. Depois baixou os olhos para o celular, ainda em minha mão. — Você parece feliz. Fez uma boa ligação?

— Mais ou menos isso. Vai para algum lugar hoje? — perguntei, imaginando se ele me contaria sobre a viagem que havia programado.

— Vou. — Foi tudo o que ele disse.

Uma gota na ponta de seu cabelo me distraiu por um instante. Fiquei curiosa para saber se ele usava secador ou se seu cabelo secava naturalmente, criando aquela combinação perfeita de despenteado e arrumado que ele sempre exibia. A ideia me irritou mais do

que deveria, então perguntei:

— Precisa de um secador?

Ele passou a toalha no cabelo mais uma vez.

— Não, obrigado.

Dei um passo para trás, precisando sair daquela bolha onde todos os perfumes que irradiavam dele me desnor-teavam.

— Por que não contou a ela? — ele perguntou.

— Por que não contei o que para quem?

— Por que não contou a Addie qual é a minha habilidade? — Ele me encarava com aqueles olhos intensos. Como se a resposta pudesse responder mais do que apenas àquela pergunta.

Não contei porque sabia que ele tinha se esforçado muito para manter em segredo. Não que eu achasse que Addie sairia contando para todo mundo, mas não cabia a mim contar. Pensei nessa resposta e em suas implicações. Depois, pensei em como ele não estava dividindo nada comigo e nas implicações disso. Então respondi:

— Porque você nem passou pela minha cabeça nas vezes em que conversei com ela.

Ele encarou meus olhos por mais um instante e me deu as costas em seguida.

— O que tem em Bowie? — perguntei.

Ele parou na entrada do quarto, sem olhar para mim.

— Suas raízes Normais? Vai tentar se conhecer?

— Mais ou menos isso. — Ele entrou e fechou a porta.

Fiquei irritada comigo mesma por ter dado qualquer resposta a ele, por mais irritante que eu pretendesse que ela fosse. Foi uma desculpa para ele me deixar sem nenhuma resposta. Mesmo algo inventado poderia ter me dado alguma pista. Resmunguei em voz baixa e fui me juntar a Addie.

Addie: Preciso praticar a habilidade de me esconder.

Imediatamente, avistei Trevor nas arquibancadas. Estava sentado do jeito que sempre ficava quando assistia a jogos de futebol: mãos no bolso da jaqueta, botas no banco da frente. Se eu não soubesse como era uma tortura para ele assistir ao jogo, pareceria a pessoa mais relaxada da face da terra. Queria sentar ao lado dele, segurar sua mão, sentir seus braços me envolvendo, mas resisti. Ainda bem que Stephanie estava com as líderes de torcida, porque com certeza eu não conseguiria ver os dois juntos sem perder a cabeça.

— Ah, não! — Laila exclamou.

— O que foi? — Segui o olhar dela, mas só vi um grupo de pessoas perto da grade, torcendo.

— Esperava que eles não viessem.

Observei o grupo com mais atenção, as costas largas e os casacos roxos. As cores da Carter High eram azul e prata. As da Lincoln, roxo e dourado. Olhei a fileira do começo ao fim, até encontrar um cabelo familiar. Duke. Não.

— Por que estão aqui?

— É um jogo de futebol.

Abaixei um pouco e me posicionei atrás de Laila.

— Só não deixe ele me ver.

— Vou fazer o possível.

Como se pudesse sentir que eu olhava fixamente para ele, Trevor se virou para a nossa direção, a algumas fileiras de distância. Acenei rapidamente. Ele olhou para trás e depois voltou a me observar. Sorri e ele fez um sinal com a cabeça.

Não devíamos ter sentado algumas fileiras à frente dele, porque daria muito na cara que eu não parava de encará-lo.

— Como você vai fazer? — Laila sussurrou na hora do intervalo. — Não pode ficar só olhando fixamente para ele o tempo todo como uma maluca assustadora.

— Será que é melhor eu falar com ele?

— É. Como eu disse, você deve estar em segurança no estádio. Tem muita gente aqui.

— Certo. Vou falar com ele.

Eu sentaria ao lado dele e diria: “Você não está louco. Tenho tanta coisa para te contar”.

— Ótimo.

— Agora?

Ela riu e me deu um empurrão.

— Você conhece ele, lembra? Vai saber o que dizer.

Ela tinha razão. Eu o conhecia. Levantei e fui em direção ao corredor. Quando me virei para subir os degraus, senti uma mão em meu ombro. Virei para trás e dei de cara com Duke. Seu sorriso me destruiu. Desci um degrau.

— Addie. Oi.

— Oi. O que você está fazendo aqui?

Ele indicou o campo com a cabeça.

— Nossos concorrentes. Estamos analisando os pontos fracos.

Fui tomada pela raiva.

— O quê?

Deve ter ficado evidente pela minha cara, porque ele rapidamente acrescentou:

— Não, não é para machucar. Quis dizer pontos fracos no futebol.

— Ah. Certo. Divirtam-se. — Comecei a me afastar.

— Mas também queria te ver.

Parei ao ouvir aquelas palavras e senti um calor familiar subir por meus ombros e pescoço.

— Não. Eu... eu tenho que ir.

Dei a volta, mas Trevor não estava mais lá. Passei os olhos por toda a arquibancada, subi correndo os degraus de cimento até a saída e voltei a descer para chegar ao térreo, atrás do estádio. Relaxei quando o vi na barraca de lanches, comprando um refrigerante. A cena era muito familiar. Talvez eu devesse agir da mesma maneira da noite em que conversamos atrás do estádio, na outra versão do meu futuro, em que ele me contou que se sentia deslocado. Senti um arrepio quando lembrei que ele tinha me carregado. Havia tanta eletricidade entre nós naquela noite que parecia loucura. Fui até a barraca, imaginando que ele ia se virar para o campo de beisebol apagado nos fundos, mas se virou para mim e para o estádio.

Ele me viu no mesmo instante.

— Oi — eu disse quando me aproximei um pouco.

— Oi.

Quando ele chegou mais perto, senti seu perfume e não acreditei que havia me esquecido dele.

— Eu... — Minha mente ficou vazia.

Ele inclinou a cabeça.

Apontei para o campo.

— Podemos dar uma volta?

— Hum... — Uma leve neblina pairava sobre o campo vazio, e ele parecia analisar o ambiente. Parecia o lugar perfeito para um ataque. Ele estava preocupado que eu poderia roubar sua carteira com a minha habilidade ou algo assim? Foi quando me lembrei de como tinham sido as coisas da última vez em que o vi, em frente ao prédio do meu avô. Ele tinha ficado aborrecido porque não contei nada. Estava claro que ainda estava irritado.

— Por favor.

— Claro. — Ele me acompanhou e seguimos em direção ao campo escuro. As luzes e os sons do estádio ficaram mais distantes. Quando estávamos entre o estádio e a cerca dos fundos do campo de beisebol, parei e olhei para ele. Era hora de fazer um pouco de mágica.

Olhei para ele e senti meu coração dançar. Tive que me conter para não abraçá-lo. Tudo nele era familiar e confortável, do sorriso fácil à postura relaxada. Ele me fazia feliz.

— É difícil vê-los jogando?

— Na verdade, não.

Hum. O.k. Não funcionou.

— Às vezes você pensa em coisas que poderiam ter acontecido?

— Normalmente não.

Me ajude, Trevor. Ele terminou de tomar o refrigerante.

— Você já leu *Ninja Wars 2*?

— Já... — ele disse com cautela. — Você já leu?

— Já. — Estendi a mão, pedindo a lata de refrigerante. — Lembra quando o Naoto esmaga uma lata com as mãos como um louco?

Ele riu um pouco.

— E você acha que consegue fazer isso?

— *Por favor.* Eu sei que consigo.

— Está bem. Vamos ver.

Virei a lata de lado e apertei. Nada aconteceu. Que droga, aquilo exigia muito mais força do que imaginava que Trevor tivesse quando ele tinha feito na minha outra versão de futuro. Era por isso que os olhos do Naoto quase pularam para fora na cena em que fez isso.

— Pode ser quando você quiser — Trevor disse.

— Cale a boca — eu disse, rindo. — Estou tentando.

— Quer saber um segredo?

Parei de rir e o encarei.

— Quero.

O sorriso dele se desfez.

— Hum, é sobre a lata de refrigerante.

— Ah. Certo. Claro, sobre a lata. — *Que outro segredo você teria para me contar, Trevor?*

Ele posicionou as mãos sobre as minhas dos lados da lata.

— Você tem que torcer um pouco quando pressiona. — Ele torceu a lata e a amassou facilmente com as mãos. — Viu?

Ele soltou e a lata escorregou das minhas mãos para o chão, entre nós. Ficamos olhando para ela.

Porém, eu não conseguia ficar sem olhar para ele por muito tempo. Me aproximei um pouco mais. Queria ficar perto dele.

— Queria você de volta.

— O quê?

— Queria ela de volta. — Apontei para a lata. — Deixei cair.

Ele abaixou, pegou a lata e a girou na ponta do dedo. Ela deu algumas voltas antes de perder o equilíbrio e quase cair de novo, mas ele a pegou no ar.

— Então... sei que ficou meio irritado da última vez que conversamos porque eu não podia falar sobre... — Olhei se havia alguém em volta. Não estávamos exatamente no meio do barulho e da confusão que, segundo Laila, constituiriam um ambiente seguro para falar sobre o Complexo. — Bem, você sabe. Mas quero te contar hoje à noite. Responder às suas perguntas.

— Desculpa. Não estou entendendo. Da última vez que conversamos? No cemitério?

— Será que ele estava tentando ser engraçado?

— Não. Em frente ao prédio do meu avô.

— Seu avô?

Sua perplexidade me pegou tão desprevenida que gaguejei por um instante antes de dizer:

— O quê?

— Você chegou a descobrir por que o túmulo da sua avó estava lá?

Abri a boca, mas voltei a fechar. Ele achava que nossa última conversa tinha sido no cemitério? Finalmente entendi, como se tivesse levado um soco no estômago.

— Você...? Eles...? — O Comitê de Contenção tinha Apagado a memória dele? Quando? Depois da visita ao meu avô? Era o único local que parecia fazer sentido. — Droga.

30

Laila: Eu devia cobrar por isso.

Quando Addie voltou, parecia derrotada. Ela escorregou em seu assento.

— Eles Apagaram partes da memória dele. Eu devia saber que fariam isso. Os agentes que foram à minha casa sabiam que ele suspeitava de alguma coisa. Apagaram as lembranças relacionadas ao apartamento do meu avô. Agora ele me conhece ainda menos do que antes.

— Acho que isso significa que você não contou a ele sobre o Complexo.

— Se contasse, ele ia achar que eu sou maluca. — Addie olhou novamente para trás, onde Trevor assistia ao jogo.

— Você está ferrada. O Comitê de Contenção não vai deixar seu futuro namorado saber nada sobre o Complexo.

Ela contorcia as mãos.

— Estou com medo.

— Por quê?

— Por estarem mexendo com ele. Isso também significa que eles não só sabem sobre meu avô como acham que ele é uma ameaça. É tudo culpa minha. Preciso ver como ele está. Avisá-lo. Você tem que me ajudar. — Ela me encarou. — Acha que consegue devolver as lembranças de Trevor?

— Não sei se consigo sem o Connor aqui.

— Pode tentar? Se funcionar, diga a Trevor para me encontrar na caixa. Se meu avô estiver bem, posso falar com Trevor lá. A torradeira modificada do meu avô realmente detectou o Comitê naquele dia. Então talvez a caixa também funcione. Talvez ele possa nos dizer como manter Trevor em segurança.

— Caixa?

— Na casa do meu avô. Trevor vai entender.

Como eu tinha me metido naquela confusão? O meu negócio era tirar as lembranças das pessoas, não devolvê-las. Passei com dificuldade para a fileira logo atrás de onde Trevor estava sentado. Quando estava exatamente atrás dele, abaixei e falei bem perto de seu ouvido.

— Oi, querido, você não me conhece, mas preciso que não entre em pânico por um minuto.

Ele não afastou a cabeça, não deu um pulo, nem nada assim. Apenas virou um pouco para mim.

— Você é amiga da Addison.

— Sou. Laila. Oi. Então, estou prestes a devolver algo que pertence a você. Algumas pessoas não querem que você fique com isso. É fundamental que não se exalte. Pode ser chocante. Quando o jogo terminar, encontre a gente na caixa. — Me senti como uma espécie de criminosa, do tipo “Leve o dinheiro para a caixa e pode ter sua vida de volta”. Eu realmente esperava que a minha teoria sobre o barulho do jogo mascarar nossa conversa fosse verdadeira, porque, se o Comitê estivesse rastreando Trevor, podia saber de tudo naquele exato momento.

— Caixa?

— A Addie disse que você vai saber o que isso significa em um minuto.

A essa altura, eu já tinha percebido que Trevor me achava esquisita, então era melhor parar de falar e devolver as lembranças dele de uma vez. Respirei fundo. Esperava muito que funcionasse. Eu tinha melhorado. Connor tinha ficado a três metros de distância no quarto da Addie. Nem precisei tocá-lo, só pensei em beijá-lo. Maldito Connor. Por que eu precisava pensar nele para o processo dar certo? O fato é que precisava. Senti a energia e abri os caminhos mentais de Trevor. Ele ficou assustado.

— Relaxe — sussurrei. — Não chame atenção para si mesmo. Depois do jogo. Na caixa.

Nem eu sabia o que era a caixa, mas ele parecia saber, porque concordou. Ótimo. Meu trabalho ali estava terminado. Voltei para o meu lugar sem conseguir conter um sorriso. Eu tinha conseguido Restaurar memórias sem Connor. Bem, sem a presença dele, pelo menos.

— Funcionou? — Addie perguntou assim que sentei.

— Você duvida?

— Não.

Addie passou o resto do jogo do mesmo jeito que tinha passado a primeira metade: olhando para trás de dois em dois minutos. Só que agora Trevor retribuía os olhares.

Addie parecia nervosa enquanto andávamos apressadas pelo estacionamento. Eu estava começando a ficar nervosa também. Talvez o Complexo estivesse atrás dela. Olhei para trás e gritei quando vi um vulto.

— Sou eu — Duke disse, aproximando-se.

— Duke. Você é um idiota. Quase me matou de susto.

— Eu ia falar que o pessoal vai sair agora para comer. Vocês querem ir junto? — Ele olhava para Addie quando perguntou, mas eu respondi por nós duas.

— Não, não queremos. Estamos com pressa. — Não devia ter usado aquelas palavras, pois despertaram o interesse dele.

— Por quê? Qual é o motivo? Tem a ver com aquele cara Normal com quem você estava conversando? Trevor?

— Não é da sua conta. — Peguei o braço de Addie e continuamos em direção ao

carro.

— Então o Comitê de Contenção não precisa saber disso?

Paramos, e Addie respirou fundo ao meu lado.

— Ouçam, só me digam o que está acontecendo e eu deixo vocês em paz.

— Por que quer saber, Duke?

— Porque não quero ver vocês metidas em problemas.

— Por que falar com um Normal nos traria problemas?

— Porque... — Ele resmungou. — Porque aquele Normal em particular andou falando coisas, e eu e todo o time de futebol fomos questionados.

Addie se virou para ele e disse, irritada:

— E você não teve problemas pelas coisas que fez com ele e com os outros jogadores?

— É futebol, Addie. O que Trevor está fazendo é exibição.

— E vocês fizeram o quê?

— Para onde quer que estejam indo, vou junto. Ou posso ligar para o Comitê. Eles me deram um número para eu ligar caso tivesse mais alguma coisa para contar.

Addie, zangada, deu um passo à frente e quase vomitou a sentença:

— Eu guardei o seu maldito segredo, Duke. Não contei ao técnico sobre a sua verdadeira habilidade. E agora você está tentando me chantagear?

— Estou tentando te proteger.

— Saia daqui.

Ele ergueu os braços e se afastou.

— Tudo bem. Estou indo.

— Ele vai seguir a gente — eu disse a ela quando entramos no carro.

— Eu sei — ela resmungou.

O corredor do terceiro andar do prédio onde ficava o apartamento do avô dela estava deserto. Paramos em frente à porta, e pisei na beirada solta do carpete. Ela bateu, mas ninguém atendeu. Trevor chegou em seguida. Quando Addie o viu, deu um suspiro aliviado, mas olhou nervosa atrás dele.

— Alguém te seguiu? — ela perguntou.

— Acho que não.

Em seguida, porém, alguém disse com desdém:

— Você não é muito observador, cara. — Duke apareceu no corredor. Pensei em dar outro soco nele, como tinha feito no hospital, depois do incidente com Bobby, mas lembrei como minha mão tinha doído e decidi me conter.

— Parece que temos uma festa — eu disse.

Outra vez, ouvi passos no corredor e vi uma mulher não muito jovem com uma saia muito curta. Ela parou em frente ao apartamento ao lado e colocou a chave na fechadura.

— Você viu recentemente o morador deste apartamento? — Addie perguntou. — Ele tem cabelo branco, é meio alto...

Ela franziu a testa.

— A única pessoa que já vi saindo desse apartamento tem cabelo escuro. Deve ter uns

quarenta e poucos anos.

— Meu pai — Addie sussurrou no meu ouvido. — Está bem, obrigada. Vamos continuar tentando. — Addie bateu de novo enquanto a mulher entrou no apartamento e fechou a porta.

— Acho que ele não está aí, Addison — Trevor disse.

— Por que você chama ela assim? — Duke perguntou. — Todo mundo chama ela de Addie.

— Ele pode me chamar como quiser.

— Sério? Ele pode te chamar como quiser? E se quiser te chamar de Amber ou Lori ou Stephanie ou o nome de qualquer outra menina com quem ficou?

Dei um passo para trás porque já sabia o que ia acontecer. Trevor fechou o punho por uma fração de segundo antes de levá-lo ao queixo de Duke em um soco lindo. Foi muito gratificante. Ao contrário do soco que Duke deu em resposta ou da expressão horrorizada de Addie. Ela entrou entre os dois antes que outro punho encontrasse seu destino.

— Você é um idiota — ela disse para Duke.

— Tem certeza de que quer fazer isso agora? — perguntei.

— Sim. Tenho que saber se ele está bem. — Ela foi até a porta da vizinha e bateu. A mulher de saia curta abriu.

— Oi. Desculpa incomodar, mas posso usar seu telefone? Era para o meu avô estar aqui hoje, mas não está.

— E vocês são um grupo de adolescentes sem celular?

Não sabia qual era o plano de Addie, mas dei um passo à frente para ajudá-la com a mentira. Percebi que ela não ia responder direito. Apontei para todos, um de cada vez, começando por Addie.

— Ela está de castigo, sem o celular por uma semana. O dele — apontei para Duke — caiu no vaso sanitário ontem. — Virei para Trevor. — O dele foi roubado em um jogo de futebol. — Então, peguei o meu no bolso. — O meu está sem bateria.

— Minha nossa, é muito azar com celular — ela comentou.

Duke provavelmente a envolvia com uma sensação de confiança, porque a mulher manteve a porta aberta e nos levou até a cozinha, onde entregou um telefone a Addie. Ela pegou o aparelho e fez um sinal com a cabeça para mim. As palavras “porta dos fundos” apareceram na minha cabeça, e me dei conta de que ela tinha usado Transmissão de Pensamento. Uau, minha pequena Addie estava se tornando uma criminoso rebelde.

— Distraia ela, Duke — sussurrei.

Quando Duke começou a perguntar coisas para a mulher-de-saia-curta, peguei Trevor pelo braço e o puxei para a porta dos fundos.

— O que está acontecendo? — ele perguntou.

— Acha que consegue me empurrar dessa varanda para a outra? — Apontei para a varanda do apartamento do avô de Addie. Ele olhou para o lugar, para o espaço existente entre as varandas e para a altura de três andares.

— Não acho que seja uma ideia muito inteligente.

Comecei a subir. Ele segurou meu braço e me puxou de volta.

— Se alguém tem que ir, eu vou.

Não discuti e abri espaço.

Ele subiu na grade e avaliou o espaço. O peitoril na parede do prédio era muito estreito, e o cérebro dele estava quase soltando fumaça.

— Se eu fosse você, simplesmente pularia — disse a ele.

— É muito distante — ele respondeu. — Não dá por uns quinze centímetros. — Só mesmo um atleta para saber qual distância era capaz de saltar.

Segurando no teto com uma das mãos, ele esticou o pé mais ou menos até a metade do espaço entre as duas varandas. O pé só cabia no peitoril de lado. Senti o coração na garganta.

— Não morra, senão a Addie me mata.

Ele soltou um grunhido e, com o impulso daquele pé mal equilibrado, se atirou em direção à outra varanda. Perdi o fôlego, porque ele não ia alcançar. Dava para ver que seu corpo não era grande o bastante para chegar ao alto da grade. Deixei um grito escapar quando a ponta de seus dedos não chegaram lá. Mas ele conseguiu se agarrar na parte de baixo da grade, e eu fechei os olhos e suspirei, aliviada. Ele não estava fora de perigo, mas, pelo menos, não estava espatifado lá embaixo.

Procurei uma madeira, um cabo de vassoura, qualquer coisa que pudesse estender para ele. Havia apenas uma mesa e cadeiras. Achei que uma cadeira de plástico não serviria. Quando voltei a olhar, ele estava se arrastando para cruzar a grade. Ah, tinha esquecido que ele era forte. Trevor olhou para mim e, se eu não estivesse sentindo o mesmo alívio que vi em seu rosto, teria rido dele. Ao ver aquela expressão vulnerável, tive certeza de que ele era o par perfeito para Addie.

Ele foi até a porta corrediça e cruzou os dedos. Estava aberta. Addie devia ter investigado aquilo e sabia que a porta dos fundos estaria destrancada. Devia ter me avisado também que o cérebro de Trevor não acabaria esparramado na calçada.

Voltei para o apartamento da mulher e abri a porta da frente para Trevor.

— Muito obrigada pelo telefone — Addie disse.

A mulher olhava para Duke com cara de apaixonada, e ele só a deixava mais encantada com seu sorriso perfeito.

— Vamos.

Ainda que Trevor já tivesse atravessado o apartamento para destrancar a porta, entramos devagar, como se alguma coisa fosse pular sobre nós. Uma vez lá dentro, Addie foi inspecionar os quartos.

Havia uma pilha de jornais no canto, perto de um computador. Pensei que estariam empoeirados por causa do tempo, mas estavam limpos como novos. Verdade, as pessoas realmente liam jornais por ali. Havia também algumas matérias coladas na parede: “Homem nada duzentos e quarenta quilômetros sozinho”; “Mulher vence concurso de quem come mais”; “Adolescente sobrevive a tiro”. Será que ele achava que eram Paranormais? Por que estava tão interessado neles?

— Ele não está aqui — Addie disse ao voltar.

Duke ficou observando um quadro na parede.

— Por que *nós* estamos aqui?

Addie olhou feio para ele.

— Seu avô deve ter saído. Tenho certeza de que está bem — eu disse. — Aquela é a caixa?

— É sim. Você acha possível que ela realmente tenha algum tipo de material à prova de som ou talvez um dispositivo que evite a interceptação de conversas?

Com aquela caixa gigantesca e uns vasos enormes, a varanda dos fundos mal tinha espaço para nós quatro, mas, ainda assim, fomos todos até lá. Duke falou primeiro:

— Não tem cobertura. Acho que é só uma caixa mesmo.

Addie suspirou.

— Meu avô diz que a caixa garante a privacidade das conversas. E o Comitê de Contenção de fato não parecia saber o que meu avô e eu conversamos aí dentro, apenas o que conversei com Trevor na sala. Parece que aquele aparelho localizador tinha funcionado também. Estou achando que todas essas coisas funcionam. — Ela apontou para a mesa do lado de dentro, onde havia uns eletrônicos em versões deprimentes.

— Bem. — Abri a porta da caixa de papelão. — Então talvez vocês dois devessem fazer uma tentativa.

Addie lançou um olhar para Trevor.

— Você ainda quer conversar, não é?

Ele confirmou.

Dei o braço para Duke e o arrastei para dentro do apartamento, deixando-os a sós. Sabia que Duke não ia me deixar em paz até saber o que estava acontecendo. Mas eu não precisava de caixa nenhuma para que essa conversa permanecesse em segredo. Era hora de um pouco de Transmissão de Pensamento.

Addie: Deveria me sentir mal por obrigar um cara lindo a entrar em uma caixa apertada comigo?

Como se fosse possível, a caixa parecia ainda menor do que quando entrei nela com meu avô. Mas Trevor era maior que o meu avô.

— Pena não ter nenhuma cadeira aqui — eu disse.

— Acho que não caberiam duas cadeiras aqui dentro.

— É verdade.

Um hematoma estava aparecendo na lateral de seu rosto, onde Duke tinha batido. Passei o dedo suavemente sobre ele.

— Você está bem? Quer um pouco de gelo para colocar aí?

— Estou bem.

— Achei que você tinha dito que não batia em ninguém sem dizer algo legal para a pessoa antes.

— Acho que tinha uma dívida com ele. — Trevor alongou os dedos da mão direita. — Desculpe ter feito isso na sua frente.

— Ele mereceu. — Era difícil ficar tão perto dele. Eu sentia tanta saudade. Meu coração não dava trégua, e palpitava sem parar. — Quer sentar?

— Se você quiser...

Eu queria. Minha impressão era a de que a conversa ia demorar, porque eu estava disposta a ficar lá dentro até que ele voltasse a me amar. Sentamos no chão, meus joelhos tocando os dele.

— Diga o que acha que sabe, e continuamos a partir daí.

— O que eu acho que sei é loucura.

— Vamos ver.

— Acho que Duke e os garotos do time têm algum tipo de poder e machucaram meu ombro de propósito.

Assenti.

— Está dizendo que é verdade?

— Estou.

Ele inspirou rapidamente.

— E você? Tem poderes também?

Demorei mais ou menos uma hora para explicar para Trevor sobre o Complexo e o que eu era capaz de fazer. Diferente de quando me revelei na outra versão do futuro, Trevor agora já tinha juntado algumas peças por conta própria, então não foi tão chocante.

— Então você consegue se movimentar bem rápido...

— Não. Eu consigo Manipular o Tempo. Desacelerar o tempo e me mover dentro dele. É por isso que parece que estou me movimentando rápido. Também consigo ver o que acontece à frente do tempo presente.

— Ver o futuro?

— Mais ou menos. Diante de uma escolha, consigo ver as possibilidades. É por isso que eu te conheço. Você fez parte de um caminho que não pude seguir. Então, tenho lembranças suas. Lembranças muito nítidas e reais de uma vida com você. Você me fez prometer que não te Apagaria.

— Então você teve que fazer uma escolha, e em uma das opções você ficava comigo. E você escolheu a outra, na qual você ficava com ele? — Trevor apontou para o apartamento.

— Não. Quero dizer, sim, mas não foi por causa dele. Se eu tivesse ficado aqui, nesta vida com você, Laila teria morrido. Tive que escolher o outro caminho.

— Então você me conhece.

Fechei os olhos e respirei fundo.

— Eu te conheço.

Abri os olhos e vi que ele me encarava. Parecia cético. Eu precisava provar.

— Você desenha incrivelmente bem, mas acha que não. É muito duro consigo mesmo. Tem uma lata de lixo e um carro cheios de papel, que mostram o quanto é rigoroso. O nome da sua mãe é DeAnn, e sempre que ela conhece alguém novo, faz a pessoa contar algo sobre ela mesma. Isso te deixa envergonhado, mas você a ama, então não fala nada. Seu irmão, Brody, te idolatra. Ele quer ser você quando crescer.

— Isso eu já não sei.

— Ele quer. Pode acreditar. E você é muito legal com ele. Se alguma coisa acontecesse com ele, seu mundo acabaria.

A expressão dele ficou tensa, e percebi que tinha acertado essa parte.

— Até o ano passado, você só queria jogar futebol, mas agora já não sabe muito bem o que quer fazer. — Fiquei imaginando se essa parte ainda era verdade. Talvez, sem a minha presença, ele tivesse descoberto o que queria fazer. — Você está um pouco perdido, procurando um caminho que gostaria de seguir e, acima de tudo, esperando que exista um que pareça tão certo quanto o futebol parecia.

Ele olhava fixamente para a palma da mão.

— Você me conhece. — Sua voz estava abafada, como sempre ficava quando tentava conter as emoções.

Estendi o braço e toquei seu rosto ferido novamente. Dessa vez ele colocou a mão sobre a minha.

— Tem certeza de que não quer pôr gelo aí?

— Addison.

— Sim?

— Eu não te conheço muito bem.

Contive o choro.

— Eu sei.

Era tão irônico. Da outra vez ele tinha me visto, mas não minha habilidade. Dessa vez, ele só me conhecia por causa da minha habilidade.

— Por favor, não chore. Eu quero...

A porta de vidro bateu, interrompendo-o.

— Temos companhia — Laila disse. — Abram espaço.

De repente, ela e Duke estavam na caixa conosco. Levantamos para dar lugar a eles, mas estava apertado mesmo assim.

— Quem está aqui?

— Sei lá. Ouvimos a porta sendo destrancada e viemos para cá.

— Deve ser meu avô.

— É, mas como ele não conhece a gente, imaginei que seria melhor virmos para cá. Tendo em vista que foi ele que fez aquela torradeira estranha, não sei o que poderia fazer ao entrar em uma sala com desconhecidos.

— Bem pensado.

Abri uma fresta na porta da caixa e olhei por ela. As luzes do apartamento estavam acesas, então pude ver perfeitamente um homem que não parecia nada com meu avô vasculhando o lugar. Mas o reconheci. Era o agente Miller, um dos agentes do Comitê de Contenção que tinha ido à minha casa na semana anterior.

— Não é meu avô.

— Não? — Duke perguntou. — Ótimo.

— O que será que ele está procurando?

— A gente? — Laila disse. — Só um palpite.

— Espero que não, porque nos escondemos rapidinho — Duke disse. Fui tomada por pânico.

— Será que fizeram alguma coisa com meu avô? Parece que o ignoraram por dez anos. E agora isso. Acham que ele está em apuros por ter falado comigo? Por ter contado todas aquelas teorias sobre o Complexo? — Ele tinha acabado de voltar para a minha vida. Eu não estava pronta para perdê-lo novamente.

Uma mão quente segurou a minha. Olhei para baixo e vi que era Trevor. Meu coração quase explodiu.

— Seu avô deve estar bem. Como você disse, eles o ignoraram por dez anos — Duke afirmou. — Vamos ficar aqui até esse cara pegar o que quer e sair.

Estávamos muito apertados para Duke notar que Trevor segurava a minha mão. Fiquei feliz, porque não queria que ele estragasse o momento.

— E então, como você se sente? — Duke perguntou, olhando para Trevor.

Ele apertou minha mão, como se a pergunta de Duke fosse sobre nossas mãos dadas e ele não fosse soltar.

— Como me sinto em relação a quê?

— Sabendo que existem mentes avançadas no mundo e que a sua não é uma delas.

Esqueci como Duke podia ser babaca.

— Duke.

— Só estou perguntando. Sempre quis saber como os Normais se sentiriam se soubessem da nossa existência. Ficou se sentindo inferior?

— Nem um pouco. E você? Como se sente sabendo que, mesmo com uma mente avançada, a garota que você ama quer ficar comigo?

Arregalei os olhos e quase ri. Trevor não costumava ser grosseiro, mas aquilo tinha sido golpe baixo.

Laila levantou a mão.

— Posso estabelecer uma proibição de brigas dentro da caixa? Está muito apertado. Assim que sairmos, por favor, continuem.

Fora da caixa, o agente sentou no sofá do meu avô e pegou alguns dos dispositivos que estavam sobre a mesa.

— Talvez, se você tivesse ficado de boca fechada — Duke disse a Trevor —, o Comitê de Contenção não estaria tão interessado em você.

Trevor sutilmente havia se posicionado entre Duke e eu.

— Na verdade, só comecei a suspeitar porque você e seus colegas de time não conseguiram ficar de boca fechada no vestiário.

— Não, estou falando sério — Laila disse. — Se alguém me acertar por engano, vou Apagar a memória de todo mundo sem remorso.

— Ele está pegando o celular — eu disse. Ficamos em silêncio, e eu sabia que, como eu, Duke e Laila estavam aprimorando a audição.

— Sim, já demos um jeito nele. — Ele fez uma pausa para respirar. — Não. Está tudo sob controle. Não, não estou monitorando o apartamento. Não tem ninguém aqui. — Ele ficou ouvindo.

Olhei para cima e ao redor quando ele mencionou os monitores. Será que eu não tinha visto antes? Esperei algum tipo de luz acender, indicando que a partir dali seríamos monitorados. Nada aconteceu.

— Achei que tínhamos resolvido que ela era passado. Os indicadores de compaixão são altos. Ela tem respeito pela autoridade. — Ele fez uma pausa. — Não, ela não contou ao garoto. — O agente se virou como se percorresse um grande círculo. — Estou no apartamento. Não tem ninguém aqui.

— Vocês conseguem ler os lábios dele? — Trevor perguntou.

— Cale a boca — Duke disse. — Estamos tentando escutar.

— Não mande ele calar a boca — eu retruquei.

— Shhh — Laila chiou. — Acho que ele está indo embora.

Eu me concentrei.

— Vou fazer um relatório. Mando na segunda. — Ele pôs a pequena caixa preta que segurava de volta na mesa. — Não. Eu não sei. — De repente, ele olhou para a porta de vidro e a caixa. Fiquei um pouco apavorada.

— Qual é o plano se ele vier até aqui? — Duke perguntou.

— Addison pode desacelerar o tempo e nós saímos correndo — Trevor disse.

— Duke pode acalmá-lo, posso Apagar a memória dele e, sim, Addie desacelera o tempo e nós saímos correndo — Laila disse enquanto nos preparávamos para ser descobertos.

O agente Miller caminhou lentamente até a porta, mas, em vez de abrir, fechou a trava.

— Sim. Está tudo bem. Se tiver alguma pergunta, pode mandar por e-mail. — Ele abriu

a porta da frente e apagou as luzes. O apartamento ficou todo escuro.

Ficamos em silêncio por um instante.

— Estamos trancados aqui fora — Duke finalmente disse.

Saí da caixa, precisando de ar, e todos fizeram o mesmo.

— Eles deram um jeito nele? O que isso significa? Machucaram ele? O que devemos fazer?

— Primeiro, temos que sair desta varanda — afirmou Duke.

Trevor me pegou gentilmente pelos braços.

— Você tem o número do celular do seu avô? Talvez pudéssemos começar por aí.

— Não... — comecei a falar, mas logo lembrei que tinha salvo o contato dele quando vasculhei o celular do meu pai. Procurei na agenda e encontrei, registrado como Brett. Esse era o codinome que meu pai usava para ele? Liguei.

No quarto toque, ele atendeu.

— Alô?

Suspirei.

— Vô? É a Addie.

— Oi, Addie. Como vai?

— Estou bem. E você?

— Eu estou bem.

— Acho que fiz besteira. O Comitê esteve no seu apartamento hoje à noite, e a culpa é minha. Devem ter me seguido até aqui da última vez.

— Ou me seguido — Trevor acrescentou, ao meu lado.

Meu avô suspirou.

— Tudo bem. Não tem problema.

— Sinto muito. É culpa minha. — Não podia ser só coincidência o fato de que meu avô tinha conseguido evitá-los por dez anos e, assim que o encontrei, repentinamente o Comitê tenha aparecido.

— Tudo bem. Só estou no sistema deles agora. Eles me investigam.

— Você deu a eles acesso a seu apartamento?

— Eles entraram?

— Sim.

— Como você sabe?

— Eu vi.

— Onde você está?

Já ia dizer “na sua varanda dos fundos”, mas pensei melhor. Se o Comitê estivesse monitorando o apartamento, era melhor tomar cuidado.

— Estou com uns amigos. Vou te visitar em alguns dias, está bem?

— Está ótimo.

— Tome cuidado, vô. Não confie neles.

Ele riu.

— Você nem precisa me dizer.

— Certo, então nos vemos em breve. Tchau.

Desligamos.

— Agora que sabemos que seu avô está bem, podemos sair daqui? — Duke perguntou, verificando que a porta continuava trancada. Ele parecia um animal enjaulado, andando de um lado para o outro na pequena varanda.

— Se seu avô está bem, o que significa “demos um jeito nele”?

Laila indicou Trevor com a cabeça.

— Talvez estivessem falando dele.

— Ah. É verdade. — Já tinha quase esquecido que as lembranças de Trevor tinham sido Apagadas.

— Podemos discutir isso quando sairmos desta sacada? — Duke perguntou.

— Temos duas alternativas para sair daqui — Trevor falou. — Descer por duas varandas... — ele apontou para as varandas dos andares de baixo — ... ou atravessar uma. — Ele indicou a varanda da mulher para a qual havíamos mentido antes.

— Acho que a mulher não vai deixar a gente entrar de novo — Laila disse. — Bem, ela deixaria o Duke, mas isso não nos ajudaria. Além disso, vi como Trevor chegou até aqui, e acho que não conseguiria.

— Addison — Trevor disse. — De que jeito vai funcionar?

— Ah. — Uma escolha. Por que não tinha pensado nisso? Investiguei rapidamente as duas opções. — Vamos descer. Primeiro o Duke. Por último, o Trevor. Uma sacada por vez.

— Perfeito — Trevor disse, confiante com a minha resposta.

Duke foi até a grade e Laila foi atrás, dando instruções para ele posicionar os pés. Quando ele se pendurou, olhou diretamente para mim.

— Ainda não acredito que você contou para ele. Não foi nada inteligente. — Depois desceu.

— Isso pode te causar problemas? — Trevor me perguntou.

— Pode.

Ele fez um sinal com a cabeça e se pendurou. Duke já estava na sacada de baixo, e Laila estava subindo na grade. Trevor pegou a mão dela e a ajudou a descer. Depois olhou para mim.

— Está pronta?

Pisei na grade e ele me segurou pela cintura para me ajudar. Senti uma energia percorrer meu corpo, e tive que me conter para não abraçá-lo. Me obriguei a lembrar que ele não se recordava da mesma história que eu. Passei pela grade, apoiando o pé no pequeno peitoril do lado de fora das barras de metal. Logo abaixo, Duke estava com os braços para cima, esperando para segurar minhas pernas. À minha frente, Trevor colocou as mãos entre as minhas na grade de metal.

— Eu quero te conhecer — ele disse, terminando a frase que tinha sido interrompida na caixa. — Preciso.

Laila: Todo mundo está desmoronando.

Bati à porta do quarto de Connor. Tínhamos umas seis horas para chegar em casa ou corríamos o risco de levar uma advertência. Nossa autorização era de um fim de semana apenas. Por que ele ainda não estava pronto?

Connor abriu a porta, sonolento. O cabelo estava uma bagunça, e o quarto, todo escuro.

— Você estava dormindo? É quase meio-dia.

— Sério? — Ele passou a mão pelo rosto.

— Temos que ir.

Os olhos de Connor estavam vermelhos, e ele não parava de coçá-los.

— Fico pronto em cinco minutos.

Dei um passo para trás, pronta para sair, mas me obriguei a perguntar:

— Você está bem?

Ele deu um sorriso falso.

— Ótimo.

A viagem de volta para casa foi silenciosa; tensa, até. O silêncio parecia tão envolvente que tive vontade de gritar só para fazer barulho. Percebi que ele olhava para mim e aproveitei a deixa para falar.

— O que aconteceu ontem?

— Nada — ele respondeu em voz baixa.

Eu tentava entender o que ele queria dizer com aquilo quando percebi os olhos vermelhos outra vez.

— Está de ressaca? — Isso explicaria muita coisa.

— Não. Não estou.

Não sabia se era verdade.

— Não vou criticar, se estiver — murmurei.

— Não estou.

— Tudo bem. Não importa. Mas... ontem você ficou o dia inteiro fora. Você não estava na casa da Addie quando chegamos. Se estivesse se divertindo em alguma festa, algo do tipo, pelo menos haveria uma explicação.

— Não sabia que estava sendo investigado, mas parece que você me deu um álibi — ele disse, soando cansado.

Fechei as mãos em punho.

— Connor, eu só fiz uma pergunta. Não sabia que sua vida era tão secreta. Me desculpe por ser curiosa.

Ficamos em silêncio por um tempo, mas ele disse finalmente:

— Esse é o problema, não é?

Suspirei. Agora era eu que estava cansada.

— Qual é o problema?

— Você só quer saber para satisfazer sua curiosidade. Não suporta ficar sem saber alguma coisa.

— Ah, que bom que você me conhece tão bem. — Cruzei os braços e passei o resto da viagem observando a paisagem pela janela. Não precisava saber nada sobre ele. Por mim, estava tudo bem.

Quando ele parou em frente de casa, bati a porta da picape. Se nunca mais o visse, ficaria feliz. Nunca mais pensar nele me deixaria ainda mais feliz, mas parecia impossível. Ele era presença constante em minha mente. Entre pensar nele e me preocupar com Addie, minha cabeça estava constantemente ocupada.

Três dias depois de voltar da casa de Addie, não conseguia parar de pensar no que o Comitê faria com minha amiga se descobrisse que tínhamos contado tudo a Trevor. Será que eles, como os idiotas do DDH, achariam que ela contou por ser instável, como Bobby? Será que pensariam que ela tinha a intenção de anunciar para o mundo a existência do Complexo? A possibilidade me deixou furiosa. Addie era o extremo oposto de Bobby. Tentei me acalmar. Todos nós tínhamos feito um pacto de não falar sobre o assunto. O cara do Comitê achava que as lembranças de Trevor tinham sido Apagadas e disse que Addie tinha passado naquele teste idiota de lealdade. Sim, estavam monitorando o avô dela, mas ele parecia muito cuidadoso. Tudo ficaria bem. Minha preocupação me impediu de registrar o estranho silêncio que pairava em casa quando entrei, carregando várias sacolas de compras. Só notei que havia alguma coisa diferente depois de guardar o leite e fechar a porta da geladeira.

— Oi! — gritei. — Onde está todo mundo?

Olhei o quarto do meu pai. Ele não estava lá. Fui até o quarto dos meus irmãos. Vazio. Quando já estava saindo, ouvi um gemido de dentro do armário.

Abri a porta e encontrei Eli encolhido num canto. Xinguei em voz baixa.

— O que aconteceu? — Ajoelhei e entrei com ele no armário. — O que foi, Eli? Fale comigo.

— Pare. Saia daqui.

— Não. Estou aqui. Vai ficar tudo bem. Ele te machucou? Olhe para mim, me deixe ver seu rosto. Precisa de gelo?

— Pare.

Tentei tirar as mãos dele do rosto. Queria matar meu pai.

— Pare! Pare de pensar! Não pense mais!

— O quê?

— Não quero entrar na sua cabeça. Não quero entrar na cabeça dele. Quero ficar sozinho. Me deixe sozinho. — Ele pegou um travesseiro no chão e cobriu o rosto e os ouvidos. — Por favor... — ele choramingou. — Pare de pensar.

Tentei esvaziar minha mente, como costumava fazer quando meu pai estava por perto. Nada. Um quadro em branco. Uma tela vazia. Uma noite cinzenta.

— Estou ouvindo tudo isso. Vá embora. — Ele começou a balançar o corpo para a frente e para trás, choramingando novamente.

— Você não parou com o programa novo? — perguntei, puxando o travesseiro e o obrigando a me encarar. Ele parecia assustado. — Eli. Olhe para mim.

Ele piscou e se concentrou em meus olhos.

— Você estava usando o programa novo? Aquele que eu te dei?

Ele confirmou várias vezes com a cabeça.

— Onde está? Onde está o cartão?

Ele apontou para a cômoda. Saí do armário e vi seu tablet sobre o móvel. Tirei o cartão e desconectei o pequeno chip, guardando-o no bolso.

— Volto logo. — Já ia saindo, mas voltei ao armário, dei um abraço apertado nele e sussurrei: — Vou dar um jeito nisso. Você vai ficar bem.

Levantei e saí. Era por isso que todo mundo tinha saído? Para dar espaço a ele? Corri para o carro e torci o tornozelo quando meu salto afundou na grama. Tropecei, segurando na maçaneta para não cair. Um soluço de choro escapou de meus lábios apertados. Como pude fazer aquilo com meu irmão? Eu devia cuidar dele. Quase comecei a chorar outra vez e apoiei a testa no vidro da picafe.

Não. Não podia perder a cabeça bem naquele momento. Precisava ajudá-lo. Rangi os dentes e entrei no carro.

Demorei dez minutos para chegar à casa do Rosto, ignorando os semáforos, que pareciam mais sugestões do que ordens, e parando apenas onde era absolutamente necessário. Bati à porta até um adolescente de cabelo escuro espetado atender. Ele vestia regata preta e jeans rasgado. Segurava um copo de isopor com tampa e um canudo todo mastigado. Quando me viu, levantou uma sobrancelha e colocou a mão no batente da porta.

Quase perguntei pelo Rosto, porque não vi o ponto embaçado em seu pescoço, mas ele disse:

— Laila.

Então esse era seu verdadeiro rosto. Ele era muito jovem.

— O que é isso? — perguntei entre os dentes e mostrando o chip.

— É tudo aquilo que você me pediu e mais — ele respondeu com a mesma voz que todos os seus rostos emitiam.

— Não pedi o “mais”. Meu irmão está doente. Muito doente.

— Doente como?

— Sobrecarregado. A habilidade dele se desenvolveu rápido demais. Ele não sabe lidar com ela. Ele está absorvendo muito além do que deveria.

Rosto sorriu. Sua expressão verdadeira me distraía. Jovem demais. Atraente demais. Algo demais.

— Não precisa agradecer. Dei a seu irmão a habilidade dele totalmente desenvolvida.

— Não é para ele ter a habilidade totalmente desenvolvida ainda! Ele tem que expandir aos poucos.

— Não é verdade. O DDH tenta administrar as habilidades lentamente, com bloqueadores e supressores. Eu dei a ele tudo de uma vez. O modo natural é um meio-termo entre os dois. Agora seu irmão tem todo o poder e pode aprender a lidar com isso com a mente ainda jovem. O DDH acha que o jeito deles é melhor. Eu diria que o *meu* é melhor.

— Nesse momento, só me interessa que meu irmão se sinta melhor. Então me dê alguma coisa para ajudar.

— Você tem dinheiro?

— Rosto, estou falando sério. Você tem que ajudar.

Ele fez uma pausa.

— É. Acho que não vai dar. — Ele bebeu pelo canudo mastigado e fechou a porta entre nós.

Soquei a porta e me arrependi em seguida. Minha mão latejava.

— Por favor, Rosto — implorei. — Por favor, me ajude. — Sentei no degrau e apoiei a cabeça nos joelhos.

Em frente à casa de Connor, tive que engolir meu orgulho. Ele era a última pessoa para quem eu queria pedir ajuda, mas a única que eu sabia que poderia me ajudar. Bati à porta. Um homem grandalhão, nem um pouco parecido com Connor, abriu. Devia ser o padrasto dele.

— O Connor está?

— Não, ele não está. Não aparece em casa há três dias. Se encontrar com aquele moleque, diga para voltar para casa e se desculpar por deixar a mãe dele tão preocupada.

Três dias? Ele tinha saído logo depois que voltamos ao Complexo?

Eu não conhecia os hábitos de Connor nem os locais que frequentava, mas, se não estava na casa do Rosto nem na garagem, só conseguia pensar em mais um lugar onde poderia encontrá-lo.

Já estava anoitecendo quando cheguei lá. O Parque dos Fundadores parecia ainda mais antiquado no escuro. Caminhei perto das estátuas, passei pelas motos e segui até o trem.

A porta de metal do trem, deixada aberta da última vez, estava fechada. Pulei a grade próxima à porta e fiquei sobre um pequeno degrau de metal. Bati à porta. Nenhuma resposta. Nenhum som. Nada.

Bati novamente e tentei abrir a porta, mas devia estar trancada por dentro, porque não cedia. Comecei a bater com a lateral da mão fechada, e chamei o nome dele. O barulho

ecoou pela noite.

Fiquei em silêncio e só escutei por alguns minutos. Quando estava prestes a bater de novo, ouvi o som de passos e o som de metal. A porta abriu uns quinze centímetros e Connor apareceu, de cabelo desganhado, calça de pijama um pouco abaixo da altura dos quadris, sem camisa. Meu coração acelerou. Parecia que eu não o via havia uma eternidade.

Ele suspirou.

— Você deve estar precisando de um favor.

Contive um palavrão. Precisava mesmo. Mais do que jamais havia precisado.

— Foi o que pensei. — Ele tentou fechar a porta, mas impedi com minha perna.

— Não sei mais a quem pedir ajuda.

— Qualquer outra pessoa.

— É o meu irmão. Talvez você consiga Curá-lo, qualquer coisa parecida.

— Não sou seu Curador pessoal, Laila.

— Qual é o seu problema? Alguém quebrou sua moto ou te obrigou a tomar uma decisão?

O nó de seus dedos ficou branco enquanto ele apertava a porta, mas o rosto permaneceu calmo, cansado.

— A única decisão que preciso tomar é a respeito do que fazer para você me deixar em paz.

Eu sabia que estava sendo cruel, mas precisava ver alguma reação dele. Tirá-lo daquele marasmo. Qualquer coisa. Era como se a alma dele tivesse sido roubada. E esse Connor desanimado não se motivaria para me ajudar.

— Talvez você conseguiria tomar decisões com mais facilidade se não fosse metade Normal.

Ele se inclinou alguns centímetros para a frente, de modo que seu tronco saiu pela porta.

— Você acabou de usar as três coisas que sabe sobre mim para me insultar — ele disse em voz baixa. — Está se sentindo melhor?

Eu sabia mais sobre ele. Não sabia? Vasculhei meu cérebro. Ele gostava de coisas antigas, mas era por ser metade Normal. Queria que alguém o obrigasse a sair do Complexo, por isso vendia programas ilegais de expansão mental. Droga. Só sabia mesmo três coisas sobre ele. Duas, na verdade. Ele tinha sido generoso na constatação.

— Você não me conta nada.

Eu queria conhecê-lo. Mas ele não deixava. Para ser sincera, também nunca tinha me esforçado muito. Eu tentava mantê-lo a certa distância. Se esse era meu objetivo, eu sabia bem mais do que devia. Sabia que ele gostava de mexer com motos mais do que qualquer outra pessoa. E podia dizer, pela falta de marcas de graxa em seu rosto, que não fazia isso havia dias. Ele devia estar enlouquecendo por isso.

Sabia que, apesar de sua obsessão pelo passado, ele sabia tanto sobre tecnologia quanto qualquer funcionário da Agência. E sabia que ele se importava com as pessoas, embora se esforçasse para disfarçar. Se fosse embora, ele sentiria falta do Complexo. E sabia que era exatamente como eu e não queria deixar ninguém se aproximar, a menos

que mostrasse alguma vulnerabilidade. Se eu baixasse a guarda e o tirasse da defensiva, ele deixaria eu me aproximar. E esse era o problema: nós dois precisávamos que o outro desse o primeiro passo.

Ele olhou para minha perna, ainda mantendo a porta aberta, e depois para minha mão, segurando a maçaneta de metal. Eu devia ter percebido que, desse jeito, ele podia empurrar minha perna para fora sem me jogar no chão. Mas não me dei conta até que ele pegou na minha perna. Quando ele quase havia conseguido me expulsar do trem, joguei os braços sobre seus ombros. Grande erro. Ele usava o peso do corpo para me empurrar para fora e, sem meu apoio na maçaneta, tombou para a frente. Caí de costas porta afora.

Durante a queda, meu pé enroscou no degrau de metal. Quando atingi o chão, meu tornozelo estalou. Então, senti a dor, quente no início, depois tão intensa que pensei que fosse desmaiar. Connor caiu sobre mim, mas levantou antes que eu pudesse registrar que ele também tinha caído.

Ele desenroscou meu pé e me levantou, dizendo algo muito suspeito em voz baixa, que desconfiei que fosse uma maldição para que eu sofresse uma morte horrível, no mínimo me condenando por toda a eternidade. Depois mudou e começou a chamar a si mesmo de idiota, com o que eu concordei plenamente.

Ele me carregou para dentro do trem e me deitou sobre uma das camas embutidas que saíam da parede. Era a mesma que ele devia estar usando, porque havia um travesseiro e um cobertor com seu perfume: uma combinação de sabonete, produto para o cabelo e desodorante amadeirado.

Ele tirou meu sapato e envolveu meu tornozelo com as duas mãos. Por um instante, a dor ficou ainda mais intensa, meus olhos começaram a arder e me agarrei na cama, até que senti um formigamento quente. Em seguida, ele passou para minha cabeça, posicionando uma mão atrás dela.

— Já estou bem. Está tudo bem — afirmei, tentando me sentar.

Ele empurrou meus ombros, me fazendo deitar.

— Fique um pouco aí, você está sangrando.

Então senti o líquido escorrendo pelo meu cabelo. Mas, assim que senti a dor, ela desapareceu.

— Onde mais? — ele perguntou, com os olhos mais vivos do que em qualquer outro momento daquela noite.

— Em nenhum lugar.

Ele passou os olhos por todo o meu corpo.

— Pode parar e sentir por um segundo antes de responder? Onde mais?

Um filete de sangue escorria de um corte em sua têmpora, provavelmente de quando caímos para fora do trem.

— Você está sangrando.

Ele limpou o machucado com as costas da mão e ficou olhando para mim como se eu ainda tivesse que dizer onde precisava ser Curada. O corte em sua cabeça se fechou. Ele ficou rondando sobre mim, perto, bem perto.

— Estou bem. — Sentei e pus os pés no chão. Girei o tornozelo. Parecia perfeito.

Ele sentou no chão, encostou na parede e segurou uma mecha de cabelo.

— Estou falando sério, Laila.

— É. Você é sério até demais.

Ele resmungou um pouco e disse:

— Preciso tirar você da cabeça.

Lembrei de meu irmão naquele armário, chorando.

— Sei que já te pedi muitos favores.

— É a *única* coisa que você me pede.

— Eu sei.

Ele suspirou.

— O que aconteceu com o seu irmão?

— Ele está tendo um surto. A habilidade dele se manifestou de uma só vez e ele está enlouquecendo.

— Telepata?

Confirmei.

— Ele usou o programa do Rosto?

Confirmei novamente.

Ele levou as mãos sobre os olhos.

— Seu pai não tem nenhum supressor que ele possa usar?

Abri a boca, mas logo fechei. Não tinha pensado em pedir para o meu pai.

— Meu pai usa tudo logo que compra.

— Não vendo supressores, mas tenho um programa que pode ajudar. — Ele levantou e pegou uma mala embaixo de outra cama. Abriu e me entregou um chip. Não tinha sido um maldito chip que tinha me metido naquela confusão?

— Isso vai funcionar? — Levantei o chip. — Não dá para você fazer nada com sua habilidade? Conter os efeitos ou algo assim?

Seu maxilar ficou tenso.

— Não.

Pensei no fato de que ele ia mal em todas as matérias Paranormais, de como ele odiava que eu soubesse qual era sua habilidade, então me dei conta: ele não gostava de usá-la. Talvez esperasse que, se nunca a usasse, ficaria mais motivado a deixar o Complexo. Viver do Lado de Fora. O ar frio e as paredes de metal do trem antigo pareciam comprimir meus pulmões.

— Não pode ou não quer?

— Isso é o que posso oferecer. — Ele apontou para o chip que eu ainda segurava no alto.

Quis jogar sua oferta no chão e pisoteá-la. Por que ele simplesmente não me ajudava? Peguei meus sapatos, que tinham ido parar perto da parede, e os calcei. Parei perto da porta, pensando se implorar adiantaria alguma coisa. Então, senti lágrimas se formarem em meus olhos, rangi os dentes para conter o ardor e saí. Meu irmão precisava de mim.

Addie: Bem-vindo à minha outra vida.

Agora que sabia a verdade sobre o Complexo, imaginei que Trevor apareceria na minha casa a qualquer momento, ansioso por estar perto de mim tanto quanto eu precisava estar perto dele. Ainda assim, ali estava eu sentada no meu quarto, olhando para a tela apagada do celular. Ele tinha ficado assustado. Eu sabia que isso ia acontecer. Ouvi uma batida na porta do quarto e, em seguida, a voz do meu pai:

— Está vestida?

— Não.

Sabendo que era mentira, ele entrou.

— Precisamos conversar.

— Sobre o quê?

— Para começo de conversa: isso. Qual o motivo dessa grosseria comigo?

— Estou com raiva, pai.

— Dá pra perceber. Se importaria de explicar?

— Você se importaria?

— Estou perdido. Preciso que me ajude.

— Ah, quer que eu conte quais mentiras eu já sei para que você possa confessar? Não, obrigada.

— Isso ainda tem a ver com o novo padrão mental?

— Sei sobre o vovô. — Deixei escapar antes que mudasse de ideia.

— O que tem ele? Adiaram a transferência de sepultura.

Fechei bem os olhos.

— Sua mãe quer que você volte para passar o Natal com ela, e acho que é uma boa ideia.

Arregalei os olhos.

— O quê? Não!

— Você claramente não está feliz aqui. Sua mãe disse que, como fiquei com o Dia de Ação de Graças, é justo que ela fique com o Natal.

— Não. Quero ficar aqui.

— Sua mãe...

— Você se separou dela e ainda permite que ela te controle?

Minha pergunta fez desaparecer toda a fúria de seu rosto.

— Você nunca falou comigo desse jeito. O que aconteceu?

— Você virou um mentiroso.

— Você vai passar o Natal no Complexo. — A voz dele estava calma. — Vou dar uma volta. — Ele fechou a porta quando saiu. Sempre saía para dar uma volta quando brigava com a mamãe. Meus olhos ardiam, e pisquei para ver se passava.

O celular tocou. Atendi antes mesmo que a tela tivesse tempo de registrar quem ligava.

— Alô.

— Addie, é o Rowan.

Suspirei.

— Ficou tão decepcionada assim?

— Não, desculpe. Oi.

— Queria te fazer uma proposta.

— Diga.

— Então... soube que o Trevor convidou a Stephanie para o baile de inverno.

— Ah, é? — Droga. Quem mais ia aparecer para me irritar hoje? Aparentemente, hoje não era o meu dia.

— Estava pensando que seria legal irmos todos juntos. Você e eu, a Steph e o Trevor. O que acha?

Fui até a janela e vi meu pai saindo com o carro.

— No baile de inverno de vocês? Eu nem estudo na sua escola. Além do mais, você sabe se a Stephanie concordou com isso?

— Então não quer ir ao baile comigo? — Rowan perguntou.

— Só me sentiria meio estranha indo ao baile da sua escola. — A campainha tocou, e saí da cama para atender.

— O Trevor acha que é uma boa ideia.

O Trevor sabia desse plano? De repente, tudo mudou.

— Ele acha?

— Disse que eu devia te convidar.

Talvez Trevor não tivesse entendido que, quando contei que tinha ficado com ele na outra versão da minha vida, queria ficar com ele nesta versão também. Ou talvez ele quisesse que eu estivesse lá.

— Tudo bem.

— Isso foi uma pergunta?

— Não, foi a resposta. Sim, eu vou.

— Legal. Pego você na sexta, às seis.

Desliguei o celular e abri a porta. Trevor estava ali, e quase chorei de felicidade e alívio. Dei um passo para a frente e o abracei.

— Acabei de ter a pior briga do mundo com meu pai.

Como ele permaneceu imóvel, percebi que não tinha mais aquele tipo de privilégio. Me soltei e recuei, murmurando um pedido de desculpas.

— Não. — Hesitante, ele passou a mão no meu braço. — Você só me pegou de surpresa.

— Entre.

Ele entrou e examinou tudo. Lembrei mais uma vez que ele não tinha as mesmas

lembranças que eu, então nunca tinha entrado na minha casa.

— Hum. — Meus olhos ardiam, e os esfreguei. — Desculpa. Isso é muito difícil para mim. — Endireitei os ombros e respirei fundo. — Quer alguma coisa?

— Não. Obrigado. — Ele me acompanhou até o sofá, onde sentamos. — O Rowan já te ligou?

— Sim, acabou de ligar. Tipo, quase na mesma hora em que você chegou.

— Ótimo. Você aceitou, não é?

— Só porque ele disse que a ideia foi sua.

— Queria poder te convidar. Convidei a Stephanie depois que eles — ele fez uma pausa e abaixou a voz — mexeram com a minha memória. Achei que era mais fácil do que deixá-la com raiva de mim.

Eu sorri.

— Não precisa se explicar para mim.

— Mas eu quero. Se pudesse desconvidar a Stephanie, faria isso, mas acho que seria muito rude agora.

— Seria. — Meu estômago revirou quando percebi que, em algum momento, Stephanie descobriria que Trevor e eu estávamos... fazendo o quê? Conhecendo um ao outro? Eu estava apaixonada e ele estava mais ou menos “um-dia-talvez-queira-sair-com-você”? Era muito complicado.

Ficamos quietos por alguns minutos, e Trevor quebrou o silêncio com uma risadinha.

— Isso é esquisito. Estou sendo esquisito. Converse comigo. Conte alguma coisa sobre você.

Me lembrei de uma vez, na outra vida, em que ele contou tudo sobre mim para sua mãe, e desandei a chorar. Por um segundo, ele pareceu tão assustado que paralisou, mas em seguida me puxou para perto e me abraçou.

— Shhh. — Ele afagou meu cabelo. — Addison, vai ficar tudo bem. Vamos dar um jeito. Veja, mesmo antes disso, antes de me contar sobre... — Ele desconversou. Tínhamos concordado em não falar sobre aquele assunto em voz alta. — Estava interessado em você antes disso tudo. Joguei um sapato no seu rosto e quase nos beijamos. Lembra?

Eu assenti, encostada no peito dele.

— Juro que não sou uma criança.

Ele riu.

— É só que sinto sua falta. — Meu coração doeu quando eu disse aquilo.

Ele me abraçou mais forte.

— Vamos dar um jeito.

A porta dos fundos se abriu e ouvi um molho de chaves bater no balcão. Trevor levantou, quase batendo na minha cabeça com o movimento.

— Olá, senhor — ele disse.

Meu pai caminhou bruscamente até a sala de estar e parou diante de Trevor.

— Oi. Quem é você?

Céus. Ele não estava mesmo se esforçando para sair da minha lista negra.

— Esse é o Trevor.

Meu pai rangeu os dentes. Provavelmente lembrou que tinha me pedido para ficar longe dele, porque os agentes do Comitê tinham mencionado seu nome.

— Prazer em conhecê-lo, senhor. — Ele estendeu a mão e meu pai o cumprimentou. Trevor sabia da habilidade do meu pai. Fiquei pensando se aquilo o intimidava.

— Estávamos de saída — eu disse.

— Aonde vão?

— Para o centro. — Olhei para ele, esperando que entendesse a dica. Era onde ficava o apartamento do meu avô.

Ele não entendeu.

— Não volte tarde.

Lá fora, paramos ao lado do carro do Trevor.

— Queria ver como meu avô está. Estou preocupada com ele. Você já tinha algum outro plano?

— Contanto que eu não tenha que comer nada lá, tudo bem. Vamos ver seu avô.

Quando meu avô abriu a porta, percebi como estava preocupada. Apesar de termos conversado, o fato de um cara do Comitê ter invadido seu apartamento me fez pensar que talvez tivessem feito alguma coisa com ele. Mas lá estava ele, com bengala e fones de ouvido a postos, doido como sempre. Eu já estava me acostumando com aquela maluquice, porém. Ele me fazia rir.

— Oi. Trouxe sementes para o senhor. — Estendi um pacotinho de sementes de abóbora que tinha comprado por impulso outro dia, quando vi no caixa do supermercado.

Ele olhou para o pacote e retribuiu com um grande sorriso.

— Addie. Isso é tão gentil. Entre, entre.

Examinei a sala de estar. Tudo parecia igual à última vez em que estivemos ali.

— Está tudo bem?

— Claro.

Olhei para a torradeira. Não apitava nem piscava, o que significava que não havia dispositivos intrusos por perto. Podiam estar observando-o mais de perto agora, mas eu ainda torcia para que o considerassem totalmente inofensivo. Porque ele era.

Trevor pareceu entender meus sinais e resolveu folhear a pilha de jornais pelos quais tinha se interessado tanto antes.

— Alguma visita inesperada?

— Sim. Você está aqui.

— E o que tem feito?

Ele chacoalhou o pacote de sementes.

— Tenho plantado coisas. E feito coisas.

Ele me levou até a caixa preta em cima da mesa.

— O que é isso, exatamente?

— Fale dentro dela.

Levei a caixa à boca.

— Alô.

Ela repetiu a palavra para mim. Se meu avô queria um gravador, não podia simplesmente comprar um? Eles tinham esse tipo de coisa no mundo Normal, certo? Talvez não.

— Legal.

— Deixe o Trevor testar — ele disse. Quando a entregou para Trevor, instruiu: — Diga algumas frases.

Trevor olhou para mim. Eu apenas dei de ombros, querendo dizer: “Faça o que ele pediu. Nós dois sabemos que ele é maluco”.

— Oi — Trevor disse. Como eu, devia ter ficado sem palavras para dizer a um objeto inanimado, porque tentou devolver a caixa depois que ela respondeu.

Meu avô estava muito ocupado observando o topo da cabeça de Trevor para se importar em pegar a caixa.

— Você é alto, juvenzinho.

— Sim, eu sou.

— Há quanto tempo é alto assim?

— Hum... — Ele sorriu, e percebi que tentava não rir. — Já faz um tempo.

Eu ri, peguei a caixa da mão dele e a deixei sobre a mesa.

— Temos que ir. Foi divertido ver suas coisas. — Só queria ver como ele estava. Agora que tinha confirmado que estava bem, queria passar mais tempo com Trevor, longe de coisas que me lembravam do Complexo.

Meu avô me deu outro abraço e, pela primeira vez desde que tinha me reencontrado com ele, relaxei. Era legal ter o vovô de volta na minha vida, especialmente porque meu pai e eu não estávamos muito bem. Retribuí o abraço. Era difícil acreditar que meu pai tivesse me privado daquela relação pelos últimos dez anos.

No elevador, Trevor falou:

— Me conte três coisas.

Olhei para ele.

— O quê?

— Da nossa outra vida. Três coisas.

Pensamentos e sentimentos fervilharam. Queria contar tudo para ele naquele momento, mas adorei a forma como ele tinha dado um limite. Três coisas. Pequenos passos. Era a cara dele. Mas o que contaria? Talvez devesse começar com as três primeiras.

— Nos conhecemos em um jogo de futebol.

Ele sorriu.

— Muito apropriado.

— Meu pai me obrigou a sentar na sessão dos alunos e você estava lá, ao lado de um assento desocupado. Foi o destino.

O elevador apitou quando chegamos ao térreo. Saímos e andamos até o carro.

— Certo, número dois. Na segunda-feira seguinte, na escola, esbarramos um com o outro na biblioteca, quando descobri que você odeia clássicos.

— Que clássicos?

Suspirei e balancei a cabeça.

— Livros clássicos.

— Ah é. Eca. Você gosta?

Eu ri.

— E número três. Por causa dessa reação, escrevi um bilhete para você sobre um ataque cometido pelos restos mortais do túmulo de Charles Dickens.

Ele riu.

— Você me amaldiçoou com um ataque do Dickens zumbi? Legal.

— Foi quando decidi que seríamos melhores amigos.

— Melhores amigos?

— Eu me enganei.

Chegamos ao carro e ele abriu a porta para mim. Olhei para o monte de coisas jogadas sobre o assoalho e ri. Era tão bom ter minha memória de volta...

Laila: É absolutamente necessário admitir quando se está errada?

Eli dormiu e, pela primeira vez naquela noite, minha ansiedade diminuiu. O chip pareceu ajudar. Observei os padrões mentais por um tempo, mas eles só me deixavam tonta. Para ele, parecia que tiravam a tensão dos ombros.

— Ele vai ficar bem? — Derek perguntou. Não tinha reparado que ele estava acordado.

— Vai. Onde você estava mais cedo?

— O papai disse que tínhamos que sair. Que Eli precisava de um pouco de tranquilidade.

— O papai te levou para algum lugar?

— Fomos para o campo perto da escola e jogamos futebol. — Ele tirou as meias, enrolou-as e jogou na minha cabeça. — Que surpresa, né?

— É. Boa noite, Derek. — Peguei as meias e, quando cheguei à porta, arremessei contra ele. Ele riu e se cobriu, talvez preocupado com a possibilidade de eu encontrar mais munição.

Meu pai assistia à televisão na sala de estar. Esperei um pouco, tentando organizar as ideias, sem saber exatamente o que queria dizer.

— O que foi? — ele perguntou de onde estava. — Desembucha. Seus pensamentos estão tão altos que não consigo assistir ao jogo.

— Estou preocupada com Eli.

— Ele vai ficar bem.

— Do mesmo jeito que você? Porque você está bem longe disso.

— Não sei, Laila. Ele vai aprender a lidar com isso do jeito dele. Qualquer que seja o jeito.

Não era exatamente o tipo de apoio que eu esperava, mas desde quando podia contar com meu pai para me consolar? A lembrança do meu irmão no armário, cobrindo a cabeça com o travesseiro, não saía da minha cabeça. Talvez pela primeira vez na vida, fui capaz de entender por que meu pai queria suprimir aquilo. Peguei minhas chaves no balcão.

— Vou sair. Não me espere acordado. — Não que ele já tivesse feito isso alguma vez.

Ele resmungou e aumentou o volume da televisão.

Agora que Eli tinha melhorado, percebi como tinha sido ingrata com Connor. Bati à porta do trem. Ele não demorou tanto para abrir dessa vez, mas ainda abriu só alguns centímetros.

— Oi — eu disse.

— Ei. Ele está bem?

— Melhor. — Limpei a garganta. — Obrigada.

— Que gosto senti ao dizer essa palavra?

— Um gosto terrível.

Ele sorriu. Ficamos ali em silêncio. Ele não me convidou para entrar, e eu sabia que era porque queria que eu pedisse. Ele gostava de dificultar as coisas para mim.

— Posso entrar?

— Por quê?

— Porque quero conversar.

— Por quê?

— Porque você está aqui, e quero saber o motivo.

Ele revirou os olhos e começou a fechar a porta. Pus a mão na beirada.

— Porque você precisa de mim, e nunca precisei tanto de alguém quanto preciso de você.

Ele me puxou para dentro e para perto dele assim que terminei a frase. Eu o agarrei, baixando as defesas que tanto tentei manter erguidas. Eu me sentia exausta sem elas. Talvez ele também estivesse cansado, porque sua mão tremia um pouco nas minhas costas. Encarei seus olhos. Perto assim, conseguia ver o castanho que parecia emergir do centro de uma piscina verde.

— Por que está aqui? — perguntei.

— Concluí que era o lugar onde a vida seria mais parecida com o Lado de Fora.

— Gostou de lá? — Eu não tinha certeza, porque ele pareceu muito incomodado no caminho de volta. — Devia ter me mostrado seus lugares preferidos.

— Você estava ocupada demais andando com o Duke por lá.

— Necessidade forçada.

Ele deu de ombros.

— Ficou com ciúme?

— Incontrolável — ele disse baixinho.

Eu ri.

— Acha isso divertido? — A mão dele, ainda nas minhas costas, puxou meu corpo para perto. Uma energia subiu pela minha espinha.

— Eu acho. — Mas não ia animá-lo tanto dizendo que não pensava em Duke quase nunca e pensava nele o tempo todo. É saudável deixar o cara sentir um pouco de medo.

Mas então ele perguntou:

— Tenho motivo para ter ciúme?

Não consegui evitar e respondi:

— Nunca.

Os lábios dele vieram de encontro aos meus suavemente, para me provocar. Não gostava que me provocassem. Cruzei os braços em volta do pescoço dele e puxei seu

rosto para perto de mim.

— Não faça eu me arrepender disso — eu disse, com a boca na dele.

— Estou surpreso que já não tenha se arrependido.

Sorri. Ele me conhecia bem. Talvez melhor do que eu gostaria, mas talvez o tanto que eu precisava. O ar gelado nos cercou, mas me sentia quente perto dele. Sua respiração na minha boca, as mãos nas minhas costas, o peito contra o meu... Diferente do nosso primeiro beijo, foi suave e cuidadoso. Senti uma dor por dentro, a maior alegria da minha vida. Agora sabia o que ele queria dizer quando tinha falado que felicidade real e felicidade forçada não eram a mesma coisa.

Queria ficar daquele jeito, perdida nele, mas sabia que precisávamos conversar.

— Sente ali para a gente poder falar.

Ele olhou para trás, para a cama para a qual eu apontava, e me sentei na cama ao lado.

— E você vai sentar aí? Temos que estar separados para conversar?

— Na verdade, sim.

— Por quê?

— Sente.

Ele deu o tipo de risada que indicava que sabia que a proximidade impediria qualquer tipo de conversa e se jogou de costas na cama. A primeira coisa que ele disse foi:

— Eu não devia ter te conhecido.

— O quê?

— Você acabou com a minha lista. As razões para ir, as razões para ficar. Eu já tinha resolvido

Sentei sobre meus pés.

— As razões para ir estavam ganhando?

— Sim.

— E agora?

— E agora você aparece. — Ele olhou para o teto. — Não quer ir embora daqui, quer?

— Não. — Nem se a Addie ficasse com o pai dela. Meus irmãos estavam aqui. Mesmo que a Addie se sentisse em casa lá fora, eu me sentia uma estranha. — Não vou pedir que fique por minha causa, Connor. Não quero de jeito nenhum que acorde um dia, cheio de amargura, e perceba que a culpa foi minha. — Que bom que ele estava a uns três metros de mim ou eu nem seria capaz de dizer aquilo. Acho que teria implorado para ele ficar.

— Ele não era Normal.

Demorei um pouco para encontrar as palavras.

— Seu pai?

— Ele era Telepata.

— Era? — Fui um pouco para trás, imitando a posição em que ele estava e olhando para o teto de metal do trem.

— Ele implorava para mim noite e dia. Minha mãe implorava para que eu não...

— Implorava o quê?

— Que eu o Curasse.

Aquelas palavras pairaram no ar, misturando-se ao frio, esperando que eu as assimilasse.

— Eu tinha doze anos — ele disse, por fim. — Não entendia. Ele só me disse que tinha uma parte do cérebro superdesenvolvida. Que queria que fosse todo igual. — Connor parecia muito angustiado. — Eu o Curei de sua habilidade.

— Curou a habilidade... — Demorou um bom tempo para cair a ficha. A informação e o frio se abateram sobre mim, amortecendo meu rosto. — Transformou ele em Normal?

— É.

— Era o que ele queria?

— Não. Ele tinha essa teoria que, se um Curador pudesse deixar uma seção do cérebro dele mais parecida com a de um Normal, teria um controle maior sobre quando e o quê ouvia. Mas nunca conseguiu convencer nenhum Curador a fazer isso.

Eu podia ouvir o som da minha própria respiração. Era isso que se devia fazer pelas pessoas com quem nos importávamos? Ouvir histórias sobre seu passado horrível? Não sabia o que dizer. Aquela era uma lembrança que devia ser mantida muito bem escondida e nunca vir à tona. Como a vez em que meu pai me deixou com um olho roxo e um corte no lábio. Nem meu pai podia se lembrar daquilo.

Mas aquele era o momento em que eu deveria dizer alguma coisa.

— Uau. Que droga. Pena que suas memórias não podem ser Apagadas.

Ele começou a rir. Primeiro baixinho, depois uma risada mais plena e profunda.

— O que é tão engraçado? — Não consegui evitar um sorriso ao ouvir aquele som.

— Minha mãe me obrigou a ir a um psicólogo por quase um ano depois que meu pai saiu do Complexo.

— Psicólogo? Tipo, alguém com quem se conversa? Nem sabia que isso existia aqui. Por que não te deram uns programas para aliviar a culpa?

— Não existe muita coisa que funcione em um Curador. Mas, de qualquer jeito, o psicólogo disse várias e várias vezes que eu só tinha doze anos, que não sabia o que estava fazendo. Meu pai não devia ter insistido para eu fazer aquilo. E agora você, depois de eu passar cinco anos me sentindo culpado, confirma que a minha culpa tem razão e que a minha vida é uma droga.

— É, bem, provavelmente só estou projetando. Eu sentiria um prazer doentio em acabar com a habilidade do meu pai. Tenho certeza de que você se sentiu mal de verdade. — Ele não discutiu. Continuei: — E, negando a si mesmo a oportunidade de usar sua habilidade no Lado de Fora, seu erro seria compensado de algum jeito? Você teria sua punição?

Ele inspirou e expirou devagar.

— Você é a única pessoa em quem usei minha habilidade em anos.

— Suprimir sua habilidade não vai trazer a dele de volta. Especialmente uma habilidade como a sua, Connor, que pode ajudar tantas pessoas. O psicólogo estava certo. Não foi sua culpa. Você só vai piorar o que já é ruim. — Virei o corpo para ficar de frente para ele. — Olhe só para mim, sendo toda motivacional e essas bobagens. Ouviu o que eu disse? Foi bom. Acho que nem a Addie teria feito melhor.

Ele sorriu muito discretamente, olhando para o teto. Suas mãos descansavam sobre o peito e ele deixou o braço que estava mais perto de mim cair para o lado, quando fez um leve sinal com os dedos.

— Quer que eu vá até aí? Porque essa tentativa de me chamar foi muito insatisfatória depois da minha incrível demonstração de habilidades conselheiras.

— Vem cá.

— Só vou porque estou congelando e você tem um cobertor. — Me arrastei pelo chão metálico até ele, que me abraçou bem apertado.

— Você é a primeira pessoa para quem conto isso, com exceção da minha família e do psicólogo, claro.

Passei a mão no peito dele.

— E você conversa com sua mãe sobre isso?

— No começo. Mas ela seguiu em frente.

— E seu pai? Você disse antes que não conhecia ele.

— Ele não fala comigo desde que foi embora. — A mão dele buscou meu braço, e ele parecia acariciá-lo inconscientemente, com a cabeça longe dali. — Tentei me encontrar com ele.

— Quando?

Enquanto ele passava os dedos em meu braço, eu sentia suaves formigamentos de energia na pele, que me deixavam arrepiada. Será que estava fazendo aquilo de propósito? Será que percebia que seu toque era quase elétrico? Devia ter algo a ver com a habilidade dele, e estava me enlouquecendo.

— Eu o vi uma vez há alguns anos e outra há alguns dias.

Minha respiração lentamente se misturou com o ar, formando uma névoa naquele frio.

— Foi ele que você foi ver quando estávamos em Dallas? Ele estava em Bowie?

— É. Mas não consegui. Dirigi duzentos e quarenta quilômetros e não consegui andar os últimos vinte passos até a porta da casa dele.

Não era de estranhar que ele estivesse tão arrasado no dia seguinte.

— Quando ele foi sentenciado a deixar o Complexo, não conseguia encará-lo nos olhos. E ainda não consigo.

— O quê? — Eu levantei, me apoiando nos cotovelos, e puxei o braço de volta para conseguir me concentrar. — Obrigaram ele a ir embora? Não sabia que faziam isso.

Ele me encarou.

— Fazem, e tenho certeza absoluta de que ele ainda me culpa.

— Ele devia culpar a si mesmo.

Ele inspirou e expirou algumas vezes.

— É mais fácil culpar outra pessoa.

— Você não parece ter dificuldade para culpar a si mesmo. — Olhei para ele, desejando diminuir a dor que ele sentia. — Por que não põe a culpa em mim por um tempo? Descansa um pouco?

Ele deu uma risada.

— Porque você não teve nada a ver com aquilo.

— Só um pouco menos do que você teve.

Ele fechou bem os olhos e me puxou de volta para seus braços.

— Obrigado — ele sussurrou no meu cabelo.

— Que gosto senti ao dizer essa palavra?

Ele riu.

— Um gosto terrível.

Addie: Apparently não tenho autocontrole.

Não tinha certeza do que dizer a Stephanie. Queria conversar sobre o assunto com Trevor, perguntar o que deveria dizer a ela. Mas parecia esquisito perguntar a ele como eu deveria falar com sua ex-namorada sobre meus sentimentos. Já sabia que não importava muito como eu pretendia contar para Stephanie que gostava do Trevor; eu ia parecer superbabaca de qualquer jeito. Mais do que babaca.

O que quer que decidisse falar para ela, o melhor momento com certeza não era enquanto nos aprontávamos para o baile de inverno no quarto dela. Não com aquele enorme pôster colado na parede, com um círculo destacando o rosto do Trevor. Não com as fotos dela e de Trevor que tinha visto da última vez, grudadas ao redor do espelho. Não, essa noite definitivamente não seria um bom momento para contar.

— O que vai fazer no cabelo? — Stephanie perguntou enquanto passava mais uma camada de rímel.

— Estava pensando em deixar solto. Será que fica bom?

— Acho que devia fazer um coque meio solto e deixar alguns cachos caírem em volta do rosto e do pescoço. Vai ficar bem charmosa. Quer que eu faça?

— Claro.

Fiquei de frente para o espelho, e ela se posicionou atrás de mim. Enquanto eu tentava olhar para qualquer lugar que não fosse as fotos dela com Trevor, me lembrei da última vez em que Stephanie perdeu Trevor para mim. Ela não ficou nem um pouco feliz. Fez planos para me destruir. Quis me expor para ele, contar meus segredos. Não se deve mexer com uma garota que tinha sido rejeitada.

— Não consigo acreditar que você e Trevor me convenceram a passar meu baile de inverno com o Rowan, Addie.

— Ele não é tão ruim quanto você pensa.

— Bem, nada, nem mesmo ele, vai estragar minha noite.

Ela não disse nada sobre o dia seguinte. O dia seguinte poderia ser estragado.

Os garotos apareceram, e tentei ao máximo controlar meu olhar. Eu não precisava devorar Trevor com os olhos, mas, nossa, ele estava lindo.

— Addie, você está linda — Rowan disse. — E Steph, você também está muito bonita. *Você está perfeito*, transmiti o pensamento para a mente de Trevor.

— Não é justo — ele disse em voz alta.

— O que não é justo? — Stephanie perguntou.

— É, Trevor, o que não é justo? — acrescentei.

Ele deu aquele sorriso incrível.

— A quantidade de beleza neste lugar. É melhor a gente ir.

Stephanie ficou radiante, como se aquele elogio fosse apenas para ela, e deu o braço para Trevor. Não tinha certeza se aquilo era uma boa ideia, no fim das contas. Se Trevor fosse ao baile sem mim, pelo menos não teria que testemunhar nada. Rowan ofereceu o braço para mim, e eu aceitei. Era melhor que aquela noite torturante acabasse rápido.

No Complexo, havia bailes na escola duas vezes por ano. Eram fantásticos. O salão era coberto de efeitos visuais e ilusões relacionados ao tema escolhido. Alguns anos atrás o tema tinha sido “Pôr do sol no oceano”, e uma parede inteira do prédio parecia o mar, com um pôr do sol cercando a pista durante a noite toda.

Esse baile não era nada parecido. A decoração era brega, a banda, mais ou menos boa. Mas tudo ali era real e representava o trabalho duro de um comitê. Eu admirei o esforço, mas ver Stephanie e Trevor dançarem a terceira música lenta juntos me deixou à beira de estourar sozinha todos os balões da decoração.

— E então... — Rowan disse. — Vou ter que perguntar pela terceira vez ou você escutou?

Voltei minha atenção para Rowan, que fazia um ótimo trabalho garantindo que nosso vai e vem seguisse o ritmo da música.

— Desculpa. O que foi?

— Foi o que eu pensei. Ajuda saber que ele também gosta de você?

— Quem?

— Quem? — Ele gargalhou. — Não sei, talvez o cara que você está secando faz meia hora?

— Desculpe.

— Tudo bem. Já me disseram que umas sete horas tenho que roubar a Stephanie para dançar, para que ele possa dançar com você. — Rowan olhou para o relógio. — Vai ser na próxima música.

— Sério? — Eu o abracei. — Obrigada.

— Como vai contar para ela? Sabe que a fúria dela é maior que a de qualquer um.

— Eu sei. E não tenho ideia de como contar. Alguma sugestão?

Ele gargalhou de novo.

— Correndo? — A música acabou e nos separamos. Trevor e Stephanie se juntaram a nós.

— Se tivesse cuidado da decoração este ano, não teria escolhido esses balões tão anos 1990. São tão bregas!

— Eu até gosto — eu disse.

— Decoração? — Rowan perguntou, e depois observou ao redor como se tivesse acabado de perceber.

— Você é muito distraído — Stephanie disse. Fomos até a mesa de comida porque a música que estava tocando era bobinha e agitada. Pareceu durar uma eternidade. Quando tocou o primeiro acorde de outra música, meu coração acelerou. Eu esperava que o plano de Rowan desse certo.

Stephanie se virou para Trevor, e Rowan pigarreou.

— Vamos trocar nessa música. Quer dançar, Steph?

— O quê? Não. — Ela agarrou a mão do Trevor.

— Na verdade, até que seria divertido — eu disse. — Só uma música.

— Eu topo — Trevor afirmou.

— Tudo bem — Stephanie disse, suspirando. — Uma música.

Trevor me levou até o meio da pista.

— Oi.

Eu sorri. Ter sua mão nas minhas costas era uma sensação familiar e incrível. Seus ombros eram largos e fortes sob meu toque.

— Oi.

— Me conte três coisas.

Eu sorri. Adorava esse jogo. Me deixava feliz.

— Uma vez ficamos presos no carro do diretor depois de perder uma aposta. Tínhamos que roubar um boneco que estava lá dentro. Só que o Rowan, que deveria distrair o diretor, não fez seu papel muito bem, e o alarme disparou.

— O que fizemos?

— Conversamos até o Rowan conseguir as chaves e nos soltar.

— Parece interessante.

— Ah, e teve uma vez que você tentou provar como era forte e me carregou. Isso foi muito antes de ficarmos juntos, por sinal.

— Quando você ainda achava que eu deveria ser seu melhor amigo?

— É.

— E eu te levantei. Como?

— Foi rápido. Você me puxou para perto e sem perceber eu já estava no ar, com você me segurando pela perna.

— E ainda achava que eu queria ser seu amigo?

Eu ri.

— Eu te disse. Não era muito boa para entender seus sinais.

Ele levou a minha mão que ele segurava sobre seu ombro. O espaço entre nós diminuiu.

— Já aprendeu meus sinais?

Eu estava hiperatenta a cada centímetro do corpo dele: as mãos, que agora estavam na minha cintura, um de seus pés entre os meus, o peito contra o meu. Senti um calor subir por minhas costas. Meu coração disparou. Meu peito expandiu.

— Acho que sim — sussurrei. Senti a energia se acumular à minha volta e só depois percebi o que tinha feito.

Ele notou antes.

— O que aconteceu com a música?

Ela tinha se transformado em um barulho distorcido. Olhei em volta, e todos na pista estavam praticamente parados.

— Você está fazendo isso? — ele perguntou.

Tentei me acalmar, esperando que a velocidade do tempo voltasse ao normal mais rápido desse jeito.

— Apenas fique parado. Se a gente se mexer, todo mundo vai perceber.

— Addison?

Levantei a cabeça e olhei para ele. Ele levou a mão o mais devagar possível até a minha bochecha. Encostei o rosto na palma dele. Senti a felicidade explodir dentro de mim, o que fez a música parar completamente.

— Ninguém está se mexendo — Trevor disse. — Quer dizer que não conseguem ver a gente?

— Não sei. Nunca aconteceu antes. — Se tivesse que adivinhar, diria que não.

— Então provavelmente posso fazer isso. — Muito devagar, ele levou os lábios até os meus. Embora esperasse por isso, perdi o fôlego quando nossos lábios se tocaram.

— Acho que eu te amo — eu disse, com a boca encostada na dele.

— Acho que posso me acostumar com isso — ele respondeu. Eu sabia que ele ainda não podia me amar. Só tinha começado a me conhecer agora. Então, era a melhor resposta que podia me dar. Uma nova onda de felicidade se formou dentro de mim. O tempo não ia voltar ao normal tão rápido. Passei os dedos pelo cabelo dele e o beijei de novo. Mesmo durante o beijo, continuamos devagar, com calma, o que apenas intensificava cada movimento e aprimorava meus sentidos cada vez que ele respirava.

A música voltou a ser um barulho e me afastei de Trevor. Assimilei o que estava acontecendo à nossa volta e vi duas pessoas olhando diretamente para nós. Suas expressões estavam deformadas porque mal se mexiam. Uma delas era Stephanie. A expressão dela estava distorcida entre surpresa, mágoa e muita raiva. A outra pessoa, bem na entrada, era Duke Rivers.

Laila: Homens não pensam.

Percorri o caminho já familiar que levava à garagem de Connor. Ele estava mexendo na moto. De novo. Quanto uma pessoa sozinha podia modificar em uma única moto? Às sete da noite? Será que ele fazia outra coisa em algum momento? Talvez tentasse compensar os três dias perdidos no trem.

Ele levantou a cabeça quando entrei e em seguida olhou de volta para a moto, com um sorrisinho se formando no canto da boca. A pequena demonstração de que estava feliz em me ver irradiou alegria por todo o meu corpo.

— Achou um centímetro do guidão que não parecia Normal o suficiente para você? — Sentei na banquetta perto da bancada.

— Só estou mexendo na calibragem.

— Parece importante... e chato.

— É bem menos chato agora que você está aqui.

Eu resmunguei.

— É bom mesmo que diga isso, depois de semanas me ignorando toda vez que eu aparecia aqui.

— Ignorando você?

— Sim, só dava atenção para essa moto. Nunca tive tanto ciúme de um objeto inanimado.

Ele deu uma risadinha.

— É impossível te ignorar, Laila. Estava muito consciente do local onde estava, para o que olhava, de cada respiração sua.

— Uau. Olha só! Você sabe dizer coisas românticas. — Eu fui até a moto e pus a perna sobre o assento. — E quando sento na sua moto? Isso te incomoda?

— Se não estivesse bem na frente de onde eu estava mexendo, talvez não incomodasse tanto. — Ele beijou meu pescoço, me abraçou pela cintura e me tirou de cima da moto.

— Ha! Viu? Tenho mesmo que ter ciúme desse pedaço de metal.

— Eu é que tenho que ter ciúme — ele resmungou baixinho e voltou à moto.

— Não, eu tenho certeza de que odeio essa moto, então não há motivo para ciúme.

— Achei que você e o Duke já tinham parado com os esquemas — ele disse, de costas para mim, apertando um parafuso.

— Não sei de nenhum esquema com o Duke. Não faço ideia do que você está falando.

— O que ele quer fazer com um dispositivo de escuta?

— O quê?!

— Hoje de manhã ele veio aqui procurando por um chip corporal. — Connor deve ter notado minha confusão, porque acrescentou: — Um dispositivo de escuta que pode ser acoplado ao corpo. Geralmente é usado para espionar pessoas.

Espionar pessoas?

— E você vendeu um para ele?

— Ele disse que você o mandou aqui. E também trouxe dinheiro vivo, ao contrário de alguns clientes meus.

— Minha beleza é minha moeda, gato.

— Isso é verdade.

— Eu não mandei ele vir. — Suspirei, pensando no que Duke poderia querer com um dispositivo de escuta. — Ah, não... — Peguei o celular e liguei para ele. Ninguém atendeu. — Que tal me levar para dar uma volta na sua moto? — Peguei um capacete reserva na prateleira.

— Aonde vamos?

— Para a casa do Duke.

— Você não se importa mesmo com meus ataques de ciúme, né? — ele perguntou com um tom muito equilibrado, e um sorriso discreto me fez perceber que estava mais ou menos brincando.

— Agora não.

Ele guardou a ferramenta que segurava e pôs o capacete.

— Vamos lá.

Sentei atrás dele e primeiro tentei apenas segurar sua cintura. Mas, quando ele acelerou, cortando a noite, e as luzes da rua passaram voando como um borrão, me agarrei bem forte.

— Sabe, acho legal conseguir respirar quando estou dirigindo — ele disse, com a voz saindo pelo alto-falante do capacete.

— É, bem, e eu gosto de conseguir continuar viva, então não vou soltar.

Paramos em frente à casa do Duke, e desci da moto o mais rápido que pude. E eu que já odiava aquela moto antes de andar nela... Definitivamente, era menos fã dela agora. Não esperei Connor terminar os agradecimentos que dispensava àquela máquina quando terminava uma corrida e fui até a porta. Antes que pudesse bater, uma voz robótica do lado de dentro anunciou minha chegada. Nem percebi que tinha sido escaneada.

A sra. Rivers abriu a porta.

— Oi, Laila. Bem-vinda — ela disse, bem no momento em que Connor apareceu atrás de mim. — Duke não está aqui. Saiu à tarde.

— A senhora sabe para onde?

— Foi conhecer o campus da faculdade em Dallas. Quando estive lá para o jogo de futebol, percebeu como gostava da cidade.

Certo. Uma viagem para conhecer o campus da faculdade. Só vendo para acreditar.

— Tudo bem, obrigada. Sabe quando ele volta?

— Não tenho certeza. Quer que diga que você passou aqui?

— Não, obrigada.

— Então, qual é o plano? — Connor perguntou quando saímos.

— O que exatamente ele pode fazer com um dispositivo de escuta? Imagino que possa gravar conversas. Se contou seus planos para o Comitê de Contenção antes de partir, existe algum jeito de transmitir o que estiver gravando diretamente para eles?

Ele nem precisou responder. A expressão em seu rosto confirmou minha suspeita.

— Ele vai acabar com a vida da Addie.

— Ele faria isso?

— Ele e os caras do time usaram suas habilidades para ferrar de vez o ombro que Trevor usava para arremessar. Duke é capaz de qualquer coisa. — Liguei para Addie. Ela não atendeu. Tinha contado que estaria naquele baile estúpido hoje à noite. Será que estava sem celular, então? Tentei de novo. Olhei para Connor. — Ela não atende.

— Vem cá, tive uma ideia.

Subimos na moto de novo e, quando estacionamos em frente à casa do Rosto, perguntei:

— Por que estamos aqui?

— O Rosto tem uns pássaros que usa para observar Paranormais no mundo Normal. Ele gosta de monitorar atividades suspeitas. Especialmente filhos de Paranormais que foram expulsos ou que saíram daqui.

Levantei a sobancelha.

— Por quê?

— Ele gosta de estudar habilidades diluídas pelo DNA Normal. Ou que não foram inibidas pelo programa do DDH.

— Ele está espionando a Addie? Por que não me contou?

— Não tenho certeza se está espionando ela. Mas espero que esteja, para que a gente possa ver o que está acontecendo com ela agora. — Ele bateu à porta. — Não me olhe desse jeito. Não sou eu que estou espionando; é ele.

Resmunguei e virei meu olhar de reprovação para a porta. Ela se abriu.

Um homem loiro de meia-idade surgiu à nossa frente. Agora que eu sabia que ele era um adolescente, me sentia menos intimidada.

— Você devia experimentar um rosto de menina. Ia ficar bem em você.

— Ah, é o casazinho. O que querem?

Connor sorriu.

— Addison Coleman. Tem observado ela? Precisamos de informações.

Ele devia respeitar Connor, porque nos deu passagem para entrar. Nós o seguimos até a sala onde estive na primeira vez, com todos os computadores. Ele sentou à mesa e clicou em algumas janelas no computador.

— Como ficou sabendo que devia começar a observá-la, afinal? — perguntei.

— Eu posso ou não estar conectado ao sistema da Torre, que me diz quem sai do Complexo e em quem o Comitê tem interesse.

No meio da parede à nossa frente, seis telas projetadas ficaram escuras e depois formaram uma imagem grande de um estacionamento.

— Addison tem uma habilidade interessante. Manipulação de tempo. Pode usá-la de várias maneiras, inclusive.

Por um instante, todos olhamos fixamente para o estacionamento na parede.

— Parece que ela não está disponível.

O pássaro metálico na mesa bateu as asas. Parecia tão real...

— Então como você hackeia os pássaros do Comitê de Contenção? — perguntei, ainda olhando para ele.

— Esses não são do Comitê de Contenção — ele respondeu soando ofendido. — Foram projetados por mim. O Comitê só pensa em manter o Complexo em segredo. Acha que arriscariam se expor mandando algo assim para o mundo Normal? — Ele deu tapinhas na cabeça do pássaro. — Eles geralmente infiltram *pessoas* na Normalândia, não coisas.

Como os agentes que Addie tinha encontrado. Balancei a cabeça.

— Vocês são muito caras de pau. Como ainda não foram pegos?

O Rosto riu, e seu cabelo loiro ficou totalmente preto.

— As pessoas veem o que querem ver.

— Parece mais que elas veem o que *você* quer que vejam. — Connor estava na minha frente, e corri o dedo nas costas dele. Ainda era estranho poder tocá-lo sabendo que ele não ficaria irritado; sabendo que, na verdade, queria que o tocasse. — Está a fim de ir para Dallas?

Ele assentiu.

— Claro.

Ele e o Rosto foram para a porta, mas eu parei quando as telas mostraram imagens individuais novamente. Então me dei conta do motivo real pelo qual Connor vendia programas para o Rosto. Era sua desculpa para vir aqui. Examinei as telas, imaginando qual delas mostrava o pai do Connor. Quantas horas não devia ter passado ali observando a vida dele? Vendo seu pai viver sem ele?

— Não é tão patético quanto parece. — Connor se apoiou no batente da porta.

— Não tem nada de patético em querer ver o próprio pai. Ele esteve presente durante doze anos da sua vida.

Ele olhou para trás de mim e acompanhei seu olhar. Na tela do canto, um homem tinha acabado de estacionar em frente a uma casa bege e ajudava uma criança a sair do carro.

— Se sairmos agora, provavelmente chegaremos à casa da Addie antes da meia-noite — Connor disse.

Vi a garotinha correr até a casa, e meu peito ficou apertado de raiva. Ele tinha começado uma nova vida. Esquecido Connor. Controlei minhas emoções antes de me virar para ele. Ele olhou para baixo e suspirou. Me aproximei e apoiei os braços no ombro dele, forçando-o a olhar para mim.

— Posso lidar com isso — ele garantiu. — Vou parar de vir aqui. Vou parar.

Encostei a testa no ombro dele.

— Sinto muito. — Soltei uma risada sem querer. — Nós dois somos tão ferrados. Tem certeza de que servimos um para o outro?

Para responder à pergunta, ele me puxou para perto e respirou fundo. Depois virou e disse:

— Vamos.

Olhei outra vez demoradamente para a tela, que agora só mostrava o exterior de uma casa. Se aquele homem não queria Connor em sua vida, era ele quem estava perdendo.

Eli sentou no banco de trás. Se Duke tinha envolvido o Comitê de Contenção naquela história, queria todas as habilidades que pudesse comigo. Ele usava fones de ouvido que tocavam uma música tão alta que eu quase ouvia tão bem quanto ele. Fiquei me perguntando se aquilo ajudava a bloquear os pensamentos das pessoas.

— Na verdade, não! — ele gritou. — Então continue falando.

Pus o dedo sobre os lábios e puxei um dos fones.

— Não precisa gritar.

Ele apontou para Connor e para mim.

— Você disse que vocês dois iam conversar. — Antes de a viagem começar, Eli disse que pessoas pensavam menos enquanto conversavam. Concordamos em fazer nosso melhor. Mas, depois de uma hora, Connor, que já não era muito falante, ficou sem assunto.

Eli tirou o outro fone.

— Connor, você deve pensar bem menos que minha irmã ou é muito bom em bloquear pensamentos.

— Posso garantir que penso bem menos que sua irmã.

Aquilo era uma grande bobagem. Connor vivia dentro da própria cabeça.

— Minha irmã acha que você disse uma grande bobagem.

— Ha! — Connor disse. — Vai ser bom ter esse moleque por perto.

Eu agarrei e apertei o joelho do Connor.

— Está escondendo alguma coisa de mim. Você tem algum segredo para conseguir bloquear?

— Acho que te vendi um aprimorador de bloqueio um tempo atrás.

— Vendeu. Acho que tenho que praticar mais.

— Comece agora — Eli pediu. — Por favor. Não aguento mais te ouvir pensar no quanto o Connor é gostoso. E se quer saber o que ele usa no cabelo, pergunte para ele.

Connor riu, e eu revirei os olhos.

— Eli, agora você vai escutar meus pensamentos sobre a sua morte iminente. — Depois, dei um soco no ombro do Connor. — E pare de rir! Seu cabelo não é tão bom assim.

Ele passou a mão no cabelo.

— Meu cabelo é incrível.

Se Eli não estivesse ali, eu estaria passando a mão no cabelo dele naquele instante. Lembrei do jeito que me senti nos braços dele naquele dia no trem, com os dedos enroscados em seu cabelo. Então, interrompi a lembrança e olhei para Eli.

— Guarde esse pensamento para você.

— Pode acreditar. Preferia não ter escutado. Sem chance de eu repetir isso. — Ele enfiou os fones de volta no ouvido. — Conversem.

Percebi que ele tinha ficado aborrecido por ter interceptado aquele último pensamento.

Me senti mal.

— Então, pode me ensinar? — perguntei para Connor.

— Bem que eu queria. Acho que essa é outra vantagem da minha habilidade. Minha mente não é aberta. Essa teoria é minha, mas acho que parte do poder de um Telepata deve ter algo a ver com abrir canais até os pensamentos das pessoas. E, como minha mente se cura rápido, eles só conseguem captar um ou outro pensamento ocasional. Fico feliz por isso agora, porque seu irmão não precisa ouvir o que estou pensando sobre você. — Ele pegou minha mão e a levou de volta para seu joelho.

Eu resmunguei.

— Isso é injusto. Aposto que sua habilidade também deixa seu cabelo brilhante.

Ele riu.

— Espere... Se as pessoas não conseguem entrar na sua mente, aquela vez que eu e Duke fomos na sua casa, ele não conseguiu fazer nada com seus sentimentos? Por que me deu o endereço do Rosto, então?

Connor só sorriu.

— Me conta.

— Você estava procurando problemas. Sabia que você ia encontrar, de um jeito ou de outro. Talvez quisesse ficar de olho.

Eu segurei a mão dele e apertei bem forte. Por mais que gostasse de me cuidar sozinha, era bom que alguém tomasse conta de mim de vez em quando.

— Tentou ligar para a Addie de novo?

Peguei o celular. A tela não mostrava nenhuma chamada perdida. Liguei assim mesmo. Caiu na caixa postal.

— Nada.

— Então, qual é o plano se o Comitê tiver descoberto que ela contou para outras pessoas sobre o Complexo intencionalmente?

— Não sei. Alguma ideia?

— Vamos torcer para que não tenham descoberto, porque certos procedimentos são irreversíveis.

— Como ser Curado de uma habilidade?

Ele assentiu.

— Eles não fariam isso... fariam?

— Não duvido. Especialmente porque você já reverteu o procedimento que fizeram no Trevor. Se o Duke contar para eles e conseguir alguma prova, ela está ferrada.

— Acelere.

Addie: Meu ex-namorado gato é irritante.

— Precisamos ficar completamente parados. A Stephanie está olhando para nós. Se nos mexermos, vai parecer que estamos em supervelocidade. — Eu disse isso tentando mover os lábios o mínimo possível. — Ela não pode suspeitar de nada. — Se, de algum jeito, ela descobrisse minha habilidade, minha vida estaria acabada.

— Ela viu a gente se beijando?

— Viu.

— De qualquer jeito, ela precisava saber.

— Eu sei, mas não queria que fosse assim. Eu acabei de estragar a noite dela.

— *Nós* acabamos de estragar a noite dela.

A música e as pessoas lentamente recuperaram a velocidade. A cada batida mais acelerada, Stephanie se aproximava mais de nós. Ela chegou ao nosso lado assim que o tempo voltou ao normal.

Não sabia bem o que esperar, mas não esperava que ela me desse um tapa na cara. Todo o ar que respirei saiu em uma lufada, e massageei minha bochecha.

Trevor agarrou-a pelo punho.

— Pare.

— Desculpe — eu disse, tentando recuperar o fôlego. — Não queria que descobrisse desse jeito.

— Ah, então foi por isso que beijou meu namorado no meio da pista de dança? Porque não queria que eu descobrisse?

— Stephanie, não sou seu namorado. Você sabe disso.

— Mas poderia ser. Odeio vocês dois.

Naquele momento, Duke passou perto do nosso triângulo. *Acalme-a*, enviei para a mente dele.

— Pensei que não gostasse de emoções falsas — ele me disse.

Stephanie deu meia-volta e foi embora.

— Você devia ir atrás dela. Conversar com ela — eu disse para Trevor.

— Tem certeza? — Ele olhou para Duke.

— Tenho.

— Tudo bem. Já volto. — Ele disse isso mais para Duke do que para mim. E o beijo que me deu antes de ir definitivamente tinha sido para Duke ver, mas, mesmo assim, fez meu coração palpitar.

— Por que está aqui? — perguntei quando Trevor saiu.

— Não sou do tipo que simplesmente deixa para lá. Ainda gosto de você.

— Duke, eu fiz minha escolha. Por favor, não deixe isso mais difícil do que precisa ser.

— Então quer que eu facilite?

— É melhor você ir — eu disse. — Como conseguiu entrar aqui? Você não é aluno.

Ele levantou as sobrancelhas, como se estivesse surpreso por eu ter perguntado. Sim, ele provavelmente fez uso de seu charme para entrar. Ele não via problema em conseguir o que queria com sua habilidade.

— Precisamos conversar. Estou preocupado com você. Não acredito que contou tudo para o Trevor.

Olhei ao redor e pus o dedo sobre os lábios, dizendo a ele para calar a boca.

— Não sei do que está falando — disse. — Trevor não sabe de nada. — Tínhamos nos esforçado demais guardando o segredo para Duke chegar e estragar tudo.

— Bem, eu sei, mas estou falando sobre o Complexo. Por que contou para ele?

Peguei a mão dele e o puxei para a pista. Se ele insistia em falar essas coisas em voz alta, com Normais por perto, pelo menos tínhamos que estar no meio de uma multidão, onde a música e as vozes encobririam nossa conversa.

— Quer dançar? — ele perguntou, me puxando para os seus braços. Fiquei irritada quando suas mãos tocaram minhas costas e o calor se espalhou por meu corpo. Odiava aquela habilidade dele.

— Escute, não pode dizer coisas assim aqui. — Se o Comitê de Contenção nos ouvisse falando sobre o Complexo com Normais por perto, eu voltaria à estaca zero.

— Onde, então? Onde podemos conversar? Porque isso é sério, Addie. Não devia ter contado. Ele não é um de nós.

— Isso não é da sua conta.

— Talvez eu tenha feito ser da minha conta.

— O que quer dizer com isso?

— Só diga o que contou para ele.

— Não contei nada.

Ele resmungou, frustrado, e olhou fixamente para mim. Seus olhos azuis brilhavam intensamente.

— Apenas saia comigo. Podemos conversar no meu carro.

— Não.

— Onde, então?

— Em lugar nenhum, Duke. Acabou.

— Se não falar comigo, vou te denunciar para o Comitê de Contenção.

Fiquei boquiaberta, e me desvencilhei das mãos dele.

— Por que faria isso?

— Porque talvez eu queira que Apaguem o Trevor da sua memória.

— Então parece que vai falar com eles de qualquer jeito.

— Não. Se me explicar o motivo, o que passa pela sua cabeça, não vou.

Ele realmente achava que eu ia gostar mais dele com aquela demonstração horrorosa

de ciúmes e controle?

— Tudo bem. Mas estou esperando Trevor, então me encontre lá fora em uma hora.

— Uma hora?

— Tenho certeza de que vai encontrar alguma coisa para fazer até lá. Dance com alguma garota ou algo assim.

Ele suspirou e perambulou até a mesa de comida. Eu fui procurar Rowan.

Mais de uma hora depois, Trevor ainda não tinha voltado. Duke olhou para mim do outro lado da pista e sinalizou para a saída com a cabeça. Eu dei de ombros e balbuciei: “Encontro você lá fora”. Então, saí pela mesma porta que Trevor tinha passado mais cedo, esperando encontrá-lo. Procurei pelos corredores e não o encontrei. Nós quatro tínhamos chegado no mesmo carro — o Jaguar do pai da Stephanie —, e ele não estava no estacionamento. Que ótimo. Trevor tinha ido para casa com ela? Por que havia me falado que voltaria, então? Fui pegar meu celular e lembrei, assim que minha mão tocou a seda do vestido, que o havia deixado no porta-luvas do carro.

Ao voltar para dentro, encontrei Rowan.

— Steph e Trevor foram embora.

— O quê? Por quê? Minhas coisas estão no carro dela.

— Talvez porque Trevor e eu nos beijamos.

— Ai.

— É. — Uma sensação de pânico cresceu dentro de mim. — Ei, tenho que correr. — Dei um abraço nele. — Desculpe por te largar. Eu me diverti hoje.

Corri de volta para o estacionamento. Não sabia com que carro Duke estava, considerando que não poderia ter vindo em um carro do Complexo. Examinei o lugar, procurando pelo maior e mais chamativo, e vi um Hummer amarelo parado no fundo.

Fui até o lado do passageiro e bati na janela. As portas se destrancaram com um estalo. Entrei.

— Pode me emprestar o celular? — perguntei.

Duke o tirou do bolso. Liguei para Trevor, mas ninguém atendeu. Stephanie devia estar gritando tão alto que ele não ouviu ou ele não quis ser rude e atender o celular no meio de uma conversa séria. Deixei uma mensagem.

— Ei, Trevor. Ainda estou aqui. Pode me ligar quando... hum... terminar aí? — Desliguei.

Olhei para a tela sem vida e devolvi o aparelho para o Duke. Seria muito estranho aparecer na casa da Stephanie àquela altura. Trevor lembraria de pegar meu celular para mim.

— E então? — ele disse. — Vamos conversar.

Passei a mão pelo interior do carro. Embora o Comitê não tivesse como saber que Duke estaria comigo hoje, ainda queria ter certeza de que o carro estava limpo. Era possível que colocassem escuta em todos os carros alugados.

— O que está fazendo?

— Procurando alguma escuta. — Eu me arrastei até o banco de trás, com os joelhos

escorregando no tecido do vestido. Lá atrás, continuei procurando.

— Addie, isso é paranoia.

— Não é. — Quando vi que não encontraria nada, encostei no banco traseiro.

Ele olhou para trás.

— Não quer vir para cá?

— Estou bem aqui.

Ele inclinou um pouco a cabeça e então veio para o banco de trás comigo com um sorrisinho no rosto. Como se achasse que aquilo era romântico ou algo assim. Eu só queria dar um tapa na cara dele. Ele enviou uma onda de felicidade em direção ao meu corpo. Eu me afastei e o apoio de braço machucou minhas costas.

— Desculpe — ele disse. — Às vezes o que eu sinto simplesmente transborda.

— Por que está tão feliz? Estou aqui para te convencer de que precisa me deixar em paz.

— Então por que contou para Trevor e por que acha que devo guardar isso para mim?

— Porque eu amo o Trevor. Eu o conheci em uma vida que Investiguei e, se você se importa mesmo comigo, vai respeitar isso.

— Então admite que contou para ele?

— Por que é tão importante para você que eu admita? É claro que contei. Ele sabe tudo. Ele não se importa com habilidades e com o Complexo. Ele se importa comigo.

Então ele deu um sorriso muito satisfeito. Como se dizer que Trevor gostava de mim fosse a melhor coisa que eu já tinha dito para ele.

— E Laila Restaurou a memória dele depois que o Comitê de Contenção as havia Apagado?

— Sabe a resposta.

— Mas eu não tinha ideia do que estavam fazendo.

— Tudo bem. Aonde quer chegar?

— Você fez isso.

— E daí?

Ele fez um sinal positivo com a cabeça.

— Ótimo.

Fiquei confusa.

— Então está tudo bem entre nós? Vai me deixar em paz?

— Sim. Vou.

Segurei a maçaneta, pronta para sair, mas parei. Não queria voltar lá para dentro sozinha.

— Pode me levar para casa? — Ligaria para Trevor de lá.

Duke assentiu, e passamos todo o caminho em silêncio. Fiquei me perguntando se aquilo era um recorde para ele. Quando saí, ele me puxou e me abraçou.

— Addie, não tem que ser assim. Somos feitos um para o outro. Trevor nunca vai ser o que você precisa. Ele é Normal.

— Duke, pare. Por favor. — Eu o empurrei para longe.

Ele suspirou e passou a mão pela manga da camisa.

— Bem, obrigado por me contar. Isso vai deixar tudo do jeito que deve ser.

Laila: Como se diz “ferrado” na língua Normal?

O solavanco dos pneus na estrada esburacada me acordou com um susto. Abri os olhos e, por um instante, esqueci onde estava. Mas então me lembrei de que tinha tentado não dormir, minha cabeça fazendo aquele movimento constrangedor de cair para a frente e voltar para trás. Não importava quantos padrões mentais de alerta eu tenha escaneado, não conseguia me manter acordada. Minha privação de sono nos últimos dias começou a cobrar seu preço. Então Connor ofereceu a perna e eu deitei com prazer, adormecendo imediatamente.

— É só um trecho da estrada. Estou bem. — Connor passou a mão no meu rosto.

Eu me espreguicei.

— Tem certeza de que não está cansado? Posso dirigir. — Abafei um bocejo. — Que horas são?

— Não são nem onze. — Ele apontou para uma placa assim que passamos por ela. Dizia que faltavam dezenove quilômetros para Dallas. Espiei o banco de trás. Eli estava apagado, sua música ainda tocava alto.

— Dirigiu rápido. — Tirei meu celular do bolso. — Meu celular tocou? — perguntei, apesar de não ter nenhuma notificação de chamada perdida na tela.

— Não. Provavelmente Addie não levou o celular para o baile. Ficaremos bem. — Ele obviamente percebeu que eu estava preocupada e tentou fazer de conta que o fato de Addie não atender o celular não significava que Duke havia tido sucesso em sua missão e que o Comitê de Contenção Apagaria tudo o que era importante para ela. Ou pior: a arrastaria de volta para o Complexo para ser vizinha de Bobby. Duke era um idiota.

Duke. Liguei para ele de novo. Fiquei surpresa quando finalmente atendeu.

— Ei. O que foi?

— Ei, o que foi digo eu. É melhor que não esteja fazendo o que acho que está.

— Não faço ideia do que está falando.

— Você está em Dallas. Viu a Addie?

— Para falar a verdade, acabei de deixar ela em casa. — Por que ele pareceu tão feliz em dizer aquilo?

— O que você fez com ela?

Eu conseguia notar o sorriso na voz dele quando disse:

— Cumpri meu dever como cidadão do Complexo.

— Estou prestes a cumprir meu dever com a sua cara. O que você fez?

— Não se preocupe. Ela vai ser mais feliz assim.

— Ela ou você?

— Os dois.

— Não tem ideia do que acabou de fazer. Isso é mais sério do que você imagina. Eles não vão saber só que ela desrespeitou descaradamente às leis do Complexo, mas também que pediu para Restaurar as memórias do Trevor. — Eles iam mesmo fazer o que a mãe de Addie temia: Apagar uma seção da mente dela para garantir sua estabilidade mental.

Ele ficou em silêncio.

— O quê? Não é um problema tão grande assim. Não fizeram nada da primeira vez, quando Trevor descobriu.

— Porque ele descobriu tudo sozinho, imbecil. Foi um acidente. Dessa vez foi intencional.

— Mas eles nem acreditaram em mim. Disseram que estavam monitorando a Addie e que não tinham prova de nenhuma infração. Então eu disse a eles que conseguiria uma prova.

— É pior do que você pensa. É mais do que uma infração comum. Estavam monitorando a Addie por causa do Bobby. — Soltei um suspiro de frustração. — Ela estava em condicional porque Bobby disse que ela havia roubado uma porção da habilidade dele.

Ele praguejou.

— Ele está mentindo.

Não tinha certeza se Bobby havia mentido. Addie tinha uma habilidade avançada que estava além de tudo que já havia feito antes. Talvez fosse mesmo consequência do que tinha acontecido com Bobby. Mas, ao contrário do DDH, eu não achava que era uma coisa ruim.

— Bem, eles não vão achar que Bobby está mentindo. Vão pensar que Addie sabe exatamente o que está fazendo. Como vai resolver isso?

— Eu não vou. Está feito. Mas sou muito persuasivo. Vou garantir que não façam nada drástico.

— Bem, isso não é o suficiente para mim, Duke. Você não vai fazer isso com ela de novo. Não vai usá-la e manipulá-la só para satisfazer a si próprio. Você vai nos ajudar a resolver isso ou eu vou Apagar cada memória que tem dela na próxima vez que te encontrar.

Ele ficou quieto por uns dez segundos, pelo menos. Então disse:

— Encontro vocês na casa dela.

Apontei para a placa que mostrava a saída para o endereço dela, e Connor assentiu e entrou. Desliguei na cara de Duke.

— Pode ser uma enrascada.

Ele parou em uma encruzilhada.

— Para onde vou?

— Ah, depois do terceiro semáforo, entre à direita. — Estiquei o braço até o banco de trás e cutuquei meu irmão. — Pronto para a ação?

Ele acordou resmungando coisas sem sentido, como sempre.

— Falei para ele ficar no carrinho.
Connor olhou para mim levantando uma sobrancelha.
— É, o corpo dele acorda antes do cérebro. É muito divertido.
Eli soltou o cinto de segurança e começou a descer do carro.
Eu acionei as travas automáticas.
— Ei, espera aí, garoto! Ainda não paramos.
Connor estacionou. Destranquei as portas e Eli desceu.
— Estou em um universo alternativo? — ele perguntou.
— Pode-se dizer que sim. — Enganchei meu braço no cotovelo dele. — Vamos lá, irmãozinho. Tenho uma melhor amiga para salvar.
Ele suspirou, alegre.
— Addie.
Meu irmão era muito a fim dela.
— Não sou — ele retrucou meu pensamento.
Andamos até a porta da frente. Levantei a mão para bater, mas pensei em como era tarde e como ia ser difícil explicar para o pai dela por que estávamos ali.
— Janela? — Connor perguntou, um passo à minha frente. Eli finalmente estava desperto e alerta, e nos seguiu quando demos a volta na casa até a janela do quarto de Addie. Bati com cuidado. Ninguém apareceu.
— Acha que ela está bem? E se o Comitê a pegou?
Connor não respondeu, apenas bateu de novo, com mais força.
Addie abriu as cortinas. Ela arregalou os olhos e abriu a janela.
— O que estão fazendo aqui?
Fiz um resumo de como Duke tinha ferrado todos nós.
— O que vamos fazer? — ela perguntou.
— Talvez seu pai possa nos ajudar?
Ela riu.
— Meu pai? Não acho que vá ficar feliz com todas as regras que quebrei. — Ela mordeu o lábio. — Talvez meu avô possa ajudar. Ele não confia nem um pouco no Complexo. Provavelmente vai saber o que fazer.
— Consegue sair sem que seu pai perceba?
Ela abriu a janela e tirou a tela.
— Sim.
Liguei para Duke enquanto voltávamos para o carro.
— Mudança de planos. Encontre a gente na casa do avô dela.

Duke estava no saguão de entrada quando chegamos, os cotovelos apoiados nos joelhos, e parecia realmente se sentir mal. Talvez eu não devesse ter pegado tão pesado com ele. Ele levantou quando fomos em sua direção.

Cruzei os braços.

— Ah, aí está o ex-namorado encantador que te gravou para o Comitê escutar.

— Bem, tecnicamente não deixei que escutassem, entreguei a gravação para eles

depois que nós... — Ele parou, obviamente por perceber pelo olhar de Addie que as tecnicidades não importavam. — Desculpa.

Ela respirou fundo.

— Isso foi há mais de uma hora. Por que ainda não estão procurando por mim?

Ele deu de ombros.

— Vai saber?

Fiquei orgulhosa do olhar gelado que ela lançou para ele enquanto batia à porta.

O avô dela abriu, com o olhar cansado. Eu o reconheci de algumas fotos que tinha visto na casa de Addie.

— Desculpe por te acordar. Temos uma emergência, e espero que possa nos ajudar.

— É claro. Faço qualquer coisa. — Ele abriu a porta e entramos. — Me deixem pegar alguma coisa para vocês beberem, depois podem me contar tudo. Sentem.

— O avô da Addie é jovem — Connor sussurrou.

— Acho que sim — eu disse, enquanto observava o cabelo branco de sua nuca sumir da sala. Ele parecia ter a idade de um avô para mim. Talvez o avô de Connor fosse um ancião.

Connor foi até a mesa de centro examinar alguns dispositivos modificados ridículos. Quando eu estava prestes a dizer a ele que eram coisas de maluco, ele puxou o canivete e começou a desparafusar a parte de trás de uma caixa preta com uma das ferramentas acopladas. Tanto faz. Deixei ele brincar.

— Pode me emprestar o celular? Preciso tentar falar com Trevor de novo.

Passei meu celular para ela.

— É, ele deveria estar aqui.

— Você acha que... — Ela ficou com uma expressão de pânico. — Acha que o Comitê resolveu cuidar dele primeiro?

Addie nem esperou minha resposta, apenas ligou.

Connor parou do meu lado e me puxou para perto pelo bolso da frente do jeans. Então disse baixinho:

— Tem alguma coisa errada aqui. — Ele estendeu a mão e, na palma, havia um pequeno chip.

— O que é isso?

— Um dispositivo de escuta de alta tecnologia. Fabricado no Complexo. Tirei daquela caixa preta na mesa. — Ele olhou ao redor. — Para onde o vovô foi mesmo?

Bem naquele momento o avô de Addie voltou, trazendo alguns copos de água gelada. Minha visão ficou borrada e pisquei algumas vezes, até que o foco voltou.

Ele sorriu.

— Aqui está a primeira rodada. Vou pegar mais duas. — Ele colocou os copos na mesa de centro e saiu.

Connor estava certo. Havia algo errado ali, e eu não conseguia saber o que era. Apenas sabia que nunca tinha sentido tanta vontade de sair de um lugar. Era um desejo tão forte que pensei que Duke talvez estivesse projetando os sentimentos dele. Uma rápida olhada confirmou minha suspeita: ele também parecia desconfortável com a situação.

— Achei que tivesse dito que ele era Curador — Eli sussurrou.

— Ele é — eu disse.

— Pude ouvir os pensamentos dele em alto e bom tom.

— E o que ele estava pensando? — perguntei.

Addie e Duke deviam ter ouvido nossa conversa, porque se aproximaram para ouvir a resposta.

— Ele pensou: “É melhor que os reforços cheguem logo. Não consigo segurar todos eles”.

Lancei um olhar para Connor.

— Quer dizer que, no fim das contas, ele não é Curador?

— Acho que essa é a menor das nossas preocupações. É melhor sairmos daqui.

Quase como se tivéssemos combinado, fomos todos para a porta. O avô da Addie parou em frente, vindo de um corredor lateral.

— Aonde vão?

— Meu pai está me esperando — disse Addie. — Está tarde. — Não eram nem onze e meia, mas essa era uma boa desculpa.

— Ligo para ele e digo que você está aqui.

— Tudo bem — ela disse, claramente tentando conseguir um tempo.

Observei a reação dele, e minha vista cansada ficou borrada de novo. Não. Não era a minha visão que estava ficando borrada. Lembrei do Rosto e da pequena mancha embaçada em seu pescoço, sempre fora de foco, independentemente do rosto que estivesse usando. Era uma manifestação diferente da mesma fraqueza.

— Você é Perceptivo.

Não pretendia falar aquilo em voz alta, mas saiu mais rápido que um relâmpago e não consegui me conter. O rosto do avô de Addie deu lugar ao do homem de cabelo escuro que tínhamos visto na última vez que estivemos ali.

Addie cobriu a boca com a mão, surpresa.

Ah. Por isso Connor achou que ele parecia jovem. Ele era. Eu não tinha percebido que Perceptivos não eram capazes de alterar a visão de Connor. Não era uma surpresa que o Rosto precisava confiar nele.

O homem trancou a porta e digitou um código no teclado ao lado dela.

— Sentem — ele disse. — Todos vocês.

Addie: No três, corra!

O homem de cabelo escuro que tínhamos visto na outra noite e que havia ido à minha casa com o Cicatriz estava diante de nós.

— O que fez com meu avô?

— Não fiz nada com seu avô. Acho que seu pai ainda está tentando conseguir uma autorização para transferir a sepultura dele para cá.

Senti que meu coração ia parar. Ou isso ou pular para fora do meu peito. Lembrei do nome que apareceu no celular do meu pai vinculado àquele endereço. E do nome quando meu pai me apresentou ele na minha própria sala de estar. Por que não tinha feito a conexão antes?

— Brett Miller.

Ele apenas deu um sorrisinho irritante. Me senti tão idiota. É claro que meu pai tinha no celular os contatos do Comitê daquela área.

— Por que fez isso comigo? Devolveu meu avô apenas para tirá-lo de mim de novo?

— Vamos Apagar essas lembranças do seu avô. Ele era parte do seu teste. Precisávamos ter certeza de que era leal ao Complexo. Ele te ofereceu um lugar seguro para contar segredos, de forma que saberíamos se tinha aversão a autoridades. É uma pena. Estava tão perto de passar... Mas algo mudou. — Ele olhou para Duke.

— Achei que meu pai estava mentindo para mim.

— Vamos Apagar isso também — ele disse, como se resolvesse tudo.

— Você não tem escrúpulos? — Laila perguntou. — Fez com que ela pensasse que o avô ainda estava vivo!

Considerando o tanto que me sentia péssima, estava tentada a dizer para o agente Miller acabar logo com aquilo. Apagar da minha mente a “reencarnação” do meu avô. Apagar toda aquela experiência. Mas sabia que não podia. Precisava me lembrar disso. Lembrar até que ponto o Complexo estava disposto a chegar. Apagar a lembrança da dor não impede que uma pessoa sofra com ela.

— Todo o seu plano teria saído pela culatra se eu tivesse contado o que estava acontecendo para o meu pai.

— Mas não fez isso, fez? — Ele sorriu, como se sua afirmação significasse mais do que apenas aquilo. — Meu parceiro ajuda as pessoas a tomarem boas decisões.

Connor soltou um resmungo de desgosto.

— Ela foi Persuadida a não contar.

— Fui Persuadida a não contar? — Tive que repetir, pois não conseguia acreditar. O Cicatriz era Persuasivo. — Mas então por que avisou a mim e a Trevor que o Comitê estava esperando por nós naquele dia em que estivemos aqui?

— Queria testá-la para ver se contaria alguma coisa para Trevor. Estava mais ou menos torcendo por você, garota. Tinha certeza de que se soubesse que o Comitê de Contenção estava te monitorando, seria mais cuidadosa.

Apontei para o agente; a raiva explodindo no meu peito.

— Meu avô não era louco!

Ele deu de ombros como se não se importasse.

— Não conheci o suficiente da personalidade real dele para fazer direito. Achei que seria mais seguro se não questionasse muito minhas respostas.

— E o que teria acontecido se eu nunca tivesse aparecido na sua porta? — perguntei, pensando ter encontrado uma falha naquele plano horrível. — Como teria me testado?

— Como eu disse, meu parceiro ajuda bem as pessoas a tomar decisões. Ele fingiu ter deixado escapar que havia dois parentes seus do Lado de Fora. Sabíamos que você não ia conseguir deixar de investigar. Tínhamos que garantir que não estava escondendo nenhuma habilidade avançada não declarada depois do que aconteceu com o sr. Baker.

Tudo isso tinha a ver com Bobby. E caí em todos os truques. Me senti uma idiota. Meu coração doía. Não conseguia acreditar em tudo que tinham me feito passar só por causa de testes estúpidos: invocaram um parente falecido, fizeram com que desconfiasse do meu próprio pai. Tudo aquilo me deixava muito enojada. Concentrei a dor terrível que sentia e a transformei em energia. Logo, tudo na sala estava devagar. Toquei todos os meus amigos que estavam ali para trazê-los para aquele momento comigo, tentada, por um instante, a deixar Duke ali para se virar sozinho. Mas não fiz isso.

— Temos uns dois minutos. Como saímos daqui?

— Eu Apago a memória do alarme na porta — Laila disse, indo na direção dele.

— Qual é o problema com Connor? — Andei em volta dele, o único que não tinha voltado à velocidade normal. Toquei-o novamente e ele apenas sacudiu um pouco, e depois voltou à câmera lenta.

Laila parou no meio do caminho e olhou para ele.

— Drogas. Provavelmente sua habilidade não funciona nele porque é Curador. Duke, pegue Connor. Temos que ir.

Duke negou com a cabeça e cruzou os braços.

— Já vi como é o temperamento dele. Tive uma caneta fincada no ombro como prova. Não vou encostar no Connor.

Agarrei a manga da camisa do Duke.

— Por favor. — Foi o suficiente. Ele jogou Connor sobre o ombro e todos esperamos Laila desarmar a porta.

— E ele? — Eli perguntou, apontando para o agente Miller, cuja expressão facial só agora começava a indicar que percebia o que estava acontecendo. Pelo menos não revelei minha habilidade de desacelerar o tempo quando estive na Torre. Ele estava desprevenido.

— Eu Apago ele. Vou Apagar dois meses. Vamos ver como ele se sente. — Laila

resmungou “babaca” algumas vezes enquanto estava perto dele. Marchamos porta afora enquanto ela terminava.

Corremos para as escadas, em direção à saída dos fundos. Quando chegamos ao corredor comprido do primeiro andar, pensei ter ouvido portas de carro se fechando na entrada da frente. Quando os outros também olharam para trás, tive certeza de que o Comitê de Contenção tinha chegado. O homem lá em cima podia não se lembrar de seus últimos dois meses por enquanto, mas eu tinha certeza de que uma restauração de memória seria realizada antes que deixássemos o quarteirão. Se quiséssemos Apagar minha infração por completo, teríamos que alterar a memória de muito mais pessoas. Era uma equipe inteira e um sistema completo de computadores e vigilância. Como aquilo seria possível?

Enquanto os outros corriam para a saída dos fundos, encostei no muro e fui devagar para a porta da frente. Cheguei ao canto da parede e espiei o entorno, bem na hora em que um grupo entrava pela porta do saguão: três homens e Trevor. E o Persuasivo Cicatriz seguia bem atrás do grupo. Trevor devia estar sob a influência dele porque nem tentava lutar, apenas os seguia como se fosse por vontade própria.

Meu coração foi até a garganta e levei a mão à boca para evitar soltar algum barulho. Enquanto eles vinham na minha direção, concentrei alguma energia com todas as emoções intensas que eu sentia naquele momento. Tentava resolver se era possível me espremer entre Trevor e aqueles homens sem tocar nenhum deles. Parecia muito improvável. Duke agarrou meu braço e me puxou para longe.

— Quer ser descoberta? — ele perguntou assim que saímos de lá.

Como se ele tivesse o direito de me fazer aquela pergunta, quando foi ele o responsável por me entregar.

— Eles pegaram o Trevor — eu disse para todos. — Temos que voltar.

Laila assentiu.

— E vamos. Mas primeiro vamos ver se deixaram alguém no carro ou se podemos bisbilhotar um pouco. Precisamos estar preparados.

Havia um furgão azul-marinho estacionado na rua, e ficamos no beco para descobrir se estava vazio.

— Não ouço nenhum pensamento vindo lá de dentro — disse Eli.

Olhei para ele, surpresa.

— Você pode ler mentes, Eli! Isso é tão incrível!

Ele sorriu e olhou para baixo.

— Ainda sou meio novo nisso.

— Poderia me enganar. — Me virei na direção dos outros. — Devemos ir até lá conferir, então?

Estava preocupada com Trevor e com o que podiam fazer com ele. Tínhamos revelado nossas cartas. Se conseguissem Restaurar a memória do meu avô falso, estaríamos ferrados. Eles saberiam que Laila pode Restaurar memórias. Saberiam que posso desacelerar o tempo. Não teríamos mais nenhuma vantagem. Eu só podia torcer para que ninguém da equipe deles conseguisse manipular memórias, porque precisávamos de um plano infalível antes que pudéssemos voltar para lá. Se Trevor tivesse uma habilidade,

me sentiria muito mais segura, sabendo que ele poderia se defender. Se bem que, mesmo com a minha habilidade, eu não tinha conseguido me proteger do vovô falso.

Laila encostou o rosto no vidro escurecido do furgão.

— Não é justo — ela disse. — Eles podem trazer Paratecnologia para cá e nós não?

Tentei abrir as portas, mas estavam trancadas.

— Alguém sabe arrombar um carro?

Ela analisou o teclado numérico debaixo da maçaneta.

— Consigo desligar o alarme, mas não acho que limpar a memória do teclado vá destrancar o carro.

Connor tirou o celular do bolso.

— Vai ligar para um chaveiro? — Laila perguntou.

Ele se abaixou, pegou um punhado de terra em volta de uma árvore e espalhou sobre o teclado, depois iluminou os números com o celular. Consegui identificar vagamente as marcas nos botões. O primeiro parecia ter mais marcas, e o terceiro não tinha nenhuma.

— A combinação tem dois números um, um número dois e um número quatro. Laila, desligue o alarme que vou tentar alguns padrões.

Depois de pelo menos vinte tentativas, levei a mão às têmporas. Aquilo não ia funcionar. Eu não parava de olhar para o prédio. Quanto tempo tínhamos? Então, de repente, ouvi o som de travas abrindo.

— Legal — Duke disse. Connor entrou e abriu as portas de trás para os outros.

— Está muito lotado aí — disse Duke. — Vou ficar vigiando aqui fora.

Não tinha certeza se confiava em Duke como sentinela. Com todos amontoados naquele furgão, seríamos as presas mais fáceis da história. Eli, provavelmente lendo minha mente, disse:

— Tantos pensamentos assim em um lugar só vão me fazer vomitar. Vou ficar lá fora com Duke.

Eu apertei o braço dele.

— Obrigada.

Então Connor, Laila e eu sentamos na traseira do furgão, cercados de Paratecnologia. Connor ligou o monitor mais próximo e o que apareceu na nossa frente fez meu queixo cair no chão: uma foto de Trevor e todas as informações sobre ele: altura, peso, biotipo, cor do cabelo etc. Mas havia muito mais do que isso. Sua história completa: pessoas relacionadas, lugares, gostos... Em uma coluna ao lado havia informações que pareciam novas, que eu não reconhecia como referentes a ele. Do mesmo estilo da história falsa que a Torre me deu para estudar quando me mudei para cá em minha outra vida.

— É uma transferência — Connor sussurrou. — Vão dar uma nova vida a ele. Do outro lado do país.

— Mas por quê?

Os dois olharam para mim como se eu devesse saber a resposta para aquela pergunta. Mas eu não sabia. Ou talvez precisasse que alguém a respondesse para mim, porque não queria acreditar naquilo.

— Por sua causa — Laila disse. — Eles obviamente sabem que você não vai desistir dele de jeito nenhum.

Eu senti como se o enorme Hummer amarelo de Duke tivesse me atropelado. Meu peito doía, meus olhos doíam, cada centímetro do meu corpo doía.

Laila estalou os dedos.

— É hora de quebrar alguns computadores. Se não tiverem isso — ela apontou para os monitores —, talvez não consigam completar a transferência. Na verdade, que tal uma falha total no sistema? — Ela fechou os olhos e levantou as mãos.

— Não. Espere. — Connor abaixou uma das mãos dela, e Laila olhou para ele.

— O quê? Por que não?

— Ouviu o que o avô de Addie disse?

— Quer dizer o avô falso dela.

— O avô falso. Tanto faz. Ele disse que antes de Duke informá-lo hoje, Addie tinha passado no teste. Tinha deixado de ser considerada uma ameaça. E, tendo em vista que, antes dessa noite achavam que Trevor tinha tido memórias seletivas Apagadas, tenho certeza de que ele estaria a salvo também. Então não precisamos sumir com o último mês nem com os potenciais planos deles. Seria um trecho enorme e suspeito de memória vazia. Só precisamos desaparecer com a noite de hoje, sem que eles suspeitem.

— E como vamos fazer isso? — perguntei.

— Com muito cuidado — ele disse.

Laila: Adicione à definição de idiota: confiar na pessoa que nos meteu nessa confusão.

Observei Connor mexendo no computador. Addie tinha saído do furgão e se juntado aos outros. Ela parecia em choque ou prestes a vomitar. Connor achou a conversa que Duke tinha gravado. Ele apertou um botão e a conversa ecoou por um par de fones de ouvido que estavam no chão. Eu os coloquei. Ouvi a voz de Duke, perguntando a Addie se ela tinha contado para Trevor. Addie confirmou as suspeitas dele, e eu tirei os fones, enojada.

Connor olhou para mim.

— Consegue Apagar?

— A conversa?

— Sim. Dura uns cinco minutos. Está armazenada no computador em forma de código.

— Ele apontou para o monitor.

— É claro que consigo.

Ele deu um meio sorriso.

— No que foi mesmo que falou que tinha que pensar para aprimorar sua habilidade?

Eu ri.

— Não falei.

Ele me agarrou pela cintura e me puxou para o colo dele.

— Uma certa noite em um certo trem?

— Para. Preciso me concentrar.

— Precisa se concentrar em uma certa noite em um certo trem?

— Isso é apenas para Restaurar. Você não é o responsável por todas as minhas habilidades incríveis.

— Não, só por noventa por cento da sua incredibilidade. — Ele beijou minha nuca. — Faça sua magia.

Eu me virei e o beijei. Ele tinha gosto de chiclete de menta e de Connor.

— Quis dizer no computador, não em mim.

— Já cuidei do computador.

Ele olhou em volta e apertou alguns botões.

— Legal.

— E agora? — perguntei.

— Precisamos descobrir como tirar três adultos com habilidades dali — ele apontou para o prédio e trazê-los para cá. — Ele deu tapinhas no assento do lado.

— Parece fácil.

— Será que eles têm alguma coisa que podemos pegar emprestado? — Ele me tirou do colo e começou a procurar nos compartimentos. Tentei ajudar, mas não fazia ideia do que procurávamos. — Que sorte! — Ele levantou um dispositivo metálico: dois semicírculos conectados por um quadrado iridescente.

— O que isso faz?

— É um desmobilizador. — Ele pôs meu punho de um lado do objeto e me pediu para posicionar o outro do outro lado. Fiz o que ele pediu, e ele apertou o quadrado no centro. Os círculos se fecharam, prendendo meus punhos. — Tipo algemas.

O metal gelado apertou meus punhos e eu senti uma dor cortante na cabeça, que depois diminuiu e virou um zumbido irritante. Puxei o ar por entre os dentes.

— O que foi?

— Minha cabeça.

As sobrancelhas dele se levantaram.

— Melhor ainda.

— Está feliz porque a minha cabeça dói?

— Isso significa que também é um bloqueador. Seria quase impossível acessar sua habilidade usando um desses.

Tentei soltar os punhos e o metal afundou na minha pele. A dor voltou a pulsar na minha cabeça.

— Aposto que os Normais adoram quando o Comitê tem que usar isso.

— Eles não podem usar em Normais.

— Por quê?

Connor fez um estalo com a boca.

— O cérebro deles não aguentaria.

Meu cérebro também não estava lidando bem com aquilo. Era como uma versão concentrada de estar no quarto de Bobby.

— Ainda bem que é um bando de Paranormais que temos que capturar hoje, então. — Forcei as algemas mais uma vez. — Diga que sabe como tirar isso de mim.

Ele apertou o quadrado e elas se abriram.

— A pessoa que fecha é a única capaz de abrir.

Minha cabeça se acalmou assim que puxei os punhos. Peguei o desmobilizador da mão dele, e ele achou mais alguns.

— Isso deve ser fácil, então.

— Claro, só vamos pedir que eles estendam os braços para colocar as algemas. Simples — ele disse, calmamente.

— Vai ser fácil com a Addie. — Dei um grande sorriso.

— E a outra parte da noite? Duke vai ajudar?

— É melhor que ajude.

Não conseguia acreditar que nosso destino estava nas mãos horríveis e grudentas de Duke. Mas precisávamos da cooperação dele. Tínhamos que confiar nele. Pulei da traseira do furgão e dei um tapinha em seu ombro.

— Ainda bem que você é um bom mentiroso, porque chegou a hora.

— O que quer dizer com isso? — Duke perguntou.

— Quero dizer que vamos reiniciar a noite. Primeiro, temos que arrumar todas as peças. — Apontei para o apartamento à nossa frente e entreguei um par de desmobilizadores para cada um. — Depois, você e Addie terão que reencenar a conversa que prometeu ao Comitê.

Connor trancou as portas do furgão, limpou as digitais do teclado, e assentiu.

— Vamos lá.

Subindo as escadas, discutimos diferentes formas de entrar no apartamento. No fim, decidimos que bater à porta era tão eficaz quanto qualquer outra maneira, já que não pretendíamos manter nossa presença em segredo.

— Acha que consegue desacelerar o tempo por mais do que alguns minutos? — perguntei para Addie.

— Vou tentar.

— Precisamos de todo o tempo que conseguirmos.

Chegamos ao terceiro andar e abrimos a porta para o corredor. Havia um homem lá para nos receber.

— Estávamos esperando vocês.

Duke deu um soco na cara dele, que caiu como uma pedra.

Eu soltei um suspiro profundo.

— *Duke!* Por que fez isso? Temos que reiniciar a noite. Agora ele vai acordar com o queixo e a cabeça doendo e se perguntar como ficou assim.

Duke o empurrou com o pé, e ele virou de barriga para cima. Havia uma cicatriz em sua bochecha esquerda.

— Desculpa. Ele apareceu do nada. Não discutimos a possibilidade de haver pessoas no saguão.

— Eu conheço ele — disse Addie.

— Conhece? Qual é a habilidade dele?

— É o Persuasivo da Torre que me interrogou. Foi ele também que veio até a minha casa com o cara que encenou meu avô.

Cutuquei Duke com o cotovelo.

— Ponha as algemas nele e o leve para o furgão. Descemos com os outros em alguns minutos.

— Eu sou o mais forte — Duke disse. — Quer mesmo que eu espere no furgão com esse cara?

— Quem falou que você é o mais forte? — perguntei.

— Meu bíceps. E, considerando que você continua me pedindo para carregar pessoas, tenho certeza de que concorda.

— Bem, Connor e Trevor podem carregar os outros dois até lá embaixo.

— Não, não posso — disse Connor. — Mas obrigado pela confiança. Duke é definitivamente o mais forte. Eu o sigo até lá e espero no furgão. Não façam nada até ele voltar.

— Tudo bem. Rápido.

Pena que aquele cara não era o Apagador de Lembranças. Tinha certeza de que havia um ali. Era a única habilidade capaz de transferir Trevor para uma nova vida. Era a habilidade que mais me assustava naquela noite. Se todos perdêssemos a memória, seríamos inúteis. Pelo menos Connor não podia ser afetado por isso.

Esperamos em frente à porta que dava para a escada; o apartamento ficava à esquerda.

— Então aquele era o Persuasivo? — perguntei para Addie.

— Sim. E o vovô falso é Perceptivo. Isso nos deixa com dois desconhecidos.

— Um deles tem que ser Apagador de Lembranças — eu disse, e ela concordou como se também tivesse considerado essa opção.

Eli pigarreou.

— O outro é Manipulador de Matéria.

— Ouviu os pensamentos dele? — Perguntei.

— Não. Ele acabou de atravessar aquela parede. — Ele apontou para trás de mim, e nos viramos para olhar o homem que vinha em nossa direção. Ele usava jeans e camisa, e seus bíceps forçavam o tecido. Tinha a cabeça raspada. Ele sorriu, e seus dentes brancos brilharam em contraste com a pele negra.

— Ouçam, crianças — ele disse. — Já se divertiram. É hora de entrar por vontade própria no apartamento, preencher um relatório e sofrer as consequências de seus atos.

Dei de ombros para Addie. Tínhamos planejado bater à porta de qualquer jeito. Nós entraríamos, Addie desaceleraria o tempo, colocaríamos as algemas neles e esperaríamos por Duke. Por que não?

— Tudo bem.

Ele não pareceu nem um pouco surpreso por termos concordado com tanta facilidade. Também pareceu achar os desmobilizadores que carregávamos bem divertidos. Isso significava que sabiam de nosso plano e tinham como acabar com ele? Olhei para trás mais uma vez para ver se Duke já tinha voltado.

— Ele acha mesmo que vamos preencher os relatórios — Eli sussurrou enquanto seguíamos o Manipulador de Matéria até o apartamento.

Contive um sorriso. Ele abriu a porta e nós entramos. Trevor estava no sofá e olhou aliviado quando chegamos, como se achasse não só que o salvaríamos, mas também o mundo inteiro com um estalar de dedos. Fiquei aliviada por vê-lo consciente e aparentemente em posse de todas as suas lembranças. Quer dizer, até Addie quase engasgar atrás de mim. Segui o olhar dela e vi, sentado em uma cadeira ao lado da porta de correr, outro Trevor, parecendo igualmente aliviado. *Droga.*

Addie: Não consigo perceber a diferença. Isso faz de mim uma namorada ruim?

Meus olhos foram e voltaram entre os dois Trevors idênticos. Um deles era o Perceptivo. Como se eu já não tivesse bastante vontade de matá-lo por causa daquele teatro do avô falso, ele agora tinha que vir com um namorado falso? Eles deviam ter descoberto nosso plano.

— Os dois estão ficando desfocados — Laila disse ao meu lado.

— Os dois são Perceptivos? — perguntei.

— Não. O Perceptivo real está projetando a fraqueza dele no Trevor real.

Segurei as algemas. Não importava. Ainda podíamos usar as algemas. Quando o vovô falso estivesse com elas, não seria capaz de usar sua habilidade. Conseguiríamos ver qual dos dois era Trevor.

Laila fez um leve sinal com a cabeça e disse baixinho:

— Não faça isso, a não ser que queira transformar o cérebro de Trevor em geleia.

Então as algemas faziam mal para os Normais. Ótimo.

— Crianças, não vão sentar? Só preciso pegar alguns formulários de relatório e já continuamos — o Manipulador de Matéria disse e saiu da sala. Ele deve ter pensado que os dois Trevors nos impediriam de seguir com nosso plano. Ele estava certo.

— Escuta, não vamos preencher seus relatórios idiotas. Então parem com a formalidade — Laila gritou para ele.

Ela observou com cuidado o outro homem na sala, aquele que não tinha falado nada. Ele se encostou no canto, fuzilando nós duas com o olhar. Era magro e alto, e seus braços pareciam compridos demais para o corpo. O rosto dele era esquelético, e os olhos, vazios. Tinha que ser o Apagador de Lembranças. Eu sabia que Laila temia usar sua habilidade em outras pessoas. Provavelmente porque sabia quanto poder tinha.

— Addie, consegue dizer qual deles é real?

— Ah, sim, deixa eu por meus óculos de namorada e examiná-los bem de perto.

O Trevor no sofá passou a mão no cabelo.

— Eu sou real.

O Trevor na cadeira levantou, para não ficar para trás.

— Não, eu sou.

As vozes dos dois pareciam exatamente iguais, e fiquei pensando se esse tinha sido o motivo para o vovô falso ter gravado a voz do Trevor em sua caixa preta: para que pudesse aperfeiçoá-la.

— Eu sou o Trevor — o do sofá disse mais uma vez.

Suspirei.

— Só precisamos de mais alguns e já podemos mudar seu nome para Spartacus.

Laila bufou.

— Ninguém entende suas referências literárias estranhas, Addie.

— Fizeram um filme — eu disse. Por que não conseguia distingui-los? Não devia ser capaz de fazer isso? — Eli? Como estão os pensamentos deles?

— Muito semelhantes, infelizmente.

Ouviu-se uma batida na porta, e o cara quietão do canto abriu. Duke entrou.

— Ainda estão todos aqui... conversando? — Ele notou os dois Trevors e arregalou os olhos.

— Duke, percebemos que mudou de lado — disse o cara quietão.

Ouvir de novo, em alto e bom som, que ele tinha começado tudo aquilo fez a raiva crescer dentro de mim. Podia sentir minha energia se concentrando. Reconhecer a presença dela mudava tudo. Antes, deixava minhas emoções me dominarem e as direcionava, mas, agora que sentia a energia, conseguia me controlar, deixá-la se avolumar.

— Sentem — ele disse, e começou a andar na minha direção. Eu não tinha vontade nenhuma de sentar, mas tinha de fugir. Laila começou a se afastar.

— O que está esperando? — Duke perguntou.

Apontei para os dois Trevors, e ele revirou os olhos. Provavelmente queria que eu deixasse os dois ali. Laila tinha recuado até a parede, mas um par de braços fortes e negros surgiu por trás dela, seguido pela pessoa inteira. O Manipulador de Matéria a segurou. Ela cravou o salto do sapato no peito do pé dele. Ele grunhiu, mas não a soltou.

— Sabe qual a diferença entre nós e vocês? — Laila perguntou, olhando diretamente para o Apagador de Lembranças.

Ele inclinou a cabeça, como se estivesse curioso para ouvir a resposta.

De repente, o cara que segurava Laila caiu no chão, seguido do Apagador de Lembranças. Nenhum deles movia um músculo sequer.

— Não temos que seguir o protocolo — ela disse.

— O que aconteceu? — perguntei.

Os dois Trevors levantaram, mas o Trevor do sofá voltou a sentar, e eu não conseguia decidir se era o verdadeiro tentando mostrar que não estava preocupado com o inimigo, ou o falso apenas fingindo que não se importava.

— Eu Apaguei tudo — disse Laila.

— Você fez o quê?! — Duke perguntou.

— Bloqueei todos os caminhos.

Olhei horrorizada para o cara mais próximo de mim. Os lábios dele estavam ficando azuis.

— Laila! Restaure-os! Eles não lembram como respirar.

— Estou tentando, estou tentando. Não esperava que isso acontecesse. Não consigo me concentrar com todo mundo brigando comigo.

Me virei para Duke.

— Ajude a Laila a relaxar.

Ele assentiu.

O Manipulador de Matéria que estava perto dos meus pés voltou primeiro, respirando com dificuldade. Me afastei. Foram precisos mais alguns segundos até que o Apagador de Lembranças respirasse, e me perguntei se Laila tinha feito aquilo de propósito. Mas ele finalmente inspirou, e seu rosto voltou a ter cor.

Soltei o ar, percebendo que tinha prendido a respiração o tempo todo.

— Viu? Eles estão bem — Laila disse, cruzando os braços. — Devíamos tê-los algemado enquanto estavam apagados.

O desmobilizador na minha mão era a última coisa em que eu pensaria com duas pessoas morrendo na minha frente.

— Eu poderia... — Ela levantou as mãos.

Eu aponte para ela.

— Não.

O Trevor na cadeira começou a falar, mas o Trevor no sofá o interrompeu.

— Investigue, Addie — ele disse.

Ele estava certo. Eu devia Investigar. Levaria meio minuto. Era tempo demais? Eles podiam me incapacitar e bloquear minha habilidade em meio minuto? Se não, eu gastaria muita energia?

O Trevor na cadeira me encarou.

— Addison — ele chamou. — Não precisa Investigar. Você sabe.

Eu sorri. Aquela única palavra — Addison — era tudo de que precisava. Concentrei toda a energia que me cercava e desacelerei o tempo. Toquei em todos, inclusive no Trevor na cadeira, o Trevor real. Ele me beijou.

— Por que ele não Apagou nossas lembranças? — Laila perguntou, olhando para o Apagador, que ainda se recuperava em câmera lenta no chão.

Trevor também olhou para ele.

— Ele teve que tocar minha cabeça para fazer isso.

— Ele só consegue fazer isso através do toque? — Uma expressão de orgulho tomou conta do rosto dela, pois deve ter percebido como era talentosa.

— Tudo bem, assim que vocês os tocarem, eles vão voltar à mesma velocidade que a gente — eu disse.

— Assim que nós os tocarmos ou assim que *you* os tocar? — Laila perguntou.

Franzi a sobancelha.

— Não tenho certeza.

Laila se preparou com as algemas e sinalizou com a cabeça para que Eli a ajudasse.

— Vou contar até três — ela disse. — Um, dois, três.

Cada um deles segurou a mão de um agente e nada aconteceu. Continuaram em câmera lenta.

— Ótimo — Duke enfiou as algemas nos punhos do Apagador de Lembranças e o jogou por sobre o ombro. Laila algemou o Manipulador de Matéria.

Eli foi até o Persuasivo, e o arrastou para o sofá com a ajuda de Trevor.

— Então estamos reiniciando a noite, certo? Vamos arrumá-lo como se tivesse

cochilado no sofá?

— Sim. Posicione uma das geringonças dele sobre o peito.

Eli fez isso. Minha cabeça começou a latejar por desacelerar o tempo por um período muito longo.

— Apague ele logo.

— Três horas? — Laila perguntou.

— Sim.

Enquanto Laila o Apagava, o rosto de Trevor desapareceu, revelando o homem de cabelo escuro.

Trevor seguiu o exemplo de Duke e jogou o Manipulador de Matéria no ombro, provavelmente sem saber muito bem o que fazia.

— Rápido — pedi. Minha cabeça parecia gritar.

Saímos depressa. No meio da escada percebi que não conseguiria mais segurar, e o tempo começou a voltar ao normal. Eles podiam não ser capazes de usar suas habilidades, mas isso não queria dizer que não tentariam fugir. Trevor deve ter sentido o homem acelerando, porque perguntou:

— O que eu faço?

— Vou conseguir algum tempo para nós — Laila respondeu. — Vou deixá-los bem confusos.

Ela deve ter Apagado o tempo dos dois pouco a pouco, porque começaram a fazer barulhos estranhíssimos. Nunca achei que chegaríamos ao furgão, mas conseguimos.

Connor abriu a porta de trás para nós, e os garotos depositaram a carga nos assentos, como se fossem sacos de batatas.

— Olá, rapazes — Connor disse, sorrindo. — Vamos acomodá-los na frente de seu equipamento. — Os computadores estavam ligados, e o prisioneiro número um parecia ter acabado de se recuperar do nocaute que Duke lhe dera. Ele forçou as algemas e então chutou o queixo de Laila. Ela deu uma joelhada na barriga dele.

— Connor, por que não Cura todos eles? Isso resolveria tudo.

— Laila. — A voz dele era um aviso baixinho.

— Não, sério. Esses caras são escória. Abusaram do poder que tinham. Fizeram Addie pensar que o avô dela ainda estava vivo. Você os Cura, e eu Apago as lembranças disso. Nunca saberão o que os atingiu.

— O que quer dizer com isso? Curá-los? — perguntei.

Um dos homens se debateu e gritou alguma coisa vulgar.

— Não gosta da ideia? — Laila perguntou. — Parece tão boa quanto as que eles tiveram em nome da justiça. — Ela se voltou para Connor. — O que você me diz?

Connor a fuzilou com os olhos e, sem desviar o olhar, sinalizou para Duke e para mim.

— Duke, prepare-se para recriar a noite. Você e Addie vão dirigir por aí. Finja que acabou de encontrá-la. E venha trazer a gravação para o Persuasivo.

Concordei com a cabeça.

— Laila. — A voz de Connor estava contida, como se ele se esforçasse muito para manter o tom. — Três horas para esses caras, e depois vamos precisar de um pouco de Transmissão de Pensamento enquanto acordam. Para direcionar as lembranças deles.

— Como faremos isso?

— Nos escondemos no beco do lado de um prédio.

— Isso vai funcionar?

Connor confirmou, virando para Eli.

— Vai, porque sabemos o que eles estão pensando e quais pensamentos vão fazê-los acreditar no que queremos que acreditem.

— Para onde eu devo ir? — Trevor segurava o Manipulador de Matéria com um braço e Duke estava do lado oposto. Duke devia estar controlando suas emoções, mas ele ainda parecia querer arrancar o coração de alguém com as próprias mãos. Provavelmente não seria muito difícil se pudesse usar sua habilidade.

— Para casa — disse Laila. — Connor, Eli e eu vamos para lá daqui a pouco e vamos ficar um tempo, só para o caso disso não dar certo. — Ela pôs as mãos sobre meus ombros. — Sei que é uma péssima mentirosa, Addie, mas vai conseguir fazer isso.

Eu ri.

— Obrigada por me deixar nervosa.

— Vamos — Connor disse. — Ah, e todos vocês: não podemos nunca mais falar sobre isso a partir de agora ou não vai valer de nada.

Houve um momento de silêncio, quase como se soubéssemos que o silêncio era a resposta correta àquela afirmação. Laila cuidou do Manipulador de Matéria primeiro. Depois sinalizei para Duke, e saímos correndo em direção ao Hummer.

— Addison!

Eu parei e me virei. Trevor estava do outro lado da rua. Meu coração deu um salto e corri até ele. Nos encontramos no meio do caminho e ele me abraçou.

— Tenha cuidado.

— Vou ter. Estou muito feliz por você estar bem.

Ele levou a mão ao bolso, tirou meu celular e me entregou.

— Te vejo mais tarde.

Eu assenti. Então Duke pegou na minha mão e me arrastou para longe.

Depois de dirigir por um tempo, ele abriu o porta-luvas e tirou um pequeno aparelho metálico.

— Hora do show — ele disse, e prendeu o aparelho à pele, que começou a piscar imediatamente.

Duke voltou ao assento, abaixou a janela e gritou, como se eu estivesse do lado de fora:

— Addie! — Então, abriu a porta. — Entre.

Eu abri e fechei a porta do meu lado e respirei fundo. Eu podia fazer aquilo.

— O que você quer?

— Preciso falar com você. Não acredito que contou para ele.

O coração martelava meu peito.

— Do que você está falando?

— Trevor. Contou para ele sobre o Complexo.

Surpresa, raiva. Tentei incorporar aquelas emoções. A raiva veio com facilidade.

— Claro que não! Por que faria isso?

Uma tristeza permeou meu corpo, e imaginei se era Duke que a projetava ou se a noite me afetava. Minha raiva se desfez.

— Não sei. Você é que tem que me dizer — ele disse.

Eu segurei sua mão, tentando diminuir a dor no meu coração. Ou no dele.

— Não contei. Assinei o contrato na Torre. Sem chance de eu contar a qualquer um sobre o Complexo. Já leu as coisas que podem fazer com você?

Ele deu um sorriso amarelo e apertou minha mão.

— Você vai ficar aqui, não vai?

Não tinha certeza se aquilo era parte da encenação ou se agora as perguntas eram de verdade, mas o encarei nos olhos.

— Sim. Eu amo Trevor.

Havia muitos outros motivos para ficar, no entanto, motivos que não podia mencionar em voz alta. Havia descoberto tanta coisa sobre o Complexo naquela noite e sabia que não poderia voltar para um lugar como aquele. Agora sabia por que meu pai tinha escolhido sair.

— E vai conseguir viver aqui fora sem sua habilidade e ficar com um cara que não tem habilidades?

— O amor te leva a fazer coisas estranhas.

— Leva, não é? — Ele suspirou. — Então, Trevor não sabe mesmo de nada?

— Não sabe.

— Tudo bem. Eu te levo para casa.

— Não. Você pode me levar para a casa do meu avô? Meu pai e eu brigamos, não quero ir para casa hoje.

Meu pai e eu *tínhamos* brigado, e eu me sentia péssima. Eu o acusei de coisas horríveis, e ele estava falando a verdade o tempo todo.

— É um pouco tarde.

— Ele vai querer me ver. Ele sempre quer me ver.

Eu tinha medo de ver meu avô falso sozinha, mas continuei dizendo a mim mesma que o Comitê de Contenção não fazia ideia do que tínhamos feito. Ou pelo menos era o que eu esperava. E o vovô falso disse que estava do meu lado, então não me machucaria.

— Addie — Duke disse quando eu segurei a maçaneta da porta do carro.

Eu parei e olhei para trás. Ele me puxou e abraçou, pressionando o rosto junto ao meu.

— Sinto muito — ele disse. — Tchau.

Quando ele foi embora, respirei fundo. Lá dentro, preferi pegar o elevador. Estava cansada. Não queria nem olhar para as escadas. O nervosismo também deixava minhas pernas trêmulas. Aquele era o momento da verdade. A oportunidade de ver se tudo o que fizemos tinha dado certo.

O meu suposto avô abriu a porta assim que bati. Ele parecia um pouco desorientado.

— Addie, está tarde.

— Eu sei. Desculpa. Tive uma briga feia com meu pai. Posso ficar um pouco aqui? — Olhei para trás dele, tentando ver se algum dos caras do furgão estava lá. O apartamento parecia vazio.

— Claro. — Ele abriu a porta, eu entrei e me sentei no sofá.

— Você ia naquele baile com o Trevor hoje, certo? Como foi?

— Foi legal. — Foi *mesmo* legal. Queria voltar para aquele momento, quando meu único problema era Stephanie e sua reação ao me ver com Trevor.

Ele sorriu como se soubesse de algo que não devia saber.

— Você gosta daquele garoto Normal, não gosta?

— Sim. — Eu o amava.

— Deve ser difícil ter um segredo tão grande que não pode contar a ele.

— É.

— Você devia mesmo considerar usar a caixa.

Então a caixa era outra parte do meu teste. Primeiro, recriaram meu avô para que eu tivesse alguém em quem confiar, acreditar... a quem amar. E assim, o homem em quem eu confiava me oferecia um lugar supostamente seguro para contar todos os meus segredos.

— Não, vô. Não vou contar a ele. Não gostaria de deixar o Complexo em perigo assim. — Os rapazes no furgão provavelmente iam gostar desse patriotismo a mais.

Ele sentou ao meu lado no sofá e me abraçou.

— Você parece triste hoje. Está triste?

Eu me encostei nele e me deixei acreditar por um último instante que aquele era meu verdadeiro avô, que ele tinha voltado do além e era parte da minha vida de novo. Apesar disso, minha mente não me deixava acreditar plenamente, e senti uma tristeza se alojar em meu coração.

— Acho que você passou — disse o vovô Falso.

— O quê?

A porta da frente abriu e fechou. Eu rapidamente me endireitei no sofá.

— Quem é?

— É só alguém que vai te ajudar a se sentir melhor.

O Apagador de Lembranças do furgão entrou. Seus olhos vazios me mediram. Eu tentei não demonstrar o medo que tinha tomado conta de mim. Duke devia ter contado no furgão que eu não confessei nada, como tinha alegado que eu faria. O Apagador de Lembranças não sabia o que tínhamos feito. Laila Restauraria minha memória mais tarde. Eu só precisava relaxar. Repeti tudo isso várias e várias vezes para mim mesma enquanto ele vinha em minha direção. Fingi estar confusa, alternando o olhar entre os dois. Então as mãos dele tocaram minha cabeça e fui tragada pela escuridão.

Laila: Os sentimentos verdadeiros são bem melhores que os falsos.

Eli tinha dormido na cabine, então Connor e eu nos deitamos na caçamba da picape, debaixo de alguns cobertores, olhando as estrelas. O ar parecia cheio de esperança. Addie tinha acabado de mandar uma mensagem para Trevor, pedindo que ele fosse buscá-la no baile. Ela estava confusa, sem entender como tinha ficado até tão tarde e para onde todos tinham ido, mas, fora isso, parecia ter lembranças. O que significava que eles tinham Apagado de sua mente apenas o suposto avô.

Agora, esperávamos Trevor voltar para Restaurar a memória de Addie antes de ir para casa. Tínhamos solicitado uma autorização para sair por doze horas apenas — era a forma mais rápida de sair do Complexo. Preferíamos voltar o mais cedo possível para evitar que outras pessoas investigassem aquela área. Era a última coisa de que Addie precisava.

Connor estava deitado a alguns centímetros de distância, com os braços firmemente cruzados sobre o peito. Sabia que ele estava bravo comigo por eu ter sugerido que Curasse os caras do Comitê de suas habilidades, mas eu também estava irritada. Aqueles caras tinham manipulado minha amiga como se ela fosse uma peça de algum jogo, e não sentiam o mínimo remorso. Mas eu não podia falar aquilo em voz alta. Tinha que ter cuidado com o que dizia em voz alta.

— Eu só estava tentando assustá-los.

Ele não disse nada. Não moveu um músculo. Ele ia mesmo agir como uma criança por causa daquilo?

— O que quer que eu diga? — perguntei. — Quer que eu peça desculpas?

Ele então levantou, pulou para fora da picape e andou para longe de mim. Fechei os olhos e suspirei. Sim, ele precisava andar um pouco. Tirar aquilo do peito. Mas isso não significava que eu ficaria sentada, irritada, naquela picape.

Corri pela rua atrás dele e o agarrei pelo braço assim que tinha ficado sob um círculo amarelo criado pela luz de um poste.

— Connor, você tem uma habilidade. Use-a.

— Vou usar quando eu achar necessário, não quando você quiser.

— Você nunca acha necessário, então eu estava apenas fazendo uma sugestão.

— Soou mais como uma exigência.

— Ah, e você não estava exigindo que eu usasse a minha?

— Considerando que você usa a sua quando alguém te olha torto, não achei que seria

um problema.

— Por que se importa com como uso minha habilidade? É meu pai agora?

— Alguém precisa ser. Seu pai não liga para como você abusa da sua habilidade. Ou para qualquer coisa que você faz, pelo que parece.

Me virei bem rápido, mas ele me segurou pelo punho antes que eu conseguisse sair e me puxou para a frente dele. Apertou meus punhos contra seu peito, e usei meus antebraços para impedir que me puxasse para mais perto.

— Eu não devia ter dito isso. Estava com raiva.

Eu dei de ombros.

— É verdade.

— Eu não devia ter dito. — Connor posicionou a cabeça na minha frente, me forçando a olhar para ele. — Pensei que você entendia como me senti com tudo o que fiz.

— Você usou sua habilidade. Não devia ter vergonha disso.

Ele me encarava intensamente.

— Eu acabei com a habilidade do meu pai. Acha de verdade que devo sentir orgulho disso?

Talvez eu me sentisse daquele jeito porque estava com muita raiva do pai dele.

— Você viu o que pode fazer. Se vai inutilizar sua habilidade para o resto da vida, poderia muito bem ficar por aqui.

Apontei para o chão, deixando claro que falava sobre o mundo Normal. Já estava sem fôlego, e meus olhos ardiam. Quando voltei a focar Connor, seu olhar intenso havia esmorecido.

— Então, toda essa confusão é por causa disso? — ele perguntou.

— O quê?

— Você quer que eu use minha habilidade. Está preocupada porque, se não usá-la, não vou precisar do Complexo? Preocupada por achar que, depois de passar um tempo aqui, não vou mais querer ir embora?

Balancei a cabeça.

— Não estou preocupada com isso. Você pode fazer o que quiser.

— Quer que eu fique aqui?

Rangendo os dentes, balancei a cabeça.

Ele me puxou para perto de novo, e dessa vez o envolvi em um abraço. Então ele me beijou como se fosse uma despedida. Aquilo me assustou. E se estar ali *tivesse* feito Connor perceber que gostava do lugar? E se tivesse feito a balança pender a favor do mundo Normal? Eu, sozinha, não conseguiria dar muito peso ao lado do Complexo. Principalmente depois de tudo que tínhamos visto naquela noite. Talvez eu fosse uma idiota por querer voltar. Mas queria, e não queria que fosse uma despedida. Tentei memorizar a sensação dos lábios dele sobre os meus, a pressão do braço nas minhas costas, a textura do cabelo, como se ele fosse desaparecer assim que o beijo acabasse.

Quando o toque dele se tornou elétrico, me afastei. Se ia me deixar, tinha que ser agora, enquanto eu ainda conseguia respirar, apesar do aperto no peito.

— O que foi? — ele perguntou.

— Você vai ficar, não vai? Vai solicitar sua autorização daqui mesmo. Ou talvez nem

avise. Vai apenas desaparecer e desafiá-los a te encontrar.

Ele riu um pouco.

— Por que você não me deixa te amar, só isso?

O comentário dele me pegou tão despreparada que gaguejei um pouco.

— Laila está sem palavras. É a primeira vez que isso acontece?

Eu sorri.

— Cala a boca.

— Ainda quer voltar para o Complexo depois... — Ele parou, provavelmente por não querer falar muito sobre o que tinha acontecido naquela noite.

Eu assenti.

— Se todo mundo for embora, quem vai desafiar o sistema? Quem vai mudar as coisas? Além disso, você é o porta-voz da nova sociedade de livre mercado lá, certo?

Ele deu um sorrisinho com meu comentário sarcástico, o mesmo que eu tinha usado com ele fazia algumas semanas.

— Vou voltar com você. Vamos ver por quanto tempo conseguimos aguentar um ao outro.

— Sou bem teimosa e, se isso for uma competição, posso aguentar muito mais que você.

Ele pareceu disposto a aceitar o desafio.

Pus os braços em volta do pescoço dele.

— Só não sei sobre esse negócio de falar a palavra que começa com A. Isso foi muito precipitado.

— Eu sei, uma surpresa, vindo do rei da responsabilidade.

Eu ri.

— Você foi brilhante esta noite.

— Eu tento.

Um par de faróis iluminou a rua e deu lugar à escuridão quando o carro parou. Trevor saiu e abriu a porta para Addie. Ele não disse uma palavra, como tínhamos combinado. Apenas a trouxe até mim, e eu Restaurei a memória dela. Nós nos abraçamos, e o mesmo aperto que senti no peito quando pensei que Connor não voltaria reapareceu quando lembrei que Addie ficaria do Lado de Fora. Apenas Addie conseguia me fazer chorar. Enxuguei o rosto enquanto ela ia embora. Ela não enxugou suas lágrimas.

— Tchau — eu disse para Trevor.

Ele segurou a mão de Addie e sorriu. Trevor era perfeito para ela. Nunca imaginaria que um Normal pudesse fazê-la feliz, mas constantemente ela mostrava que eu estava errada.

— É melhor irmos embora — Connor disse.

Abracei Addie mais uma vez.

— Vê se não some.

— Minha mãe nunca deixaria isso acontecer.

O som das chaves de Connor batendo umas nas outras chamou minha atenção. Era um som muito estranho. A única pessoa que não se espantou com ele foi Trevor.

Fomos juntos até a picape. Connor levou a mão sobre o ombro direito de Trevor.

— Foi bom te conhecer.

Então, levou um dedo sobre os próprios lábios.

— Tente não gritar.

O olhar confuso de Trevor foi rapidamente substituído por um de muita dor. Demorei demais para perceber o que Connor estava fazendo. Ele estava Curando o ombro de Trevor. Addie deve ter percebido também, porque suas lágrimas voltaram com força total. O orgulho tomou conta do meu peito. Algo que tinha sido tirado por uma habilidade agora era restituído por outra. Sem mais palavras, Connor o soltou e entrou na picape.

Addie, entretanto, não deixaria ele partir assim. Ela abriu a porta e o envolveu num grande abraço.

— Muito obrigada.

Ele deu um sorrisinho.

Quando ela voltou para o lado de Trevor, ele segurou sua mão. O rosto dele estava pálido. Eu o abracei com um só braço e sussurrei:

— Um erro acabou de ser corrigido. Cuide da minha melhor amiga.

Ele assentiu, e observei enquanto voltavam juntos para o carro de Trevor. Então, fui até o lado do motorista da picape de Connor, abri a porta e o beijei. Percebi que o peguei desprevenido, porque ele respirou fundo pelo nariz. Mas relaxou em seguida e me beijou de volta.

— Eu meio que te amo agora — eu disse.

— Olha só quem está dizendo a palavra que começa com A agora!

Eu sorri e entrei no carro. Ele deu a partida e se distanciou do meio-fio. Addie acenou até virarmos a esquina.

Me senti inundada de emoções conflitantes, pelo que Connor tinha acabado de fazer e por ter que deixar Addie.

— Você está bem? — Connor perguntou, segurando minha mão.

— Vou ficar.

Encostei a cabeça no assento e deixei o calor da mão dele subir pelo meu braço. Ficaria bem com Connor em minha vida.

— Eca — Eli bufou no banco de trás ao se levantar. — Se eu tiver que ouvir esses pensamentos melosos por todo o caminho, talvez tenha que rastejar até a caçamba.

Connor levantou uma sobrancelha.

— Não seja cabeça-dura. Não são tão melosos assim.

Encostei a cabeça no ombro dele e pus sua mão sobre meu joelho.

43

Addie: Já sinto sua falta.

— Você está bem? — perguntei.

Trevor girou o braço, fazendo círculos várias vezes. Parecia um pouco chocado, e eu estava a segundos de fazê-lo se deitar no chão e levar os pés para o alto. Então ele disse:

— Estou ótimo — Me abraçou com força e me girou. Ele desacelerou até parar, mas não me pôs no chão. Em vez disso, levou a cabeça até o espaço entre meu ombro e meu pescoço. — Estou ótimo.

Eu me agarrei a ele, muito feliz com o que Connor tinha feito.

Ele me devolveu ao chão e se afastou um pouco.

— Você está bem?

Enxuguei o rosto para garantir que não havia lágrimas correndo e assenti.

— Quando vim para cá, não tinha certeza se poderia mesmo perdoar Laila por tudo o que tinha acontecido com Duke.

— E agora?

— Agora não sei como vou viver sem ela.

— Não é só por minha causa, é? Que você vai ficar aqui?

— Você já bastaria, mas não. Meu pai também está aqui. — E não poderia voltar para o Complexo agora que sabia até onde estavam dispostos a ir para garantir que seus cidadãos fossem todos mentalmente superiores. Como podiam ir longe para cumprir seus desígnios. — Falando nisso, é quase uma da manhã. Acho que vou ficar bem enrascada.

— Eu te levo para casa.

— Obrigada.

Ele me acompanhou até a varanda da frente.

— Foi uma noite interessante.

— Nem consegui te perguntar sobre a Steph. Ela vai me matar enquanto durmo?

— Ela só está se sentindo humilhada. Mas vai ficar bem. — Ele pegou minha mão e começou a desenhar círculos na palma com o dedo.

— E se não ficar?

— Addison, você é a única pessoa com quem estou preocupado agora.

— Boa resposta.

Ele deu um meio sorriso.

— Onde estávamos na primeira vez que te beijei?

— Na Investigação, estávamos no seu quarto.

Ele concordou com a cabeça uma vez, parecendo entender por que eu disse aquilo daquele jeito.

— No meu quarto? Estava uma bagunça?

— Pela primeira vez, parece que eu não estava pensando sobre a desorganização do seu quarto.

Ele se aproximou, até nossos lábios quase se tocarem.

— No que estava pensando?

— Não me lembro no momento — sussurrei, enquanto sua respiração familiar envolvia todos os meus sentidos. Ele me beijou, então, apertando minha cintura até que eu mal tocasse o chão com a ponta dos pés.

A porta da frente se abriu, e ele me soltou. Sem o apoio dele, tropecei para trás e quase caí.

— Pai. — Pretendia ter dito isso com empolgação, mas saiu como um suspiro.

— Você está atrasada, Addie. Entre.

— Desculpa, senhor — Trevor disse. — Foi culpa minha, mas infelizmente foi necessário.

Meu pai analisou a afirmação dele, assentiu e me levou para dentro, cortando Trevor com eficiência ao fechar a porta. Sem esperar por uma repreensão verbal, eu o abracei.

— Desculpa por nossa briga, pai. Desculpa por acusá-lo de mentir. Você está certo, fui muito egoísta. Vou passar o Natal em casa, mas depois quero ficar aqui com você.

A boca dele abriu, como se tudo o que eu havia dito o tivesse deixado sem palavras por um instante. Ele recobrou a postura para perguntar:

— Sério? Tem certeza?

— Absoluta.

Como se achasse que minhas palavras tinham sido uma tentativa de me livrar dos problemas, ele disse cautelosamente:

— Ainda está de castigo por duas semanas.

Eu ri.

— Tudo bem.

Ele analisou meu rosto e sorriu.

— Talvez uma semana.

— Se acha melhor assim...

Ele pôs o braço sobre meu ombro e me acompanhou até o quarto.

— Ou talvez só te dê uma advertência. Foi sua primeira transgressão, afinal de contas.

Eu estava muito feliz por saber a verdade. Era incrível como a percepção podia mudar minha opinião a respeito de um fato. Levando em conta tudo o que acontecera, ele tinha sido muito gentil comigo no meio daquilo. Eu sorri e o abracei de novo.

— Boa noite, pai.

Fechei a porta e ouvi uma batida na janela quase imediatamente. Abri as cortinas e Trevor estava lá com um sorrisinho no rosto.

— Está de castigo? — ele perguntou quando abri a janela.

— Não. Mas vou ficar se meu pai te vir aqui.
Ele pôs a mão na tela da janela, e encostei minha na dele.
— Obrigado por me escolher, Addison.

Agradecimentos

Continuações *suspiro* são difíceis. Todo mundo fica com essa coisa assustadora chamada *expectativa*. Isso sem falar da pressão de saber que todo mundo que vai ler a continuação deve ter gostado do primeiro livro, o que também gera ansiedade. E se todos se decepcionarem? Mas também é reconfortante escrever uma continuação porque todo mundo que vai ler deve amar os personagens e já está torcendo por eles antes mesmo de virar a primeira página. Sim, estou enrolando demais (e me contradizendo). O que quero dizer é que, se você está lendo a continuação, eu te adoro. Espero que você goste tanto quanto eu. Para todos que apoiaram *Encruzilhada*, que me mandaram cartas, resenharam meu livro e me incentivaram, muito obrigada! Adoro leitores.

Agradeço novamente à minha agente incrível, Michelle Wolfson, que torna a escrita divertida e sempre sabe exatamente o que dizer. A Sarah Landis, minha editora, obrigada pelo incentivo e pela sabedoria. Agradeço a todo o time da Harper e todo o apoio que me deram. Especialmente Mary Ann Zissimos, minha assessora maravilhosa, e Alice Jerman, por todo o trabalho nos bastidores.

Não conseguiria escrever nada sem o apoio da minha família: meu marido, Jared, que depois de dezesseis anos continua me fazendo rir todos os dias; meus filhos, Hannah, Autumn, Abby e Donavan, de quem tenho tanto orgulho; minha mãe, Chris, por todo o apoio; meus sogros, Vance e Karen, que me amam como uma filha; meus irmãos, Heather, Jared, Spencer e Stephanie; assim como meus irmãos postiços, Rachel, Zita, Kevin, Dave, Eric, Michelle, Sharlynn, Rachel, Brian, Angie, Jim, Emily e Rick (sim, eu tenho muitos irmãos, e todos eles são ótimos).

Agradeço às garotas que me ajudaram a melhorar meu manuscrito antes de chegar à minha agente: Candice, Stephanie, Jenn, Renee, Natalie, Sara, Julie, Misti, Linda, Jenny e Nicki. Amo vocês e jamais conseguiria sem a sua ajuda. Também agradeço ao grupo Friday the Thirteeners, que me ajudou a passar pelo ano maluco antes da publicação: Erin, Ellen, Elsie, Jenn, Natalie, Renee, Shannon, Megan, April, Mindy, Brandy e Alexandra. Essas garotas são talentosas e divertidas (e fazem discursos épicos encorajadores).

Aos meus amigos que tentam me lembrar que existe vida além da escrita — sei que isso é difícil —, obrigada por se importarem: Elizabeth, Claudia, Candi, Neal e toda a minha família na igreja.

Se você leu todos esses agradecimentos esperando encontrar seu nome mas não

encontrou, eu falhei. Sinto muito. Sei que estou esquecendo de alguém. Obrigada a todos que me apoiaram e continuam me apoiando.



STEPHANIE RYAN PHOTOGRAPHY

KASIE WEST se formou na Universidade Estadual de Fresno, na Califórnia, e mora com o marido e os quatro filhos. Além de escrever, Kasie se diverte praticando *wakeboard*, ouvindo rock alternativo, lendo até tarde e comendo muito chocolate amargo com menta. Também gosta de fingir que namora Hugh Jackman e Adam Levine — os dois ao mesmo tempo.

Copyright © 2013 by Kasie West
Publicado mediante acordo com HarperCollins Children's Books,
um selo da HarperCollins Publishers.

A Editora Seguinte é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL
Split Second

CAPA E FOTO DE CAPA
Paulo Cabral

PREPARAÇÃO
Paula Marconi de Lima

REVISÃO
Renato Potenza Rodrigues e Larissa Lino Barbosa

ISBN 978-85-438-0592-4

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.seguinte.com.br
www.facebook.com/editoraseguinte
contato@seguinte.com.br

Sumário

Capa
Rosto

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34

35

36

37

38

39

40

41

42

43

Agradecimentos

Sobre a autora

Créditos

DOIS DESTINOS E UMA ESCOLHA

ENCRUZILHADA

KASIE WEST

EXCLUSIVO



Encruzilhada

West, Kasie

9788543803838

304 páginas

[Compre agora e leia](#)

Conhecer o futuro nem sempre torna a escolha mais fácil. A vida de Addison Coleman é um grande "e se...?", graças à sua habilidade especial: Investigar Destinos. Addie é capaz de prever duas possibilidades de seu futuro toda vez que precisa tomar uma decisão. Quando os pais dela anunciam o divórcio, a garota deve escolher se vai morar com o pai entre os Normais ou se prefere ficar com a mãe no Complexo Paranormal. Para ter certeza do que a espera, Addie resolve Investigar.

Em uma alternativa, ela conhece Trevor, um Normal sensível com quem logo sente uma conexão. Na outra, se envolve com Duke, o garoto mais popular da escola Paranormal. Mas aos poucos ela percebe que esses dois destinos aparentemente maravilhosos podem causar muitos estragos e sofrimento. Isso porque nos dois cenários o pai de Addie se torna consultor da polícia num caso de assassinato no Complexo, e a garota acaba envolvida em um jogo perigoso que ameaça tudo o que mais importa para ela. Addie encontra amor e perdas nas duas versões do futuro, mas só pode viver em uma dessas realidades.

[Compre agora e leia](#)

QUEM VAI GANHAR O CORAÇÃO DELA?

A COROA

Livro 5 da série A SELEÇÃO

KIERA CASS

SEGUINTE

A coroa

Cass, Kiera

9788543805825

312 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em A herdeira, o universo de A Seleção entrou numa nova era. Vinte anos se passaram desde que America Singer e o príncipe Maxon se apaixonaram, e a filha do casal é a primeira princesa a passar por sua própria Seleção.

Eadlyn não acreditava que encontraria um companheiro entre os trinta e cinco pretendentes do concurso, muito menos o amor verdadeiro. Mas às vezes o coração prega peças... E agora Eadlyn precisa fazer uma escolha muito mais difícil — e importante — do que esperava.

[Compre agora e leia](#)

AUTORA DA SÉRIE A SELEÇÃO
KIERA CASS

A SEREIA

SEGUINTE

A sereia

Cass, Kiera

9788543804842

328 páginas

[Compre agora e leia](#)

Novo livro da autora da série A Seleção, que já vendeu mais de 1 milhão de exemplares no Brasil! Anos atrás, Kahlen foi salva de um naufrágio pela própria Água. Para pagar sua dívida, a garota se tornou uma sereia e, durante cem anos, precisa usar sua voz para atrair as pessoas para se afogarem no mar. Kahlen está decidida a cumprir sua sentença à risca, até que ela conhece Akinli. Lindo, carinhoso e gentil, o garoto é tudo o que Kahlen sempre sonhou. Apesar de não poderem conversar — pois a voz da sereia é fatal —, logo surge uma conexão intensa entre os dois. É contra as regras se apaixonar por um humano, e se a Água descobrir, Kahlen será obrigada a abandonar Akinli para sempre. Mas pela primeira vez em muitos anos de obediência, ela está determinada a seguir seu coração.

[Compre agora e leia](#)



O cavaleiro fantasma

Funke, Cornelia

9788580866278

176 páginas

[Compre agora e leia](#)

Jon Withcroft não estava nada feliz. E quem gostaria de ser mandado para um internato bem quando a mãe tinha arranjado um namorado novo? Pois, quando chegou em Salisbury, o garoto só pensava nos acidentes que o Barba (apelido "carinhoso" pelo qual Jon se refere ao seu grande rival) poderia estar sofrendo e no que seria escrito na lápide dele caso algum escorregão fosse fatal. Até que... na sexta noite em Salisbury, Jon descobre um novo motivo para querer voltar correndo para casa: ele passa a ser perseguido por um bando de fantasmas, que desejava nada mais nada menos que a sua morte. Mas em vez de pedir ajuda para a mãe, Jon recorre a um outro protetor: sir William Longspee, um cavaleiro fantasma que está enterrado na catedral da cidade e que jurou, antes de ser assassinado, estar sempre ao lado dos fracos e inocentes. Ao lado de Jon e de sua amiga Ella, sir William percorre cemitérios e duela contra zumbis, lutando não só para ajudar as crianças como também para cumprir seu próprio destino. Mas, para saber qual seria esse grande mistério que ronda nosso nobre cavaleiro fantasma, só lendo a história toda.

[Compre agora e leia](#)

UM CONTO DE A SELEÇÃO



O PRÍNCIPE

KIERA CASS

SÉQUINTE

O príncipe

Cass, Kiera

9788580866827

72 páginas

[Compre agora e leia](#)

Antes que trinta e cinco garotas fossem escolhidas para participar da Seleção... Antes que Aspen partisse o coração de America... Havia outra garota na vida do príncipe Maxon. Conto inédito e gratuito, O Príncipe não só proporciona um vislumbre dos pensamentos de Maxon nas semanas que antecedem a Seleção, como também revela mais um pouco sobre a família real e as dinâmicas internas do palácio. Você descobrirá como era a vida do príncipe antes da competição, suas expectativas e inseguranças, assim como suas primeiras impressões quando as trinta e cinco garotas chegam ao palácio. É uma leitura indispensável a todos que terminaram A Seleção e ficaram querendo mais! Ao final, contém os dois primeiros capítulos de A Elite, segundo volume da trilogia.

[Compre agora e leia](#)